

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Papel da vinculação aos pais e efeito dos conflitos interparentais, coligação e triangulação na psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Marta Isabel da Cruz Ferreira

Professora Doutora Catarina Pinheiro Mota



Vila Real, 2012

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Papel da vinculação aos pais e efeito dos conflitos interparentais, coligação e triangulação na psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Marta Isabel da Cruz Ferreira

Professora Doutora Catarina Pinheiro Mota

Composição do júri:

Professora Doutora Magda Rocha

Professora Doutora Ana Paula Vale

Professora Doutora Catarina Pinheiro Mota

Vila Real, 2012

Aos meus pais e à minha irmã...

Agradecimentos

A realização deste trabalho traduz o fim de uma pequena etapa na minha vida e a certeza que ela só foi possível pelo contributo de muitas pessoas. E por muito que eu pudesse escrever para agradecer de modo justo tudo aquilo que me deram nunca o conseguirei fazer, mas dar-vos-ei o meu sorriso que é o reflexo do carinho e gratidão que sinto por sempre estarem do meu lado.

Agradeço...

À Professora Doutora Catarina Pinheiro Mota, que considero ser uma *Mestre* do saber, pela experiência e sabedoria que retirei dos ensinamentos, da postura e da prática que me influencia e norteia no que sou. Obrigada pela disponibilidade, orientação, incentivo, comentários críticos, rigor científico e pelo enorme estímulo no meu aperfeiçoamento. Obrigada por me fazer perceber que a curiosidade e a procurar de querer saber mais são os motores do conhecimento. Obrigada pela doçura que dedicou em conduzir-me por este caminho do conhecimento e por fazer parte da organização deste puzzle que é o meu crescimento pessoal.

À Dr.^a Eugénia Dias e Dr.^a Ana Seixas Freire pelo privilégio de partilharem o seu saber e por acompanharem de perto esta minha caminhada. Obrigada pelos bons sorrisos que partilhamos.

A toda a comunidade do Hospital da Unidade de Chaves pelo carinho transmitido. Obrigada em especial à Enfermeira Teresa e a Dr.^a Dora que acompanharam este percurso mais de perto. Obrigada pelos vossos sorrisos e os que fazem nascer em mim e pelo apoio incondicional.

À Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro pela possibilidade concedida à minha formação, à construção deste trabalho e ao meu crescimento pessoal.

Aos adolescentes e jovens adultos e às escolas que generosamente se disponibilizaram em tornar este projeto uma realidade. Um agradecimento especial à escola E.B 2,3 de Sande e à Escola Secundária do Marco de Canaveses, locais que fizeram parte do meu crescimento e fazem parte deste marco nos meus estudos.

À Anabela Florim pela ajuda prestada ao longo destes 5 anos na minha maior dificuldade e por sempre estar disponível em ajudar-me.

Às minha amigas Olga Melo e Ana Raquel Silva pela partilha desta “viagem” e pelo apoio mútuo. Obrigada por estarem sempre presentes nos momentos de maior fragilidade e por juntas conduzirmos o “barco” de cada uma. Obrigada às colegas Clara Araújo, Liliana

Serra e Ingride Costa que também fizeram parte deste percurso e com quem pude partilhar dúvidas e saberes.

Aos meus amigos, Filipa Mourão, Inês Sampaio, Martina, Inês Melo, Liliana Perdigão e ao Luís Carlos que de perto acompanharam esta caminhada. Obrigada pelo carinho, amizade autêntica e pelos bons momentos que juntos passamos.

Às amigas de infância, Márcia Pinto, Cristiana Moreira e Vânia Barbosa que apesar de estarmos mais ausentes no contacto físico estou certa que estamos sempre presentes no coração umas das outras.

À minha família alargada que sempre me fizeram acreditar que este grande dia iria chegar e que muito iria aprender nesta caminhada.

A ti Henrique, Príncipe, que me mostras ser um verdadeiro *Porto Seguro* e que te tornas-te o meu maior tesouro. Tu, que és o reflexo do verdadeiro sentido do carinho e do amor. Tu, que, desde então, tens estado do meu lado em todos os momentos. Obrigada pelo teu apoio, por estares de mãos dadas comigo e pelo amor que eu sinto que nutres por mim. Obrigada por tudo, obrigada por me completares e permitires que contigo eu sinta que somos um só. Obrigada.

Ao meu Avô pela sabedoria transmitida e pelas manifestações de carinho todos os dias demonstradas, fazendo-me acreditar que o amor, a dedicação e a entrega naquilo que fazemos são as principais armas para conseguirmos atingir os nossos objetivos.

À minha irmã, uma agradecimento especial, porque esteve sempre ao meu lado mimando-me, fazendo-me sorrir a cada passo que dava, por seres minha confidente e por me abraçares a cada dia, tornando os dias inesquecíveis. Obrigada por seres o meu *Porto Seguro!!*

Ao meu Pai e à minha Mãe pelo exemplo de vida e de ser *Pessoa*, pelo carinho, compreensão, apoio e amor incondicional, por caminharem de mãos dadas comigo e me incentivarem a ser cada vez mais curiosa. Obrigada por constituírem a minha *Base Segura*.

E a todos que fazem parte da minha vida e que de modo indireto ou direto transmitem-me a ideia de que vale a pena caminhar, saltar rochas e escalar montanhas. Obrigada por todos os sorrisos que nutrem e fazem nascer em mim!!

A todos o meu, **MUITO OBRIGADA!**

Sísifo

Recomeça...
Se puderes,
Sem angústia e sem pressa.
E os passos que deres,
Nesse caminho duro
Do futuro,
Dá-os em liberdade.
Enquanto não alcances
Não descanses.
De nenhum fruto queiras só metade.
E, nunca saciado,
Vai colhendo
Ilusões sucessivas no pomar
E vendo
Acordado,
O logro da aventura.
És homem, não te esqueças!
Só é tua a loucura
Onde, com lucidez, te reconheças.

Miguel Torga

Resumo

A qualidade das relações entre pais e filhos é um fator preponderante para a adaptação e desenvolvimento saudável dos jovens, tornando-se um fator protetor perante situações de risco. Deste modo, os pais podem edificar-se como bases seguras que constituem fatores de proteção para os jovens. No desenrolar da vida do adolescente e jovem adulto muitos são os acontecimentos de vida que mostram uma estreita relação entre o divórcio, o conflito interparesntal e a vinculação aos pais.

O objetivo primordial deste estudo foi analisar em que medida a vinculação aos pais, a percepção de conflitos parentais e a coligação e triangulação podem prever o desenvolvimento de psicopatologia em jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas.

A amostra é composta por 827 adolescentes e jovens adultos com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos. Utilizou-se como instrumentos de avaliação um questionário sociodemográfico, o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, o Brief Symptom Inventory, a *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* e a *Loyalty conflict Scale*.

Os resultados do presente estudo foram discutidos à luz da teoria de vinculação, com o intuito de perceber em que medida a vinculação parental apresenta variância face à configuração familiar tendo em consideração variáveis como o conflito interparesntal, a triangulação e a coligação. Desta feita verificou-se que os conflitos interparesntais são maioritariamente percecionados pelos jovens que coabitam lares com uma configuração familiar divorciada. São estes jovens que apresentam maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. Também verificamos que os jovens de famílias divorciadas tendem a percecionar mais frequentemente processos de coligação e triangulação. Neste sentido, verificamos que a qualidade do laço emocional aos pais é predita negativamente pela coligação e triangulação, no entanto observou-se que no caso específico da qualidade do laço emocional ao pai, esta é predita positivamente pela triangulação. Verificou-se também que os conflitos interparesntais predizem positivamente o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica. Constatou-se que a qualidade da vinculação ao pai exerce um papel moderador entre os conflitos interparesntais e a vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologia.

Torna-se relevante dar importância à forma como os conflitos, entre pais e entre pais e filhos (como a coligação e a triangulação) constituem um fator potencialmente fomentador do desenvolvimento de processos psicopatológicos nos jovens.

Abstract

The quality of relationships between parents and children is a major factor for adaptation and healthy development of young people, becoming a protective factor against risky situations. So parents can build up as secure bases that constitute protective factors for youth. In the course of the teenage life and young adult there are many life events that show a close relationship between divorce, interparental conflict and attachment to parents.

The main objective of this study is to analyse the extent to which attachment to parents, the perception of parental conflict and coalition and triangulation can predict the development of psychopathology in young people from divorced and intact families.

The sample consists of 827 adolescents and young adults aged 13 to 25 years. Used as assessment instruments a sociodemographic questionnaire, the Questionnaire Attachment the Father and Mother, the Brief Symptom Inventory, the Children's Perception of Interparental Conflict Scale and the Loyalty conflict Scale.

The results of this study were discussed in the light of attachment theory, in order to realize the extent to which parental attachment variance has to face family configuration taking into account variables such as interparental conflict, triangulation and coalition. It was found that interparental conflicts are mostly perceived by young cohabiting households with a familiar setting - divorced. These are young people who are more vulnerable to the development of psychopathological symptoms. We also found that young people from divorced families tend to perceive more often coalition and triangulation processes. In this sense, we find that the quality of the emotional tie to parents is negatively predicted by the coalition and triangulation, however it was noted that in the specific case of the quality of emotional attachment to the father, this is positively predicted by triangulation. It was also found that interparental conflicts positively predict the development of psychopathological symptoms. It was found that the quality of attachment to the father plays a moderating role between interparental conflicts and vulnerability for the development of psychopathology.

It is important to give importance to how conflicts between parents and between parents and children (such as triangulation and coalition) are a factor potentially developers developing psychopathological processes in young people.

Índice

Introdução	1
Parte I - Estado da arte - Papel da vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação – efeito no desenvolvimento da psicopatologia	4
I. Abordagem geral da Teoria da Vinculação	5
II. Transições na vida familiar: a configuração familiar, os conflitos interparentais e os conflitos de lealdade	11
Parte II - Objeto de estudo, objetivos, hipóteses e metodologia Estudo Empírico: resultados e discussão	22
Introdução.....	23
Capítulo I – Objeto de estudo	23
1. Objetivo Geral.....	23
2. Objetivos específicos	23
3. Hipóteses.....	24
Capítulo II – Metodologia	24
1. Participantes	25
2. Análise de variância das variáveis sociodemográficas em função da configuração familiar.....	29
3. Instrumentos	30
3.1 Questionário sociodemográfico	31
3.2. <i>Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM)</i>	31
3.2.1 Análise das Propriedades Psicométricas.....	32
<i>Análise da Consistência Interna</i>	32
3.2.2 Análises Fatoriais Confirmatórias	33
3.3 <i>Childrens’ Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC)</i>	34
3.3.1 Análise das Propriedades Psicométricas.....	35
<i>Análise da Consistência Interna</i>	35
3.4 <i>Brief Symptom Inventory - B.S.I.</i>	36
3.4.1 Análise das Propriedades Psicométricas.....	37
<i>Análise da Consistência Interna</i>	37

3.4.2 Análises Fatoriais Confirmatórias	38
3.5 Loyalty conflict Scale (LCSCT).....	39
3.5.1 Análise das Propriedades Psicométricas.....	39
<i>Análise da Consistência Interna</i>	39
3.5.2 Análises Fatoriais Confirmatórias	39
3.6 Procedimentos	40
Capítulo III – Resultados	43
Introdução.....	43
1.Associações entre a vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais, coligação e triangulação na relação com os pais.	44
2.Associações entre a perceção dos conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia independentemente da configuração familiar	50
3.Diferenças entre a qualidade de vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação e psicopatologia face às variáveis sociodemográficas	51
3.1 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas	51
3.2 Análises diferenciais dos conflitos interparentais em função das variáveis sociodemográficas	56
3.3 Análises diferenciais da psicopatologia em função das variáveis sociodemográficas	58
3.4 Análises diferenciais da coligação e triangulação em função das variáveis sociodemográficas	62
4.Análises diferenciais dos protótipos de vinculação aos pais nas variáveis relacionais	63
4.1 Análises diferenciais dos protótipos de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas	65
4.2 Análises diferenciais dos protótipos de vinculação aos pais nas variáveis de sintomatologia psicopatológicas	67
4.3 Diferenças dos protótipos de vinculação aos pais nas variáveis coligação e triangulação ..	73
5.Predição da psicopatologia e da qualidade da vinculação aos pais em função das variáveis relacionais, configuração familiar e género – Modelos de regressões múltiplas hierárquicas	75

5.1 Predição da psicopatologia em função dos conflitos interparentais, configuração familiar e género	76
5.1.1 Predição da Psicopatologia – ansiedade.....	76
5.1.2 Predição da Psicopatologia – somatização	77
5.1.3 Predição da Psicopatologia - sensibilidade interpessoal	78
5.1.4 Predição da Psicopatologia – obsessão compulsão.....	79
5.1.5 Predição da Psicopatologia – ideação paranóide e psicoticismo.....	80
5.1.6 Predição da Psicopatologia – hostilidade	81
5.1.7 Predição da Psicopatologia – depressão	82
5.1.8 Predição da Psicopatologia – ansiedade fóbica	84
6. Predição da qualidade da vinculação aos pais em função da coligação e triangulação, configuração familiar e género.....	85
6.1 Predição da qualidade da vinculação aos pais – inibição da exploração e individualidade face ao pai.....	85
6.2 Predição da qualidade da vinculação aos pais – ansiedade de separação e dependência face ao pai.....	86
6.3 Predição da qualidade da vinculação aos pais – qualidade do laço emocional face ao pai.....	87
6.4 Predição da qualidade da vinculação aos pais – inibição da exploração e individualidade face à mãe.....	88
6.5 Predição da qualidade da vinculação aos pais – ansiedade de separação e dependência face à mãe.....	89
6.6 Predição da qualidade da vinculação aos pais – qualidade do laço emocional face à mãe.....	90
7. Papel moderador da vinculação aos pais na associação entre os conflitos interparentais e a psicopatologia.....	91
Capítulo IV – Discussão	94
1. Associações intraescalares - vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação	94
2. Associações interesescalares - vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação	95
3. Análises diferenciais - vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função das variáveis sociodemográficas.....	103

3.1 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função do género.....	103
3.2 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função da idade	106
3.3 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função da escolaridade.....	109
4.Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função da configuração familiar	111
5.Variância dos protótipos de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas e nas variáveis relacionais.....	113
5.1 Diferenças dos protótipos de vinculação aos pais face à psicopatologia.....	117
5.2 Diferenças dos protótipos de vinculação aos pais face à coligação e triangulação	119
6.Predição da psicopatologia face aos conflitos interparentais, configuração familiar e género – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica.....	120
7.Predição da qualidade da vinculação aos pais face à coligação e triangulação, configuração familiar e género – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica	124
7.1 Predição da qualidade da vinculação aos pais – inibição da exploração e individualidade	124
7.2 Predição da qualidade da vinculação aos pais – ansiedade de separação e dependência	125
7.3 Predição da qualidade da vinculação aos pais – qualidade do laço emocional	127
8.Papel moderador da qualidade da vinculação aos pais na associação entre os conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia	129
Capítulo V – Conclusão	132
Anexos	153

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra geral	26
Tabela 2. Caracterização da amostra de famílias separadas/divorciadas	27
Tabela 3. Diferenças significativas da amostra no concerne à configuração familiar	30
Tabela 4. Alfa de Cronbach do Questionário de vinculação ao pai e à mãe.....	33
Tabela 5. Índices de ajustamento do modelo teórico do Questionário de vinculação aos pais.	34
Tabela 6. Alfa de Cronbach da <i>Children`s Perception of Interparental Conflict Scale</i>	35
Tabela 7. Índices de ajustamento do modelo teórico da <i>Children`s Perception of Interparental Conflict Scale</i>	36
Tabela 8. Alfa de Cronbach do Inventário de sintomas psicopatológicos	38
Tabela 9. Índices de ajustamento do modelo teórico do Inventário de sintomas psicopatológicos	39
Tabela 10. Alfa de Cronbach do <i>Loyalty conflict Scale</i>	39
Tabela 11. Índices de ajustamento do modelo teórico do <i>Loyalty conflict Scale</i>	40
Tabela 12. Correlações intra e interescalares das variáveis em estudo: vinculação aos pais, conflitos interparentais (propriedades do conflito), sintomas psicopatológicos e conflitos de lealdade	49
Tabela 13. Correlações interescalares entre as variáveis do <i>Brief Symptom Inventory</i> e do <i>Children`s Perception of Interparental Conflict Scale</i> (propriedades dos conflitos).....	51
Tabela 14. Análise diferencial da vinculação aos pais em função do género	52
Tabela 15. Análise diferencial da vinculação aos pais em função da idade	54
Tabela 16. Análise diferencial da vinculação aos pais em função da escolaridade	55
Tabela 17. Análise diferencial da vinculação aos pais em função da configuração	56
Tabela 18. Análise diferencial da configuração familiar em função da idade.....	57
Tabela 19. Análise diferencial conflito interparental em função da configuração familiar	58
Tabela 20. Análise diferencial da psicopatologia em função do género	59
Tabela 21. Análise diferencial da psicopatologia em função da idade.....	60
Tabela 22. Análise diferencial da psicopatologia em função da escolaridade	61
Tabela 23. Análise diferencial da psicopatologia em função da configuração familiar.....	61
Tabela 24. Análise diferencial dos conflitos de lealdade em função da idade	62
Tabela 25. Análise diferencial dos conflitos de lealdade em função da escolaridade	63
Tabela 26. Análise diferencial dos conflitos de lealdade em função da configuração familiar ..	63
Tabela 27. Análise diferencial dos protótipos de vinculação em função do género	66
Tabela 28. Análise diferencial dos protótipos de vinculação em função da configuração familiar	66
Tabela 29. Análise diferencial dos protótipos de vinculação em função da idade	67

Tabela 30. Análise diferencial dos protótipos de vinculação, face ao pai, em função da psicopatologia.....	70
Tabela 31. Análise diferencial dos protótipos de vinculação, face à mãe, em função da psicopatologia.....	73
Tabela 32. Análise diferencial dos protótipos de vinculação ao pai, em função dos conflitos de lealdade.....	74
Tabela 33. Análise diferencial dos protótipos de vinculação à mãe, em função dos conflitos de lealdade.....	75
Tabela 34. Regressão Múltipla Hierárquica para ansiedade.....	77
Tabela 35. Regressão Múltipla Hierárquica para somatização.....	78
Tabela 36. Regressão Múltipla Hierárquica para sensibilidade interpessoal.....	79
Tabela 37. Regressão Múltipla Hierárquica para obsessão compulsão.....	80
Tabela 38. Regressão Múltipla Hierárquica para ideação paranóide e psicoticismo.....	81
Tabela 39. Regressão Múltipla Hierárquica para hostilidade.....	82
Tabela 40. Regressão Múltipla Hierárquica para depressão.....	84
Tabela 41. Regressão Múltipla Hierárquica para ansiedade fóbica.....	85
Tabela 42. Regressão Múltipla Hierárquica para a inibição da exploração e individualidade face ao pai.....	86
Tabela 43. Regressão Múltipla Hierárquica para a ansiedade de separação e dependência face ao pai.....	87
Tabela 44. Regressão Múltipla Hierárquica para a qualidade do laço emocional face ao pai... ..	88
Tabela 45. Regressão Múltipla Hierárquica para a inibição da exploração e individualidade face à mãe.....	89
Tabela 46. Regressão Múltipla Hierárquica para a ansiedade de separação e dependência face à mãe.....	90
Tabela 47. Regressão Múltipla Hierárquica para a qualidade do laço emocional face à mãe ..	91
Tabela 48. Papel moderador da vinculação ao pai na associação entre as variáveis das propriedades do conflito e a psicopatologia.....	93

Índice de ilustrações

Ilustração 1. Gráfico de distribuição dos protótipos de vinculação ao pai.....	64
Ilustração 2. Gráfico de distribuição dos protótipos de vinculação à mãe.....	65

Introdução

A vontade intrínseca em realizar este trabalho, partiu da extrema relevância percebida da qualidade da vinculação aos pais e da influência desta no desenvolvimento da vida emocional dos jovens.

Ao longo deste trabalho vamos sublinhar a teoria da vinculação desenvolvida por Bowlby, que nos permite compreender melhor o mundo emocional dos jovens. Bowlby (1969/82, 1973, 1980) define vinculação como um laço afetivo que se estabelece com outra pessoa e que perdura no tempo, caracterizando-se pela propensão de procurar e de manter a proximidade emocional e física com a figura de vinculação.

Também Ainsworth se debruçou sobre esta questão, pelo que a vinculação pode ser entendida como um laço emocional experienciado com o outro, percecionado como alguém capaz de transmitir segurança, proporcionando uma base segura a partir da qual o indivíduo explora o mundo. O conceito de “base segura” é fundamental na teoria da vinculação, uma vez que denota a relação dinâmica entre a vinculação e a capacidade do indivíduo explorar o mundo. Deste modo, a base segura envolve que os jovens sintam confiança em si, resultando esta da relação afetiva precocemente estabelecida, que é disponibilizada pela figura de vinculação, permitindo que os jovens a sintam disponível e que esta os protege (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

Particularmente neste estudo abordamos a etapa do desenvolvimento da adolescência e jovem adultícia pautado por numerosas mudanças na vida dos jovens. Este é um estágio marcado também pela expansão das figuras de vinculação, uma vez que progressivamente os jovens recorrem aos pares como portos seguros. Esta realidade deve-se ao facto de os jovens procurarem uma maior autonomia e independência face aos pais, todavia continuam a procurar o apoio destes, bem como a disponibilidade emocional dos mesmos (Matos & Costa, 1996).

Seguindo esta linha é evidente a importância da continuidade dos laços emocionais construídos com os pais, no entanto também se torna importante a transformação e reorganização dos objetos internos que permitem ao jovem ampliar o seu leque de comportamentos autónomos. Deste modo, a vinculação e a autonomia dos jovens não são caminhos opostos, são antes processos complementares e correlacionados, constitui a evolução de uma relação complementar conduzindo-a a uma relação de reciprocidade (Matos & Costa, 1996; Mota, 2008).

Nesta medida, tendo em conta o ponto de vista ecológico, os jovens neste estágio do desenvolvimento, voltam-se para o exterior e integram no seu mundo emocional outras experiências que podem condicionar o seu percurso desenvolvimental. Ao longo deste trabalho vamos procurar investigar em que medida a vinculação aos pais, a percepção de

conflitos parentais e a coligação e triangulação podem interferir no percurso desenvolvimental do jovem, conduzindo ao desenvolvimento de psicopatologia.

Diversos acontecimentos de vida negativos como por exemplo, o divórcio e o conflito parental, variáveis em estudo, podem levar a mudanças nos modelos internos dinâmicos que os jovens desenvolvem de si e dos outros. A construção destes modelos internos dinâmicos tem por base as experiências de interação dos jovens com as figuras de vinculação significativas, que permitem construir de modo seguro as relações futuras. No entanto, pode acontecer que uma figura de vinculação responsiva e confiável se torne no decorrer do tempo pouco sensível e ausente, levando a que o jovem debilite a confiança nessa figura permitindo que este reedifique novos modelos internos de si e do outro (Bowlby, 1973, 1980).

O divórcio e o conflito interparental são acontecimentos percebidos pelos jovens como negativos, que podem condicionar as relações de vinculação estabelecidas com os pais. O divórcio parental deve ser entendido como uma sequência de acontecimentos e de mudanças que alteram todo o sistema familiar e que leva a mudanças neste e nos relacionamentos interpessoais entre os membros que constituem a família. Vários estudos têm tentado perceber o impacto do divórcio no bem-estar dos filhos, verificando-se que os jovens denotam um conjunto de problemáticas comportamentais, nomeadamente agressividade, desobediência, e dificuldades de autocontrolo, bem como problemáticas de cariz emocional, como a depressão, ansiedade e baixa autoestima e autoconceito. Também se verifica que o divórcio tem impacto ao nível dos relacionamentos, tornando-os mais disfuncionais entre a tríade e ao nível dos problemas de interação social (Amato, 2000; Emery, 1982). No entanto, o divórcio pode também ser lido como um fator positivo face a um melhor ajustamento psicológico dos filhos às interações negativas entre as figuras parentais, uma vez que o contacto entre a díade parental torna-se menos frequente (Emery, 1982; Hetherington, 2003).

O divórcio parental pode ser um momento gerador de desequilíbrios familiares e pessoais que afeta pais e filhos. No caso da nossa amostra, os jovens já possuem um nível de desenvolvimento cognitivo que lhe permite mais facilmente entender os fatores em torno do divórcio dos pais, percebendo o grupo de pares como um sistema de apoio face à menor disponibilidade dos pais que lutam com os seus próprios dilemas emocionais. Todavia, os jovens também se encontram muito sensíveis aquando do divórcio, uma vez que já têm estabelecidas relações fortes e sólidas com os pais, e vivenciam uma fase da sua vida marcada por imensas transformações, podendo sentir-se comprimidos a envolver-se nos conflitos interparentais (Chase-Lansdale, Cherlin & Kiernan, 1995).

Segundo vários autores (Cummings & Davies, 2002; Emery, 1982; Grych, Raynor & Fosco, 2004) o conflito interparental, independentemente da configuração familiar, que seja frequente e intenso parece estar associado a diversos problemas nos jovens, repercutindo-se

em alterações prejudiciais ao funcionamento psicológico e ao relacionamento com as figuras parentais.

O impacto que o conflito interparental pode exercer nos filhos está relacionado com o modo como o conflito interparental é transmitido, a forma como é ou não resolvido e o modo como estes o interpretam (Grych & Fincham, 1990). Os jovens que vivenciam sentimentos de ameaça e medo aquando do conflito interparental encontram-se mais vulneráveis para desenvolver sintomas de ansiedade, depressão, tristeza e de outros problemas internalizantes. Esta dinâmica leva a que os jovens procurem garantir a segurança emocional, nomeadamente através do sentimento de pertença. No entanto, esta necessidade de proximidade das figuras de vinculação poderá levar a processos de coligação e triangulação (Buehler & Welsh, 2009; Grych et al., 2004; Mota & Matos, 2009, 2010). Um modo de funcionamento familiar que tem por base processos de coligação e triangulação poderá acarretar conflitos de lealdade. A tomada de posição por uma das figuras parentais traduz-se num efeito negativo no bem-estar dos jovens, acarretando problemas comportamentais, depressão, ansiedade e baixa autoestima (Franck & Buehler, 2007).

Na continuidade, este trabalho contará com duas partes. Num primeiro momento realizaremos uma breve abordagem do processo de vinculação, tendo em conta os seus principais mentores, John Bowlby e Mary Ainsworth. Será igualmente realizada uma abordagem integrativa do impacto do divórcio e dos conflitos interparentais no desenvolvimento emocional dos jovens, bem como da interferência dos processos de coligação e triangulação no bem-estar dos jovens. Num segundo momento será apresentado o estudo empírico, onde versam as opções metodológicas tomadas na investigação, sublinhando-se a metodologia de recolha e descrição dos participantes, dos instrumentos de investigação, bem como as propriedades psicométricas inerentes a estes. Serão também descritos os objetivos em estudo e as hipóteses erigidas. Posteriormente serão apresentados os resultados empíricos, seguindo-se de um momento dedicado ao processo de reflexão, nomeadamente a discussão dos resultados.

Por último, e finalizando este trabalho, serão descritas considerações finais ao estudo, procurando sistematizar as principais conclusões, sublinhando-se eventuais limitações do estudo e possíveis considerações para investigações futuras.

Parte I - Estado da arte

Papel da vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação – efeito no desenvolvimento da psicopatologia.

“Aquilo que é pensado como sendo essencial para a saúde mental é que a criança deve experimentar uma calorosa, íntima e contínua relação com a sua mãe (ou um substituto permanente) em que ambos encontrem satisfação e alegria”

Bowlby, 1969/1982, p. 12

I. Abordagem geral da Teoria da Vinculação

Segundo a teoria da vinculação, conceptualizada pelos seus principais mentores Bowlby (1969/1982, 1980) e Ainsworth (1989), a relação que se estabelece entre a criança e os pais (assumindo que são as figuras de vinculação primordiais) desempenham um papel fundamental e único no desenvolvimento emocional dos futuros jovens.

Bowlby (1969/1982, 1980) estudou as ligações mãe – filho, baseando a teoria da vinculação na importância da qualidade da ligação afetiva das crianças com as mães e nas consequências da separação prolongada ou na perda da figura vinculativa. Bowlby percebe que existe a necessidade de o Homem procurar proximidade de modo a desenvolver ligações afetivas que lhe transmitam segurança. É esta segurança que permite a exploração do mundo, dos outros e do próprio Eu. Deste modo, as relações de vinculação são únicas e exclusivas para todos os indivíduos, sendo estas o principal motor na procura de conforto e apoio, conduzindo para o desenvolvimento da segurança pessoal das crianças (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982).

Esta capacidade em estabelecer laços emocionais permite o desenvolvimento e funcionamento psicológico de modo homeostático, compreendendo-se que a extinção ou a rutura dos laços afetivos podem estar na base de perturbações psicológicas (Bowlby, 1969/1982). Segundo Mota e Matos (2009) o desenvolvimento da autoestima e a diminuição de sintomas depressivos podem ser condicionados pela qualidade dos vínculos emocionais aos pais.

Deste modo, Bowlby (1969/1982) define vinculação como a predisposição biológica do ser humano para desenvolver vigorosas ligações emocionais e afetivas com um outro ser humano que, por sua vez, funcionam como uma estrutura de proteção, segurança e conforto. Permitindo o desenvolvimento da maturidade emocional que permite ao indivíduo sentir-se seguro e com capacidade para explorar o mundo (Bowlby, 1969/1982; Ainsworth & Bell, 1970).

Tendo em conta o período da adolescência e jovem adultícia, amostra em estudo, numa perspetiva da vinculação a juventude é percebida como um período de transição e não como a rutura dos laços de vinculação estabelecidos na infância. Esta é então uma fase de grandes transformações em que o jovem percebe que para além de receber cuidados dos outros é também ele um potencial de tal. É durante este período do desenvolvimento que emerge uma nova organização das relações de vinculação que prediz os comportamentos dos

jovens nas futuras relações. Assim os diversos padrões de interação que o jovem experienciou vão dar lugar a uma organização singular que poderá influenciar a interação deste em futuros relacionamentos (Steele & Steele, 2005).

A vinculação a partir da adolescência é pautada por uma relação diádica em que ambos procuram ser uma figura de vinculação, uma fonte de “base segura” um para o outro. A vinculação torna-se uma fonte de segurança e o jovem não necessita do contato físico permanente para que esta seja garantida. Deste modo, um jovem diz-se vinculado quando em situações de *stress* quer estar com as figuras de vinculação. No entanto, também protesta quando a figura de vinculação não está disponível e faz o luto quando perde esta figura de vinculação (Ainsworth, 1991). É durante este estágio que os jovens desenvolvem o seu pensamento formal, que lhe permite comparar as relações que estabelecem com as múltiplas figuras de vinculação, alargando o seu leque de relações. É esta capacidade de organização da vinculação que permite que os jovens desenvolvam uma vinculação segura na adolescência e jovem adultícia (Beato, 2008).

Durante este período da vida, a procura da autonomia edifica-se através da reestruturação progressiva das relações do jovem com as figuras de vinculação (Bowlby, 1979). Isto não implica uma desvinculação, mas sim um contexto de proximidade emocional e segurança que lhe é transmitido (Matos, 2002).

Bowlby distingue dois conceitos que podem ser confundidos, a vinculação e o comportamento de vinculação. A vinculação ou laços vinculativos apresentam como característica a proximidade de uma figura com a qual mantém um relacionamento estável e sólido principalmente em situações de perigo físico e emocional. Por sua vez o comportamento de vinculação é algo distinto, contudo é observado nas relações de vinculação. Este último não implica a existência de vinculação, este comportamento apenas tem início pela proximidade com o outro, ou seja, pode ser manifestado em relação a qualquer pessoa. Contudo, a vinculação desenvolve-se apenas com figuras significativas e que lhe prestam cuidados (Bowlby, 1969/1982).

John Bowlby refere que os comportamentos de vinculação permitem ao indivíduo o sentimento de proteção contra o perigo, na qual a proximidade com a figura de vinculação se torna singular. O indivíduo vai gravando comportamentos em sistemas mnésicos apreendidos que circunscrevem a capacidade deste para deter a atenção da figura vinculativa permitindo o bom desenvolvimento do funcionamento afetivo. Assim o ser humano está capacitado de um “*processador central de informação*” que permite a integração do sistema comportamental. A construção de experiências de vinculação permitem conceber uma organização interna que conduz ao desenvolvimento de modelos internos dinâmicos (*internal working models*) (Harwood, Miller & Irizany, 1995).

As interações de base seguras experimentadas ao longo da vida são internalizadas e retidas em estruturas cognitivas denominadas de “modelos representacionais” (Bowlby, 1973). Há, então, uma organização de modelos internos dinâmicos ou modelos representacionais (*internal working models*) das figuras vinculativas e do próprio Eu.

Segundo Bowlby (1969/1982), os modelos internos dinâmicos funcionam como mapas cognitivos, ou seja, representações de esquemas que se vão construindo sobre si próprio e o seu comportamento, assim como dos outros e do mundo. Durante os primeiros anos de vida e ao longo das diferentes interações com as figuras prestadoras de cuidados, o indivíduo constrói progressivamente um conjunto de conhecimentos e expectativas sobre a forma como essas figuras se comportam e respondem aos seus pedidos de ajuda e proteção (Soares & Dias, 2007). Deste modo, os modelos internos constroem-se desde os primeiros meses patenteando a história das interações com o cuidador (Fonagy, Steele & Steele, 1992). Concomitantemente, a criança vai formando um modelo de si e dos outros. Sendo que o modelo de si que ela vai construindo molda-se a uma imagem de si como sendo mais ou menos merecedor de ser amada, todavia o modelo do outro baseia-se na sua percepção dos outros como estando atentos e sensíveis às suas necessidades (Bowlby, 1969/1982).

Na presença de pais/cuidadores responsivos o jovem constrói uma imagem positiva de si e do outro que facilita a criação de uma base segura, pelo que sente-se merecedora de cuidado e desenvolve uma vinculação segura. Estes desenvolvem modelos representacionais do Eu enquanto pessoa que é suscetível de receber carinho e afeto. Todavia, jovens que não são capazes de perceber os pais como base segura, desenvolvem modelos representacionais inseguros percebendo-se como pessoas não merecedoras da responsividade dos pais e portanto menos capazes de interagir com o contexto de forma saudável (Bowlby, 1973). Assim, se alguma figura de vinculação primária se torna ausente e desligada, deixa de transmitir segurança, pelo que a qualidade da relação e a confiança no vínculo perde-se. Por consequência na ausência do apoio de outra figura significativa de afeto o jovem pode reconstruir os seus modelos internos de modo negativo, construindo uma imagem negativa quer de si, quer dos outros (Bowlby, 1980).

Parker e Benson (2004) desenvolveram um estudo com uma amostra de 16749 adolescentes com o objetivo de verificar a percepção dos participantes face ao apoio e disponibilidade dos pais. Os autores observaram que a percepção que os jovens têm dos comportamentos dos pais influenciam o seu comportamento. Assim, se os pais forem para o jovem uma base de segurança e de suporte permitem que este não ostente problemas externalizantes, como comportamentos delinquentes, comportamentos desadequados na escola e menos consumo de álcool e substâncias ilícitas. Os jovens que convivem com uma base segura de vinculação desenvolvem melhores modelos internos dinâmicos que lhe permitem uma melhor exploração do ambiente.

A compreensão da figura vinculativa enquanto fonte de segurança é importante para além da infância, ou seja, ao longo do desenvolvimento. Se o jovem conviveu sempre com um tipo de vinculação segura, esta situação torna-se facilitadora na assimilação e acomodação de novos modelos, particularmente na relação com os amigos ou na substituição de novas estruturas, melhor adaptadas à situação atual (Mota, 2011).

Os comportamentos de procura de proximidade, como o chorar, sorrir, vocalizar, preensão e seguir, têm como finalidade atingir e manter a proximidade desejada de uma figura significativa que lhe transmite apoio, proteção e segurança (Matos, 2002).

Ainsworth (1989) aborda ao longo da sua perspetiva a vinculação como uma relação que se distingue de outras relações sociais por quatro aspetos importantes, como a procura de proximidade, o sentimento de segurança, o sentimento de refúgio perante uma ameaça e a resposta perante separações involuntárias.

Segundo Holmes (1993) qualquer pessoa pode tornar-se uma figura vinculativa, neste caso deve responder aos sinais e aproximações da criança de forma adequada, desenvolvendo uma interação permanente e firme. As crianças e jovens podem ter diversas figuras de vinculação, contudo são hierarquizadas, sendo mais próximas aquelas que apresentam melhores qualidades afetivas e melhores cuidados prestados. Também para Ainsworth (1989) não só as relações com os pais são caracterizadas como relações de vinculação, mas a relação com os pares também podem constituir vinculações. Deste modo, na vinculação estão presentes, segundo a autora, componentes de vinculação de base segura e/ou porto seguro e o protesto de separação. É o fator continuidade no tempo, como a procura de proximidade, que possibilita a determinação do laço emocional.

Ainsworth enriqueceu a teoria da vinculação ao introduzir a noção de base segura. A mãe define-se para o bebé como um apoio, permitindo a exploração do ambiente, a descoberta de situações desconhecidas, conduzindo a situações de aprendizagem. A base segura é então o trampolim para a exploração. Tudo isto é possível porque a criança sabe da existência de uma base que a aceita quer a nível físico, quer a nível psicológico e que lhe oferece tranquilidade e segurança podendo apelar em qualquer circunstância (Ainsworth et al., 1978; Holmes, 1993). A base segura é notável quando o indivíduo usa a figura vinculativa quer como uma forma para explorar o meio, quer como um refúgio para o qual retorna em momentos de stresse e sofrimento (Dykas et al., 2006). Assim, a teoria da vinculação enfatiza que as relações vinculativas se caracterizam principalmente pelo comportamento de base segura (Ainsworth, 1989; Cummings & Davies, 2002). Este sistema permite que o jovem se possa aproximar do adulto protetor, sentindo-se protegido contra os diversos perigos do meio ambiente (Guedeney & Guedeney, 2004; Matos, 2002; Waters & Cummings, 2000).

Perceber as figuras cuidadoras primárias como hábeis para promover sentimentos de segurança na criança ou no jovem, permitem que estes sejam capazes de fazer escolhas no

mundo exterior, estando implícito que serão aceites (Bowlby, 1973). A base segura é entendida como a procura de proximidade de um indivíduo, que ao ser correspondido vai conseguindo criar modelos internos dinâmicos positivos permitindo-lhe adotar um comportamento mais adaptativo. Assim, o jovem assume um comportamento cada vez mais adaptativo mediante o protesto de separação quando é afastado do seu porto seguro (Grossmann & Grossmann, 2004).

Ainsworth numa primeira fase realizou estudos determinando protótipos de vinculação de acordo com episódios de separação. É através do procedimento da situação estranha (*“strange situation”*) que Ainsworth avalia estes funcionamentos. Deste modo, a vinculação diz-se segura quando a mãe é sensível às necessidades e sinais da criança respondendo-lhe de forma positiva e sincera, ou seja, existe um desenvolvimento emocional equilibrado. Todavia, a criança torna-se insegura-evitante se a mãe por sua vez for insensível, ou seja, existe uma representação interna da mãe como rejeitante, não manifestando conforto e proteção. Estas crianças apresentam comportamentos de evitamento, proximidade e de contacto com o outro, a criança, também, não responde à chegada da mãe ou então responde tarde e contrariada. Do mesmo modo, a criança que apresenta um perfil inseguro-resistente/ambivalente quando a mãe modifica constantemente as suas manifestações, apresenta uma postura de rejeição e por vezes manifestações exageradas de afeto provocando na criança sentimento de angústia de separação, originando comportamentos de demasiada proximidade o que impossibilitam a exploração do ambiente (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982).

Um estudo de Dykas e colegas (2006) teve como principal objetivo perceber as contribuições da mãe, do pai e de outros para explicar a variância da vinculação segura nos adolescentes. Este estudo foi realizado com a participação de 44 adolescentes em idade escolar e permitiu concluir que os adolescentes possuem modelos de base segura a ambos os pais. Os autores verificaram, também, que os adolescentes apresentam capacidade de procurar e receber cuidados de cada um dos pais em situações de *stress*. Contudo, conclui-se que os adolescentes não generalizam os modelos de base segura aos outros.

Segundo Allen, MacElhaney, Land, Kupermic, Moore, O`Beeirne e Kilmer (2003) os jovens apresentam necessidades de identificar modelos de vinculação segura proporcionados pela díade mãe – filho. Jovens com vinculação segura tornam-se mais autónomos e apresentam uma melhor capacidade para desenvolverem discussões saudáveis. Estes jovens apresentam melhores perceções da sua autoestima e autoeficácia porque sabem da presença dos pais como uma base segura.

Outros autores como Bartholomew sugerem a existência de protótipos pautados por um eixo bidimensional da imagem de si e do outro. Este propôs um modelo que se edifica na função da positividade e da negatividade em torno dos modelos internos de si próprio e do outro. Assim, são desenvolvidos quatro protótipos de vinculação e regulação emocional como

representações do Eu e dos outros: seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Este modelo permite a concomitância de componentes de vários protótipos de um só sujeito, reconhecendo a heterogeneidade entre os sujeitos permitindo a compreensão dos mesmos de modo a simplificar a intervenção psicológica. O padrão em que o adolescente se dispõe está inscrito num tempo e num contexto específico, podendo o sujeito colocar-se em diversos protótipos no decorrer das suas relações (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Bartholomew obteve quatro protótipos de vinculação: seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado. Embora o modelo de Bartholomew tenha sido elaborado para a fase adulta, também tem revelado pertinência e aplicabilidade na fase da adolescência (Griffin & Bartholomew, 1994).

No **protótipo seguro**, o indivíduo tem representações internas de si e dos outros como positivas. As relações que estes indivíduos estabelecem são pautadas pelo envolvimento e mutualidade, confiando moderadamente neles próprios o que permite que estabeleçam uma relação positiva com os outros. Estes sujeitos procuram novos laços incorporando-os na sua rede social afetiva, e não limitam o desenvolvimento das suas relações emocionais. Avaliam todos os acontecimentos como oportunidades de aprendizagem e utilizam estratégias de *coping* ativo, como a procura de apoio dos outros em situações de *stress* (Bartholomew & Horowitz, 1991).

No **protótipo preocupado**, o indivíduo tem representações negativas de si e positivas dos outros. Estes indivíduos procuram excessivamente a proximidade, podendo facilmente desenvolver sentimentos de ciúme e possessividade. Como apresentam falta de valoração pessoal, evidenciam uma elevada necessidade de atenção. As separações são interpretadas e sentidas como acontecimentos de muita ansiedade. Têm uma baixa confiança em si próprios e procuram o outro aquando da incapacidade na resolução de problemas (Bartholomew & Horowitz, 1991).

No **protótipo desinvestido**, o indivíduo tem representações de si positivas e negativas do outro. Observam que os outros possuem uma imagem negativa de si, contudo manifestam uma autoconfiança moderada ou até elevada. Aparentemente não manifestam qualquer tipo de sentimentos nos comportamentos elaborados, desvalorizando as relações pessoais, caracterizando-se estas por baixo envolvimento e proximidade emocional. Apresentam uma imagem racional e distante dos outros, por norma não procurando proximidade, bem como não manifestam protesto de separação (Bartholomew & Horowitz, 1991).

No **protótipo amedrontado**, o indivíduo tem representações negativas, quer de si próprio, quer dos outros. Estes são sujeitos inseguros e vulneráveis, percebendo a representação que os outros têm deste como desvalorizante. Por receio da rejeição tendem a evitar as relações mais estreitas, apesar da vontade de proximidade. Estes indivíduos utilizam

como estratégias de resolução dos problemas a circularidade de pensamentos (ruminação) não procurando apoio do outro (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Tendo em conta o ponto de vista ecológico os jovens estão expostos a fatores externos que condicionam o seu desenvolvimento. Assim, o divórcio ou a separação dos pais, os conflitos interparentais e os processos de coligação e triangulação podem interferir no seu desenvolvimento. No entanto, conhecesse que nomeadamente os conflitos interparentais, exercem um maior impacto negativo independentemente da configuração familiar. Santos (2005) realizou um estudo que contou com uma amostra de 401 jovens adultos e verificou que a perceção de elevados conflitos interparentais predispõem os jovens para uma vinculação insegura. Uma vez que o conflito interparental permite um maior afastamento das relações entre pais e filhos, sendo que os pais podem tornar-se menos sensíveis face às necessidades dos jovens. Mota e Matos (2010) sublinham também que um dos maiores preditores da coligação e da triangulação é a qualidade da relação com os pais.

II. Transições na vida familiar: a configuração familiar, os conflitos interparentais e os conflitos de lealdade

Os jovens ao longo do seu desenvolvimento vivenciam inúmeras mudanças e transformações intrínsecas à fase da adolescência e da juventude, podendo também confrontar-se com alterações na dinâmica e configuração familiar, nomeadamente o divórcio dos pais. Estas mudanças no sistema familiar podem conduzir a transformações significativas aglomerando-se todas as contingências que estão inerentes ao processo de separação, nomeadamente pela hipótese da presença dos conflitos interparentais e processos de coligação e triangulação que são um dos maiores fatores de risco para a homeostasia familiar e o desenvolvimento emocional do jovem.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2010) a dissolução dos casamentos por divórcio tem aumentado desde 1975, devido ao facto de os indivíduos casados catolicamente passarem a poder obter o divórcio civil. Desde 2006 tem-se verificando um aumento do número de divórcios, atingindo em 2009, 2.5% divórcios por mil habitantes. 70% dos casais que se divorciaram em 2009 tinham filhos do casamento dissolvido, 43.9% dos filhos tinham idade inferior a 10 anos, 33% entre 10 e 19 anos e 23.1% tinham 20 anos ou mais.

Com o fim do casamento há uma fragilização da estrutura familiar que envolve um processo de luto, existindo a necessidade de voltar a encontrar a coerência, o equilíbrio, o sentido para a nova etapa da vida. Todas estas alterações na família originam um grande choque na tríade pai - mãe - filhos, uma vez que todos eles vivenciam o processo de luto e têm de reestruturar o equilíbrio psicológico. Esta situação condiciona o desenvolvimento, adaptação e a resiliência dos jovens de forma negativa (Matos & Costa, 2004; Mota & Matos, 2009).

Segundo Kapinus (2004), num estudo realizado com jovens adultos em que pretendia verificar quais as diferenças entre os géneros no modo como estes reagem ao divórcio e qual o seu impacto, o autor verificou que os filhos e filhas reagem ao divórcio de modo distinto, sendo que as condições em torno do divórcio podem influenciar de modo diferente cada géneros. O modo como estes respondem ao conflito parental também é distinto entre ambos os sexos, sendo o género masculino mais propenso do que o feminino patenteando comportamentos de agressividade. O autor refere também que tem verificado que o divórcio tem maiores repercussões para os rapazes comparativamente com as raparigas, sublinhando que o género feminino pode internalizar a sua angústia.

A separação dos pais pode ser uma das primeiras grandes mudanças na vida de um jovem, alterando drasticamente o futuro da família e o contacto diário com ambos os pais (Eymann, Busaniche, Llera, De Cunto & Wahren, 2009). Pode acontecer que muitos dos filhos percam o contacto com um dos pais após o divórcio reduzindo a proximidade com este. No entanto, associado ao divórcio muitas das vezes verificam-se níveis significativos de conflito parental, que podem exercer um maior impacto no desenvolvimento dos jovens (Amato, 2000; Grych & Fincham, 1990).

Apesar de todas as consequências que estão intrinsecamente ligadas à separação, o modo como o divórcio se processa torna-se fator preponderante para o desenvolvimento do bem-estar dos pais e dos jovens. No entanto, o conflito interparental pode potenciar um processo desadaptativo nos jovens mais do que o divórcio. Tem sido passível observar-se que o conflito interparental pode funcionar como um elemento que prediz negativamente a resiliência, adaptação e qualidade do desenvolvimento, dos jovens. Tem-se verificando-se que os filhos de pais divorciados com elevados níveis de conflito interparental relativamente aos filhos de famílias intactas com baixos níveis de conflito interparental, demonstram menor capacidade de resiliência (Mota & Matos, 2009). Benetti (2006) dá ênfase ao facto de que toda a sintomatologia manifestada nas crianças e adolescentes não se deve unicamente ao divórcio, mas também ao conflito interparental.

Embora o divórcio conduza a inúmeras mudanças e dificuldades após resolvidos e ultrapassados os conflitos, este acontecimento poderá permitir que os jovens e os pais desenvolvam um melhor amadurecimento emocional e uma maior capacidade de resiliência (Cano, Gabarra, Moré, & Crepaldi, 2009). É através da separação gradativa entre os pais, que se observa uma diminuição dos conflitos (Orellana, Vallejo, & Vallejo, 2004) percebendo-se que o divórcio parental poderá ser percebido como uma mais-valia para o ajustamento dos jovens. Assim, o divórcio que tem por base um casamento pautado por conflitos interparentais pode acarretar melhorias no desenvolvimento emocional dos filhos que ficam protegidos de dinâmicas familiares disfuncionais (Amato, 2000).

As relações de vinculação criadas entre pais e filhos são significativamente afetadas pelo conflito interparental, uma vez que diminui o número de interações positivas, o envolvimento e a disponibilidade emocional dos pais para com os filhos. Esta situação pode conduzir a que as crianças presentes no conflito interparental desenvolvam protótipos de vinculação inseguros (Owen & Cox, 1997).

Um estudo de Moura e Matos (2008) com o objetivo primordial de analisar as associações entre a qualidade da vinculação dos jovens a cada uma dos pais, o género, o divórcio e o conflito interparental. Pretendeu-se, também, analisar as diferenças na vinculação em famílias intactas e divorciadas, assim como, comparar as associações entre a perceção do jovem no que diz respeito ao conflito interparental e a qualidade do atual relacionamento com os pais em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. O estudo contou com 310 jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. Os autores verificaram uma relação entre o divórcio, o conflito interparental e a vinculação aos pais. Concluíram, também, que adolescentes oriundos de famílias que apresentam níveis elevados de conflito interparental ostentam valores inferiores na qualidade do vínculo aos pais, independentemente de serem descendentes de famílias intactas ou divorciadas.

As relações dos pais com os filhos são um importante meio para a sua adaptação e desenvolvimento. Deste modo, se o jovem está perante um ambiente familiar conflituoso, este ambiente familiar mostra ser um fator de risco no desenvolvimento de problemas internalizantes e externalizantes (Castillo, 2007). Vários autores evidenciam que os jovens que apresentam maiores dificuldades de ajustamento, como problemas de internalização ou externalização, assistem a elevados níveis de conflitos interparentais e sentem-se divididos entre os pais acarretando por sua vez consequências no desenvolvimento emocional (Cox, Paley & Hater, 2001; Hetherington (1999); cit. por Amato & Afifi, 2006).

Segundo Benetti (2006) os conflitos interparentais quando presenciados pelos filhos permitem o desenvolvimento de um maior desajuste emocional, como ansiedade, frustração, cólera, auto-culpabilidade, baixa autoestima e depressão. Esta situação condiciona o processo de desenvolvimento psicossocial do adolescente.

Unger, Brown, Tressel, & McLeod (2000) desenvolveram um estudo em que colocavam como hipótese que existia uma mediação na relação entre o conflito interparental e o humor deprimido. O estudo contou com 107 adolescentes de ambos os sexos entre os 12 e os 18 anos. Este permitiu concluir que os conflitos interparentais estão relacionados com o humor deprimido dos jovens quer de famílias intactas como divorciadas. Este mesmo estudo indica que esta situação parece ser mais problemática nas filhas do que nos filhos, contudo são estes últimos que parecem desenvolver mais problemas de externalização. O mesmo é confirmado num estudo anterior realizado por Harold, Fincham, Osborne e Conger (1997) cujo principal objetivo era entender a perceção do adolescente relativamente à relação pais – filhos e a sua

percepção face ao conflito interparental. O estudo contou com 146 crianças, que se encontravam no início da adolescência e frequentavam o 6º e 7º ano de escolaridade. Este trabalho suporta a hipótese de que a percepção por parte dos filhos dos conflitos parentais tem um efeito direto nos sintomas internalizantes dos adolescentes. Deste modo, a organização do funcionamento familiar desempenha um papel fundamental na mediação entre o conflito interparental e os problemas emocionais, particularmente a depressão.

Segundo Unger, Brown, Tressel, & McLeod (2000) os conflitos interparentais afetam os filhos, uma vez que os pais tornam-se menos disponíveis, mais voltados para as suas próprias questões internas perdendo capacidade de corresponder ao pedido dos jovens e consequentemente debilitam a estabilidade e a união familiar. A existência de conflitos interparentais implica uma diminuição da qualidade do funcionamento familiar, condicionando o desenvolvimento de estratégias de *coping* nos jovens, ou seja, diminuem a capacidade para resolver os problemas. Esta situação permite o desenvolvimento de alianças disfuncionais entre os pais e os filhos. Assim face ao medo de perda, os jovens, também eles num processo de reorganização interna, mostram-se inseguros, com uma necessidade de pertença e por isso, muitas vezes face a sentimentos de triangulação (estar no meio de) optam por se ligar a uma das figuras, sendo que esta figura também os fomenta de forma menos saudável. Por consequência, o jovem pode não entender a família como um sistema de suporte. Desta forma, poderá percecioná-la ou entende-a de maneira menos saudável, o que poderá conduzir a conflitos de lealdade, ou seja, o jovem terá tendência a ligar-se a um dos pais para ter a certeza que não fica absolutamente desamparado.

O que acontece é que perante situações de divórcio os filhos temem a perda, imaginando que a separação é provisória. Esta situação pode, também, acarretar dificuldades no processo de separação – individuação, uma vez que os jovens se sentem condicionados pelo comportamento das transformações familiares (Richardson & McCabe, 2001). Jovens adultos de famílias divorciadas podem experimentar conflitos de lealdade quando têm que escolher passar fins de semana, feriados e outras ocasiões especiais com um dos pais (Amato & Afifi, 2006).

A hierarquia clara de fronteiras estabelecidas entre pais e filhos são preponderantes para o desenvolvimento saudável do indivíduo. Estas fronteiras refletem o *status* dos pais como figuras de autoridade e cuidadores e permitem uma contínua ligação entre pais e filhos e a promoção de um desenvolvimento saudável para o indivíduo (Mayseless & Scharf, 2009).

É esperado que os pais ofereçam proteção, conforto e orientação, todavia os filhos também devem retribuir carinho. Contudo, para um bom equilíbrio é esperado que os pais forneçam a maior parte dos cuidados. Dentro de um ambiente familiar que apresente tais relações e limites, os jovens podem aprender a identificar-se com os papéis dos adultos, obtendo uma noção de auto-competência e um melhor desenvolvimento do processo de

individuação. Todavia nem todas as famílias desfrutam de uma definição clara dos limites de papéis (Mayseless & Scharf, 2009).

A maioria dos jovens querem estar perto de ambos os pais, tentando mediar os conflitos. Contudo, os jovens temem que as suas intervenções sejam interpretadas como atos de deslealdade por um ou ambos os pais, tornando-se um fator de risco para problemas de adaptação. Assim podem ocorrer dois processos que podem influenciar o desenvolvimento dos filhos, a triangulação e a coligação (Amato & Afifi, 2006).

A triangulação é um processo que envolve os filhos nas interações conflituosas dos pais. Assim, os jovens são conduzidos para os conflitos, sendo usados pelos pais como um meio de comunicação entre eles (Amato & Afifi, 2006 e Jacobvitz et al., 2004). Os filhos funcionam, como confidentes sobre os problemas do casal ou como aliados contra o outro progenitor durante o conflito (Amato & Afifi, 2006; Jacobvitz et al., 2004). Buehler, Franck e Cook (2009) afirmam que a triangulação pode ocorrer quando duas pessoas trazem para a relação um terceiro elemento da família, nomeadamente os filhos, sendo estes usados como formas de contenção do stresse, ansiedade e tensão. Os relacionamentos conjugais que são caracterizados como fracos e antagónicos, muitas vezes podem conduzir à formação de coligações dos pais com os filhos contra o outro conjugue (Walper, Kruse, Noack, & Schwarz, 2005; Minuchin, 1944; cit. por Walper et al., 2005).

Por sua vez, a coligação é a ligação entre um dos pais e a criança. Esta relação pode prejudicar o papel de cuidador atribuído aos pais e ao mesmo tempo distanciar a criança do outro progenitor. Estes comportamentos provocam níveis elevados de angústia nos filhos (Sroufe & Ward, 1980).

Deste modo, os conflitos de lealdade surgem quando os jovens são levados a escolher um dos pais, fazendo com que fique contra o outro progenitor (Amato & Afifi, 2006). Estes envolvem uma violação dos limites de forma que os jovens se vêem num enredo entre as interações conflituosas dos pais. Os jovens vêem-se como mediadores entre os pais, cada uma das figuras parentais torna-se ligado ao outro através dos filhos, tornando-se estes um regulador da distância para ajudar os pais a sustentarem a relação conjugal. Em suma, os jovens sentem-se como apanhados no meio (*“feeling caught in the middle”*), desenvolvendo sentimentos de culpa e de ameaça (Amato & Afifi, 2006; Jacobvitz, Hazen, Curran, & Hitchens, 2004; Mayseless & Scharf, 2009).

Quando estes processos ocorrem durante a adolescência e juventude, que é uma fase do desenvolvimento caracterizada por uma crescente autonomia, os jovens que estão inseridos em famílias com fortes alianças estabelecidas com os pais podem apresentar dificuldades em se libertar destes. Deste modo, é possível que estes sentimentos resultem em problemas de comportamento, reagindo com agressividade e raiva perante as tentativas de triangulação dos pais (Franck & Buehler, 2007).

Bowen (1979) corrobora as ideias discutidas de que o mecanismo primário utilizado pelos pais para resolver o conflito interparental é incluir o jovem de forma a reduzir a ansiedade pessoal e a tensão da relação. Todavia este processo de coligação e triangulação torna-se uma violação dos limites, uma vez que coloca os jovens em situações de angústia e obriga-os a gerir os conflitos de lealdade (Amato & Afifi, 2006; Jacobvitz et al., 2004). Amato e Afifi (2006) apontam, ainda, que os conflitos interparentais parecem constituir um risco na medida em que o efeito entre os conflitos interparentais e o ajustamento dos jovens adultos é mediado pelo grau em que os jovens se sentem constrangidos a um conflito de lealdade, coligados ou forçados a escolher entre uma das figuras parentais. Quando a triangulação e o conflito interparental estão associados existe um pior funcionamento do jovem (Jacobvitz & Bush, 1996; Wang & Crane, 2001).

Ao pensarmos nestes processos verificamos que os jovens são particularmente vulneráveis, o que aumenta o risco de um desvio no desenvolvimento, uma vez que estes processos interferem com as potenciais estratégias encontradas pelos jovens para amenizar os efeitos negativos da hostilidade conjugal. Estes jovens que se encontram em situações de coligação e triangulação perante os conflitos interparentais sentem responsabilidade pelo conflito e sentem-se ameaçados pelo comportamento dos pais (Franck & Buehler, 2007). (Amato & Afifi, 2006)

Vários autores (Buehler & Welsh, 2009; Buehler, Franck & Cook, 2009; Franck & Buehler, 2007) têm vindo a realizar estudos com jovens onde sublinham que a triangulação está associada com o aumento de sintomas internalizantes (e.g. ansiedade e depressão) e externalizantes nos adolescentes, não só em adolescentes de famílias divorciadas como também em adolescentes de famílias intactas.

Por sua vez, também Jacobvitz e Bush (1996) e Wang e Crane (2001) afirmam que a triangulação coloca os jovens em risco para problemas ao nível do comportamento, tornando-se estes comportamentos desajustados, particularmente problemas internalizantes como ansiedade, depressão e retraimento social. Estes resultados foram, igualmente, confirmados num estudo realizado por Franck e Buehler (2007) em que o objetivo era examinar a relação entre a hostilidade conjugal, a depressão de ambos os pais, a triangulação e os problemas de comportamento internalizantes e externalizantes dos jovens, no qual participaram 416 famílias biparentais. O estudo permitiu concluir que os jovens que manifestam coligação a um dos pais estão mais suscetíveis ao aumento de sintomas externalizantes, nomeadamente agressão física e verbal. Também concluir que face à triangulação ambos os filhos apresentam risco de desenvolver problemas internalizantes e externalizantes. Da mesma forma, se o padrão de triangulação ocorrer durante um longo período de tempo o adolescente desenvolve sentimentos de angústia que poderão desencadear algumas perturbações, nomeadamente depressão e disforia. Os autores, também, concluíram que quando observada a triangulação e

os conflitos interparentais numa família existe uma associação com os problemas internalizantes e o bem-estar subjetivo dos jovens. A violação dos limites é manifestada através de depressão nos jovens, resultando em sentimentos de baixa eficácia pessoal e o aumento de sentimentos de desesperança.

Amato e Afifi (2006) verificaram que os estudos são contraditórios no que respeita aos conflitos de lealdade face à idade. Segundo Johnston's e colegas (1987, 1989, cit. por Amato & Afifi, 2006) os conflitos de lealdade diminuem no final da adolescência, porque os jovens mais velhos tendem a distanciar-se dos pais. No entanto Buchanan, Maccoby e Dornbusch (1991) verificaram que os jovens mais velhos eram mais propensos do que os mais novos a sentirem-se como “apanhados no meio”. Assim, os jovens mais velhos, que já possuem maior maturidade emocional e cognitiva, podem ser mais capazes de sentir empatia com um dos pais, processo este que pode mais facilmente aumentar os sentimentos de “apanhados no meio”. Por sua vez, Buehler e colaboradores (2009) desenvolveram um estudo com o objetivo de perceber a associação entre a triangulação dos jovens no conflito interparental e o desenvolvimento das suas relações com os pais. O estudo contou com a participação de 416 famílias com filhos no início da adolescência. Os autores verificaram que a triangulação dos jovens é um fator de risco para ambos os filhos, quer do sexo feminino, quer do sexo masculino.

Num estudo levado a cabo por Amato e Afifi (2006), os autores pretendiam perceber a relação entre o divórcio parental, o conflito interparental, os conflitos de lealdade, a relação com os pais e o bem-estar psicológico. Na análise do estudo longitudinal ao longo de 17 anos, fizeram parte 2033 indivíduos casados e seus filhos, em que os pais tinham idades iguais ou inferiores a 55 anos. O estudo indicou que o conflito interparental está associado com o facto dos jovens adultos (19 – 37 anos) se “sentirem como apanhados no meio”. Em contrapartida este sentimento é menos comum entre os adolescentes. Quando este sentimento está presente indica uma diminuída relação na tríade mãe – pai – filhos e uma diminuição do bem-estar em ambos os grupos etários. Contrariamente ao esperado, os autores concluíram que os filhos de pais divorciados não eram mais suscetíveis de sentirem conflitos de lealdade do que os filhos de pais casados, onde existem altos conflitos interparentais. Deste modo, o “sentirem como apanhados no meio” não serve como mediador dos efeitos do divórcio e as relações do jovem com os pais, nem entre os efeitos do divórcio e o bem-estar subjetivo (Amato & Afifi, 2006). Estes resultados contradizem estudos anteriores, que apresentavam que o conflito de lealdade era maioritariamente comum em jovens de famílias divorciadas (e.g. Afifi, 2003; Buchanan et al., 1991; Hetherington, 2003; Johnston, Kline, & Tschann, 1989).

Amato e Afifi (2006) verificaram, também, que o conflito de lealdade é mais prejudicial para a relação mãe – filha do que para a relação mãe – filho. Isto porque segundo Fingerman (1998) as filhas tendem a ter relacionamentos mais íntimos com as mães do que com os pais.

As filhas relatam, também, que se sentem mais “apanhados no meio” do que os filhos e, por sua vez, os pais exercem maior pressão sobre as filhas para tomarem partido dos conflitos parentais (Amato & Afifi, 2006).

III. Vinculação e a dinâmica dos conflitos no desenvolvimento de psicopatologia

Tendo em conta as contribuições iniciais da teoria de Bowlby (1969/1982; 1973; 1980) um dos principais conceitos para perceber de que modo a vinculação e a psicopatologia se tocam é a noção de trajetórias de desenvolvimento. Deste modo, a psicopatologia é compreendida como um desvio desenvolvimental, produto de sucessivas (in)adaptações. O desenvolvimento de um padrão de vinculação inseguro na infância pode conduzir o indivíduo a desviar-se da sua conduta dita normal, no entanto a psicopatologia apenas ocorre se as adaptações subsequentes continuarem a seguir um desvio na trajetória adaptativa. A mudança no indivíduo continua a ser possível, mas torna-se mais difícil se a qualidade das experiências desenvolvimentais forem consequentemente negativas.

Como havíamos descrito o indivíduo desde cedo interpreta e cria novas imagens de si e do outro tendo por base as experiências de proximidade emocional das primeiras relações que construiu. As perturbações nas relações precoces podem constituir o mote para perturbações no processo desenvolvimental levando, por seu turno, ao desenvolvimento de psicopatologia (Bowlby, 1969/1982; Egeland & Carlson, 2004; cit. por Dias, 2007).

Outro constructo teórico importante é a noção de modelos internos dinâmicos, já referido anteriormente. Segundo esta linha de pensamento as diferentes relações de vinculação que o indivíduo estabelece e as diferentes organizações dos modelos internos dinâmicos assumem um papel primordial. Deste modo, percebe-se que indivíduos que constroem vinculações seguras desenvolvem representações positivas do *self* e dos outros. Estes estão menos vulneráveis para o desenvolvimento de psicopatologia comparativamente com aqueles que tendem a desenvolver vinculações inseguras, construindo uma imagem do *self* e dos outros como imprevisíveis, marcada pela desconfiança e desvalorização (Bowlby, 1973).

Um estudo desenvolvido por Gilbert (2005) com 140 jovens com idade média de 15 anos, tinha como objetivo perceber se a posição social dos jovens pode funcionar como um fator moderador entre a vinculação estabelecida com os pais e o desenvolvimento de sintomas depressivos e ansiosos. O autor verificou que as relações de vinculação com os pais têm efeitos importantes na saúde mental dos jovens. O desenvolvimento de uma vinculação pouco segura com os pais, pautada por sentimentos de que é pouco amado, de que não pode explorar o mundo e a presença de representações pouco positivas do *self* e dos outros, encontram-se positivamente associadas com o desenvolvimento de sintomatologia depressiva e ansiosa. Por outro lado, jovens que estabelecem uma vinculação segura funcionam tendo

por base que o “ninho” social também pode ser seguro e são capazes de se dirigir ao outro procurando apoio e confiança, ou seja vêm o mundo como um lugar menos inseguro. Para além disso estes jovens tornam-se mais capazes de desenvolver estratégias de *coping*, protegendo-se do desenvolvimento de psicopatologia.

Segundo Bowlby (1980) a relação entre a qualidade da vinculação e as perturbações afetivas baseia-se em três pressupostos associados ao desenvolvimento da depressão. Primeiro quando um dos pais morre e a criança tem uma baixa capacidade para controlar as circunstâncias ulteriores, desenvolvendo um sentimento de desânimo ou desespero face aos acontecimentos traumáticos. Segundo quando após a perda a criança não é capaz de construir relações seguras e estáveis com as figuras de vinculação e desenvolve um modelo de *self* como uma fracasso. Terceiro quando um dos pais transmite à criança a ideia de que é incapaz ou incompetente, esta pode desenvolver a imagem de um *self* como alguém que não merece ser amado e do outro como alguém que não é capaz de transmitir amor. Bowlby (1973) defende, também, que nomeadamente as perturbações com cariz ansioso podem ser o reflexo das manifestações de ansiedade pela disponibilidade das figuras de vinculação desenvolvida em dinâmicas familiares marcadas por elevado controlo parental, recorrendo à superproteção ou à rejeição.

Um outro estudo realizado por Michael e Ben-Zu (2007) colocou como hipóteses que o desenvolvimento de relações positivas, pautadas por boa qualidade dos laços de vinculação, estabelecidas entre os pais e os jovens estão relacionadas com menos níveis de sintomas depressivos e comportamentos problema. O estudo contou com uma amostra de 269 jovens entre os 16 e os 18 anos e verificaram que níveis baixos de sintomatologia depressiva e comportamentos agressivos parecem estar fortemente associadas com o desenvolvimento de relações positivas entre pais e filhos. Assim, o desenvolvimento de relações positivas ao longo do tempo, determinadas pela qualidade do laço vincutivo, a perceção dos pais como uma fonte de apoio e um ambiente familiar agradável e promotor do desenvolvimento emocional traduzem-se em fatores protetores para o desenvolvimento dos jovens (Michael & Ben-Zu, 2007).

Estes estudos vão de encontro à teoria da vinculação desenvolvida por Bowlby, compreendendo-se, desta forma, a importância dos jovens percecionarem os pais como uma base segura, o que permite conduzi-los para o desenvolvimento de esquemas coerentes que facilitam a exploração salutar do ambiente (Parker & Benson, 2004).

Um outro fator que pode conduzir ao desenvolvimento de psicopatologia é o elevado nível de conflitos interparentais e baixo nível de resolução dos mesmos. No entanto, os conflitos interparentais também se tornam um fator negativo no desenvolvimento da qualidade dos laços vincutivos com as figuras parentais. Segundo O'Donnell, Moreau, Cardemil e Pollastei (2010) a presença de conflitos interparentais pode conduzir a uma diminuição da

qualidade das relações entre o casal e conseqüentemente diminuir a relação estabelecida entre a dinâmica pais – filhos.

Dinâmicas conjugais pautadas pelos conflitos interparentais podem conduzir ao baixo nível de envolvimento dos pais para com os filhos, debilitando as relações de vinculação o que permite que o jovem possua maiores dificuldades num ajustamento salutar, ou seja, no desenvolvimento emocional equilibrado, os pais encontram-se mais absorvidos pelos problemas do relacionamento conjugal. A presença de altos níveis de conflitos entre os pais traduz-se numa parentalidade ineficiente. Os pais encontram-se menos disponíveis para os filhos e estão envolvidos na hostilidade em torno dos conflitos, o que conduz a uma maior debilidade dos laços vinculativos. Deste modo, pode ocorrer o efeito “*spillove*”, ou seja, a elevada frequência e intensidade dos conflitos entre os pais debilita a relação entre os pais e os filhos, observando-se problemas entre estes. Assim, os jovens podem não perceber os pais enquanto bases seguras, promotoras de apoio e afeto, conduzindo a dificuldades no desenvolvimento da boa qualidade dos laços de vinculação (Buehler & Gerard, 2002).

A dinâmica das relações familiares torna-se, então, um fator preponderante para o desenvolvimento psicossocial dos jovens. Os conflitos interparentais pautados pelo recurso à violência física e verbal traduzem efeitos negativos no desenvolvimento emocional, cognitivo e social dos jovens que habitam estes lares (Benetti, 2006). Independentemente da configuração familiar, a presença de conflitos interparentais pode tornar-se um entrave na qualidade da relação pais - filhos (Moura & Matos, 2008).

Um estudo desenvolvido por Cummings, Goeke-Morey e Papp (2004) com uma amostra de 108 famílias, em que os filhos tinham idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos, verificaram que a exposição dos adolescentes aos conflitos dos pais pode traduzir-se em problemas emocionais e comportamentais. Todavia, os autores também observaram que quando os adolescentes são expostos a conflitos, mas por sua vez estes são pautados por uma resolução em que se observam comportamentos construtivos e emoções positivas os adolescentes manifestam menores níveis de problemas emocionais e comportamentais. Deste modo, os autores compreenderam que as diferentes respostas dos filhos à exposição de conflitos interparentais pode ser condicionada pelo modo como os pais resolvem os conflitos e pelas estratégias que utilizam.

Castillo (2007) desenvolveu um estudo que tinha como objetivo perceber em que medida o conflito interparental e as práticas parentais influenciam o comportamento do jovem, no qual participaram 200 adolescentes, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos. Este estudo permitiu concluir que os adolescentes que apresentam maiores problemas de comportamento e agressividade são oriundos de famílias onde estão presentes conflitos interparentais, verificando-se principalmente nos filhos do género masculino. Nesta linha de investigação Garcia, Marín e Currea (2006) desenvolveram um estudo com o intuito de

identificar características das relações parentais que fossem passíveis de prever o ajustamento psicológico dos jovens. Como tal, foi utilizada uma amostra de 256 famílias, em que os filhos tinham idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Com este estudo os autores verificaram que a presença de conflitos interparentais parece estar associada ao desenvolvimento de problemas internalizantes, nomeadamente ansiedade e depressão, bem como problemas externalizantes de conduta agressiva.

Um estudo realizado por Doyle e Markiewicz (2005) com 175 adolescentes a partir dos 13 anos, tinha como objetivo verificar se os conflitos interparentais estão associados positivamente com o desenvolvimento de problemas emocionais. Os autores observaram que o envolvimento caloroso dos pais, a perceção dos jovens de que os pais funcionam como bases seguras e fontes de suporte e apoio, tornam-se fatores protetores capazes de diminuir possíveis problemas no ajustamento emocional dos jovens. Por sua vez, vinculações inseguras aos pais, pautadas por ansiedade, em que os jovens se questionam se são ou não merecedores de amor, estão associadas positivamente com problemas de adaptação emocional e cognitivos.

Parte II

Objeto de estudo, objetivos, hipóteses e metodologia

Estudo Empírico: resultados e discussão

Introdução

A segunda parte deste trabalho versa uma abordagem empírica cujo suporte teórico tem por base a importância da qualidade da vinculação aos pais, o impacto do conflito interparental, da coligação e triangulação no desenvolvimento de psicopatologia.

A presente investigação irá abordar o papel da vinculação aos pais no efeito dos conflitos interparentais, bem como processos de coligação e triangulação na relação pais - filhos face à psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas.

Deste modo, serão descritos os objetivos que servem como linha de base deste estudo, e posteriormente, será apresentada a metodologia de investigação desde os participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos seguidos.

Num segundo momento apresentar-se-ão os resultados, tendo em conta os objetivos delineados, e a respetiva discussão. A segunda parte do trabalho finaliza com uma conclusão onde dar-se-á relevância aos resultados mais interessantes, bem como serão apontadas algumas limitações e pistas futuras do estudo.

Capítulo I – Objeto de estudo

1. Objetivo Geral

Esta investigação tem como objetivo primordial analisar em que medida a vinculação aos pais, a perceção de conflitos parentais e a coligação e triangulação podem prever o desenvolvimento de psicopatologia em jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas.

2. Objetivos específicos

Como objetivos específicos pretende-se numa primeira fase, observar as associações entre as variáveis em estudo (vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação e psicopatologia). Pretende-se, também, analisar as diferenças significativas das variáveis (vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação e psicopatologia) face às variáveis sociodemográficas.

Outro objetivo delineado é testar a construção de protótipos de vinculação aos pais de acordo com quatro protótipos do modelo bidimensional de Bartholomew. Bem como, analisar as diferenças destes protótipos de vinculação a ambos os pais em função do género, idade e configuração familiar dos jovens. Pretende-se ainda analisar as diferenças nos protótipos de vinculação dos jovens face à psicopatologia e à coligação e triangulação.

Adicionalmente pretende-se testar o efeito preditor do conflito interparental e da coligação e triangulação no desenvolvimento de psicopatologia e na qualidade da vinculação aos pais, respetivamente.

Por último, pretende-se verificar em que medida o papel da qualidade da vinculação aos pais pode ter um efeito moderador na associação entre conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia.

3. Hipóteses

H₁: Prevê-se que a qualidade da vinculação aos pais se encontre associada de forma negativa ao desenvolvimento de psicopatologia.

H₂: Espera-se que os conflitos interparentais estejam associados de forma negativa à qualidade da vinculação aos pais.

H₃: Aguarda-se que a perceção dos conflitos interparentais se associe de forma positiva com o desenvolvimento de psicopatologia independentemente da configuração familiar.

H₄: Prevê-se que a coligação e a triangulação a um dos progenitores se encontre associada de forma positiva ao desenvolvimento de psicopatologia.

H₅: Espera-se que existam diferenças significativas do desenvolvimento de psicopatologia em função da configuração familiar.

H₆: Prevê-se que os conflitos interparentais difiram em função da configuração familiar.

H₇: Espera-se que qualidade da vinculação aos pais difiram em função da configuração familiar.

H₈: Espera-se que existam diferenças significativas entre os protótipos de vinculação ao pai e à mãe face à idade e configuração familiar, prevendo-se que os jovens seguros sejam mais velhos e provenientes de famílias intactas.

H₉: Prevê-se que existam diferenças significativas entre os protótipos de vinculação ao pai e à mãe em função da psicopatologia e conflitos de lealdade, postulando-se que jovens seguros apresentem menos psicopatologia e menos coligação e triangulação na relação com os pais.

H₁₀: Aguarda-se que os conflitos interparentais predigam positivamente o desenvolvimento de psicopatologia.

H₁₁: Prevê-se que a coligação, triangulação e as dimensões do conflito interparental predigam negativamente a qualidade do laço emocional aos pais.

H₁₂: Por fim, aguarda-se que a qualidade da vinculação aos pais exerça um papel moderador entre os conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia.

Capítulo II – Metodologia

A presente investigação constitui um estudo *transversal*, na medida em que a recolha de dados foi realizada num único momento. É um estudo de carácter *quantitativo e correlacional* visto ser fundamentado em dados de natureza numérica e permitirá relacionar efeitos das variáveis, apreciar interações e diferenciar grupos. Este estudo apresentará um

carácter *confirmatório* na medida em que pretende testar as hipóteses previstas. É um estudo de impressão *descritiva*, uma vez que se recorrerá a uma análise descritiva de dados estatísticos.

1. Participantes

A presente amostra é constituída por 827 participantes com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos ($M = 17.17$; $DP = 3.28$). No que concerne à configuração familiar, para o tratamento estatístico das famílias casadas e que vivem em união de facto foi usado um único constructo, denominado famílias intactas, bem como as famílias separadas e divorciadas denominadas de famílias divorciadas. Assim, 574 (69.4%) participantes fazem parte de um agregado familiar intacto ou que vive em união de facto, 245 (29.6%) de famílias separadas ou divorciadas e 8 (1%) provêm de uma configuração familiar designada de “Outra”, que pode incluir situações em que um dos cônjuges faleceu ou o participante já residir sozinho. Destes participantes 574 (69.4%) são do género feminino e 253 (30.6%) são do género masculino. A escolaridade mínima dos participantes é o 7º ano (3º ciclo) e a máxima é o ensino superior. Destes, 296 (35.8%) encontram-se a frequentar o 3º ciclo, 213 (25.8%) frequentam o ensino secundário e 318 (38.5%) frequentam o ensino superior. Sendo que em média os participantes do estudo frequentam o 11º ano de escolaridade ($M = 10.70$; $DP = 2.14$) (Tabela 1).

No que respeita à idade das figuras parentais, a idade do pai encontra-se situada entre os 29 e os 82 anos ($M = 46.93$; $DP = 6.81$) e a mãe entre os 27 e os 69 anos ($M = 44.20$; $DP = 6.15$). Relativamente ao grau de escolaridade dos pais, a figura paterna estudou até ao 7º ano de escolaridade ($M = 7.33$; $DP = 3.35$), sendo compreendida numa matriz entre o 1º ano (1) e o doutoramento (16). A figura materna estudou em média até ao 9º ano ($M = 9.00$; $DP = 3.49$), sendo que a matriz era compreendida entre o 1º ano (1) e o mestrado (15). No que concerne ao *status* profissional dos pais, as mães dos sujeitos da amostra encontram-se em média num nível médio baixo ($M = 4.9$; $DP = 1.06$), sendo que a escala variava entre 1 (alto) a 5 (baixo). Todavia os pais dos sujeitos da amostra encontram-se num nível médio e médio baixo ($M = 3.75$; $DP = .90$), sendo que a escala variava entre 1 (alto) a 5 (baixo) (Tabela 1).

A classificação *status* profissional dos pais, foi classificada segundo a grelha de avaliação do estatuto socioeconómico - Jornal Oficial das Comunidades Europeias 06/Fasc.03. A classificação varia entre o nível baixo (analfabetismo ou 1º ciclo do ensino básico incompleto), médio-baixo (1º e 2º ciclos do ensino básico), médio (3º ciclo ou formação profissional), médio-alto (ensino secundário ou bacharelato) e alto (ensino superior ou pós-graduação) (Tabela 1).

Relativamente à fratria dos sujeitos em estudo, em média estes têm 1 a 2 irmãos ($M = 1.85$; $DP = .420$) (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização da amostra geral

							Nº de sujeitos da amostra = 827	
Configuração familiar:								
Famílias Intactas			n = 574	(69.4%)				
Famílias Divorciadas			n = 245	(29.6%)				
Outra			n = 8	(1%)				
Género:								
Masculino			n = 253	(30.6%)				
Feminino			n = 574	(69.4%)				
Idades dos adolescentes/jovens adultos:								
13 – 17			n = 455	(55%)		Média = 17.17		
18 – 22			n = 310	(37.5%)		DP = 3.28		
23 – 25			n = 62	(7.5%)				
Nível de escolaridade:								
3º Ciclo			n = 296	(35.8%)		Média = 10.70		
Ensino Secundário			n = 213	(25.8%)		DP = 2.14		
Ensino Superior			n = 318	(38.5%)				
Idade		N		%		Média ; DP		
Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	
29 – 50	27 – 40	n = 600	n = 236	72.6%	28.5%	46.93	44.20	
51 – 70	41 – 50	n = 213	n = 471	25.8%	57%	6.81	6.15	
71 – 82	51 – 69	n = 3	n = 116	.4%	14%			
<i>Valores omissos pai = 11, mãe = 4</i>								
Nível de escolaridade		N		%		Média ; DP		
Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	
Ens. Baixo ($\leq 6^{\circ}$ ano)		n = 457	n = 380	55.3%	45.9%	7.33	9	
Ens. Médio (7º - 12º ano)		n = 297	n = 365	35.9%	44.1%	3.35	3.49	
Ens. Superior ($\geq 12^{\circ}$ ano)		n = 54	n = 76	6.5%	9.2%			
<i>Valores omissos pai = 11, mãe = 6</i>								
Status Profissional		N		%		Média ; DP		
		Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	
Alto		n = 7	n = 14	.8%	1.7%			
Médio Alto		n = 66	n = 73	8%	8.8%	3.75	4.9	
Médio		n = 210	n = 125	25.4%	15.1%	.90	1.06	
Médio Baixo		n = 360	n = 218	43.5%	26.4%			
Baixo		n = 164	n = 390	19.8%	47.2%			
<i>Valores omissos pai = 20, mãe = 7</i>								
Número de irmãos:								
0 irmãos			n = 142	(17.2%)		Média = 1.85		
1 a 3 irmãos			n = 661	(79.9%)		DP = .42		
4 a 9 irmãos			n = 21	(2.5%)				
<i>Valores omissos = 3</i>								

Face à configuração familiar da amostra em estudo, 566 (68.4%) dos indivíduos provêm de famílias com pais casados, 8 (1%) de famílias que vivem em união de facto, 68 (8.2%) de famílias separados, 176 (21.3%) de famílias divorciados e 8 (1.1%) provêm de uma configuração familiar designada de “Outra”, que pode incluir situações de viuvez ou o participante do estudo já constituir família (Tabela 2).

No que respeita às famílias separadas ou divorciadas os participantes apresentam idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos ($M = 16.62$; $DP = 3.43$). Destes participantes, 160 (65.3%) são do género feminino e 85 (34.7%) são do género masculino. Ao nível da escolaridade 114 (46.5%) encontram-se a frequentar o 3º ciclo, 82 (33.5%) frequentam o

ensino secundário e 49 (20%) frequentam o ensino superior. Sendo que em média frequentam o 10º ano de escolaridade (M= 10.07; DP= 2.02) (Tabela 2).

No que concerne às figuras parentais, a idade do pai encontra-se situada entre os 29 e os 82 anos (M= 45.70; DP= 7.44) e a da mãe entre 30 e os 69 anos (M= 43.03; DP= 6.36). Relativamente ao grau de escolaridade dos pais, a figura paterna tem em média o 8ºano de escolaridade (M= 7.72; DP=3.50). De igual modo, a figura materna estudou em média até ao 9ºano (M= 8.91; DP= 3.62). Analogamente ao *status* profissional dos pais, as mães dos sujeitos da amostra em média encontram-se empregadas num nível médio (M= 3.86; DP= 1.20). Do mesmo modo, os pais dos sujeitos da amostra encontram-se empregados num nível médio (M= 3.59; DP= .95) (Tabela 2).

Relativamente à fratria dos sujeitos em estudo, em média estes têm 1 a 2 irmãos (M= 1.80; DP= .49)(Tabela 2).

Da amostra de participantes que provém de famílias divorciadas 70.2% encontram-se divorciadas há 4 ou mais anos. Aquando da separação/divórcio dos pais os participantes da amostra tinham em média 8 anos de idade (M= 8.44; DP= 5.12). Pelos dados recolhidos observa-se que o pai (71.8%) é quem mais frequentemente abandona o lar face à mãe (26.9%). Da amostra recolhida 84.5% dos jovens ficaram a residir com a mãe e 9.8% com o pai. Sendo que a maioria dos jovens residem atualmente, após a desagregação da família, com o pai (31.8%) comparativamente com aqueles que residem, atualmente com a mãe (9.4%). Relativamente à frequência com que os filhos veem os pais, 26.9% vê a figura parental com quem não reside diariamente, 17.6% vê semanalmente, 14.3% mensalmente, 15.1% nas férias escolares e 26.1% anualmente. No que concerne a um novo agregado familiar, 13.1% referem que os pais construíram uma nova família, sendo que 84.1% dos participantes não reside com irmãos por parte do novo companheiro(a) da figura parental (Tabela 2).

Sublinha-se que 58.8% dos adolescentes/jovens adultos que são contemplados no estudo mencionam que o divórcio dos pais foi amigável (Tabela 2).

Tabela 2. Caracterização da amostra de famílias separadas/divorciadas

Configuração familiar:			
Separados	n = 68	(8.2%)	
Divorciados	n = 176	(21.3%)	
<i>Valores omissos = 1</i>			
Género:			
Masculino	n = 85	(34.7%)	
Feminino	n = 160	(65.3%)	
Idades dos adolescentes/jovens adultos:			
13 – 17	n = 169	(69%)	Média = 16.62
18 – 22	n = 51	(20.8%)	DP = 3.43
23 – 25	n = 25	(10.2%)	
Nível de escolaridade:			
3º Ciclo	n = 114	(46.5%)	Média = 10.07

Ensino Secundário	n = 82	(33.5%)	DP = 2.02		
Ensino Superior	n = 49	(20%)			
Idade					
		N		%	Média ; DP
Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
29 – 50	27 – 40	n = 192	n = 94	78.4%	38.4%
51 – 70	41 – 50	n = 47	n = 125	19.2%	51%
71 – 82	51 – 69	n = 1	n = 26	.4%	10.6%
<i>Valores omissos para o pai = 5</i>					
Nível de escolaridade					
		N		%	Média ; DP
		Pai	Mãe	Pai	Mãe
Ens. Baixo(≤ 6ºano)		n = 118	n = 86	48.2%	35.1%
Ens. Médio (7º - 12ºano)		n = 99	n = 122	40.4%	49.8%
Ens. Superior (≥ 12º ano)		n = 18	n = 36	7.3%	14.7%
<i>Valores omissos para o pai = 10, para a mãe = 1</i>					
Status Profissional					
		N		%	Média ; DP
		Pai	Mãe	Pai	Mãe
Alto		n = 0	n = 5	0%	2%
Médio Alto		n = 33	n = 39	13.5%	15.9%
Médio		n = 72	n = 47	29.4%	19.2%
Médio Baixo		n = 85	n = 45	34.7%	18.4%
Baixo		n = 43	n = 107	17.6%	43.7%
<i>Valores omissos para o pai = 12, para a mãe = 2</i>					
Número de irmãos:					
0 irmãos				n = 58	(23.7%)
1 a 3 irmãos				n = 176	(71.8%)
4 a 9 irmãos				n = 10	(4.1%)
<i>Valores omissos = 1</i>					
Há quanto tempo estão separados/divorciados:					
até 6 meses				n = 6	(2.4%)
de 6 meses a 2 anos				n = 37	(15.1%)
de 2 a 4 anos				n = 29	(11.8%)
4 ou mais anos				n = 172	(70.2%)
<i>Valores omissos = 1</i>					
Idade do participante aquando da separação/divórcio:					
				13 – 25 anos	Média = 8.44
					DP = 5.12
<i>Valores omissos = 2</i>					
Quem saiu de casa:					
Mãe				n = 66	(26.9%)
Pai				n = 176	(71.8%)
<i>Valores omissos = 3</i>					
Com quem ficou a residir aquando da separação/divórcio:					
				n = 207	(84.5%)
Mãe				n = 24	(9.8%)
Pai				n = 12	(4.9%)
Outro					
<i>Valores omissos = 2</i>					
Atualmente reside com:					
Mãe				n = 23	(9.4%)
Mãe + irmãos				n = 35	(14.3%)
Pai				n = 78	(31.8%)
Pai + irmãos				n = 77	(31.4%)
Mãe + família reconstruída				n = 6	(2.4%)
Pai + família reconstruída				n = 13	(5.3%)
Outro				n = 12	(4.9%)
<i>Valores omissos = 1</i>					
Com que frequência vê a figura parental com quem não reside:					
Diariamente				n = 66	(26.9%)
				n = 43	(17.6%)

Semanalmente	n = 35	(14.3%)
Mensalmente	n = 37	(15.1%)
Nas férias escolares	n = 63	(26.1%)
Anualmente		
<i>Valores omissos = 1</i>		
Alguns dos pais reconstruiu a família:		
Sim	n = 32	(13.1%)
Não	n = 211	(86.1%)
<i>Valores omissos = 2</i>		
Reside com outros irmãos por parte do pai/mãe:		
Sim	n = 37	(15.1%)
Não	n = 206	(84.1%)
<i>Valores omissos = 2</i>		
O divórcio foi amigável:		
Sim	n = 144	(58.8%)
Não	n = 99	(40.4%)
<i>Valores omissos = 2</i>		

2. Análise de variância das variáveis sociodemográficas em função da configuração familiar

Para uma melhor compreensão das análises posteriores e para verificar se as distintas configurações familiares (famílias intactas e divorciadas) poderiam ser metodologicamente comparáveis, realizaram-se análises de variância entre ambas as configurações familiares face às variáveis sociodemográficas. Deste modo recorreu-se a análises univariadas ANOVAS e Qui-Quadrado.

Verificaram-se diferenças significativas em diversas variáveis. Nomeadamente, no que diz respeito à **idade** dos participantes $F(1, 825) = 10.589, p = .001; \eta = .013$, sucedendo-se que os adolescentes/jovens adultos de famílias casadas aduzem idades superiores ($M = 17.42, IC95\% [17.15, 17.69]$) comparativamente com os jovens de famílias divorciadas ($M = 16.62, IC95\% [16.21, 17.02]$) (Tabela 3).

Face ao **ano de escolaridade** dos participantes observam-se diferenças significativas $F(1, 825) = 32.957, p = .000; \eta = .038$, verificando-se que filhos de famílias intactas ($M = 10.98, IC95\% [10.80, 11.15]$) apresentam maiores níveis de escolaridade comparativamente com filhos de pais divorciados ($M = 10.07, IC95\% [9.81, 10.33]$) (Tabela 3).

Sublinham-se também diferenças significativas relativamente à **idade do pai** $F(1, 814) = 11.424, p = .001; \eta = .014$, observando-se que os pais de famílias intactas aduzem idades superiores ($M = 47.46, IC95\% [46.90, 48.01]$) comparativamente com os pais de famílias divorciadas ($M = 45.71, IC95\% [44.85, 46.56]$). Quanto à **idade da mãe** observam-se diferenças significativas $F(1, 821) = 13.387, p = .000; \eta = .016$, verificando-se que as mães de famílias intactas expõem idades superiores ($M = 44.72, IC95\% [44.22, 45.22]$) comparativamente com as mães de famílias divorciadas ($M = 43.03, IC95\% [42.27, 43.78]$). Em suma, compreende-se que ambos os pais de agregados familiares intactos apresentam em média, idade mais avançada face aos de agregados familiares divorciados (Tabela 3).

Observam-se diferenças significativas em relação à **escolaridade do pai** $F(1, 807) = 4.698$, $p = .030$; $\eta = .006$, observando-se que os pais de famílias intactas apresentam menos escolaridade ($M=7.16$, $IC95\%$ [6.89, 7.44]) comparativamente com os pais de famílias divorciadas ($M=7.72$, $IC95\%$ [7.30, 8.14]). No que concerne à **escolaridade da mãe** $F(1, 819) = 18.696$, $p = .000$; $\eta = .022$, observa-se que as mães de famílias intactas apresentam menos escolaridade ($M=7.78$, $IC95\%$ [7.49, 8.06]) comparativamente com as mães de famílias divorciadas ($M=8.91$, $IC95\%$ [8.48, 9.34]), estas apresentam um grau de escolaridade superior face às das famílias com agregados familiares intactos (Tabela 3).

Relativamente ao **status profissional** subsistem diferenças significativas em relação ao **pai** $\chi^2(4) = 24.605$, $p = .000$ e à **mãe** $\chi^2(4) = 30.062$, $p = .000$, verificámos que ambas as figuras parentais de agregados familiares intactos, apresentam menor nível de categorização profissional comparativamente com figuras parentais de agregados familiares divorciados. Do mesmo modo, constatam-se diferenças significativas face ao nível do **número de irmãos** $F(1,822) = 5.236$, $p = .022$; $\eta = .006$, verificando-se que o número de irmãos é superior em famílias divorciadas ($M= 1.35$, $IC95\%$ [1.22 , 1.47]) comparativamente com o número de irmãos em famílias intactas ($M= 1.18$, $IC95\%$ [1.09 , 1.26]) (Tabela 3).

No que concerne ao **género** dos participantes $\chi^2(1) = 2.472$, $p = .116$, não se observam diferenças significativas face à configuração familiar.

Tabela 3. Diferenças significativas da amostra no concerne à configuração familiar

Variáveis Demográficas	Configuração Familiar						Sentido das diferenças significativas
	(1)Intactas			(2)Divorciadas			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>IC 95%</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>IC 95%</i>	
Idade	17.42	.14	[17.15 ,17.69]	16.62	.21	[16.21 , 17.02]	1>2
Escolaridade	10.98	.09	[10.80 , 11.15]	10.07	.13	[9.81 , 10.33]	1>2
Idade Pai	47.46	.28	[46.90 , 48.01]	45.71	.43	[44.85 , 46.56]	1>2
Idade Mãe	44.72	.26	[44.22 , 45.22]	43.03	.38	[42.27 , 43.78]	1>2
Escolaridade Pai	7.16	.14	[6.89 , 7.44]	7.72	.22	[7.30 , 8.14]	2>1
Escolaridade Mãe	7.78	.15	[7.49 , 8.06]	8.91	.22	[8.48 , 9.34]	2>1
Nº de irmãos	1.18	.04	[1.09 , 1.26]	1.35	.06	[1.22 , 1.47]	2>1

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

3. Instrumentos

Tendo em conta os objetivos do estudo e as hipóteses supracitadas, tornou-se pertinente utilizar instrumentos de autorrelato que permitissem analisar as variáveis centrais do presente estudo.

Deste modo, tendo em conta a conceptualização teórica e operacionalização do estudo, considerou-se relevante o uso de 4 instrumentos que nos permitem avaliar: a qualidade da vinculação aos pais (Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, de Matos e Costa, 2001), o conflito interparesntal (*The Children's Perception of Interparental Conflict Scale*, Adaptação Portuguesa de Moura e Matos, 2006)), a sintomatologia psicopatológica (*Brief Symptom Inventory* (Adaptação Portuguesa de Canavarro, 1999) e os conflitos de lealdade (*Loyalty conflict Scale* de Wendt, Kroll, Beckh, Gerhard e Walper, 2002).

Foi ainda desenvolvido um questionário sociodemográfico (idade, sexo, escolaridade, estado civil dos pais, idade, profissão e escolaridade dos pais e dados relativos à situação de divórcio) a ser preenchido aquando dos instrumentos de autorrelato.

3.1 Questionário sociodemográfico foi elaborado para o presente estudo e tem como objetivo recolher informação pessoal dos jovens. Este foi aplicado aquando dos instrumentos de autorrelato, constituindo a 1º parte do protocolo de investigação. Foram incluídas neste questionário informações relativas à identificação do participante (idade, sexo e escolaridade) e à identificação familiar (idade, profissão, escolaridade e estado civil dos pais e o número de irmãos, bem como as suas idades). Particularmente, no caso de agregados familiares separados ou divorciados foram introduzidas questões que pretendem recolher dados específicos deste tipo de configuração familiar (há quanto tempo estão separados/divorciados, que idade tinha o participante, quem saiu de casa, com quem ficou a viver o participante, com quem vive, com que frequência está com os pais com quem não reside, os pais reconstruíram família, bem como, se vive com outros irmãos por parte apenas do pai ou da mãe e se o divórcio foi amigável) (anexo 1).

3.2. Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe (QVPM) desenvolvido por Matos e Costa (2001), é um instrumento de autorrelato que tem como finalidade avaliar as representações da qualidade da relação de vinculação que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente a cada uma das suas figuras parentais. Assim, é pedido ao adolescente/jovem adulto que indique a resposta que melhor expressa a forma como sente com cada um dos seus pais separadamente na situação atual (anexo 1).

Este instrumento é composto por 30 itens que exprimem as relações familiares, salientando 3 dimensões primordiais, a *Qualidade do Laço Emocional (QLE)*, *Ansiedade de Separação e Dependência (ASD)* e *Inibição da Exploração e Individualidade (IEI)*. A dimensão **Qualidade do Laço Emocional (QLE)** avalia a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, entendida como fundamental e única no desenvolvimento do adolescente e jovem adulto, a quem este recorre em situações de dificuldade e com quem planeia uma

relação duradoura. Esta dimensão é composta por 10 itens e contém questões do tipo: “Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo”. A dimensão ***Ansiedade de Separação e Dependência (ASD)*** revela uma experiência de ansiedade e de medo de separação da figura vinciativa, o que mostra que existe uma relação de dependência. Esta dimensão é composta igualmente por 10 itens e abarca questões do tipo: “Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais”. E, por último a ***Inibição da Exploração e Individualidade (IEI)*** avalia a perceção de limitações à expressão da individualidade própria, sendo composta por 10 itens e abrange questões como: “Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas” (Gouveia & Matos, 2011).

Os itens são constituídos por afirmações de carácter descritivo numa escala tipo *Likert* com 6 categorias de resposta, cujas alternativas de resposta variam entre 1 (*discordo totalmente*) e 6 (*concordo totalmente*) realizada para o Pai e Mãe, respetivamente.

O QVPM na versão final ostenta valores de consistência interna adequados nas três dimensões, com valores de *alfa* de *Cronbach* de .81 para o pai e para a mãe na dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade*; .89 para a dimensão *Qualidade do Laço Emocional* no caso do pai e .88 no caso da mãe e .82 para o pai e para a mãe na dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* (Matos & Costa, 2001). Diversas amostras independentes confirmam estes índices de consistência interna nas três dimensões, com valores de *alfa* de *Cronbach* que variam de .79 a .80 para a dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* no caso do pai e .80 a .83 no caso da mãe; .94 para a dimensão *Qualidade do Laço Emocional* no caso do pai e .87 a .92 no caso da mãe e .84 a .86 para a dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* no caso do pai e .82 a .83 no caso da mãe, em diversas amostras independentes (Mota & Matos, 2009; Moura & Matos, 2008, 2010).

3.2.1 Análise das Propriedades Psicométricas

Análise da Consistência Interna

A análise da consistência interna patenteou valores de *alfa* de *Cronbach* de .92 para a totalidade do instrumento. Evidenciados os seguintes valores de *alfa* de *Cronbach* para cada dimensão da vinculação ao pai/mãe: .95/.92 para a qualidade do laço emocional (QLE), .88/.82 para a ansiedade de separação e dependência (ASD) e .82/.83 para a inibição da exploração e individualidade (IEI) (Tabela 4).

Tabela 4. Alfa de Cronbach do Questionário de vinculação ao pai e à mãe

		Dimensões QVPM (N=827)		
		QLE	ASD	IEI
Pai	Número de itens	10	10	10
	<i>Alfa de Cronbach</i>	.95	.88	.82
Mãe	Número de itens	10	10	10
	<i>Alfa de Cronbach</i>	.92	.82	.83

QVPM – questionário de vinculação ao pai e à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência

3.2.2 Análises Fatoriais Confirmatórias

Realizámos análises fatoriais confirmatórias com o intuito de avaliar de que modo os dados do nosso estudo vão de encontro ao modelo conceptual original do instrumento, ou seja, pretende-se verificar se os itens do instrumento, nomeadamente do QVPM, perante a nossa amostra se organizam nas dimensões propostas pelos autores. Ao corroborarmos estes dados podemos inferir um bom nível de fiabilidade e de validade do instrumento (Maia, 1996).

Segundo Browne e Cudeck (1993) e Bentler (1990), os valores de referência, nomeadamente os índices *Goodness of Fit Index* (GFI) *Comparative Fit Index* (CFI) e *Adjust Goodness of Fit Index* (AGFI) devem apresentar valores maiores que .90. Por sua vez o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e o *Root Mean Square Residual* (RMR) devem apresentar valores menores que .080.

Deste modo, tendo em conta o elevado número de itens em cada dimensão (10) que conseqüentemente exigiria muitos parâmetros a estimar, optou-se por realizar *parcelings* aleatórios dos itens. Este procedimento é realizado através do emparcelamento dos itens, permitindo maior estabilidade dos parâmetros a estimar (Coffman & McCullum, 2005).

Para cada uma das três dimensões (QLE, ASD, IEI) elaboramos 3 *parcellings*: qualidade do laço emocional (QLE1 – item 2, 5, 8, 11; QLE2 - item 14, 17, 20; QLE3 – item 23, 27, 30), inibição da exploração e individualidade (IEI1 - item 1, 4, 7, 10; IEI2 - item 13, 16, 19; IEI3 – item 22, 25, 28) e ansiedade de separação e dependência (ASD1 - item 3, 6, 9, 12; ASD2 - item 15, 18, 21; ASD3 - item 24, 26, 29).

Após realizarmos as análises confirmatórias de 1ª ordem verificamos um ajustamento adequado ao modelo teórico do Questionário de vinculação ao pai e à mãe: $\chi^2(20) = 117.732$, $p = .000$; $\chi^2(20) = 132.661$, $p = .000$, respetivamente. No entanto, foi necessário procedermos a algumas correlação dos erros de acordo com o proposto no Teste de *Lagrange*, que nos permitiram controlar a variância dos itens (Batistoni, Néri & Cupertino, 2010).

Os índices de ajustamento demonstram um ajustamento adequado ao pai CFI = .98 , GFI = .97, AGFI = 94 , (S)RMR = .052 e RMSEA = .077 e à mãe CFI = .98 , GFI = .97, AGFI =

.93 , (S)RMR = .054 e RMSEA = .083 (Tabela 5). Deste modo, corroboramos o facto do modelo ir de encontro à estrutura fatorial original do QVPM desenvolvido por Matos e Costa (2001) (anexo 2 - modelo fatorial).

Tabela 5. Índices de ajustamento do modelo teórico do Questionário de vinculação aos pais

		Valores de Referência				
		(S)RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA
Pai	1ª Ordem	.052	.971	.935	.982	.077
Mãe	1ª Ordem	.054	.967	.926	.971	.083

Nota: **RMR** - Root Mean Square Residual; **GFI** - Goodness of Fit Index; **AGFI** - Adjusted Goodness of Fit Index; **CFI** - Comparative Fit Index; **RMSEA** - Root Mean Square Approximation.

3.3 Childrens' Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC), constitui uma escala desenvolvida para avaliar a perceção do conflito interparental dos filhos acerca das interações dos pais, criada por Grych, Seid e Fincham (1992) e adaptada por Moura, Santos e Matos (2006) para adolescentes e jovens adultos da população portuguesa. Esta relação pode variar quando se tem em conta o conflito, o contexto e o nível desenvolvimental do adolescente. O objetivo desta escala é analisar a forma como os jovens percecionam os conflitos interparentais, uma vez que o impacto deste pode ser notável. O instrumento original contempla 49 itens distribuídos por 9 escalas: frequência, intensidade, resolução, conteúdo, perceção de ameaça, eficácia, culpa, triangulação e estabilidade. Para o estudo em questão optou-se pelo uso de apenas 3 dimensões que constituem de acordo com os autores originais as propriedades do conflito: a **frequência**, esta escala é constituída por 6 itens e coloca questões do tipo: “Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito”; a **intensidade** é composta por 7 itens e coloca questões como: “Os meus pais atiram e partem objetos durante as discussões”; e, por último a **resolução**, é formada por 6 itens e contém questões do tipo: “Mesmo quando terminam uma discussão os meus pais continuam zangados” (anexo 1). É importante sublinhar que a resolução é um fator negativo, ou seja a abordagem realizada traduz a falta de resolução, uma vez que os itens positivos são invertidos.

Esta é uma escala de autorrelato constituída por afirmações de carácter descritivo numa escala tipo *Likert* com 6 categorias de resposta, desde 1 - “Discordo totalmente” a 6 - “Concordo totalmente”.

A validação portuguesa da escala patenteou qualidades psicométricas adequadas quer para a amostra com adolescentes (14 – 18 anos), quer com jovens adultos (19 – 25 anos) com valores de *alfa* de *Cronbach* que variam entre .75 e .93 para as três dimensões (Moura et al., 2006).

3.3.1 Análise das Propriedades Psicométricas

Análise da Consistência Interna

A análise da consistência interna apresentou valores de *alfa* de Cronbach de .93 para a totalidade do instrumento. Evidenciados os seguintes valores de *alfa* de Cronbach para cada dimensão: .73 para a frequência, .77 para a intensidade e .78 para a resolução (Tabela 6).

Tabela 6. Alfa de Cronbach da *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*

	Dimensões das Propriedades do Conflito (N=827)		
	Frequência	Intensidade	Resolução
Número de itens	6	7	6
<i>Alfa de Cronbach</i>	.73	.77	.78

3.3.2 Análises Fatoriais Confirmatórias

Foi realizada uma análise fatorial confirmatória de 1ª ordem, na qual foram também realizados *parcelings* dado o elevado número de itens que compõe a escala, havendo necessidade de reduzir o número de parâmetros a estimar, tornando o modelo mais parcimonioso.

Deste modo, para cada uma das três dimensões (frequência, intensidade e resolução) elaboramos 3 *parcellings*: frequência (Freq1 - itens 1 e 9; Freq2 - itens 14 e 17; Freq3 - itens 26 e 34), intensidade (int1 - itens 4 e 12; int2 - itens 21 e 30; int3 – itens 35, 37 e 42) e resolução (res1 - itens 2 e 10; res2 - itens 18 e 27; res3 - itens 38 e 45).

Tal como anteriormente mencionado, neste instrumento foi, também, necessário procedermos a algumas correlações dos erros de acordo com o proposto no Teste de *Lagrange*. Este teste indica-nos quais os parâmetros que podem ser adicionados ao modelo, nomeadamente correlações de erros no sentido de controlar a variância dos itens. Assim, segundo esta indicação percebemos os parâmetros que poderão ser adicionados ao modelo para melhorar o seu ajustamento (Batistoni et al., 2010).

Após realizarmos as análises confirmatórias de 1ª ordem verificamos um ajustamento adequado $\chi^2 (21) = 121.88$, $p = .000$, com os seguintes índices de ajustamento: CFI = .97, GFI = .97, AGFI = .94, (S)RMR = .03 e RMSEA = .07 (Tabela 7). Deste modo, corroboramos o facto de a análise efetuada ir de encontro à estrutura fatorial original do CPIC adaptado por Moura, Santos e Matos (2006) (anexo 3 – modelo fatorial).

Tabela 7. Índices de ajustamento do modelo teórico da *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*

	Valores de Referência				
	(S)RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA
1ª Ordem	.031	.969	.935	.974	.076

Nota: **RMR** - Root Mean Square Residual; **GFI** - Goodness of Fit Index; **AGFI** - Adjusted Goodness of Fit Index; **CFI** - Comparative Fit Index; **RMSEA** - Root Mean Square Approximation.

3.4 Brief Symptom Inventory - B.S.I. (Derogatis, 1982) foi traduzido e validado por Canavarro (1999). Este inventário foi desenvolvido com o intuito de verificar o tipo de sintomatologia que mais perturba o jovem, não permitindo qualquer formulação do diagnóstico. É um inventário de autorrelato constituído por afirmações de carácter descritivo numa escala tipo *Likert* que oscila entre 0 (“Nunca”) e 4 (“Muitíssimas vezes”). Composto por 53 itens, e tem como objetivo pedir ao adolescente/jovem adulto que classifique o grau em que cada problema apresentado o incomodou durante a última semana (anexo 1).

O inventário avalia sintomas psicopatológicos em 9 dimensões e 3 índices globais (avaliações sucintas de perturbações emocionais). A **Somatização** é uma dimensão composta por 7 itens e coloca questões do tipo: “Vontade de vomitar ou mal-estar no estômago”. Assim, esta dimensão retrata o mal-estar consequente do funcionamento somático, reunindo queixas dos sistemas cardiovascular, gastrointestinal, respiratório e dores localizadas na musculatura. A dimensão **Obsessões-Compulsões** é composta por 6 itens e coloca questões do tipo “Dificuldade em fazer qualquer trabalho”. Esta dimensão avalia sintomas identificados com o conjunto de sinais e sintomas característicos das obsessões e compulsões como as cognições, impulsos e comportamentos percebidos como persistentes pelos indivíduos aos quais não resiste. A **Sensibilidade Interpessoal** é composta por 4 itens e coloca questões como “Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos”, avaliando sentimentos de inadequação pessoal e inferioridade comparativamente aos outros, auto-depreciação, hesitação, desconforto e timidez no decorrer de interações sociais. A dimensão **Depressão** é composta por 6 itens e coloca questões do tipo: “Sentir-se sem esperança perante o futuro”. Esta dimensão reflete inumeráveis indicadores de depressão clínica: sintomas de afeto e humor disfórico, perda de energia vital, falta de motivação e de interesse pela vida. A **Ansiedade** é uma dimensão que engloba 6 itens e coloca questões do tipo: “Nervosismo ou tensão interior”. Avalia indicadores gerais como nervosismo e tensão, ansiedade generalizada e ataques de pânico, componentes cognitivas e correlatos somáticos da ansiedade. A dimensão **Hostilidade** apresenta 5 itens e coloca questões como: “Ter vontade de destruir ou partir coisas”, avalia pensamentos, emoções e comportamentos específicos do estado afetivo negativo da cólera. A **Ansiedade Fóbica** é uma dimensão composta por 5 itens e coloca questões como: “Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro”. Avalia a existência de

medo persistente, irracional e desproporcionado relativamente a um estímulo conduzindo a um comportamento de evitamento. A dimensão **Ideação Paranóide** é constituída por 5 itens e coloca questões como: “Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas”. Esta dimensão avalia objetivamente o comportamento paranóide como uma forma perturbada do funcionamento cognitivo como pensamento projetivo, hostilidade, suspeição, grandiosidade, egocentrismo, medo da perda de autonomia e delírios. Por último a dimensão **Psicoticismo** é composta por 5 itens e coloca questões como: “Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas”. Esta dimensão avalia indicadores de isolamento e estilo de vida esquizóide e sintomas primários de esquizofrenia, como alucinações e controlo do pensamento. A dimensão possibilita reconhecer um contínuo repartido entre o isolamento interpessoal ligeiro e a evidência dramática de psicose.

Os itens 11, 25, 39 e 52 não pertencem a nenhuma dimensão específica contribuindo com o mesmo peso para todas as dimensões.

Segundo Simões, Machado, Gonçalves e Almeida (2007) o instrumento apresenta bons níveis de consistência interna para as nove escalas, com valores de *alpha* de Cronbach de .80 para a somatização, .77 para a dimensão Obsessões-Compulsões, .76 para a sensibilidade interpessoal, .73 para a depressão, .77 para a ansiedade, .76 para a dimensão hostilidade e .72 para a dimensão ideação paranóide. Todavia os valores observados para a ansiedade fóbica e psicoticismo apresentam baixa consistência interna, .62 para ambas as dimensões. As correlações de *Pearson* permitiram observar que a BSI detém boa estabilidade temporal uma vez que os valores obtidos situam-se entre $r = .63$ e $r = .81$ nas duas aplicações realizadas por Canavarro (1999). Assim, este instrumento parece um bom indicador de sintomas do foro psicopatológico (Simões et al., 2007).

3.4.1 Análise das Propriedades Psicométricas

Análise da Consistência Interna

A análise da consistência interna apresentou valores de *alfa* de Cronbach de .97 para a totalidade do instrumento. Evidenciados os seguintes valores de *alfa* de Cronbach para cada dimensão: .84 para a somatização, .82 para a obsessão-compulsão, .83 para a sensibilidade interpessoal, .88 para a depressão, .81 para a ansiedade, .79 para a hostilidade, .88 para a ideação paranóide e psicoticismo e .78 para a ansiedade fóbica (Tabela 8).

Tabela 8. Alfa de Cronbach do Inventário de sintomas psicopatológicos

	Dimensões BSI (N=827)							
	Som	Obs	Sem	Dep	Ans	Hos	Psic	AnsF
Número de itens	7	6	4	6	6	5	10	5
Alfa de Cronbach	.84	.82	.83	.88	.81	.79	.88	.78

BSI - *Brief Symptom Inventory*; **Som** – somatização; **Obs** - obsessões-compulsões; **Sen** - sensibilidade interpessoal; **Dep** – depressão; **Ans** – ansiedade; **Hos** – hostilidade; **AnsF** - ansiedade fóbica; **Psic** - ideação paranóide e psicoticismo.

3.4.2 Análises Fatoriais Confirmatórias

Foram realizadas análises confirmatórias de 1ª ordem e verificou-se um ajustamento adequado ao modelo teórico do *Brief Symptom Inventory*: $\chi^2 (166) = 771.922$, $p = .000$. No entanto, observou-se que para a nossa amostra duas das variáveis estavam significativamente correlacionadas, sendo sugerida uma junção das mesmas. Deste modo, o modelo apresenta-se ajustado aquando de termos agrupado a dimensão ideação paranóide e o psicoticismo. Foram também realizados novos Alfa de Cronbach para nos certificarmos que de facto as dimensões avaliam aquilo que se propõem medir.

Foram realizados *parcelings* aleatórios dos itens, tendo em conta o elevado número de itens em cada dimensão por forma a reduzir o número de parâmetros a estimar. Deste modo, foram obtidos os seguintes *parcellings*: somatização (som1 - itens 2 e 27; som2 - itens 23 e 29; som3 - itens 30, 33 e 37), obsessões-compulsões (obs1 - itens 5 e 15; obs2 - itens 26 e 27; obs3 - itens 32 e 36), sensibilidade interpessoal (sen1 - itens 20 e 21; sen2 - itens 22 e 42), depressão (dep1 - itens 9 e 16; dep2 - itens 17 e 18; dep3 - itens 35 e 50), ansiedade: (ans1 - itens 1 e 12; ans2 - itens 19 e 38; ans3 - itens 45 e 49), hostilidade (hos1 - itens 6 e 13; hos2 - itens 40, 41 e 46), ansiedade fóbica: (ansf1 - itens 2 e 8; ansf 2 - itens 31, 43 e 47) e ideação paranóide/psicoticismo (psic1 - itens 4, 10, 13 e 14; psic2 - itens 24, 48 e 51; psic3 - itens 34, 44 e 53).

Deste modo, os índices de ajustamento demonstram um ajustamento adequado: CFI = .96, GFI = .92, AGFI = .88, (S)RMR = .00 e RMSEA = .00 (Tabela 9). Embora a estrutura obtida não seja totalmente idêntica à original corroboramos um ajustamento adequado à nossa amostra por junção de 2 dimensões (ideação paranóide e psicoticismo) (anexo 4 – modelo fatorial).

Na continuidade da análise recorreremos ao Teste de *Lagrange* e realizamos também correlações de erros no sentido de controlar a variância dos itens (Batistoni et al., 2010).

Tabela 9. Índices de ajustamento do modelo teórico do Inventário de sintomas psicopatológicos

	Valores de Referência				
	(S)RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA
1ª Ordem	.003	.918	.876	.957	.006

Nota: **RMR** - Root Mean Square Residual; **GFI** - Goodness of Fit Index; **AGFI** - Adjusted Goodness of Fit Index; **CFI** - Comparative Fit Index; **RMSEA** - Root Mean Square Approximation.

3.5 Loyalty conflict Scale (LCSCT) desenvolvido por Wendt, Kroll, Beckh, Gerhard e Walper (2002). Esta escala é composta por 12 itens que se delimitam em duas dimensões: **coligação**, composta por 6 itens, como por exemplo “A minha mãe gostaria que eu gostasse mais dela do que do meu pai” e a **triangulação**, constituída, igualmente, por 6 itens, como por exemplo “Sinto-me dividido entre os meus pais”. Os itens são constituídos por afirmações de carácter descritivo numa escala tipo *Likert* em cinco opções. Em Portugal alguns estudos têm vindo a ser realizados com este instrumento pelo que a consistência interna do instrumento foi medida através do *alfa* de *Cronbach* apresentando valores moderadamente consistentes: coligação .80 e triangulação .85 (Mota & Matos, 2010, 2011b) (anexo 1).

3.5.1 Análise das Propriedades Psicométricas

Análise da Consistência Interna

A análise da consistência interna apresentou valores de *alfa* de *Cronbach* de .83 para a totalidade do instrumento. Para cada uma das dimensões obteve-se os seguintes valores de *alfa* de *Cronbach*: coligação .83 e triangulação .70 (Tabela 10).

Tabela 10. Alfa de *Cronbach* do *Loyalty conflict Scale*

	Dimensões do <i>Loyalty conflict Scale</i> (N=827)	
	Coligação	Triangulação
Número de itens	6	6
<i>Alfa</i> de <i>Cronbach</i>	.83	.70

3.5.2 Análises Fatoriais Confirmatórias

Foram, também, realizadas análises fatoriais confirmatórias para verificar se os dados do nosso estudo vão de encontro ao modelo original do instrumento. Elaboraram-se *parcelings* aleatórios dos itens, tendo em conta o elevado número de itens em cada dimensão.

Deste modo, para cada uma das dimensões (coligação e triangulação) elaboramos 3 *parcellings*: coligação (col1 – item 1 e 2; col2 – item 3 e 4; col3 – item 5 e 6) e triangulação (tri1 – item 1 e 2; tri2 – item 3 e 4; tri3 – item 5 e 6).

Após realizarmos as análises confirmatórias de 1ª ordem verificámos um ajustamento adequado ao modelo teórico: $\chi^2 (5) = 59.844$, $p = .000$. Todavia, mais uma vez realizámos algumas correlações dos erros de acordo com o proposto no Teste de *Lagrange*, que nos permite controlar a variância dos itens (Batistoni, Néri & Cupertino, 2010).

Os índices de ajustamento demonstram um ajustamento adequado: CFI = .98 , GFI = .98, AGFI = .91, (S)RMR = .053 e RMSEA = .099 (Tabela 11). Deste modo, corroboramos o facto de a análise efetuada ir de encontro à estrutura fatorial original do *Loyalty conflict Scale* (anexo 5 – modelo fatorial).

Tabela 11. Índices de ajustamento do modelo teórico do *Loyalty conflict Scale*

	Valores de Referência				
	(S)RMR	GFI	AGFI	CFI	RMSEA
1ª Ordem	.053	.977	.905	.975	.099

Nota: **RMR** - Root Mean Square Residual; **GFI** - Goodness of Fit Index; **AGFI** - Adjusted Goodness of Fit Index; **CFI** - Comparative Fit Index; **RMSEA** - Root Mean Square Approximation.

3.6 Procedimentos

A elaboração do estudo contempla várias etapas. Inicialmente procedeu-se à pesquisa de bibliografia, através de livros e revistas científicas, acessíveis nos serviços de documentação das universidades e em motores de busca como *web of science*, *pubmed*, *education resources information center*, *psycinfo*, *b-on* e no repositório científico de acesso aberto de Portugal.

Posteriormente foi elaborado um modelo conceptual do estudo e realizou-se uma pesquisa dos instrumentos passíveis de serem utilizados. Para tal foram solicitadas autorizações para o uso dos mesmos (anexo 6) e ainda construída uma ficha sociodemográfica, o que colmatou na construção de um protocolo de investigação.

Previamente à aplicação do protocolo aos participantes foi realizada uma reflexão falada com o intuito de verificar o tempo necessário para o preenchimento do questionário, bem como salvaguardar a compreensão do ponto de vista semântico e gráfico. Para tal foi pedido a 10 adolescentes/jovens adultos entre os 14 e 25 anos que respondessem ao protocolo, sendo que estes jovens não farão parte do estudo posterior.

A duração aproximada para a administração dos instrumentos foi de aproximadamente 50 minutos, no entanto cabe ressaltar que o protocolo utilizado na presente investigação faz parte de um projeto global que inclui outros instrumentos que não são abordados neste estudo.

A recolha da amostra foi realizada no Norte do país, para tal foi pedida autorização ao Conselho Executivo de algumas escolas desta zona, sendo este realizado de forma pessoal com os Diretores das instituições de ensino. Deste modo, foi agendada uma reunião com os

diretores ou subdiretores das escolas na qual era explicado os objetivos do estudo, esclarecidas possíveis dúvidas e sublinhado o caráter ético e o caráter anónimo e voluntário dos participantes. Foi também entregue às escolas uma carta na qual constavam os objetivos gerais da investigação e o protocolo de investigação, bem como um documento que era assinado pelos participantes ou pelos seus tutores autorizando a participação (anexo 7).

Após o consentimento das Direções das escolas procedeu-se à aplicação do protocolo em turmas do 7 ao 12º ano, durante o 1º e 2º período letivo (2011/2012).

No que concerne à amostra dos jovens adultos, foi pedida autorização para a administração dos instrumentos aos presidentes de algumas Escolas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, nomeadamente à Escola de Ciências e Tecnologia, Escola de Ciências Humanas e Sociais e Escola Superior de Enfermagem. Sendo, igualmente, entregue uma carta aos Diretores das instituições.

Para evitar possíveis enviesamentos dos resultados devido ao fator cansaço, os questionários (QVPM, CPIC, BSI e LCSCT) foram ordenados de modo aleatório em vários protocolos.

Aquando da administração do protocolo aos participantes foi realizada uma instrução *standard* tendo em conta o caráter voluntário da participação, os objetivos gerais do estudo, as instruções para o preenchimento do questionário de autorrelato e realçada a confidencialidade e anonimato das respostas. Foi, também, explicado que os resultados poderão ser trabalhados pelos responsáveis científicos e poderão ser objeto de publicação, contudo salientou-se que os elementos da identidade pessoal serão tratados de modo confidencial e será garantido o anonimato das suas respostas.

Para o tratamento dos dados (análises estatísticas) foi realizada uma codificação dos protocolos de autorrelato e construída uma base de dados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences*, versão 17.0 e ao programa *EQS for Windows*, versão 6.1 no sentido de realizar análises fatoriais confirmatórias dos instrumentos.

Inicialmente foram analisados todos os protocolos no sentido de eliminar aqueles que estavam incompletamente preenchidos ou perfeitamente preenchidos ao acaso. Posteriormente tornou-se fundamental assegurar a qualidade das observações e análises a realizar. Deste modo, realizou-se uma limpeza da amostra identificando possíveis *missings* e *outliers* prejudiciais ao estudo. Sendo que no caso de um participante ter mais de 10% de *missings* no protocolo era retirado da amostra.

Entende-se por *outliers* todas as observações que se encontram muito afastadas de outras e que conseqüentemente contaminam os resultados. Deste modo, foram realizadas as análises dos outliers multivariados com recurso à determinação de *Z-scores* e da distância de *Mahalanobis* (Field, 2005; Penny, 1996).

Antes da realização das análises procedeu-se à testagem da amostra, ou seja, foi testado se as observações da amostra em estudo se adequam apropriadamente a uma determinada distribuição teórica. Tendo por base o processo de inferência estatística da distribuição normal ou de Gauss que permite o recurso a testes paramétricos, verificou-se que para o estudo realizado a normalidade é assegurada tendo em vista os indicadores de Skeweness e Kurtosis que se situam entre -1 e 1. Também usamos o gráfico de linhas e pontos (*Q-Q plots*) para verificar a normalidade da amostra, estes demonstram uma relação linear, onde se observa que a nuvem de pontos se ajusta à reta. Bem como, utilizamos o diagrama de extremos e quartis (*box-plot*) que demonstram que a mediana está no centro da caixa e apresenta dois bigodes do mesmo tamanho, não se verificando valores atípicos. O recurso dos testes paramétricos foi também assegurado pelo tamanho da amostra. Segundo o teorema do limite central à medida que o tamanho (n) da amostra aumenta, a distribuição das médias amostrais tende a seguir uma distribuição normal. De um modo geral é possível assumirmos que em amostras superiores a 30 (amostras grandes) a distribuição da média amostral segue uma distribuição normal. Deste modo, a distribuição amostral é normal pelo que se torna passível recorrer a testes paramétricos (Dancey & Reidy, 2006; Maroco, 2007).

Inicialmente realizaram-se correlações intra e interescares das variáveis em estudo, de modo a determinar o grau de associação entres as variáveis. Posteriormente, realizaram-se análises de variância multivariada (MANOVAS), com o intuito de avaliar diferenças significativas, assim como recorreremos ao teste T para realizar análises diferenciais entre o género e a configuração familiar e cada uma das variáveis em estudo. Aquando desta análise recorreremos, também, ao valor do *eta square parcial* (η) para a interpretação dos resultados, uma vez que mede o efeito de cada fator, controlando, no entanto, outros fatores. Assim tivemos em conta os valores de critério de Cohen (1988), que assume para o teste t e para as ANOVAS e MANOVAS um valor de .01 para um pequeno efeito; .06 para um efeito moderado e .14 para um grande efeito

Foram, também, realizadas análises de *clusters* da vinculação aos pais. Os valores que foram obtidos nas dimensões avaliadas (inibição da exploração e individuação, ansiedade de separação e dependência e qualidade do laço emocional ao pai e à mãe) organizaram-se de modo a patentear os protótipos de vinculação preconizados por Bartholomew: seguro, preocupado, amedrontado e desinvestido. Para tal, foi usado um método combinatório que se realiza tendo em conta os centróides que são especificados a partir do método hierárquico (*Ward's method* e *Square Euclidean Distance*) e que posteriormente são utilizados como base através do método não-hierárquico (*K-Means Cluster Analysis*) para a criação de *clusters* (Hair, Aderson, Tatham & Black, 1998).

Na continuidade com o intuito de analisar os protótipos de vinculação da presente amostra foram realizadas análises diferenciais, nomeadamente análises de variância

univariada (ANOVA) para a idade e multivariada (MANOVAS) para as variáveis psicopatológicas e da coligação e triangulação. Também realizamos Qui-Quadrado para o género e configuração familiar.

Na sequência das análises foi realizada uma análise de regressão múltipla hierárquica tendo em conta variáveis como o género e a configuração familiar, os conflitos interparentais, a coligação e triangulação e a vinculação aos pais, sendo testado o seu papel preditor no desenvolvimento de psicopatologia e na qualidade de vinculação aos pais.

Segundo Cohen, Cohen, West e Alken (2003) as regressões múltiplas hierárquicas tornam-se uma mais-valia em prol da regressão simples, uma vez que todas as variáveis antecedentes são controladas. Assim podemos obter resultados de um modelo global que abarca todas as variáveis independentes que o investigador quer verificar se predizem determinada variável dependente. Deste modo, esta não se trata de uma análise parcelar, mas antes de uma análise integrativa na qual são tidos em conta os efeitos de todas as variáveis.

Sublinha-se que tornou-se necessário a codificação da variável género e configuração familiar em variáveis *dummy*. Deste modo, codificamos em “zero” o género feminino e “um” o género masculino, bem como codificamos as famílias intactas em “zero” e as famílias separadas/divorciadas em “um”.

Os *dummy* são utilizados no sentido de criar variáveis artificiais que adotam valores de 0 e 1, permitindo compreender eficazmente os resultados dos efeitos de determinada variável (Kemp, 2003; Missio & Jacobi, 2007).

Por fim, testou-se o papel moderador da vinculação aos pais na associação entre os conflitos interparentais e a psicopatologia. Tendo sido também elaborada a discussão do trabalho de acordo com os objetivos e hipóteses propostas. Realizando-se uma ponte entre os resultados obtidos e a revisão do estado da arte. Tornou-se, igualmente, pertinente, indicar quais as conclusões do estudo, bem como a recomendação para futuras investigações.

Capítulo III – Resultados

Introdução

O presente capítulo contempla a apresentação dos resultados, tendo por base os objetivos e metodologia referida anteriormente.

Nesta secção pretende-se compreender em que medida a qualidade da vinculação aos pais, a perceção de conflitos parentais pelos adolescentes/jovens adultos e a coligação e triangulação a uma das figuras parentais pode ter um efeito significativo no desenvolvimento de psicopatologia.

1. Associações entre a vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais, coligação e triangulação na relação com os pais.

Num primeiro momento pretendeu-se analisar as associações correlacionais existentes entre as diferentes dimensões do estudo. Para tal recorreremos ao Coeficiente de Correlação de *Pearson*, que nos consente determinar as associações entre variáveis, bem como a força e intensidade de uma associação entre duas ou mais variáveis (Pereira, 2006).

Inicialmente realizou-se uma análise das correlações intraescalares dos instrumentos utilizados no estudo (Tabela 12).

Deste modo, na análise das dimensões do *Questionário de Vinculação ao Pai e a Mãe*, observa-se que em relação ao **Pai a inibição da exploração e individualidade** apresenta uma associação significativa negativa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.116, p < .001$) e uma correlação baixa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = .196, p < .001$). Por sua vez, a **qualidade do laço emocional** correlaciona-se de forma positiva e forte com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = .754, p < .001$). No que concerne à **Mãe** as correlações intraescalares indicam que a **inibição da exploração e individualidade** patenteia uma associação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.223, p < .001$) e uma correlação baixa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = .109, p < .001$). Sendo que **qualidade do laço emocional** correlaciona-se de forma positiva e forte com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = .583, p < .001$) (Tabela 12).

Relativamente às correlações intraescalares das dimensões dos sintomas psicopatológicos verificam-se que a **somatização** se associa de forma positiva e forte com a **obsessões-compulsões** ($r = .671, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .641, p < .001$), a **depressão** ($r = .664, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .799, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .636, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .737, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .705, p < .001$). A dimensão **obsessões-compulsões** associa-se de forma positiva e forte com a **sensibilidade interpessoal** ($r = .723, p < .001$), a **depressão** ($r = .746, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .742, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .638, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .661, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .756, p < .001$). A **sensibilidade interpessoal** correlaciona-se de forma positiva e forte com a **depressão** ($r = .801, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .742, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .638, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .661, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .807, p < .001$). A **depressão** correlaciona-se de forma positiva e forte com a **ansiedade** ($r = .776, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .673, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .662, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .818, p < .001$). A dimensão **ansiedade** associa-se de forma positiva e forte com a **hostilidade** ($r = .724, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .773, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .801, p < .001$). A **hostilidade** correlaciona-se de forma positiva e forte com a **ansiedade fóbica** ($r = .578, p < .001$) e com a

ideação paranóide e **psicoticismo** ($r=.732, p<.001$). Por último a dimensão **ansiedade fóbica** correlaciona-se de forma positiva e forte com **ideação paranóide** e **psicoticismo** ($r=.682, p<.001$) (Tabela 12).

No que concerne à análise das dimensões da *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*, verifica-se que a **frequência** da ocorrência de conflitos interparentais está correlacionada de forma positiva e forte com a **intensidade** ($r=.792, p<.001$) e **resolução** ($r=.672, p<.001$) destes mesmos conflitos. A **intensidade** correlaciona-se de modo positivo e forte com a dimensão **resolução** ($r=.704, p<.001$) (Tabela 12).

No que diz respeito à análise das correlações intraescalares das dimensões do *Loyalty conflict Scale*, observa-se uma correlação significativa, positiva moderada da **coligação** com a **triangulação** ($r=.474, p<.001$) (Tabela 4).

Posteriormente, realizamos análises interescares entre as variáveis dos instrumentos em estudo (Tabela 12).

No que respeita às correlações entre a dimensão da *Loyalty conflict Scale*, nomeadamente a **coligação**, observa-se uma correlação positiva moderada com a **frequência** ($r=.454, p<.001$), **intensidade** ($r=.458, p<.001$) e **não resolução** ($r=.537, p<.001$) do *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*. Por sua vez, verificam-se correlações baixas com a **obsessões-sensibilidade** ($r=.206, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.207, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.203, p<.001$) e a **ideação paranóide** e **psicoticismo** ($r=.232, p<.001$), dimensões da *Brief Symptom Inventory*. E correlações positivas baixas com a **somatização** ($r=.196, p<.001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r=.198, p<.001$), a **depressão** ($r=.181, p<.001$) e a **ansiedade fóbica** ($r=.191, p<.001$) (Tabela 12).

Para a dimensão **triangulação** que faz parte da *Loyalty conflict Scale*, verifica-se uma correlação positiva moderada com a **frequência** ($r=.423, p<.001$), **intensidade** ($r=.384, p<.001$) e a **resolução** ($r=.321, p<.001$) do *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*. Por sua vez, verificam-se correlações baixas com a **somatização** ($r=.237, p<.001$), **sensibilidade interpessoal** ($r=.233, p<.001$), a **depressão** ($r=.229, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.252, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.224, p<.001$), **ansiedade fóbica** ($r=.226, p<.001$) e a **ideação paranóide** e **psicoticismo** ($r=.256, p<.001$), dimensões da *Brief Symptom Inventory*. E correlações positivas baixas com a **obsessões-compulsões** ($r=.182, p<.001$) (Tabela 12).

No que concerne à correlação da dimensão **coligação**, da *Loyalty conflict Scale*, e a qualidade da vinculação ao Pai observa-se uma associação positiva baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r=.112, p<.001$) e uma correlação negativa, forte com a **qualidade do laço emocional** ($r= -.474, p<.001$) e moderada negativa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r= -.343, p<.001$). Para a dimensão **triangulação** verifica-se uma correlação positiva, moderada com a **inibição da exploração e individualidade** ($r=.317,$

$p < .001$) e uma associação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.167$, $p < .001$). Todavia verifica-se uma associação positiva não significativa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = .001$, $p > .05$) (Tabela 12).

Por sua vez, relativamente a **qualidade da vinculação à Mãe**, verificamos para a dimensão **coligação** uma associação positiva baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .189$, $p < .001$), uma correlação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.290$, $p < .001$) e com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.114$, $p < .001$). Para a dimensão **triangulação** verifica-se uma correlação positiva, moderada com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .332$, $p < .001$), uma associação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.254$, $p < .001$) e uma correlação não significativa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.004$, $p > .05$) (Tabela 12).

No que concerne à correlação das **propriedades do conflito** e a **qualidade da vinculação ao Pai** todas as correlações são significativas, observando-se para a dimensão **frequência** (dos conflitos) uma associação positiva baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .230$, $p < .001$) e uma correlação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.274$, $p < .001$) e a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.152$, $p < .001$). Para a dimensão **intensidade** verifica-se uma correlação positiva, baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .187$, $p < .001$) e uma associação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.332$, $p < .001$) e a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.203$, $p < .001$). No que se refere à dimensão **resolução** observa-se uma correlação positiva, baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .076$, $p < .005$) e uma associação negativa, moderada com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.457$, $p < .001$) e baixa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.326$, $p < .001$). (Tabela 12).

Por sua vez, relativamente à correlação das **propriedades do conflito** e a **qualidade da vinculação à Mãe**, verificamos para a dimensão **frequência** uma associação positiva baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .236$, $p < .001$), uma correlação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.188$, $p < .001$) e uma associação não significativa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.030$, $p > .05$). Para a dimensão **intensidade** verifica-se uma correlação positiva baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .211$, $p < .001$), uma associação negativa baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.182$, $p < .001$) e uma correlação não significativa com a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.031$, $p > .05$). Face à dimensão **resolução** observa-se uma correlação positiva baixa com a **inibição da exploração e individualidade** ($r = .157$, $p < .001$) e uma associação negativa, baixa com a **qualidade do laço emocional** ($r = -.239$, $p < .001$) e a **ansiedade de separação e dependência** ($r = -.087$, $p < .005$) (Tabela 12).

No que concerne às dimensões da *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*, verifica-se que para a **frequência** correlações positivas baixas entre a **somatização** ($r = .226$,

$p < .001$), a **obsessões-compulsões** ($r = .232, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .255, p < .001$), a **depressão** ($r = .259, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .257, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .243, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .264, p < .001$), e uma correlação positiva baixa com a **ansiedade fóbica** ($r = .171, p < .001$). A dimensão a **intensidade** apresenta correlações positivas baixas entre a **somatização** ($r = .242, p < .001$), a **obsessões-compulsões** ($r = .216, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .265, p < .001$), a **depressão** ($r = .253, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .264, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .267, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .268, p < .001$), e uma correlação positiva baixa com a **ansiedade fóbica** ($r = .172, p < .001$). Todavia, no que concerne à dimensão **resolução** dos conflitos interparentais observam-se correlações positivas e baixas entre **somatização** ($r = .166, p < .001$), as **obsessões-compulsões** ($r = .177, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .187, p < .001$), a **depressão** ($r = .194, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .172, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .187, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .095, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .186, p < .001$) (Tabela 12).

No que concerne à correlação dos **sintomas psicopatológicos** e a **qualidade da vinculação ao Pai**, observa-se que a dimensão **inibição da exploração e individualidade** se correlaciona de forma positiva baixa com a **somatização** ($r = .169, p < .001$), a **obsessões-compulsões** ($r = .149, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .163, p < .001$), a **depressão** ($r = .156, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .168, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .243, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .146, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .201, p < .001$). Relativamente à dimensão **qualidade do laço emocional** correlaciona-se de forma negativa e baixa com a **somatização** ($r = -.149, p < .001$), a **obsessões-compulsões** ($r = -.137, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = -.144, p < .001$), a **depressão** ($r = -.154, p < .001$), a **ansiedade** ($r = -.123, p < .001$), a **hostilidade** ($r = -.158, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = -.124, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = -.156, p < .001$). Todavia no que concerne a dimensão **ansiedade de separação e dependência** observam-se correlações não significativas para todas as dimensões: **somatização** ($r = -.009, p > .05$), **obsessão-compulsão** ($r = .021, p > .05$), **sensibilidade interpessoal** ($r = .041, p > .05$), **depressão** ($r = .027, p > .05$), à **ansiedade** ($r = .013, p > .05$), à **hostilidade** ($r = -.023, p > .05$), **ansiedade fóbica** ($r = .017, p > .05$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .022, p > .05$) (Tabela 12).

Por sua vez, no que respeita à correlação dos **sintomas psicopatológicos** e a **qualidade da vinculação à Mãe**, observa-se que a dimensão **inibição da exploração e individualidade** se correlaciona de forma positiva baixa com a **somatização** ($r = .178, p < .001$), a **obsessões-compulsões** ($r = .178, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .211, p < .001$), a **depressão** ($r = .184, p < .001$), a **ansiedade** ($r = .172, p < .001$), a **hostilidade** ($r = .264, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = .124, p < .001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .224, p < .001$). Relativamente à dimensão **qualidade do laço emocional** correlaciona-se de forma negativa e

baixa com a **somatização** ($r = -.116, p < .001$), a **obsessões-compulsões** ($r = -.128, p < .001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = -.129, p < .001$), a **depressão** ($r = -.179, p < .001$), a **ansiedade** ($r = -.116, p < .001$), a **hostilidade** ($r = -.197, p < .001$), a **ansiedade fóbica** ($r = -.129, p < .001$) e a **ideação paranóide** e **psicoticismo** ($r = -.138, p < .001$). Todavia no que concerne a dimensão **ansiedade de separação e dependência** observam-se correlações não significativas quanto à **somatização** ($r = .056, p > .05$), à **depressão** ($r = .066, p > .05$), à **ansiedade** ($r = .063, p > .05$), à **hostilidade** ($r = .001, p > .05$) e à **ansiedade fóbica** ($r = -.066, p > .05$). Por outro lado observam-se correlações significativas, positivas e baixas face à **obsessões-compulsões** ($r = .076, p < .005$), à **sensibilidade interpessoal** ($r = .113, p < .001$) e à **ideação paranóide** e **psicoticismo** ($r = .083, p < .005$) (Tabela 12).

Tabela 12. Correlações intra e interescares das variáveis em estudo: vinculação aos pais, conflitos interparentais (propriedades do conflito), sintomas psicopatológicos e conflitos de lealdade

	LCSCT		CPIC					QVPM				BSI							
	Col	Tri	Prop. Conflitos			Pai	Mãe		Som	Obs	Sen	Dep	Ans	Hos	AnsF	Psic			
			Fre	Int	Res	IEI	QLE	ASD	IEI	QLE	ASD								
Col	1	.474**	.454**	.458**	.537**	.112**	-.474**	-.343**	.189**	-.290**	-.114**	.191**	.206**	.198**	.181**	.207**	.203**	.191**	.232**
Tri		1	.423**	.384**	.321**	.317**	-.167**	.001	.332**	-.254**	.004	.237**	.182**	.233**	.229**	.252**	.224**	.226**	.256**
Fre			1	.792**	.672**	.230**	-.274**	-.152**	.236**	-.188**	-.030	.226**	.232**	.255**	.259**	.257**	.243**	.171**	.264**
Int				1	.704**	.187**	-.332**	-.203**	.211**	-.182**	-.031	.242**	.216**	.265**	.253**	.264**	.267**	.172**	.268**
Res					1	.076*	-.457**	-.326**	.157**	-.239**	-.087*	.166**	.177**	.187**	.194**	.172**	.187**	.095**	.186**
IEI ^p						1	-.116**	.196**	.738**	-.213**	.070*	.169**	.149**	.163**	.156**	.168**	.243**	.146**	.201**
QLE ^p							1	.754**	-.191**	.442**	-.139**	-.149**	-.137**	-.144**	-.154**	-.123**	-.158**	-.124**	-.156**
ASD ^p								1	.146**	.264**	.518**	-.009	.021	.041	.027	.013	-.023	.017	.022
IEI ^m									1	-.223**	.109**	.178**	.178**	.211**	.184**	.172**	.264**	.124**	.224**
QLE ^m										1	.583**	-.116**	-.128**	-.129**	-.179**	-.116**	-.197**	-.129**	-.138**
ASD ^m											1	.056	.076*	.113**	.066	.063	.001	.066	.083*
Som												1	.671**	.641**	.664**	.799**	.636**	.737**	.705**
Obs													1	.723**	.746**	.742**	.638**	.661**	.756**
Sem														1	.801**	.742**	.638**	.661**	.807**
Dep															1	.776**	.673**	.662**	.818**
Ans																1	.724**	.773**	.801**
Hos																	1	.578**	.732**
AnsF																		1	.682**
Psic																			1

Nota: * $p < .005$; ** $p < .001$; N = 827

LCSCT - *Loyalty conflict Scale*: **Col** – coligação; **Tri** – triangulação; **CPIC** - *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale*; **Prop. Conflitos** – Propriedades dos Conflitos **Fre** – frequência; **Int** – intensidade; **Res** – resolução; **QVPM** – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe; **IEI** - inibição da exploração e individualidade; **QLE** - qualidade do laço emocional; **ASD** - ansiedade de separação e dependência; nas dimensões do QVPM em linha as que estão ^p fazem referência ao pai e as que estão ^m fazem referência à mãe; **BSI** - *Brief Symptom Inventory*; **Som** – somatização; **Obs** - obsessões-compulsões; **Sen** - sensibilidade interpessoal; **Dep** – depressão; **Ans** – ansiedade; **Hos** – hostilidade; **AnsF** - ansiedade fóbica; **Psic** - ideação paranóide e psicoticismo; O sombreado representa as correlações entre as dimensões do próprio instrumento.

2. Associações entre a percepção dos conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia independentemente da configuração familiar

Ao correlacionar as dimensões da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* e as dimensões da *Brief Symptom Inventory* tendo em consideração as diferentes configurações familiares observam-se correlações significativas (Tabela 13).

Tendo em conta um agregado familiar **intacta** as correlações entre as dimensões de cada uma das escalas, verifica-se que face à **frequência** dos conflitos interparentais, esta correlaciona-se de forma positiva e baixa com a **somatização** ($r=.246, p<.001$), a **obsessões-compulsões** ($r=.240, p<.001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r=.298, p<.001$), a **depressão** ($r=.289, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.282, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.230, p<.001$), a **ansiedade fóbica** ($r=.214, p<.001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r=.287, p<.001$). Do igual modo, no que concerne a dimensão **intensidade** da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale*, esta associa-se de modo positivo e baixo com a **somatização** ($r=.219, p<.001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r=.276, p<.001$), a **depressão** ($r=.242, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.243, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.238, p<.001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r=.250, p<.001$) e uma correlação positiva baixa com a **obsessões-compulsões** ($r=.186, p<.001$) e a **ansiedade fóbica** ($r=.131, p<.001$). Por último, no que respeita à dimensão **resolução** da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale*, esta correlaciona-se de modo positivo e baixo com a **somatização** ($r=.150, p<.001$), a **obsessões-compulsões** ($r=.177, p<.001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r=.190, p<.001$), a **depressão** ($r=.187, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.177, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.171, p<.001$), a **ansiedade fóbica** ($r=.096, p<.005$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r=.165, p<.001$) (Tabela 13).

Todavia num agregado familiar **divorciado**, no que concerne às correlações entre as dimensões da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* e as dimensões do *Brief Symptom Inventory*, observa-se que a **frequência** dos conflitos interparentais se correlaciona de forma positiva, baixa com a **obsessões-compulsões** ($r=.157, p<.005$), a **sensibilidade interpessoal** ($r=.140, p<.005$), a **depressão** ($r=.183, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.171, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.177, p<.001$), e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r=.174, p<.001$). No entanto, não se verifica uma associação significativa com a **somatização** ($r=.125$), e a **ansiedade fóbica** ($r=.061, p>.05$). Perante a dimensão **intensidade** dos conflitos interparentais, observam-se associações positivas e baixas com a **somatização** ($r=.206, p<.001$), a **obsessões-compulsões** ($r=.202, p<.001$), a **sensibilidade interpessoal** ($r=.214, p<.001$), a **depressão** ($r=.241, p<.001$), a **ansiedade** ($r=.260, p<.001$), a **hostilidade** ($r=.207, p<.001$), a **ansiedade fóbica** ($r=.208, p<.001$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r=.254, p<.001$). Todavia, no que respeita à dimensão **resolução** da *Children's Perception of Interparental Conflict Scale*, na sua maioria observam-se correlações não significativas, positivas e baixas com a **somatização** ($r=.070, p>.05$), a **obsessões-compulsões** ($r=.079$,

$p > .05$), a **sensibilidade interpessoal** ($r = .117$, $p > .05$), a **ansiedade** ($r = .076$, $p > .05$), a **hostilidade** ($r = .056$, $p > .05$) e a **ansiedade fóbica** ($r = .017$, $p > .05$). Verificando-se correlações significativas, positivas baixas com a **depressão** ($r = .140$, $p < .005$) e a **ideação paranóide e psicoticismo** ($r = .134$, $p < .005$) (Tabela 13).

Tabela 13. Correlações interescares entre as variáveis do *Brief Symptom Inventory* e do *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (propriedades dos conflitos)

		BSI							
		Som	Obs	Sem	Dep	Ans	Hos	AnsF	Psic
Famílias Intactas									
CPIC	Fre	.246**	.240**	.298**	.281**	.282**	.230**	.214**	.287**
	Int	.219**	.186**	.276**	.242**	.243**	.238**	.131**	.250**
	Res	.150**	.177**	.190**	.187**	.177**	.171**	.096*	.165**
Famílias Divorciadas									
CPIC	Freq	.125	.157*	.140*	.183**	.171**	.177**	.061	.174**
	Int	.206**	.202**	.214**	.241**	.260**	.207**	.208**	.254**
	Res	.070	.079	.117	.140*	.076	.056	.017	.134*

Nota: * $p < .005$; ** $p < .001$; N = 827

CPIC - *Children's Perception of Interparental Conflict Scale*; **Fre** – frequência; **Int** – intensidade; **Res** – resolução; **BSI** - *Brief Symptom Inventory*; **Som** – somatização; **Obs** - obsessões-compulsões; **Sen** - sensibilidade interpessoal; **Dep** – depressão; **Ans** – ansiedade; **Hos** – hostilidade; **AnsF** - ansiedade fóbica; **Psic** - ideação paranóide e psicoticismo;

3. Diferenças entre a qualidade de vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação e psicopatologia face às variáveis sociodemográficas

No sentido de testar diferenças das variáveis vinculação aos pais, conflitos interparentais, coligação e triangulação e psicopatologia em função da idade, escolaridade foram desenvolvidas análises diferenciais, realizando-se para tal análises de variância multivariada (MANOVAS).

Do mesmo modo, realizaram-se análises de diferenças cada um dos instrumentos e o género bem como entre a configuração familiar e cada instrumento utilizando o teste *T*.

3.1 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas

Foram, então, realizados teste *T* entre as variáveis **inibição da exploração e individualidade** em função da variável **género**. No que concerne ao **pai**, a variável inibição da exploração e individualidade apresenta diferenças significativa em função do género $t(824) = -3.850$, $p = .000$ IC 95% [-.42, -.14]. No que respeita à **mãe** observam-se diferenças significativas $t(822) = -3.338$, $p = .001$ IC 95% [-.39, -.10]. Compreendendo-se que os rapazes apresentam

maiores níveis de inibição da exploração e individualidade aos pais comparativamente com as raparigas (Tabela 14).

Face às variáveis **qualidade do laço emocional** em função da variável **género**, nomeadamente a qualidade do laço emocional ao **pai** não se verificaram diferenças significativas $t(825) = .821$; $p = .412$ IC 95% [-.11, .26]. Relativamente à **mãe** observam-se diferenças significativas $t(426) = 4.335$, $p = .000$ IC 95% [.16, .42], sendo que as raparigas apresentam maior qualidade do laço emocional à mãe comparativamente com os rapazes (Tabela 14).

Na variável **ansiedade de separação e dependência** em função da variável **género**, no que se refere à ansiedade de separação e dependência ao **pai** não se verificaram diferenças significativas $t(825) = -.236$, $p = .814$. Face à **mãe** observam-se diferenças significativas entre a variável **ansiedade de separação e dependência** em função da variável **género** $t(822) = 3.108$, $p = .002$ IC 95% [.08, .35], observando-se que o género feminino apresenta maior níveis de ansiedade de separação e dependência comparativamente com o género masculino (Tabela 14).

Tabela 14. Análise diferencial da vinculação aos pais em função do género

		Género	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas
QVP	IEI	1-Feminino	2.86	.98	[-.42 , -.14]	1<2
		2-Masculino	3.14	.91		
	IEI	1-Feminino	3.00	1.01	[-.39 , -.10]	1<2
		2-Masculino	3.25	.92		
QVM	QLE	1-Feminino	5.34	.79	[.16 , .42]	1>2
		2-Masculino	5.05	.91		
	ASD	1-Feminino	4.17	.91	[.08 , .35]	1>2
		2-Masculino	3.95	.92		

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **QVP** – vinculação ao pai; **QVM** – vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência

Realizamos, também, análises de variância multivariada (MANOVAS) entre as variáveis da **vinculação aos pais** em função da variável **idade**, deste modo foram criados três grupos de idade (dos 13 aos 17 anos de idade; dos 18 anos aos 22 anos de idade; e dos 23 aos 25 anos de idade) (Tabela 15).

Os resultados obtidos indicam que existe uma diferença significativa entre as variáveis da **vinculação ao pai** em função da variável **idade** $F(6, 1644) = 9.449$, $p = .000$; $\eta = .033$ e entre as variáveis da **vinculação à mãe** em função da variável **idade** $F(6, 1640) = 11.224$, $p = .000$; $\eta = .039$ (Tabela 15).

Relativamente à **inibição da exploração e individualidade** ao **pai** em função da variável **idade** observam-se diferenças significativas $F(2, 823) = 13.349$, $p = .000$; $\eta = .031$.

Compreendendo-se que o grupo de adolescentes/jovens adultos dos 13 aos 17 anos ($M=3.10$, $IC95\%$ [3.01, 3.19]) apresentam maiores níveis de inibição da exploração e individualidade comparativamente com os outros dois grupos, nomeadamente dos 18 aos 22 anos ($M=2.77$, $IC95\%$ [2.67, 2.88]) e dos 23 aos 25 anos ($M=2.69$, $IC95\%$ [2.45, 2.93]). Na variável **qualidade do laço emocional ao pai** em função da variável **idade** observam-se diferenças significativas entre os grupos $F(2, 823)= 8.040$, $p=.000$; $\eta =.019$. Sendo que o grupo dos 18 aos 22 anos ($M=5.09$, $IC95\%$ [4.96, 5.23]) manifesta maior qualidade do laço emocional relativamente ao grupo dos 13 aos 17 anos ($M=4.74$, $IC95\%$ [4.63, 4.85]). Para a variável **ansiedade de separação e dependência ao pai** em função da variável **idade**, denotam-se diferenças significativas entre os grupos $F(2, 823)= 4.426$, $p=.012$; $\eta =.011$. Observando-se que o grupo dos 13 aos 17 anos ($M=3.83$, $IC95\%$ [3.73, 3.93]) aduz maior ansiedade de separação e dependência face ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M=3.43$, $IC95\%$ [3.16, 3.70]), bem como o grupo dos 18 aos 22 anos ($M=3.88$, $IC95\%$ [3.76, 4.00]) ostentam maiores níveis de ansiedade de separação e dependência comparativamente ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M=3.43$, $IC95\%$ [3.16, 3.70]) (Tabela 15).

No que diz respeito à **inibição da exploração e individualidade à mãe** em função da variável **idade** observam-se diferenças significativas $F(2, 821)= 27.137$, $p=.000$; $\eta =.062$. Compreendendo-se que o grupo de adolescentes/jovens adultos dos 13 aos 17 anos ($M=4.74$, $IC95\%$ [4.63, 4.85]) apresentam maiores níveis de inibição da exploração e individualidade comparativamente com os outros dois grupos, especificamente dos 18 aos 22 anos ($M=2.82$, $IC95\%$ [2.71, 2.93]) e dos 23 aos 25 anos ($M=2.73$, $IC95\%$ [2.49, 2.97]). Na variável **qualidade do laço emocional à mãe** em função da variável **idade** verificam-se diferenças significativas entre os grupos $F(2, 821)= 4.341$, $p=.014$; $\eta =.010$. Sucedendo-se que o grupo dos 18 aos 22 anos ($M=5.35$, $IC95\%$ [5.26, 5.44]) manifesta maior qualidade do laço emocional relativamente ao grupo dos 13 aos 17 anos ($M=5.17$, $IC95\%$ [5.09, 5.25]). No que concerne à variável **ansiedade de separação e dependência à mãe** em função da variável **idade**, esta aufere diferenças significativas entre os grupos $F(2, 821)= 3.857$, $p=.022$; $\eta =.009$. Sendo que o grupo dos 13 aos 17 anos ($M=4.17$, $IC95\%$ [4.09, 4.26]) aduz maior ansiedade de separação e dependência face ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M=3.88$, $IC95\%$ [3.65, 4.11]) (Tabela 15).

Tabela 15. Análise diferencial da vinculação aos pais em função da idade

	Idade grupo (anos)	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas	
IEI	(1) 13 - 17	3.10	.96	[3.01 , 3.19]		
	(2) 18 - 22	2.77	.91	[2.67 , 2.88]	1>2	
	(3) 23 - 25	2.69	1.01	[2.45 , 2.93]	1>3	
QVP	QLE	(1) 13 - 17	4.74	1.33	[4.63 , 4.85]	
		(2) 18 - 22	5.09	1.04	[4.96 , 5.23]	2>1
		(3) 23 - 25	4.76	1.29	[4.46 , 5.07]	
ASD	(1) 13 - 17	3.83	1.13	[3.73 , 3.93]	1>3	
	(2) 18 - 22	3.88	.99	[3.76 , 4.00]	2>3	
	(3) 23 - 25	3.43	1.17	[3.16 , 3.70]		
IEI	(1) 13 - 17	3.30	.96	[3.21 , 3.38]	1>2	
	(2) 18 - 22	2.82	.92	[2.71 , 2.93]	1>3	
	(3) 23 - 25	2.73	1.10	[2.49 , 2.97]		
QVM	QLE	(1) 13 - 17	5.17	.93	[5.09 , 5.25]	
		(2) 18 - 22	5.35	.73	[5.26 , 5.44]	2>1
		(3) 23 - 25	5.30	.62	[5.10 , 5.51]	
ASD	(1) 13 - 17	4.17	.93	[4.09 , 4.26]		
	(2) 18 - 22	4.04	.88	[3.94 , 4.15]	1>3	
	(3) 23 - 25	3.88	.95	[3.65 , 4.11]		

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **QVP** – vinculação ao pai; **QVM** – vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência

Do mesmo modo realizamos análises de variância multivariada (MANOVAS) entre as variáveis da **vinculação aos pais** em função da variável **escolaridade**, deste modo foram criados três grupos: 3º ciclo, ensino secundário e ensino superior (Tabela 15).

Os resultados obtidos apontam que existe uma diferença significativa entre as variáveis da **vinculação ao pai** em função da variável **escolaridade** $F(6, 1644) = 12.986, p = .000; \eta = .045$ e entre as variáveis da **vinculação à mãe** em função da variável **escolaridade** $F(6, 1640) = 16.285, p = .000; \eta = .056$ (Tabela 16).

Assim observam-se diferenças significativas entre a **inibição da exploração e individualidade ao pai** em função da variável **escolaridade** $F(2, 823) = 19.880, p = .000; \eta = .046$. Compreendendo-se que o grupo de adolescentes/jovens adultos que frequenta o 3º ciclo ($M = 3.16, IC95\% [3.06, 3.27]$) apresenta maiores níveis de inibição da exploração e individualidade ao pai comparativamente com os outros dois grupos, nomeadamente do ensino secundário ($M = 3.02, IC95\% [2.89, 3.15]$) e do ensino superior ($M = 2.69, IC95\% [2.59, 2.80]$). Na variável **qualidade do laço emocional ao pai** em função da variável **escolaridade** observam-se diferenças significativas entre os grupos $F(2, 823) = 9.127, p = .000; \eta = .022$. Sendo que o grupo 3º ciclo ($M = 4.76, IC95\% [4.62, 4.90]$) manifesta menor qualidade do laço emocional relativamente ao grupo ensino superior ($M = 5.10, IC95\% [4.97, 5.24]$), bem com o grupo ensino secundário ($M = 4.69, IC95\% [4.53, 4.86]$) expressa menor qualidade do laço emocional comparativamente ao grupo ensino superior ($M = 5.10, IC95\% [4.97, 5.24]$). Para a variável **ansiedade de separação e dependência ao pai** em função da variável **escolaridade**

denotam-se diferenças significativas entre os grupos $F(2, 823) = 3.114, p = .045; \eta = .008$. Sendo que o grupo 3º ciclo ($M = 3.93, IC95\% [3.80, 4.05]$) aduz maior ansiedade de separação e dependência face ao grupo do ensino secundário ($M = 3.68, IC95\% [3.54, 3.83]$) (Tabela 16).

Relativamente à vinculação à mãe observam-se diferença significativa entre a **inibição da exploração e individualidade à mãe** em função da variável **escolaridade** $F(2, 821) = 34.691, p = .000; \eta = .078$. Compreendendo-se que o grupo de adolescentes/jovens adultos do 3º ciclo ($M = 3.35, IC95\% [3.24, 3.46]$) apresenta maiores níveis de inibição da exploração e individualidade comparativamente com o grupo ensino superior ($M = 2.74, IC95\% [2.63, 2.84]$), bem como grupo ensino secundário ($M = 3.21, IC95\% [3.08, 3.34]$) expõem maiores níveis face ao ensino superior ($M = 2.74, IC95\% [2.63, 2.84]$). Na variável **qualidade do laço emocional à mãe** em função da variável **escolaridade**, verificam-se diferenças significativas entre os grupos $F(2, 821) = 13.143, p = .000; \eta = .031$. Sucedendo-se que o grupo do 3º ciclo ($M = 5.10, IC95\% [5.00, 5.19]$) apresenta menores níveis de inibição da exploração e individualidade comparativamente com o grupo ensino superior ($M = 5.43, IC95\% [5.34, 5.52]$), assim como grupo ensino secundário ($M = 5.19, IC95\% [5.08, 5.30]$) apresenta níveis inferiores face ao ensino superior ($M = 5.43, IC95\% [5.34, 5.52]$). No que diz respeito à variável **ansiedade de separação e dependência à mãe** em função da variável **escolaridade**, esta não auffer diferenças significativas entre os grupos $F(2, 821) = 2.254, p = .106; \eta = .005$ (Tabela 16).

Tabela 16. Análise diferencial da vinculação aos pais em função da escolaridade

		Escolaridade	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas
IEI		1–3º Ciclo	3.16	.96	[3.06 , 3.27]	1>3
		2–Ensino secundário	3.02	.93	[2.89 , 3.15]	2>3
		3–Ensino superior	2.69	.93	[2.59 , 2.80]	
QVP	QLE	1–3º Ciclo	4.76	1.30	[4.62 , 4.90]	1<3
		2–Ensino secundário	4.69	1.29	[4.53 , 4.86]	2<3
		3–Ensino superior	5.10	1.09	[4.97 , 5.24]	
ASD		1–3º Ciclo	3.93	1.13	[3.80 , 4.05]	
		2–Ensino secundário	3.68	1.07	[3.54 , 3.83]	1>2
		3–Ensino superior	3.80	1.05	[3.68 , 3.92]	
QVM	IEI	1–3º Ciclo	3.35	.97	[3.24 , 3.46]	1>3
		2–Ensino secundário	3.21	.96	[3.08 , 3.34]	2>3
		3–Ensino superior	2.74	.92	[2.63 , 2.84]	
QLE		1–3º Ciclo	5.10	1.00	[5.00 , 5.19]	1<3
		2–Ensino secundário	5.19	.87	[5.08 , 5.30]	2<3
		3–Ensino superior	5.43	.58	[5.34 , 5.52]	

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **QVP** – vinculação ao pai; **QVM** – vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência

configuração familiar.

Não se observam diferença significativa entre a **inibição da exploração e individualidade ao pai** em função da variável **configuração familiar** $t(816) = .726, p = .468$.

Na variável **qualidade do laço emocional ao pai** em função da variável **configuração familiar** verificaram-se diferenças significativas $t(292) = 10.838$, $p = .000$, $IC\ 95\% [-.98, 1.42]$, bem como na **variável ansiedade de separação e dependência ao pai** $t(336) = 8.260$, $p = .000$ $IC\ 95\% [-.59, .95]$. Podendo compreender-se que os adolescentes/jovens adultos de famílias intactas apresentam maiores níveis da qualidade do laço emocional, mas também níveis mais elevados ansiedade de separação e dependência ao pai. No que diz respeito à vinculação à **mãe** observa-se diferença significativa entre a **inibição da exploração e individualidade** em função da variável **configuração familiar** $t(815) = -2.616$, $p = .009$ $IC\ 95\% [-.34, -.05]$. Compreendendo-se que os adolescentes/jovens adultos de famílias divorciadas apresentam maiores níveis de inibição da exploração e individualidade comparativamente com os jovens de famílias intactas. Do mesmo modo, observa-se diferenças significativas para a variável **qualidade do laço emocional à mãe** em função da variável **configuração familiar** $t(332) = 3.950$; $p = .000$ $IC\ 95\% [.15, .45]$, sendo que os jovens de famílias intactas apresentam maior qualidade do laço emocional à mãe relativamente com aos jovens de famílias divorciadas. No entanto para a **variável ansiedade de separação e dependência à mãe** em função da variável **configuração familiar** não se observam diferenças significativas $t(380) = .551$, $p = .582$ (Tabela 17).

Tabela 17. Análise diferencial da vinculação aos pais em função da configuração

		Configuração familiar	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas
QVP	QLE	1-Intactas	5.23	.78	[-.98 , 1.42]	1>2
		2-Divorciadas	4.03	1.65		
	ASD	1-Intactas	4.04	.87	[.59 , .95]	1>2
		2-Divorciadas	3.27	1.34		
QVM	IEI	1-Intactas	3.02	.96	[-.34 , -.05]	1<2
		2-Divorciadas	3.21	1.02		
	QLE	1-Intactas	5.34	.70	[.15 , .45]	1>2
		2-Divorciadas	5.04	1.08		

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança; **QVP** – vinculação ao pai; **QVM** – vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência

3.2 Análises diferenciais dos conflitos interparentais em função das variáveis sociodemográficas

Foram realizados teste *T* entre as variáveis respeitantes às **propriedades dos conflitos** em função da variável **género**, não foi possível observarmos diferenças significativas nomeadamente entre a **frequência** $t(825) = .940$, $p = .347$, a **intensidade** $t(823) = .553$, $p = .581$ e a **resolução** $t(533) = 1.607$, $p = .109$.

Realizamos análises de variância multivariada (MANOVAS) para as variáveis respeitantes às **propriedades dos conflitos** em função da variável **idade**. Os resultados obtidos indicam que existem uma diferença significativa $F(6, 1640) = 2.287, p = .033; \eta = .008$ (Tabela 18). Verificando-se apenas diferenças significativas entre a variável ausência de **resolução** em função da variável **idade** $F(2, 821) = 4.068, p = .017; \eta = .010$. Sendo que o grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 3.09, IC95\% [2.29, 3.19]$) percebe menor ausência de resolução dos conflitos relativamente ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M = 3.46, IC95\% [3.18, 3.74]$), assim como o grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 3.01, IC95\% [2.89, 3.14]$), também, percebe menor resolução dos conflitos relativamente ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M = 3.46, IC95\% [3.18, 3.74]$) (Tabela 18).

No entanto, não se observam diferenças significativas entre a variável **frequência** em função da variável **idade** $F(2, 821) = .931, p = .395; \eta = .002$ e a **intensidade** $F(2, 821) = 1.725, p = .179; \eta = .004$.

Tabela 18. Análise diferencial da configuração familiar em função da idade

	Idade grupo (anos)	M	DP	IC95%	Sentido das diferenças Significativas
Resolução	(1) 13 – 17	3.09	1.16	[2.99 – 3.19]	
	(2) 18 – 22	3.01	1.07	[2.89 – 3.14]	1<3
	(3) 23 – 25	3.46	1.10	[3.18 – 3.74]	2<3

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança.

No que concerne as variáveis respeitantes às **propriedades dos conflitos** em função da variável da **escolaridade**, os resultados obtidos reportam que não existem diferenças significativas $F(6, 1640) = 1.439, p = .196; \eta = .005$. Assim, não se observam diferenças significativas entre **frequência** $F(2, 821) = .174, p = .840; \eta = .000$, a **intensidade** $F(2, 821) = 1.545, p = .214; \eta = .004$ e a **resolução** $F(2, 821) = .970, p = .380; \eta = .002$ face à **escolaridade** dos jovens.

Realizamos testes *T* entre as variáveis das **propriedades dos conflitos** em função da variável **configuração familiar** (Tabela 19).

Deste modo, observam-se diferenças significativas entre a **frequência** e a **configuração familiar** $t(817) = 8.041, p = .000, IC\ 95\% [-.79, -.48]$ sendo que os adolescentes/jovens adultos de famílias divorciadas percebem maior frequência dos conflitos interparentais. Para a variável **intensidade** face à **configuração familiar** verificaram-se diferenças significativas $t(815) = -11.314, p = .000, IC\ 95\% [-.93, -.66]$, bem como para a variável **resolução** face à **configuração familiar** $t(816) = 13.757, p = .000, IC\ 95\% [-1.22, -.91]$. Podendo compreender-se que os adolescentes/jovens adultos de famílias divorciadas percebem maiores níveis de intensidade dos conflitos interparentais comparativamente com

os filhos de famílias intactas. No entanto, os adolescentes/jovens adultos de famílias divorciadas, também, percebem maior dificuldade de resolução dos conflitos interparentais comparativamente com os filhos de famílias intactas (Tabela 19).

Tabela 19. Análise diferencial conflito interparental em função da configuração familiar

Configuração familiar	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>IC 95%</i>	Sentido das diferenças Significativas
Frequência				
1-Intactas	2,79	1.00	[-.79 , -.48]	1<2
2-Divorciadas	3.43	1.12		
Intensidade				
1-Intactas	2.66	.90	[-.93 , -.66]	1<2
2-Divorciadas	3.45	.97		
Resolução				
1-Intactas	2.77	1.00	[-1.22 , -.91]	1<2
2-Divorciadas	3.84	1.05		

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

3.3 Análises diferenciais da psicopatologia em função das variáveis sociodemográficas

Foram realizados teste *T* entre as variáveis respeitantes à **psicopatologia** em função da variável **género**. Deste modo observam-se diferenças significativas entre a **somatização** $t(825) = 3.109$, $p = .002$ *IC 95%* [.06, .26], **obsessão-compulsão** $t(825) = 2.322$, $p = .020$ *IC 95%* [.02, .25] **sensibilidade interpessoal** $t(824) = 3.934$, $p = .000$ *IC 95%* [.13, .38], **depressão** $t(519) = 4.247$, $p = .000$ *IC 95%* [.15, .40], **ansiedade** $t(824) = 4.357$, $p = .000$ *IC 95%* [.13, .35], **ansiedade fóbica** $t(825) = 2.359$, $p = .019$ *IC 95%* [.02, .22] e **ideação paranóide e psicoticismo** $t(825) = 3.460$, $p = .001$ *IC 95%* [.09, .31] em função da variável **género**. Todavia no que respeita à **hostilidade** face à variável **género** não se observam diferenças significativas $t(825) = 1.798$, $p = .073$ *IC 95%* [-.01, .24]. Deste modo, compreende-se que o género feminino apresenta valores significativamente superiores de psicopatológicos comparativamente com o género masculino (Tabela 20).

Tabela 20. Análise diferencial da psicopatologia em função do gênero

	Gênero	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas
Som	1-Feminino	1.73	.69	[.06 , .26]	1>2
	2-Masculino	1.57	.69		
Obs	1-Feminino	2.20	.75	[.02 , .25]	1>2
	2-Masculino	2.07	.80		
Sen	1-Feminino	2.03	.87	[.13 , .38]	1>2
	2-Masculino	1.77	.82		
Dep	1-Feminino	2.10	.91	[.15 , .40]	1>2
	2-Masculino	1.83	.84		
Ans	1-Feminino	1.97	.74	[.13 , .35]	1>2
	2-Masculino	1.73	.71		
AnsF	1-Feminino	1.59	.67	[.02 , .22]	1>2
	2-Masculino	1.47	.68		
Psic	1-Feminino	2.05	.77	[.09 , .31]	1>2
	2-Masculino	1.85	.74		

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **Som** – somatização; **Obs** – obsessão-compulsão; **Sen** – sensibilidade interpessoal; **Dep** – depressão; **Ans** – ansiedade; **AnsF** – ansiedade fóbica; **Psic** – ideação paranóide e psicoticismo

Nas variáveis respeitantes à **psicopatologia** em função da variável **idade**, os resultados obtidos indicam que não existem diferenças significativas $F(16, 1632) = 3.421$, $p = .196$; $\eta = .032$ (Tabela 21). Deste modo, não se observam diferenças significativas entre a obsessão-compulsão $F(2, 822) = .313$, $p = .732$; $\eta = .001$, a sensibilidade interpessoal $F(2, 822) = .825$, $p = .439$; $\eta = .002$, a depressão $F(2, 822) = .899$, $p = .407$; $\eta = .002$ e a ansiedade $F(2, 822) = 1.222$, $p = .295$; $\eta = .003$ face à idade.

Todavia, quando analisado o teste de *Scheffe* (post hoc) observa-se uma diferença significativa em algumas variáveis relativas à **psicopatologia** em função da variável **idade** como: a **somatização** $F(2, 822) = 3.205$, $p = .041$; $\eta = .008$, verificando-se que esta apresenta maior prevalência no grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 1.73$, $IC95\%$ [1.67, 1.79]) comparativamente com o grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 1.61$, $IC95\%$ [1.53, 1.68]); a **hostilidade** $F(2, 822) = 12.745$, $p = .000$; $\eta = .030$, onde se verificando, tal como na variável anterior, uma maior prevalência no grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 2.18$, $IC95\%$ [2.10, 2.26]) comparativamente com o grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 1.87$, $IC95\%$ [1.78, 1.96]); a **ansiedade fóbica** $F(2, 822) = 3.977$, $p = .019$; $\eta = .010$, na qual se verifica uma maior prevalência no grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 1.61$, $IC95\%$ [1.55, 1.68]) comparativamente com o grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 1.47$, $IC95\%$ [1.40, 1.55]); e por último a **ideação paranóide e psicoticismo** $F(2, 822) = 3.860$, $p = .021$; $\eta = .009$, onde se observa uma maior prevalência no grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 2.05$, $IC95\%$ [1.98, 2.12]) comparativamente com o grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 1.90$, $IC95\%$ [1.81, 1.98]) (Tabela 21).

Tabela 21. Análise diferencial da psicopatologia em função da idade

	Idade grupo (anos)	M	DP	IC95%	Sentido das diferenças Significativas
Som	(1) 13 - 17	1.73	.72	[1.67 , 1.79]	1>2
	(2) 18 - 22	1.61	.62	[1.53 , 1.68]	
	(3) 23 - 25	1.75	.84	[1.58 , 1.92]	
Hos	(1) 13 - 17	2.18	.90	[2.10 , 2.26]	1>2
	(2) 18 - 22	1.87	.69	[1.78 , 1.96]	
	(3) 23 - 25	1.98	.94	[1.77 , 2.19]	
AnsF	(1) 13 - 17	1.61	.72	[1.55 , 1.68]	1>2
	(2) 18 - 22	1.47	.59	[1.40 , 1.55]	
	(3) 23 - 25	1.57	.74	[1.40 , 1.74]	
Psic	(1) 13 - 17	2.05	.80	[1.98 , 2.12]	1>2
	(2) 18 - 22	1.90	.70	[1.81 , 1.98]	
	(3) 23 - 25	1.97	.77	[1.78 , 2.16]	

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **Som** – somatização; **Hos** – hostilidade; **AnsF** – ansiedade fóbica; **Psic** – ideação paranóide e psicoticismo

No que concerne as variáveis respeitantes à **psicopatologia** em função da variável da **escolaridade** (organizada em grupos), os resultados obtidos reportam que existem diferenças significativas $F(16, 1632) = 3.567, p = .000; \eta = .034$ (Tabela 22). Nomeadamente na variável **hostilidade** face à **escolaridade** $F(2, 822) = 9.817, p = .000; \eta = .023$, onde se observa que o 3º ciclo ($M = 2.17, IC95\% [2.07, 2.26]$) evidencia uma maior prevalência da hostilidade relativamente ao ensino superior ($M = 1.89, IC95\% [1.80, 1.98]$), assim como o ensino secundário ($M = 2.12, IC95\% [2.01, 2.23]$), também, apresenta maior prevalência da hostilidade relativamente ao ensino superior ($M = 1.89, IC95\% [1.80, 1.98]$). E na **ideação paranóide e psicoticismo** face à **escolaridade** $F(2, 822) = 3.849, p = .022; \eta = .009$, compreendendo-se que o 3º ciclo ($M = 2.06, IC95\% [1.98, 2.15]$) evidencia uma maior prevalência de ideação paranóide e psicoticismo relativamente ao ensino superior ($M = 1.90, IC95\% [1.81, 1.98]$) (Tabela 22).

Todavia, não se observam diferenças significativas entre alguma **psicopatologia** em função da variável da **escolaridade**, como: a somatização $F(2, 822) = 2.728, p = .661; \eta = .007$, a obsessão-compulsão $F(2, 822) = .258, p = .773; \eta = .001$, a sensibilidade interpessoal $F(2, 822) = .432, p = .650; \eta = .001$, a depressão $F(2, 822) = .874, p = .418; \eta = .002$, a ansiedade $F(2, 822) = .172, p = .842; \eta = .000$ e a ansiedade fóbica $F(2, 822) = 1.445, p = .236; \eta = .004$.

Tabela 22. Análise diferencial da psicopatologia em função da escolaridade

	Escolaridade	M	DP	IC95%	Sentido das diferenças Significativas
Hos	1-3º Ciclo	2.17	.89	[2.07 – 2.26]	
	2-Ensino secundário	2.12	.89	[2.01 – 2.23]	1>3
	3-Ensino superior	1.89	.74	[1.80 – 1.98]	2>3
Psic	1-3º Ciclo	2.06	.80	[1.98 – 2.15]	
	2-Ensino secundário	2.01	.76	[1.91 – 2.11]	1>3
	3-Ensino superior	1.90	.72	[1.81 – 1.98]	

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **Som** – somatização; **Hos** - hostilidade; **Psic** – ideação paranóide e psicoticismo

Realizamos testes *T* entre as variáveis dos **sintomas psicopatológicos** em função da variável **configuração familiar**. Assim verificamos que existem diferenças significativas relativamente à **somatização** $t(376) = -4.072$, $p = .000$ IC 95% [-.35, -.12], à **obsessão-compulsão** $t(415) = -3.182$, $p = .002$ IC 95% [-.31, -.07], à **sensibilidade interpessoal** $t(416) = -2.710$, $p = .007$ IC 95% [-.32, -.05], à **depressão** $t(414) = -3.027$, $p = .003$ IC 95% [-.36, -.08], à **ansiedade** $t(394) = -3.208$, $p = .001$ IC 95% [-.31, -.08], à **hostilidade** $t(384) = -4.524$, $p = .000$ IC 95% [-.45, -.18], à **ansiedade fóbica** $t(382) = -2.435$, $p = .015$ IC 95% [-.25, -.03] e à **ideação paranóide e psicoticismo** $t(408) = -3.488$, $p = .001$ IC 95% [-.33, -.09] face à variável **configuração familiar** (Tabela 23). Deste modo, é possível verificarmos que os jovens de famílias divorciadas apresentam maior prevalência de psicopatologia, nomeadamente, somatização comparativamente com jovens de famílias intactas (Tabela 23).

Tabela 23. Análise diferencial da psicopatologia em função da configuração familiar

	Configuração familiar	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas
Som	1-Intactas	1.61	.63		
	2-Divorciadas	1.84	.80	[-.35, -.12]	1<2
Obs	1-Intactas	2.10	7.3		
	2-Divorciadas	2.30	.82	[-.31, -.07]	1<2
Sen	1-Intactas	1.89	.83		
	2-Divorciadas	2.08	.94	[-.32, -.05]	1<2
Dep	1-Intactas	1.95	.85		
	2-Divorciadas	2.17	.97	[-.36, -.08]	1<2
Ans	1-Intactas	1.83	.69		
	2-Divorciadas	2.02	.86	[-.31, -.08]	1<2
Hos	1-Intactas	1.95	.77		
	2-Divorciadas	2.27	.96	[-.45, -.18]	1<2
AnsF	1-Intactas	1.51	.62		
	2-Divorciadas	1.65	.78	[-.25, -.03]	1<2
Psic	1-Intactas	1.92	.72		
	2-Divorciadas	2.13	.83	[-.33, -.09]	1<2

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **Som** – somatização; **Obs** – obsessão-compulsão; **Sen** – sensibilidade interpessoal; **Dep** – depressão; **Ans** – ansiedade; **Hos** – hostilidade; **AnsF** – ansiedade fóbica; **Psic** – ideação paranóide e psicoticismo

3.4 Análises diferenciais da coligação e triangulação em função das variáveis sociodemográficas

No que diz respeito as análises diferenciais da **coligação** e **triangulação** em função **género**, não se denotam diferenças significativas, $t(435) = -.542$, $p = .605$ e $t(421) = -1.594$, $p = .112$, respetivamente.

Realizamos análises de variância multivariada (MANOVAS) para as variáveis **coligação** e **triangulação** em função da variável **idade** (organizada em grupos). Os resultados obtidos indicam que existem uma diferença significativa $F(4, 1648) = 6.147$, $p = .000$; $\eta = .015$. Deste modo, observam-se diferenças significativas entre a **coligação** e **idade** $F(2, 824) = 5.562$, $p = .004$; $\eta = .013$. Sendo que o grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 1.78$, $IC95\%$ [1.71, 1.85]) percebe menor coligação aos pais relativamente ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M = 2.08$, $IC95\%$ [1.89, 2.28]), bem como o grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 1.72$, $IC95\%$ [1.64, 1.81]) percebe menos coligação aos pais face ao grupo dos 23 aos 25 anos ($M = 2.08$, $IC95\%$ [1.89, 2.28]). Na variável **triangulação** observam-se diferenças significativas entre os diferentes grupos de **idade** $F(2, 824) = 5.791$, $p = .003$; $\eta = .014$. Sendo que o grupo dos 13 aos 17 anos ($M = 1.95$, $IC95\%$ [1.90, 2.01]) percebe maior triangulação aos pais analogamente ao grupo dos 18 aos 22 anos ($M = 1.81$, $IC95\%$ [1.75, 1.88]) (Tabela 24).

Tabela 24. Análise diferencial dos conflitos de lealdade em função da idade

	Idade grupo (anos)	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas
Coligação	(1) 13 - 17	1.78	.81	[1.71 – 1.85]	1<3 2<3
	(2) 18 - 22	1.72	.72	[1.64 – 1.81]	
	(3) 23 - 25	2.08	.85	[1.89 – 2.28]	
Triangulação	(1) 13 - 17	1.95	.57	[1.90 – 2.01]	1>2
	(2) 18 - 22	1.81	.53	[1.75 – 1.88]	
	(3) 23 - 25	1.91	.66	[1.77 – 2.05]	

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança.

Também, foram realizadas análises de variância multivariada (MANOVAS) para as variáveis **coligação** e **triangulação** em função da variável **escolaridade** (organizada em grupos) verificando-se que os resultados obtidos reportam diferenças significativas $F(4, 1648) = 5.530$, $p = .000$; $\eta = .013$. Deste modo, observam-se diferenças significativas entre a **coligação** os grupos de idade $F(2, 814) = 4.993$, $p = .007$; $\eta = .012$. Sendo que o 3º ciclo ($M = 1.72$, $IC95\%$ [1.63, 1.81]) percebe menos coligação aos pais face aos jovens que frequentam o ensino secundário ($M = 1.92$, $IC95\%$ [1.82, 2.03]) e estes últimos percebem mais coligação aos pais face aos jovens que frequentam o ensino superior ($M = 1.74$, $IC95\%$ [1.65, 1.82]). Para a variável **triangulação** face à **escolaridade**, verificam-se diferenças significativas entre os

grupos $F(2, 814) = 4.593$, $p = .010$; $\eta = .011$. Compreendendo-se que os adolescentes/jovens adultos que frequentam o 3º ciclo ($M = 1.96$, $IC95\%$ [1.89, 2.02]) percebem maior triangulação aos pais comparativamente com os que frequentam o ensino superior ($M = 1.82$, $IC95\%$ [1.76, 1.89]) (Tabela 25).

Tabela 25. Análise diferencial dos conflitos de lealdade em função da escolaridade

	Escolaridade	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas
Coligação	1-3º Ciclo	1.72	.81	[1.63, 1.81]	1<2
	2-Ensino secundário	1.92	.81	[1.82, 2.03]	
	3-Ensino superior	1.74	.72	[1.65, 1.82]	2>3
Triangulação	1-3º Ciclo	1.96	.59	[1.89, 2.02]	1>3
	2-Ensino secundário	1.93	.56	[1.85, 2.01]	
	3-Ensino superior	1.82	.54	[1.76, 1.89]	

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança.

Com o intuito de verificar diferenças entre a **coligação e triangulação** em função da variável **configuração familiar** realizamos testes *T*. Assim pode observar-se que relativamente à **coligação** em função da **configuração familiar** verificam-se diferenças significativas $t(322) = -14.179$, $p = .000$ $IC 95\%$ [-1.00, -.76]. Do mesmo modo, verificam-se diferenças significativas para a **triangulação** em função da **configuração familiar** $t(370) = -6.126$, $p = .000$ $IC 95\%$ [-.38, -.20] (Tabela 26).

Assim os adolescentes/jovens adultos de famílias divorciadas percebem maior coligação e triangulação aos pais comparativamente com os jovens de famílias intactas (Tabela 26).

Tabela 26. Análise diferencial dos conflitos de lealdade em função da configuração familiar

	Configuração familiar	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas
Coligação	1-Intactas	1.52	.54	[-1.00, -.76]	1<2
	2-Divorciadas	2.39	.90		
Triangulação	1-Intactas	1.81	.50	[-.38, -.20]	1<2
	2-Divorciadas	2.10	.66		

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança.

4. Análises diferenciais dos protótipos de vinculação aos pais nas variáveis relacionais

Após termos observado a importância da vinculação aos pais nas análises anteriores, foram construídos para esta análise protótipos de vinculação aos pais de acordo

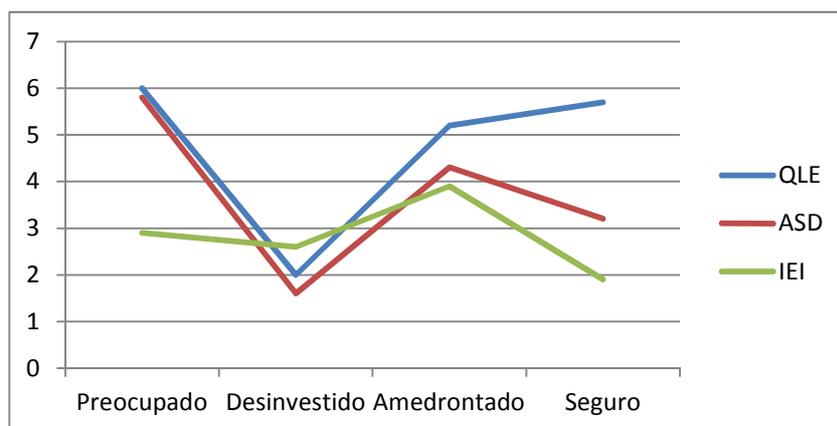
com o modelo bidimensional de Bartholomew onde se incluem 4 grupos, nomeadamente seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado (Bartholomew & Horowitz, 1991).

A análise de *clusters* é uma técnica exploratória que agrupa os sujeitos da amostra em grupos homogêneos face a uma ou mais características comuns (Maroco, 2007).

Após analisados os resultados foi-nos possível traçar os *clusters* de acordo com os protótipos desenvolvidos por Bartholomew. Deste modo, face ao **pai**, delineamos como **cluster 1** os adolescentes/jovens adultos que parecem ser **preocupados**, patenteando mais valores elevados de qualidade de laço emocional, ligeiramente mas baixo da inibição da exploração e individualidade e valores baixos na ansiedade de separação e dependência. Estes jovens têm uma perceção positiva dos outros e negativa de si. O **cluster 2** agrupa os adolescentes/jovens adultos que parecem ser **desinvestidos**, manifestando valores baixos de ansiedade de separação e dependência e valores altos da inibição da exploração e individualidade e da qualidade do laço emocional. Os sujeitos com um protótipo desinvestido têm uma perceção positiva de si e negativa dos outros. No **cluster 3** reúnem-se os adolescentes/jovens adultos que parecem ser apresentar um padrão **amedrontado**, evidenciando valores altos da inibição da exploração e individualidade, da qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação e dependência. Estes indivíduos têm um perceção negativo quer de si e quer dos outros.

O **cluster 4** agrupa os adolescentes/jovens adultos que parecem ser apresentar um padrão **seguro**, apresentando valores baixos de inibição da exploração e individualidade e moderados de ansiedade de separação e dependência, e ainda valores elevados de qualidade do laço. Estes têm sentimentos positivos quer de si quer dos outros.

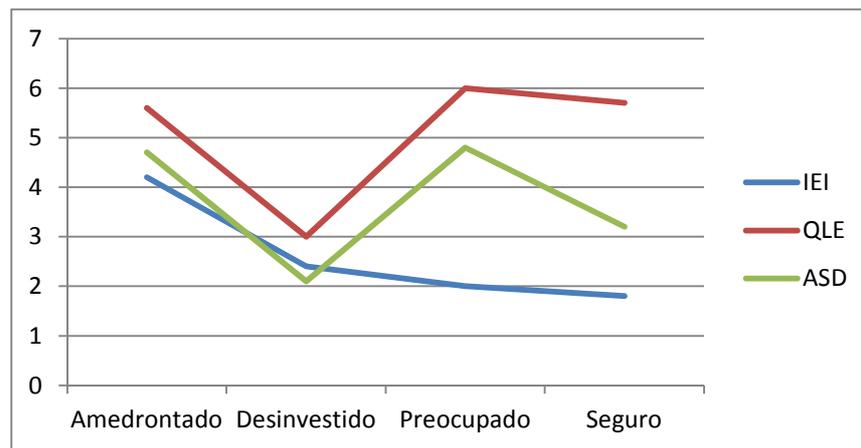
Ilustração 1. Gráfico de distribuição dos protótipos de vinculação ao pai



QLE – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência; **IEI** – inibição da exploração e individualidade;

Face à **mãe** os adolescentes/jovens adultos foram agrupados nos *clusters* tendo por base o mesmo constructo teórico anteriormente referido, sendo que o **cluster 1** agrupa os amedrontados, o **cluster 2** os desinvestidos, o **cluster 3** os preocupados e o **cluster 4** os seguros.

Ilustração 2. Gráfico de distribuição dos protótipos de vinculação à mãe



QLE – qualidade do laço emocional; **ASD** – ansiedade de separação e dependência; **IEI** – inibição da exploração e individualidade;

No sentido de testar variância dos sujeitos com distintos protótipos de vinculação na presente amostra foram realizadas análises de variância univariada (ANOVA) para a idade e multivariada (MANOVAS) para as variáveis psicopatológicas e da coligação e triangulação. No sentido de testar diferenças de género e configuração familiar nos protótipos foi desenvolvida a análise do Qui-Quadrado.

4.1 Análises diferenciais dos protótipos de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas

As análises diferenciais realizadas com protótipos de vinculação ao pai tendo em conta o **género** dos participantes, revelaram diferenças significativas $\chi^2(3) = 20.266$, $p = .000$. Assim, observa-se um protótipo de vinculação **seguro** maioritariamente no género feminino e **amedrontado** no género masculino. No que diz respeito à distribuição dos protótipos de vinculação à mãe, observam-se, também, diferenças significativas $\chi^2(3) = 28.775$, $p = .000$. Deste modo, o protótipo de vinculação **amedrontado** caracteriza maioritariamente o género feminino, face ao estilo **preocupados** evidente no género masculino (Tabela 27).

Tabela 27. Análise diferencial dos protótipos de vinculação em função do gênero

	Gênero	Protótipos de Vinculação							
		Preocupados		Desinvestido		Amedrontado		Seguro	
Pai	Feminino	n = 174	30.4%	n = 63	11%	n = 153	26.7%	n = 183	31.9%
	Masculino	n = 47	18.6%	n = 23	9.1%	n = 102	40.3%	n = 81	32%
Mãe	Feminino	n = 155	27.1%	n = 41	7.2%	n = 192	33.6%	n = 184	32.2%
	Masculino	n = 88	34.9%	n = 40	15.9%	n = 50	19.8%	n = 74	29.4%

O sombreado representa a maior percentagem de indivíduos.

No que diz respeito à configuração familiar observam-se diferenças significativas χ^2 (3)= 129.207, p= .000 nos protótipos de vinculação ao pai. Verificando-se que o protótipo de vinculação **seguro** é evidenciado maioritariamente pelas famílias intactas e o estilo de vinculação **amedrontados** reflete os adolescentes/jovens adultos de famílias divorciadas. No que diz respeito à distribuição dos protótipos de vinculação à mãe, verificam-se diferenças significativas χ^2 (3)= 24.791, p= .000. Compreende-se um estilo de vinculação **seguro** maioritariamente nas famílias intactas e **preocupados** nas famílias divorciadas (Tabela 28).

Tabela 28. Análise diferencial dos protótipos de vinculação em função da configuração familiar

	Configuração familiar	Protótipos de Vinculação							
		Preocupados		Desinvestido		Amedrontado		Seguro	
Pai	Intactas	n= 183	31.9%	n= 16	2.8%	n= 174	30.3%	n= 201	35%
	Divorciadas	n= 38	15.1%	n= 70	27.8%	n= 81	32.1%	n= 63	25%
Mãe	Intactas	n= 161	28.1%	n= 39	6.8%	n= 180	31.4%	n= 193	33.7%
	Divorciadas	n= 82	32.7%	n= 42	16.7%	n= 62	24.7%	n= 65	25.9%

O sombreado representa a maior percentagem de indivíduos.

Realizamos análises de variância univariada (ANOVAS) para as variáveis respeitantes aos **protótipos de vinculação** em função da variável **idade**.

Relativamente aos **protótipos de vinculação ao pai** face à **idade**, observam-se diferenças significativas $F(3, 822)= 6.560$, p=.000; $\eta = .023$, compreendendo-se que o estilo de vinculação **preocupado** é caracterizado por adolescentes/jovens adultos mais novos ($M=16.95$, $IC95\%$ [16.53, 17.38]) comparativamente com o estilo de vinculação **seguro** ($M=17.86$, $IC95\%$ [17.47, 18.26]), bem como o estilo de vinculação **amedrontado** é representado por jovens mais novos ($M=16.65$, $IC95\%$ [16.25, 17.05]) face ao estilo de vinculação **seguro** ($M=17.86$, $IC95\%$ [17.47, 18.26]) (Tabela 29).

Do mesmo modo, verificam-se diferenças significativas nos **protótipos de vinculação à mãe** face à **idade** $F(3, 820)= 13.144$, p=.000; $\eta = .046$. O que nos permite tirar inferências de que o estilo de vinculação **amedrontado** é caracterizado por jovens mais novos

($M=16.47$, $IC95\%$ [16.07, 16.87]) comparativamente com o estilo de vinculação **seguro** ($M=18.17$, $IC95\%$ [17.78, 18.56]), bem como o estilo de vinculação **desinvestido** é representado por jovens mais novos ($M=16.64$, $IC95\%$ [15.94, 17.34]) face ao estilo de vinculação **seguro** ($M=18.17$, $IC95\%$ [17.78, 18.56]). Também o estilo de vinculação preocupado é caracterizado por jovens mais novos ($M=17.01$, $IC95\%$ [16.60, 17.01]) comparativamente com jovens com estilo de vinculação **seguro** ($M=18.17$, $IC95\%$ [17.78, 18.56]) (Tabela 29).

Tabela 29. Análise diferencial dos protótipos de vinculação em função da idade

Protótipos de vinculação	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas	
Pai	(1)Preocupado	16.95	3.18	[16.53, 17.38]	
	(2)Desinvestido	17.10	3.40	[16.42, 17.79]	1<4
	(3)Amedrontado	16.65	3.13	[16.25, 17.05]	3<4
	(4)Seguro	17.86	3.36	[17.47, 18.26]	
Mãe	(1)Preocupado	17.01	3.05	[16.60, 17.41]	
	(2)Desinvestido	16.64	3.09	[15.94, 17.34]	3<4
	(3)Amedrontado	16.47	3.24	[16.07, 16.87]	2<4
	(4)Seguro	18.17	3.29	[17.78, 18.56]	1<4

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

4.2 Análises diferenciais dos protótipos de vinculação aos pais nas variáveis de sintomatologia psicopatológicos

Realizamos análises de variância multivariada (MANOVAS) com o intuito de verificar quais as diferenças entre os **protótipos de vinculação ao pai** em função das variáveis da **psicopatologia**, verificando-se que os resultados obtidos reportam que existem diferenças significativas $F(24, 2445)= 3.278$, $p=.000$; $\eta = .031$.

Deste modo, observamos diferenças significativas ao nível dos protótipos de vinculação ao pai face à **somatização** $F(3, 820)= 14.189$, $p=.000$; $\eta = .049$, compreendendo-se que o protótipo **amedrontado** apresenta maiores níveis de somatização ($M=1.86$, $IC95\%$ [1.78, 1.95]) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M=1.65$, $IC95\%$ [1.56, 1.74]) e **seguro** ($M=1.49$, $IC95\%$ [1.41, 1.57]), bem como o protótipo **desinvestido** aduz maiores níveis de somatização ($M=1.80$, $IC95\%$ [1.66, 1.95]) que o protótipo **seguro** ($M=1.49$, $IC95\%$ [1.41, 1.57]) (Tabela 30).

No que concerne às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai face à **obsessão-compulsão**, verificam-se que estas são significativas $F(3, 820)= 8.862$, $p=.000$; $\eta = .031$. O que nos permite inferir que existe o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de obsessão-compulsão ($M=2.31$, $IC95\%$ [2.16, 2.47]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.98$, $IC95\%$ [1.89, 2.07]). Do mesmo modo, o protótipo **preocupado**

manifesta maiores níveis de obsessão-compulsão ($M=2.17$, $IC95\%$ [2.07, 2.27]) que o protótipo **seguro** ($M=1.98$, $IC95\%$ [1.89, 2.07]) e o protótipo **amedrontado** expõem maiores níveis de obsessão-compulsão ($M=2.28$, $IC95\%$ [2.19, 2.38]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.98$, $IC95\%$ [1.89, 2.07]) (Tabela 30).

Relativamente às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai face à **sensibilidade interpessoal**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 820)= 12.229$, $p=.000$; $\eta^2=.043$. Analisando nos resultados obtido verifica-se que o protótipo **amedrontado** aduz maiores níveis de sensibilidade interpessoal ($M=2.13$, $IC95\%$ [2.02, 2.23]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.71$, $IC95\%$ [1.60, 1.81]). E o protótipo **preocupado** manifesta maiores níveis de sensibilidade interpessoal ($M=1.96$, $IC95\%$ [1.85, 2.07]) que o protótipo **seguro** ($M=1.71$, $IC95\%$ [1.60, 1.81]). Do mesmo modo, o protótipo **desinvestido**, apresentando maiores níveis de sensibilidade interpessoal ($M=2.12$, $IC95\%$ [1.94, 2.30]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.71$, $IC95\%$ [1.60, 1.81]) (Tabela 30).

Face às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai face à **depressão**, também se verificam diferenças significativas $F(3, 820)= 13.289$, $p=.000$; $\eta^2=.046$. Sendo possível observarmos que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de depressão ($M=2.25$, $IC95\%$ [2.06, 2.43]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.75$, $IC95\%$ [1.64, 1.85]). Do mesmo modo, o protótipo **preocupado** manifesta maiores níveis de depressão ($M=2.06$, $IC95\%$ [1.94, 2.30]) que o protótipo **seguro** ($M=1.75$, $IC95\%$ [1.64, 1.85]) e o protótipo **amedrontado** expõem maiores níveis de obsessão-compulsão ($M=2.18$, $IC95\%$ [2.07, 2.28]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.75$, $IC95\%$ [1.64, 1.85]) (Tabela 30).

No que diz respeito às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai no que se refere à **ansiedade**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 820)= 11.038$, $p=.000$; $\eta^2=.039$. Tendo em conta os resultados obtido verifica-se que o protótipo **amedrontado** aduz maiores níveis de ansiedade ($M=2.06$, $IC95\%$ [1.97, 2.15]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.70$, $IC95\%$ [1.62, 1.79]). Do mesmo modo, o protótipo **desinvestido**, apresentando maiores níveis de ansiedade ($M=1.99$, $IC95\%$ [1.84, 2.15]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.70$, $IC95\%$ [1.62, 1.79]) (Tabela 30).

No que concerne às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai ao nível da **hostilidade**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 820)= 16.586$, $p=.000$; $\eta^2=.057$, compreendendo-se que o protótipo **amedrontado** apresenta maiores níveis de hostilidade ($M=2.29$, $IC95\%$ [2.19, 2.39]) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M=1.94$, $IC95\%$ [1.83, 2.05]) e **seguro** ($M=1.83$, $IC95\%$ [1.74, 1.93]). Também o protótipo **desinvestido** evidencia maiores níveis de hostilidade ($M=2.26$, $IC95\%$ [2.08, 2.43]) comparativamente com o

protótipo **preocupado** ($M=1.94$, $IC95\%$ [1.83, 2.05]) e o protótipo **seguro** ($M=1.83$, $IC95\%$ [1.74, 1.93]) (Tabela 30).

Relativamente às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai face à **ansiedade fóbica**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 820)= 8.602$, $p=.000$; $\eta^2=.031$. Sendo possível observarmos que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de ansiedade fóbica ($M=1.65$, $IC95\%$ [1.51, 1.80]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.40$, $IC95\%$ [1.32, 1.49]). Do mesmo modo, o protótipo **amedrontado** expõem maiores níveis de ansiedade fóbica ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.61, 1.77]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.40$, $IC95\%$ [1.32, 1.49]) (Tabela 30).

Por ultimo, face às diferenças entre os protótipos de vinculação ao pai face à **ideação paranóide e psicoticismo**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 820)= 13.934$, $p=.000$; $\eta^2=.049$. Compreendendo-se que o protótipo **preocupado** mostra maiores níveis de ideação paranóide e psicoticismo ($M=1.99$, $IC95\%$ [1.90, 2.09]) comparativamente que o protótipo **seguro** ($M=1.76$, $IC95\%$ [1.67, 1.85]). Bem como, observarmos que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de ideação paranóide e psicoticismo ($M=2.15$, $IC95\%$ [1.99, 2.30]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.76$, $IC95\%$ [1.67, 1.85]). Do mesmo modo, o protótipo **amedrontado** expõem maiores níveis de ideação paranóide e psicoticismo ($M=2.16$, $IC95\%$ [2.06, 2.25]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.76$, $IC95\%$ [1.67, 1.85]) (Tabela 30).

Tabela 30. Análise diferencial dos protótipos de vinculação, face ao pai, em função da psicopatologia

	Protótipos de vinculação	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças significativas
Somatização	(1)Preocupado	1.65	.68	[1.56 , 1.74]	3>1 3>4 2>4
	(2)Desinvestido	1.80	.80	[1.66 , 1.95]	
	(3)Amedrontado	1.86	.72	[1.78 , 1.95]	
	(4)Seguro	1.49	.59	[1.41 , 1.57]	
Obsessão-compulsão	(1)Preocupado	2.17	.75	[2.07 , 2.27]	1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.31	.92	[2.16 , 2.47]	
	(3)Amedrontado	2.28	.74	[2.19 , 2.38]	
	(4)Seguro	1.98	.69	[1.89 , 2.07]	
Sensibilidade Interpessoal	(1)Preocupado	1.96	.87	[1.85 , 2.07]	1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.12	1.01	[1.94 , 2.30]	
	(3)Amedrontado	2.13	.89	[2.02 , 2.23]	
	(4)Seguro	1.71	.72	[1.60 , 1.81]	
Depressão	(1)Preocupado	2.06	.91	[1.94 , 2.30]	2>4 1>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.25	1.08	[2.06 , 2.43]	
	(3)Amedrontado	2.18	.89	[2.07 , 2.28]	
	(4)Seguro	1.75	.73	[1.64 , 1.85]	
Ansiedade	(1)Preocupado	1.88	.73	[1.78 , 1.97]	3>4 2>4
	(2)Desinvestido	1.99	.84	[1.84 , 2.15]	
	(3)Amedrontado	2.06	.77	[1.97 , 2.15]	
	(4)Seguro	1.70	.62	[1.62 , 1.79]	
Hostilidade	(1)Preocupado	1.94	.76	[1.83 , 2.05]	3>1 3>4 2>1 2>4
	(2)Desinvestido	2.26	.99	[2.08 , 2.43]	
	(3)Amedrontado	2.29	.90	[2.19 , 2.39]	
	(4)Seguro	1.83	.71	[1.74 , 1.93]	
Ansiedade Fóbica	(1)Preocupado	1.56	.64	[1.47 , 1.64]	2>4 3>4
	(2)Desinvestido	1.65	.83	[1.51 , 1.80]	
	(3)Amedrontado	1.69	.73	[1.61 , 1.77]	
	(4)Seguro	1.40	.57	[1.32 , 1.49]	
Ideação paranóide e psicoticismo	(1)Preocupado	1.99	.72	[1.90 , 2.09]	1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.15	.87	[1.99 , 2.30]	
	(3)Amedrontado	2.16	.78	[2.06 , 2.25]	
	(4)Seguro	1.76	.68	[1.67 , 1.85]	

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

Foram, também, realizadas análises de variância multivariada (MANOVAS) entre os **protótipos de vinculação à mãe** em função das variáveis da **psicopatologia**. E podemos verificar que os resultados obtidos reportam que existem diferenças significativas $F(24, 2439) = 4.834, p = .000; \eta = .045$.

Deste modo, observamos diferenças significativas entre os protótipos de vinculação à mãe ao nível da **somatização** $F(3, 818) = 13.019, p = .000; \eta = .046$. Assim é possível compreendermos que o protótipo **amedrontado** apresenta maiores níveis de somatização ($M = 1.87, IC95\% [1.78, 1.96]$) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M = 1.66, IC95\% [1.57, 1.75]$) e **seguro** ($M = 1.50, IC95\% [1.42, 1.58]$), bem como o protótipo **desinvestido** aduz maiores níveis de somatização ($M = 1.79, IC95\% [1.64, 1.94]$) que o protótipo **seguro** de somatização ($M = 1.50, IC95\% [1.42, 1.58]$) (Tabela 31).

No que concerne às diferenças entre os protótipos de vinculação à mãe e a **obsessão-compulsão**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 818)= 11.030$, $p=.000$; $\eta =.039$. O que nos permite inferir que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de obsessão-compulsão ($M=2.33$, $IC95\%$ [2.16, 2.49]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.96$, $IC95\%$ [1.87, 2.05]). Do mesmo modo, o protótipo **amedrontado** manifesta maiores níveis de obsessão-compulsão ($M=2.33$, $IC95\%$ [2.16, 2.49]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.96$, $IC95\%$ [1.87, 2.05]) e o protótipo **preocupado** ($M=2.16$, $IC95\%$ [2.07, 2.26]) expõem maiores níveis de obsessão-compulsão que o protótipo **seguro** ($M=1.96$, $IC95\%$ [1.87, 2.05]) (Tabela 31).

Relativamente às diferenças entre os protótipos de vinculação à mãe no que respeita à **sensibilidade interpessoal**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 818)= 15.815$, $p=.000$; $\eta =.055$. Analisando os resultados obtido verifica-se que o protótipo **amedrontado** aduz maiores níveis de sensibilidade interpessoal ($M=2.20$, $IC95\%$ [2.10, 2.31]) comparativamente com os protótipo **preocupado** ($M=1.93$, $IC95\%$ [1.82, 2.04]) e **seguro** ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.59, 1.79]). E o protótipo **desinvestido** apresenta maiores níveis de sensibilidade interpessoal ($M=2.02$, $IC95\%$ [1.84, 2.21]) que o protótipo **seguro** ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.59, 1.79]), assim como o protótipo **preocupado** mostra maiores níveis de sensibilidade interpessoal ($M=1.93$, $IC95\%$ [1.82, 2.04]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.59, 1.79]) (Tabela 31).

Também se observam diferenças entre os protótipos de vinculação à mãe face à **depressão**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 818)= 16.353$, $p=.000$; $\eta =.057$. Sendo possível verificarmos que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de depressão ($M=2.31$, $IC95\%$ [2.12, 2.50]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.73$, $IC95\%$ [1.62, 1.83]). Do mesmo modo, o protótipo **amedrontado** manifesta maiores níveis de depressão ($M=2.20$, $IC95\%$ [2.09, 2.31]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.73$, $IC95\%$ [1.62, 1.83]) e o protótipo **preocupado** ($M=2.04$, $IC95\%$ [1.93, 2.15]) expõem maiores níveis de depressão que o protótipo **seguro** ($M=1.73$, $IC95\%$ [1.62, 1.83]) (Tabela 31).

Verificam-se diferenças significativas entre os protótipos de vinculação à mãe e a **ansiedade** $F(3, 818)= 11.581$, $p=.000$; $\eta =.041$. Ao analisar os resultados verificamos que o protótipo **amedrontado** manifesta maiores níveis de ansiedade ($M=2.06$, $IC95\%$ [1.97, 2.15]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.60, 1.78]). Do mesmo modo, o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de ansiedade ($M=2.02$, $IC95\%$ [1.86, 2.18]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.60, 1.78]) e o protótipo **preocupado** ($M=1.89$, $IC95\%$ [1.80, 1.98]) expõem maiores níveis de ansiedade que o protótipo **seguro** ($M=1.69$, $IC95\%$ [1.60, 1.78]) (Tabela 31).

No que concerne às diferenças entre os protótipos de vinculação à mãe e a **hostilidade**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 818) = 22.969$, $p = .000$; $\eta^2 = .078$. Deste modo, é possível compreendermos que jovens com um protótipo de vinculação **desinvestido** apresentam maiores níveis de hostilidade ($M = 2.42$, $IC95\%$ [2.25, 2.60]) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M = 1.94$, $IC95\%$ [1.84, 2.04]) e **seguro** ($M = 1.79$, $IC95\%$ [1.70, 1.89]). Também, o protótipo **amedrontado** mostra maiores níveis de hostilidade ($M = 2.29$, $IC95\%$ [2.19, 2.40]) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M = 1.94$, $IC95\%$ [1.84, 2.04]) e **seguro** ($M = 1.79$, $IC95\%$ [1.70, 1.89]) (Tabela 31).

Relativamente às diferenças entre os protótipos de vinculação à mãe e a **ansiedade fóbica**, verificam-se diferenças significativas $F(3, 818) = 9.254$, $p = .000$; $\eta^2 = .033$. Sendo possível observarmos que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de ansiedade fóbica ($M = 1.69$, $IC95\%$ [1.54, 1.84]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M = 1.39$, $IC95\%$ [1.31, 1.47]). Do mesmo modo, o protótipo **amedrontado** manifesta maiores níveis de ansiedade fóbica ($M = 1.68$, $IC95\%$ [1.59, 1.76]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M = 1.39$, $IC95\%$ [1.31, 1.47]) e o protótipo **preocupado** ($M = 1.58$, $IC95\%$ [1.50, 1.67]) expõem maiores níveis de ansiedade fóbica que o protótipo **seguro** ($M = 1.39$, $IC95\%$ [1.31, 1.47]) (Tabela 31).

Por último, observam-se diferenças significativas entre os protótipos de vinculação à mãe e a **ideação paranóide e psicoticismo** $F(3, 818) = 15.591$, $p = .000$; $\eta^2 = .054$. Compreendendo-se que o protótipo **desinvestido** apresentando maiores níveis de ideação paranóide e psicoticismo ($M = 2.18$, $IC95\%$ [2.02, 2.35]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M = 1.74$, $IC95\%$ [1.65, 1.83]). Do mesmo modo, o protótipo **amedrontado** manifesta maiores níveis de ideação paranóide e psicoticismo ($M = 2.16$, $IC95\%$ [2.06, 2.25]) comparativamente com o protótipo **seguro** ($M = 1.74$, $IC95\%$ [1.65, 1.83]) e o protótipo **preocupado** ($M = 2.00$, $IC95\%$ [1.91, 2.10]) expõem maiores níveis de ideação paranóide e psicoticismo que o protótipo **seguro** ($M = 1.74$, $IC95\%$ [1.65, 1.83]) (Tabela 31).

Tabela 31. Análise diferencial dos protótipos de vinculação, face à mãe, em função da psicopatologia

	Protótipos de vinculação	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas
Somatização	(1)Amedrontado	1.87	.77	[1.78 , 1.96]	1>3 1>4 2>4
	(2)Desinvestido	1.79	.68	[1.64 , 1.94]	
	(3)Preocupado	1.66	.68	[1.57 , 1.75]	
	(4)Seguro	1.50	.59	[1.42 , 1.58]	
Obsessão-compulsão	(1)Amedrontado	2.32	.79	[2.22 , 2.41]	2>4 1>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.33	.77	[2.16 , 2.49]	
	(3)Preocupado	2.16	.76	[2.07 , 2.26]	
	(4)Seguro	1.96	.69	[1.87 , 2.05]	
Sensibilidade Interpessoal	(1)Amedrontado	2.20	.93	[2.10 , 2.31]	1>3 1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.02	.82	[1.84 , 2.21]	
	(3)Preocupado	1.93	.87	[1.82 , 2.04]	
	(4)Seguro	1.69	.74	[1.59 , 1.79]	
Depressão	(1)Amedrontado	2.20	.91	[2.09 , 2.31]	1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.31	1.02	[2.12 , 2.50]	
	(3)Preocupado	2.04	.92	[1.93 , 2.15]	
	(4)Seguro	1.73	.72	[1.62 , 1.83]	
Ansiedade	(1)Amedrontado	2.06	.78	[1.97 , 2.15]	1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.02	.79	[1.86 , 2.18]	
	(3)Preocupado	1.89	.73	[1.80 , 1.98]	
	(4)Seguro	1.69	.64	[1.60 , 1.78]	
Hostilidade	(1)Amedrontado	2.29	.92	[2.19 , 2.40]	2>3 2>4 1>3 1>4
	(2)Desinvestido	2.42	.90	[2.25 , 2.60]	
	(3)Preocupado	1.94	.76	[1.84 , 2.04]	
	(4)Seguro	1.79	.72	[1.70 , 1.89]	
Ansiedade Fóbica	(1)Amedrontado	1.68	.74	[1.59 , 1.76]	2>4 1>4 3>4
	(2)Desinvestido	1.69	.79	[1.54 , 1.84]	
	(3)Preocupado	1.58	.66	[1.50 , 1.67]	
	(4)Seguro	1.39	.56	[1.31 , 1.47]	
Ideação paranóide e psicoticismo	(1)Amedrontado	2.16	.78	[2.06 , 2.25]	1>4 2>4 3>4
	(2)Desinvestido	2.18	.79	[2.02 , 2.35]	
	(3)Preocupado	2.00	.75	[1.91 , 2.10]	
	(4)Seguro	1.74	.68	[1.65 , 1.83]	

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

4.3 Diferenças dos protótipos de vinculação aos pais nas variáveis coligação e triangulação

No que concerne as diferenças entre os **protótipos de vinculação ao pai** em função das variáveis da **coligação e triangulação**, realizamos análises de variância multivariada (MANOVAS), e observamos que os resultados obtidos reportam que existem diferenças significativas $F(6,1644)= 40.821, p=.000; \eta =.130$.

Deste modo, observamos diferenças significativas ao nível dos os protótipos de vinculação ao pai face à **coligação** $F(3, 822)= 60.110, p=.000; \eta =.180$. Deste modo, é possível compreendermos que os jovens com um protótipo de vinculação **desinvestido** apresentam maiores níveis de coligação ($M=2.62, IC95\% [2.47, 2.77]$) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M=1.46, IC95\% [1.37, 1.56]$), **amedrontado** ($M=1.90, IC95\% [1.81,$

1.98]) e **seguro** ($M=1.66$, $IC95\%$ [1.57, 1.74]). Bem como o protótipo **amedrontado** aduz maiores níveis de coligação ($M=1.90$, $IC95\%$ [1.81, 1.98]) que o protótipo **preocupado** ($M=1.46$, $IC95\%$ [1.37, 1.56]) e **seguro** ($M=1.66$, $IC95\%$ [1.57, 1.74]). Também observamos que o protótipo **seguro** ($M=1.66$, $IC95\%$ [1.57, 1.74]) apresenta maiores níveis de coligação ($M=2.62$, $IC95\%$ [2.47, 2.77]) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M=1.46$, $IC95\%$ [1.37, 1.56]) (Tabela 32).

Observaram-se ainda diferenças significativas ao nível dos os protótipos de vinculação ao pai face à **triangulação**, $F(3, 822)= 27.818$, $p=.000$; $\eta =.092$. Sendo possível observarmos que o protótipo **preocupado** mostra maiores níveis de triangulação ($M=1.80$, $IC95\%$ [1.73, 1.87]) relativamente ao protótipo **desinvestido** ($M=2.01$, $IC95\%$ [1.90, 2.13]) e **amedrontado** ($M=2.13$, $IC95\%$ [2.06, 2.19]). O protótipo **desinvestido** aduz maiores níveis de triangulação ($M=2.01$, $IC95\%$ [1.90, 2.13]) comparativamente com o protótipo **preocupado** ($M=1.80$, $IC95\%$ [1.73, 1.87]) e **seguro** ($M=1.72$, $IC95\%$ [1.66, 1.79]). Também o protótipo **amedrontado** ($M=2.13$, $IC95\%$ [2.06, 2.19]) apresenta maiores níveis de triangulação face ao protótipo **seguro** ($M=1.72$, $IC95\%$ [1.66, 1.79]) (Tabela 32).

Tabela 32. Análise diferencial dos protótipos de vinculação ao pai, em função dos conflitos de lealdade

Conflitos de lealdade	Protótipos de vinculação	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas
Coligação	(1)Preocupado	1.46	.60	[1.37, 1.56]	
	(2)Desinvestido	2.62	.88	[2.47, 2.77]	2>1 2>3 2>4
	(3)Amedrontado	1.90	.77	[1.81, 1.98]	3>1 3>4 4>1
	(4)Seguro	1.66	.67	[1.57, 1.74]	
Triangulação	(1)Preocupado	1.80	.47	[1.73, 1.87]	
	(2)Desinvestido	2.01	.66	[1.90, 2.13]	1<2 1<3
	(3)Amedrontado	2.13	.63	[2.06, 2.19]	2>4 3>4
	(4)Seguro	1.72	.50	[1.66, 1.79]	

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

No que diz respeito às diferenças entre os **protótipos de vinculação à mãe** em função das variáveis da **coligação e triangulação**, realizamos análises de variância multivariada (MANOVAS), e observamos que os resultados obtidos reportam que existem diferenças significativas $F(6,1640)= 22.278$, $p=.000$; $\eta =.075$.

Deste modo, observamos diferenças significativas ao nível dos protótipos de vinculação à mãe face à **coligação** $F(3, 820)= 23.693$, $p=.000$; $\eta =.080$, compreendendo-se um efeito significativo do protótipo **desinvestido** que apresenta maiores níveis de coligação ($M=2.31$, $IC95\%$ [2.15, 2.47]) comparativamente com o protótipo **amedrontado** ($M=1.90$, $IC95\%$ [1.81, 2.00]), **preocupado** ($M=1.55$, $IC95\%$ [1.46, 1.65]) e **seguro** ($M=1.71$, $IC95\%$ [1.62, 1.80]). Bem

como o protótipo **amedrontado** ($M=1.90$, $IC95\%$ [1.81, 2.00]) aduz maiores níveis que o protótipo **preocupado** ($M=1.55$, $IC95\%$ [1.46, 1.65]) e **seguro** ($M=1.71$, $IC95\%$ [1.62, 1.80]) (Tabela 33).

Relativamente às diferenças ao nível dos protótipos de vinculação à mãe face à **triangulação**, estas são significativas $F(3, 820)= 33.310$, $p=.000$; $\eta^2=.109$. Sendo possível observarmos um efeito significativo do protótipo **desinvestido** ($M=2.16$, $IC95\%$ [2.04, 2.28]) que mostra maiores níveis de triangulação relativamente ao protótipo **preocupado** ($M=1.78$, $IC95\%$ [1.72, 1.85]) e **seguro** ($M=1.72$, $IC95\%$ [1.66, 1.79]). Também o protótipo **amedrontado** ($M=2.12$, $IC95\%$ [2.05, 2.19]) aduz maiores níveis de triangulação que o protótipo **preocupado** ($M=1.78$, $IC95\%$ [1.72, 1.85]) e **seguro** ($M=1.72$, $IC95\%$ [1.66, 1.79]) (Tabela 33).

Tabela 33. Análise diferencial dos protótipos de vinculação à mãe, em função dos conflitos de lealdade

Conflitos de lealdade	Protótipos de vinculação	M	DP	IC 95%	Sentido das diferenças Significativas
Coligação	(1)Amedrontado	1.90	.77	[1.81 , 2.00]	
	(2)Desinvestido	2.31	.94	[2.15 , 2.47]	2>1 2>3 2>4
	(3)Preocupado	1.55	.69	[1.46 , 1.65]	1>3 1>4
	(4)Seguro	1.71	.78	[1.62 , 1.80]	
Triangulação	(1)Amedrontado	2.12	.61	[2.05 , 2.19]	
	(2)Desinvestido	2.16	.74	[2.04 , 2.28]	2>3 2>4 1>3
	(3)Preocupado	1.78	.45	[1.72 , 1.85]	1>4
	(4)Seguro	1.72	.44	[1.66 , 1.79]	

M – média; *DP* – desvio padrão; *IC* – intervalo de confiança;

5. Predição da psicopatologia e da qualidade da vinculação aos pais em função das variáveis relacionais, configuração familiar e género – Modelos de regressões múltiplas hierárquicas

No sentido de analisar a predição da psicopatologia e vinculação aos pais, foram testadas algumas variáveis independentes como o género e a configuração familiar, os conflitos interparentais, a coligação e triangulação, pelo que foram desenvolvidas análises de regressões múltiplas hierárquicas.

Deste modo, realizamos análises de regressão múltipla hierárquica permitindo: conhecer a possibilidade de determinadas variáveis predizerem um determinado resultado; perceber qual a variável que contribui de modo mais significativo para o resultado; e, por último, permite identificar a possibilidade de uma variável predizer determinada variável dependente quando o efeito de outra variável é controlado (Pallant, 2001).

5.1 Predição da psicopatologia em função dos conflitos interparentais, configuração familiar e gênero

5.1.1 Predição da Psicopatologia – ansiedade

Foi desenvolvida uma análise de regressão múltipla no sentido de testar os efeitos preditores na dimensão **ansiedade**, para tal foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 18.776$, $p = .000$ explicando 2,3% da variância total ($R^2 = .023$), contribuindo individualmente com 2,3% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .023$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 16.580$, $p = .000$, explica 3,9% da variância total ($R^2 = .039$), apresentando um contributo individual de 1,7% ($R^2\text{change} = .017$). No bloco 3 introduziu-se as dimensões das propriedades dos conflitos do CPIC, que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribuindo significativamente $F(5, 811) = 18.319$, $p = .000$ e explicando 10,1% da variância total ($R^2 = .101$), apresentando por sua vez um contributo individual de 6,2% ($R^2\text{change} = .062$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, ao pai. Este contribui significativamente $F(8, 808) = 15.561$, $p = .000$ e explica 13,4% da variância total ($R^2 = .134$), apresentando um contributo individual de 3,2% ($R^2\text{change} = .032$). No bloco 5 foi introduzida a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, à mãe, contribuindo significativamente $F(11, 805) = 11.635$, $p = .000$ e explicando 13,7% da variância total ($R^2 = .137$), apresentando um contributo individual de 0,4% ($R^2\text{change} = .004$) (Tabela 34).

Nesta medida as variáveis que apresentam um efeito preditor significativos constituem por ordem de importância: o **gênero feminino** com um peso $\beta = -.179$, a variável **intensidade** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .170$ e a **frequência** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .118$ (Tabela 34).

Tabela 34. Regressão Múltipla Hierárquica para ansiedade

	R²	R²change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.023	.023					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.286	.054	-.179	-5.291	.000
Bloco 2	.039	.017					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – CPIC	.101	.062					
Frequência			.080	.039	.118	2.068	.039
Intensidade			.126	.044	.170	2.887	.004
Resolução			-.065	.034	-.100	-1.911	.056
Bloco 4 – QVP	.134	.032					
IEI							
QLE							
ASD							
Bloco 5 – QVM	.137	.004					
IEI							
QLE							
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; Bloco 5- Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.2 Predição da Psicopatologia – somatização

Aquando da realização das análises para a dimensão **somatização** foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 9.548$, $p = .002$ explicando 1,2% da variância total ($R^2 = .012$), contribuindo individualmente com 1,2% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .012$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 15.953$, $p = .000$ e explica 3,8% da variância total ($R^2 = .038$), apresentando um contributo individual de 2,6% ($R^2\text{change} = .026$). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811) = 14.348$, $p = .000$ e explica 8,1% da variância total ($R^2 = .081$), apresentando um contributo individual de 4,4% ($R^2\text{change} = .044$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808) = 13.301$, $p = .000$ e explica 11,6% da variância total ($R^2 = .116$), apresentando um contributo individual de 3,5% ($R^2\text{change} = .035$). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805) = 9.858$, $p = .000$ e explica 11,9% da variância total ($R^2 = .119$), apresentando um contributo individual de 0,2% ($R^2\text{change} = .002$) (Tabela 35).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **intensidade** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .150$ (Tabela 35). Verificamos que o **gênero feminino** apresenta também valores significativos ao nível da psicopatologia, nomeadamente na somatização $\beta = -.139$, bem como a

configuração familiar divorciados/separados é significativa com um contributo de $\beta = .091$ (Tabela 35).

Tabela 35. Regressão Múltipla Hierárquica para somatização

	R²	R²change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.012	.012					
Género (<i>dummy</i>)			-.209	.051	-.139	-4.063	.000
Bloco 2	.038	.026					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)			.137	.060	.091	2.307	.021
Bloco 3 – CPIC	.081	.044					
Frequência							
Intensidade			.105	.042	.150	2.525	.012
Resolução							
Bloco 4 – QVP	.116	.035					
IEI							
QLE							
ASD							
Bloco 5 – QVM	.119	.002					
IEI							
QLE							
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; Bloco 5- Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.3 Predição da Psicopatologia - sensibilidade interpessoal

Na sequência das análises de regressão múltipla para a dimensão **sensibilidade interpessoal** foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 15.305$, $p = .000$ explicando 1,8% da variância total ($R^2 = .018$), contribuindo individualmente com 1,8% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .018$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 12.537$, $p = .000$ e explica 3% da variância total ($R^2 = .030$), apresentando um contributo individual de 1,1% ($R^2\text{change} = .011$). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811) = 16.739$, $p = .000$ e explica 9,4% da variância total ($R^2 = .094$), apresentando um contributo individual de 6,4% ($R^2\text{change} = .064$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808) = 17.626$, $p = .000$ e explica 14,9% da variância total ($R^2 = .149$), apresentando um contributo individual de 5,5% ($R^2\text{change} = .055$). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805) = 13.806$, $p = .000$ e explica 15,9% da variância total ($R^2 = .159$), apresentando um contributo individual de 1% ($R^2\text{change} = .010$) (Tabela 36).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **intensidade** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .173$. Também, que o **gênero feminino** é significativo ao nível da psicopatologia, nomeadamente na sensibilidade interpessoal $\beta = -.160$. Bem como, a variável **inibição da exploração e individualidade** à mãe apresenta uma contribuição significativa com um peso positivo $\beta = .122$ (Tabela 36).

Tabela 36. Regressão Múltipla Hierárquica para sensibilidade interpessoal

	R^2	R^2 change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.018	.018					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.301	.063	-.160	-4.803	.000
Bloco 2	.030	.011					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – CPIC	.094	.064					
Frequência							
Intensidade			.151	.051	.173	2.982	.003
Resolução							
Bloco 4 – QVP	.149	.055					
IEI							
QLE							
ASD							
Bloco 5 – QVM	.159	.010					
IEI			.107	.044	.122	2.421	.016
QLE							
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; Bloco 5- Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.4 Predição da Psicopatologia – obsessão compulsão

Para a dimensão **obsessão compulsão** foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 5.325$, $p = .021$ explicando 0,6% da variância total ($R^2 = .006$), contribuindo individualmente com 0,6% da variância para o modelo (R^2 change = .006). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 8.762$, $p = .000$ e explica 2,1% da variância total ($R^2 = .021$), apresentando um contributo individual de 1,5% (R^2 change = .015). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811) = 11.193$, $p = .000$ e explica 6,5% da variância total ($R^2 = .065$), apresentando um contributo individual de 4,3% (R^2 change = .043). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808) = 11.663$, $p = .000$ e explica 10,4% da variância total ($R^2 = .104$), apresentando um contributo individual de 3,9% (R^2 change = .039). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a

qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805) = 8.923$, $p = .000$ e explica 10,9% da variância total ($R^2 = .109$), apresentando um contributo individual de 0,5% ($R^2\text{change} = .005$) (Tabela 37).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **frequência** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .135$ (Tabela 37). Por outro lado, verificamos que o **gênero feminino** é significativo ao nível da psicopatologia, nomeadamente na obsessão compulsão $\beta = -.104$ (Tabela 37).

Tabela 37. Regressão Múltipla Hierárquica para obsessão compulsão

	R^2	$R^2\text{change}$	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.006	.006					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.173	.057	-.104	-3.036	.002
Bloco 2							
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – CPIC	.065	.043					
Frequência			.096	.041	.135	2.335	.020
Intensidade							
Resolução							
Bloco 4 – QVP	.104	.039					
IEI							
QLE							
ASD							
Bloco 5 – QVM	.109	.005					
IEI							
QLE							
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; Bloco 5- Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.5 Predição da Psicopatologia – ideação paranóide e psicoticismo

Para a dimensão **ideação paranóide e psicoticismo** foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 11.824$, $p = .001$ explicando 1,4% da variância total ($R^2 = .014$), contribuindo individualmente com 1,4% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .014$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 13.697$, $p = .000$ e explica 3,3% da variância total ($R^2 = .033$), apresentando um contributo individual de 1,8% ($R^2\text{change} = .018$). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811) = 17.109$, $p = .000$ e explica 9,5% da variância total ($R^2 = .095$), apresentando um contributo individual de 6,3% ($R^2\text{change} = .063$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808) = 18.028$, $p = .000$ e explica 15,1% da variância total ($R^2 = .151$), apresentando um contributo individual de 5,6%

(R^2 change= .056). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805)= 13.619$, $p=.000$ e explica 15,7% da variância total ($R^2=.157$), apresentando um contributo individual de 0,5% (R^2 change= .005) (Tabela 38).

Nesta medida as variáveis que apresentam um efeito preditor significativos, constituem por ordem de importância: a **ansiedade de separação e dependência** ao pai com um peso positivo $\beta = .240$, bem como a **qualidade do laço emocional** ao pai apresenta uma contribuição negativa $\beta = -.237$. A variável respeitante ao **género feminino** é significativo ao nível da psicopatologia, nomeadamente na ideação paranóide e psicoticismo $\beta = -.154$. Por fim, a variável **intensidade** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .149$, assim como, a **frequência** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .115$ (Tabela 38).

Tabela 38. Regressão Múltipla Hierárquica para ideação paranóide e psicoticismo

	R^2	R^2 change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.014	.014					
Género (<i>dummy</i>)			-.255	.055	-.154	-4.615	.000
Bloco 2	.033	.018					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – CPIC	.095	.053					
Frequência			.081	.040	.115	2.041	.042
Intensidade			.115	.045	.149	2.571	.010
Resolução							
Bloco 4 – QVP	.151	.056					
IEI							
QLE			-.146	.063	-.237	-2.308	.021
ASD			.168	.073	.240	2.283	.023
Bloco 5 – QVM	.157	.005					
IEI							
QLE							
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p<.05$; **Bloco1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; Bloco 5- Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.6 Predição da Psicopatologia – hostilidade

Especificamente para a dimensão **hostilidade** foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo não significativo $F(1, 815)= 3.192$, $p=.074$ explicando 0,4% da variância total ($R^2=.004$), contribuindo individualmente com 0,4% da variância para o modelo (R^2 change= .004). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814)= 14.424$, $p=.000$ e explica 3,4% da variância total ($R^2=.034$), apresentando um contributo individual de 3% (R^2 change= .030). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811)=$

15.260, $p=.000$ e explica 8,6% da variância total ($R^2= .086$), apresentando um contributo individual de 5,2% ($R^2\text{change}= .052$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808)= 16.156$, $p=.000$ e explica 13,8% da variância total ($R^2= .138$), apresentando um contributo individual de 5,2% ($R^2\text{change}= .052$). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805)= 13.459$, $p=.000$ e explica 15,5% da variância total ($R^2= .155$), apresentando um contributo individual de 1,7% ($R^2\text{change}= .017$) (Tabela 39).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **intensidade** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .172$. A variável **qualidade do laço emocional** à mãe apresenta uma contribuição negativa $\beta = -.154$ e a **inibição da exploração e individualidade** à mãe apresenta uma contribuição significativa com um peso positivo $\beta = .121$ (Tabela 39). Por outro lado, verificamos que o **género feminino** é significativo ao nível da psicopatologia, nomeadamente na hostilidade $\beta = -.114$, bem como a **configuração familiar divorciados/separados** é significativo com um contributo de $\beta = .102$ (Tabela 39).

Tabela 39. Regressão Múltipla Hierárquica para hostilidade

	R^2	$R^2\text{change}$	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.004	.004					
Género (<i>dummy</i>)			-.208	.061	-.114	-3.408	.001
Bloco 2	.034	.030					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)			.188	.071	.102	2.656	.008
Bloco 3 – CPIC							
Frequência							
Intensidade			.147	.050	.172	2.965	.003
Resolução							
Bloco 4 – QVP	.138	.052					
IEI							
QLE							
ASD							
Bloco 5 – QVM	.115	.017					
IEI			.103	.043	.121	-2.114	.017
QLE			-.155	.073	-.154	2.385	.035
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p<.05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; **Bloco 5** - Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.7 Predição da Psicopatologia – depressão

Para a dimensão **depressão** foi inserido no bloco 1 a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815)= 16.750$, $p=.000$ explicando 2% da variância

total ($R^2 = .020$), contribuindo individualmente com 2% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .020$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 14.448$, $p = .000$ e explica 3,4% da variância total ($R^2 = .034$), apresentando um contributo individual de 1,4% ($R^2\text{change} = .014$). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811) = 16.600$, $p = .000$ e explica 9,3% da variância total ($R^2 = .093$), apresentando um contributo individual de 5,9% ($R^2\text{change} = .059$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808) = 17.296$, $p = .000$ e explica 14,6% da variância total ($R^2 = .146$), apresentando um contributo individual de 5,3% ($R^2\text{change} = .053$). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805) = 13.854$, $p = .000$ e explica 15,9% da variância total ($R^2 = .159$), apresentando um contributo individual de 1,3% ($R^2\text{change} = .013$) (Tabela 40).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **ansiedade de separação e dependência** ao pai apresenta uma contribuição significativa com um peso positivo $\beta = .229$. E a variável **qualidade do laço emocional** ao pai apresenta uma contribuição negativa $\beta = -.202$. Verificamos que o **gênero feminino** apresenta também valores significativos ao nível da psicopatologia, nomeadamente na depressão $\beta = -.174$. Para além da variável **qualidade do laço emocional** à mãe apresentar, também, uma contribuição negativa $\beta = -.149$ (Tabela 40).

Por último, a variável **frequência** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .127$, assim como a variável **intensidade** no CPIC mostra um contributo positivo de $\beta = .119$ (Tabela 40).

Tabela 40. Regressão Múltipla Hierárquica para depressão

	R ²	R ² change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.020	.020					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.339	.065	-.174	-5.230	.000
Bloco 2	.034	.014					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – CPIC	.093	.059					
Frequência			.106	.047	.127	2.267	.024
Intensidade			.108	.053	.119	2.048	.041
Resolução							
Bloco 4 – QVP	.146	.053					
IEI							
QLE			-.146	.074	-.202	-1.964	.050
ASD			.188	.086	.229	2.187	.029
Bloco 5 – QVM	.159	.013					
IEI							
QLE			-.158	.078	-.149	-2.041	.042
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; **Bloco 5** - Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

5.1.8 Predição da Psicopatologia – ansiedade fóbica

Para a dimensão **ansiedade fóbica** foi inserido no bloco 1 a variável gênero (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 5.496$, $p = .019$ explicando 0,7% da variância total ($R^2 = .007$), contribuindo individualmente com 0,7% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .007$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 6.718$, $p = .001$ e explica 1,6% da variância total ($R^2 = .016$), apresentando um contributo individual de 1% ($R^2\text{change} = .010$). No bloco 3 a dimensão CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribui significativamente $F(5, 811) = 7.723$, $p = .000$ e explica 4,5% da variância total ($R^2 = .045$), apresentando um contributo individual de 2,9% ($R^2\text{change} = .029$). No bloco 4 a dimensão QVP que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(8, 808) = 9.133$, $p = .000$ e explica 8,3% da variância total ($R^2 = .083$), apresentando um contributo individual de 3,7% ($R^2\text{change} = .037$). No bloco 5 a dimensão QVM que contempla a inibição da exploração e individualidade, a qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência, contribui significativamente $F(11, 805) = 7.174$, $p = .000$ e explica 8,9% da variância total ($R^2 = .089$), apresentando um contributo individual de 0,6% ($R^2\text{change} = .006$) (Tabela 41).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a **qualidade do laço emocional** à mãe apresenta uma contribuição negativa $\beta = -.158$. A variável **resolução** no CPIC mostra um contributo negativo de $\beta = -.128$

(Tabela 41). Por outro lado, verificamos que o **gênero feminino** é significativo ao nível da psicopatologia, nomeadamente na ansiedade fóbica $\beta = -.111$ (Tabela 41).

Tabela 41. Regressão Múltipla Hierárquica para ansiedade fóbica

	R ²	R ² change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.007	.007					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.163	.051	-.111	-3.200	.001
Bloco 2	.016	.010					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – CPIC	.045	.029					
Frequência							
Intensidade							
Resolução			-.077	.032	-.128	-2.387	.017
Bloco 4 – QVP	.083	.037					
IEI							
QLE							
ASD							
Bloco 5 – QVM	.089	.006					
IEI							
QLE			-.127	.061	-.158	-2.086	.037
ASD							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Dimensões das propriedades do conflito; **Bloco 4** - Dimensões de vinculação ao pai; **Bloco 5** - Dimensões de vinculação à mãe; **IEI** – inibição da exploração e individualidade; **QLE** – ansiedade de separação e dependência; **ASD** – ansiedade de separação e dependência.

6. Predição da qualidade da vinculação aos pais em função da coligação e triangulação, configuração familiar e género

Neste ponto tínhamos como objetivo verificar o efeito preditor das variáveis como o género, a configuração familiar, os conflitos interparentais e a coligação e triangulação face à vinculação aos pais. Deste modo, realizamos análises de regressões múltiplas hierárquicas.

6.1 Predição da qualidade da vinculação aos pais – inibição da exploração e individualidade face ao pai

No bloco 1 inserimos a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 14.657$, $p = .000$ explicando 1,8% da variância total ($R^2 = .018$), contribuindo individualmente com 1,8% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .018$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 7.782$, $p = .000$ e explica 1,9% da variância total ($R^2 = .019$), apresentando um contributo individual de 0,1% ($R^2\text{change} = .001$). No bloco 3 as dimensões da *Loyalty conflict Scale* que contempla a coligação e triangulação, contribuem significativamente $F(4, 812) = 29.107$, $p = .000$ e explicam 12,5% da variância total ($R^2 = .125$), apresentando um contributo individual de 10,7% ($R^2\text{change} = .107$). No bloco 4 as dimensões das Propriedades do Conflitos do CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribuem significativamente $F(7, 809) =$

20.685, $p=.000$ e explica 15,2% da variância total ($R^2= .152$), apresentando um contributo individual de 2,6% ($R^2\text{change}= .026$) (Tabela 42).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **triangulação** no LCSCT mostra um contributo positivo de $\beta = .278$. As variáveis **frequência** e **resolução** no CPIC mostram um contributo positivo de $\beta = .172$ e um contributo negativo de $\beta = -.124$, respetivamente no que concerne à predição da inibição da exploração e individualidade face ao pai (Tabela 42). Por outro lado, verificamos que o **género masculino** é significativo ao nível da qualidade de vinculação ao pai, nomeadamente na inibição da exploração e individualidade $\beta = .124$, bem como a **configuração familiar intactas** é significativa com um contributo de $\beta = -.113$ (Tabela 42).

Tabela 42. Regressão Múltipla Hierárquica para a inibição da exploração e individualidade face ao pai

	R^2	$R^2\text{change}$	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.018	.018					
Género (<i>dummy</i>)			.259	.068	.124	3.793	.000
Bloco 2	.019	.001					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)			-.238	.083	-.113	-2.878	.004
Bloco 3 – LCSCT	.125	.107					
Coligação							
Triangulação			.473	.065	.278	7.248	.000
Bloco 4 – CPIC	.152	.026					
Frequência			.154	.051	.172	3.032	.003
Intensidade							
Resolução			-.106	.044	-.124	-2.440	.015

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p<.05$; **Bloco1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Conflitos de lealdade; **Bloco 4** - Dimensões das propriedades do conflito;

6.2 Predição da qualidade da vinculação aos pais – ansiedade de separação e dependência face ao pai

No bloco 1 inserimos a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo não significativo $F(1, 815)= .055$, $p=.815$ explicando 0% da variância total ($R^2= .000$), contribuindo individualmente com 0% da variância para o modelo ($R^2\text{change}= .000$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814)= 47.548$, $p=.000$ e explica 10,5% da variância total ($R^2= .105$), apresentando um contributo individual de 10,5% ($R^2\text{change}= .105$). No bloco 3 as dimensões da *Loyalty conflict Scale* que contempla a coligação e triangulação, contribuem significativamente $F(4, 812)= 44.765$, $p=.000$ e explica 18,1% da variância total ($R^2= .181$), apresentando um contributo individual de 7,6% ($R^2\text{change}= .076$). No bloco 4 as dimensões das Propriedades do Conflitos do CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribuem significativamente $F(7, 809)= 30.244$, $p=.000$ e explica 20,7% da variância total ($R^2= .207$), apresentando um contributo individual de 2,7% ($R^2\text{change}= .027$) (Tabela 43).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **coligação** e **triangulação** no LCSCT mostram um contributo negativo de $\beta = -.277$ e positivo de $\beta = .207$, respetivamente. A variável **resolução** no CPIC mostra um contributo negativo de $\beta = -.236$ (Tabela 43). Por outro lado, verificamos que a **configuração familiar intactas** é significativa com um contributo de $\beta = -.148$ (Tabela 43).

Tabela 43. Regressão Múltipla Hierárquica para a ansiedade de separação e dependência face ao pai

	R ²	R ² change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.000	.000					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.105	.105					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)			-.351	.090	-.148	-3.880	.000
Bloco 3 – LCSCT	.181	.076					
Coligação			-.386	.060	-.277	-6.425	.000
Triangulação			.398	.071	.207	5.579	.000
Bloco 4 – CPIC	.207	.027					
Frequência							
Intensidade							
Resolução			-.228	.048	-.236	-4.794	.000

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Conflitos de lealdade; **Bloco 4** - Dimensões das propriedades do conflito;

6.3 Predição da qualidade da vinculação aos pais – qualidade do laço emocional face ao pai

No bloco 1 inserimos a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo não significativo $F(1, 815) = .666$, $p = .415$ explicando 0,1% da variância total ($R^2 = .001$), contribuindo individualmente com 0,1% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .001$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 98.563$, $p = .000$ e explica 19,5% da variância total ($R^2 = .195$), apresentando um contributo individual de 19,4% ($R^2\text{change} = .194$). No bloco 3 as dimensões da *Loyalty conflict Scale* que contempla a coligação e triangulação, contribuem significativamente $F(4, 812) = 79.591$, $p = .000$ e explica 28,2% da variância total ($R^2 = .282$), apresentando um contributo individual de 8,7% ($R^2\text{change} = .087$). No bloco 4 as dimensões das Propriedades do Conflitos do CPIC que contempla a frequência, intensidade e a ausência de resolução, contribuem significativamente $F(7, 809) = 55.839$, $p = .000$ e explica 32,6% da variância total ($R^2 = .326$), apresentando um contributo individual de 4,4% ($R^2\text{change} = .044$) (Tabela 44).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **coligação** e **triangulação** no LCSCT mostram um contributo negativo de $\beta = -.280$ e positivo de $\beta = .081$, respetivamente. A variável ausência de

resolução no CPIC mostra um contributo negativo de $\beta = -.283$ (Tabela 44). Por outro lado, verificamos que a **configuração familiar - intactas** é significativa com um contributo de $\beta = -.204$ (Tabela 44).

Tabela 44. Regressão Múltipla Hierárquica para a qualidade do laço emocional face ao pai

	R²	R²change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.001	.001					
Género (<i>dummy</i>)							
Bloco 2	.195	.194					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)			-.551	.095	-.204	-5.814	.000
Bloco 3 – LCSCT	.282	.087					
Coligação			-.444	.063	-.280	-7.061	.000
Triangulação			.176	.075	.081	2.353	.019
Bloco 4 – CPIC	.326	.044					
Frequência							
Intensidade							
Resolução			-.311	.050	-.283	-6.241	.000

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Conflitos de lealdade; **Bloco 4** - Dimensões das propriedades do conflito;

6.4 Predição da qualidade da vinculação aos pais – inibição da exploração e individualidade face à mãe

No bloco 1 inserimos a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 11.046$, $p = .000$ explicando 1,3% da variância total ($R^2 = .013$), contribuindo individualmente com 1,3% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .013$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 8.542$, $p = .000$ e explica 2,1% da variância total ($R^2 = .021$), apresentando um contributo individual de 0,7% ($R^2\text{change} = .007$). No bloco 3 as dimensões da *Loyalty conflict Scale* que contempla a coligação e triangulação, contribuem significativamente $F(4, 812) = 27.894$, $p = .000$ e explica 12,1% da variância total ($R^2 = .121$), apresentando um contributo individual de 10% ($R^2\text{change} = .100$). No bloco 4 as dimensões das Propriedades dos Conflitos do CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribuem significativamente $F(7, 809) = 17.710$, $p = .000$ e explica 13,3% da variância total ($R^2 = .133$), apresentando um contributo individual de 1,2% ($R^2\text{change} = .012$) (Tabela 45).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **triangulação** no LCSCT mostra um contributo positivo de $\beta = .270$ (Tabela 45). Por outro lado, verificamos que o **género masculino** é significativo ao nível da qualidade de vinculação à mãe, nomeadamente na inibição da exploração e individualidade $\beta = .103$ (Tabela 45).

Tabela 45. Regressão Múltipla Hierárquica para a inibição da exploração e individualidade face à mãe

	R ²	R ² change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.013	.013					
Género (<i>dummy</i>)			.221	.071	.103	3.135	.002
Bloco 2	.021	.007					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – LCSCT	.121	.100					
Coligação							
Triangulação			.469	.067	.270	6.951	.000
Bloco 4 – CPIC	.133	.012					
Frequência							
Intensidade							
Resolução							

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Género; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Conflitos de lealdade; **Bloco 4** - Dimensões das propriedades do conflito;

6.5 Predição da qualidade da vinculação aos pais – ansiedade de separação e dependência face à mãe

No bloco 1 inserimos a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 9.578$, $p = .002$ explicando 1,2% da variância total ($R^2 = .012$), contribuindo individualmente com 1,2% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .012$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 4.877$, $p = .008$ e explica 1,2% da variância total ($R^2 = .012$), apresentando um contributo individual de 0% ($R^2\text{change} = .000$). No bloco 3 as dimensões da *Loyalty conflict Scale* que contempla a coligação e triangulação, contribuem significativamente $F(4, 812) = 6.668$, $p = .000$ e explica 3,2% da variância total ($R^2 = .032$), apresentando um contributo individual de 2% ($R^2\text{change} = .020$). No bloco 4 as dimensões das Propriedades do Conflitos do CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribuem significativamente $F(7, 809) = 4.449$, $p = .000$ e explica 3,7% da variância total ($R^2 = .037$), apresentando um contributo individual de 0,5% ($R^2\text{change} = .005$) (Tabela 46).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **coligação** no LCSCT mostram um contributo negativo de $\beta = -.157$. O **género feminino** apresenta um contributo significativa com peso de $\beta = -.118$ (Tabela 46). Por outro lado, a ausência de **resolução** no CPIC mostra um contributo negativo de $\beta = -.114$ (Tabela 46).

Tabela 46. Regressão Múltipla Hierárquica para a ansiedade de separação e dependência face à mãe

	R ²	R ² change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.012	.012					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.234	.069	-.118	-3.392	.001
Bloco 2	.012	.000					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – LCSCT	.032	.020					
Coligação			-.184	.056	-.157	-3.310	.001
Triangulação							
Bloco 4 – CPIC	.037	.005					
Frequência							
Intensidade							
Resolução			-.092	.044	-.114	-2.099	.036

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Conflitos de lealdade; **Bloco 4** - Dimensões das propriedades do conflito;

6.6 Predição da qualidade da vinculação aos pais – qualidade do laço emocional face à mãe

No bloco 1 inserimos a variável género (*dummy*) que apresenta um contributo significativo $F(1, 815) = 20.712$, $p = .000$ explicando 2,5% da variância total ($R^2 = .025$), contribuindo individualmente com 2,5% da variância para o modelo ($R^2\text{change} = .025$). No bloco 2, a variável configuração familiar (*dummy*) contribui significativamente $F(2, 814) = 20.577$, $p = .000$ e explica 4,8% da variância total ($R^2 = .048$), apresentando um contributo individual de 2,3% ($R^2\text{change} = .023$). No bloco 3 as dimensões da *Loyalty conflict Scale* que contempla a coligação e triangulação, contribuem significativamente $F(4, 812) = 28.383$, $p = .000$ e explica 12,3% da variância total ($R^2 = .123$), apresentando um contributo individual de 7,5% ($R^2\text{change} = .075$). No bloco 4 as dimensões das Propriedades do Conflitos do CPIC que contempla a frequência, intensidade e resolução, contribuem significativamente $F(7, 809) = 17.834$, $p = .000$ e explica 13,4% da variância total ($R^2 = .134$), apresentando um contributo individual de 1,1% ($R^2\text{change} = .011$) (Tabela 47).

Deste modo, ao observarmos a contribuição individual das variáveis independentes dos blocos, verificamos que a variável **coligação** e **triangulação** no LCSCT mostram um contributo negativo de $\beta = -.171$ e de $\beta = -.138$, respetivamente. Verificamos, também, que o **género feminino** é significativa com um contributo de $\beta = -.154$, bem como a variável **resolução** no CPIC mostra um contributo negativo de $\beta = -.153$ (Tabela 47).

Tabela 47. Regressão Múltipla Hierárquica para a qualidade do laço emocional face à mãe

	R ²	R ² change	B	SE	β	t	p
Bloco 1	.025	.025					
Gênero (<i>dummy</i>)			-.281	.060	-.154	-4.672	.000
Bloco 2	.048	.023					
Conf. familiar (<i>dummy</i>)							
Bloco 3 – LCSCT	.123	.075					
Coligação			-.183	.048	-.171	-3.790	.000
Triangulação			-.204	.057	-.138	-3.553	.000
Bloco 4 – CPIC	.134	.011					
Frequência							
Intensidade							
Resolução			-.114	.038	-.153	-2.974	.003

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$; **Bloco 1** - Gênero; **Bloco 2** - Configuração familiar; **Bloco 3** - Conflitos de lealdade; **Bloco 4** - Dimensões das propriedades do conflito;

7. Papel moderador da vinculação aos pais na associação entre os conflitos interparentais e a psicopatologia

Depois de testarmos o efeito preditor dos conflitos interparentais no desenvolvimento de psicopatologia, foi testado o papel da vinculação aos pais enquanto moderador nesta associação através de análises de variância univariada (ANOVA). Para tal foi realizada uma categorização dos níveis do conflito interparental em dois grupos: alto e baixo conflito. Estes valores foram obtidos pela média da formulação das dimensões do CPIC, nomeadamente das propriedades do conflito, (*frequência + intensidade + (ausência)resolução*) /3 sendo categorizada uma variável de alto e baixo conflito se média ≥ 2.98 e média ≤ 2.98 . Deste modo, foram determinados dois níveis de conflito: alto e baixo. O mesmo procedimento foi valido para uma categorização dos níveis da vinculação ao pai e a mãe. Os valores foram obtidos de forma idêntica ao constructo anterior, (*qualidade do laço emocional + ansiedade de separação e dependência - inibição da exploração e individualidade*) /3 respetivamente para o pai e para a mãe. Sendo que foi categorizada uma variável de alto e baixo vinculação à mãe se média ≥ 2.09 e média ≤ 2.09 e ao pai se média ≥ 1.92 e média ≤ 1.92 . Resultando em dois níveis de vinculação: alto e baixo.

Deste modo, para a variável **hostilidade** verifica-se uma interação significativa dos conflitos com a vinculação ao pai $F(1, 819) = 9.927, p = .002; \eta^2 = .012$. Assim, é possível verificar que jovens que presenciam níveis altos de conflitos na presença de uma baixa qualidade da vinculação ao pai ($M = 2.23, IC95\% [2.13, 2.34]$) têm mais hostilidade comparativamente com jovens que presenciam elevados níveis de conflito mas existe uma maior qualidade da vinculação ao pai ($M = 2.16, IC95\% [2.04, 2.28]$) (Tabela 48).

No que respeita à variável **sensibilidade interpessoal** observa-se que a interação entre as dimensões conflitos e vinculação ao pai é significativa $F(1, 818) = 8.177, p = .004; \eta^2 = .010$. Deste modo, verificamos que jovens que presenciam níveis baixos de conflitos na presença de uma baixa qualidade da vinculação ao pai ($M = 2.01, IC95\% [1.86, 2.17]$) têm

maior vulnerabilidade para a sensibilidade interpessoal comparativamente com jovens que presenciaram baixos níveis de conflito mas percebem uma maior qualidade da vinculação ao pai ($M=1.66$, $IC95\%$ [1.56, 1.75]) (Tabela 48).

Para a variável **ideação paranoide e psicoticismo** verifica-se também uma interação significativa dos conflitos com a vinculação ao pai $F(1, 819) = 5.218$, $p = .023$; $\eta^2 = .006$. Desta forma constatamos que jovens que vivenciam níveis altos de conflitos na presença de uma baixa qualidade da vinculação ao pai ($M=2.17$, $IC95\%$ [2.08, 2.27]) apresentem maior vulnerabilidade no desenvolvimento para a ideação paranoide e psicoticismo relativamente aos jovens que presenciaram elevados níveis de conflito mas existe uma elevada qualidade da vinculação ao pai ($M=2.13$, $IC95\%$ [2.02, 2.25]) (Tabela 48).

Na variável **ansiedade** observa-se que a interação entre as dimensões conflitos e vinculação ao pai é significativa $F(1, 818) = 4.191$, $p = .041$; $\eta^2 = .005$. É possível concluirmos que jovens que vivenciam níveis altos de conflitos perante uma baixa qualidade da vinculação ao pai ($M=2.05$, $IC95\%$ [1.96, 2.14]) apresentam maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de ansiedade comparativamente com os jovens que presenciaram elevados níveis de conflito mas existe uma elevada qualidade da vinculação ao pai ($M=2.03$, $IC95\%$ [1.92, 2.14]) (Tabela 48).

Estes resultados permitem-nos perceber que a qualidade da vinculação ao pai pode ser útil como moderador na predição dos conflitos face à psicopatologia. Ou seja, a qualidade da ligação ao pai parece exercer um efeito protetor no desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente a hostilidade, sensibilidade-interpessoal, ideação paranoide e psicoticismo e ansiedade (Tabela 48).

Por outro lado, constatou-se ausência de um efeito moderador da qualidade da vinculação ao pai no que respeita à predição dos conflitos face às dimensões de psicopatologia como: **obsessão-compulsão** $F(1, 819) = 3.685$, $p = .055$; $\eta^2 = .004$, a **somatização** $F(1, 819) = 2.333$, $p = .127$; $\eta^2 = .003$, a **depressão** $F(1, 819) = 1.386$, $p = .239$; $\eta^2 = .002$ e a **ansiedade fóbica** $F(1, 819) = 0.746$, $p = .388$; $\eta^2 = .001$.

Tabela 48. Papel moderador da vinculação ao pai na associação entre as variáveis das propriedades do conflito e a psicopatologia

	CPIC	QVP	M	DP	IC 95%
Hos	Baixo	Baixo	2.23	.89	[2.07 – 2.38]
		Alto	1.77	.68	[1.67 – 1.86]
	Alto	Baixo	2.23	.91	[2.13 – 2.34]
		Alto	2.16	.83	[2.04 – 2.28]
Sens	Baixo	Baixo	2.01	.90	[1.86 – 2.17]
		Alto	1.66	.72	[1.56 – 1.75]
	Alto	Baixo	2.14	.93	[2.04 – 2.25]
		Alto	2.14	.84	[2.02 – 2.27]
Psic	Baixo	Baixo	2.03	.79	[1.89 – 2.16]
		Alto	1.74	.63	[1.65 – 1.82]
	Alto	Baixo	2.17	.82	[2.08 – 2.27]
		Alto	2.13	.74	[2.02 – 2.25]
Ans	Baixo	Baixo	1.91	.78	[1.78 – 2.05]
		Alto	1.67	.59	[1.59 – 1.75]
	Alto	Baixo	2.05	.80	[1.96 – 2.14]
		Alto	2.03	.76	[1.92 – 2.14]

M – média; **DP** – desvio padrão; **IC** – intervalo de confiança; **Sen** – sensibilidade interpessoal; **Ans** – ansiedade; **Hos** – hostilidade; **Psic** – ideação paranóide e psicoticismo

No que diz respeito à interação entre os conflitos e a vinculação à mãe, os resultados indiciam que esta interação não é significativa de modo a exercer um efeito moderador face à psicopatologia. Obtendo-se as seguintes resultados: **hostilidade** $F(1, 817) = 3.281, p = .073; \eta^2 = .004$, **sensibilidade interpessoal** $F(1, 816) = 2.208, p = .138; \eta^2 = .003$, **ideação paranóide e psicoticismo** $F(1, 817) = 2.915, p = .088; \eta^2 = .004$, **ansiedade** $F(1, 816) = 1.356, p = .245; \eta^2 = .002$, **obsessão-compulsão** $F(1, 817) = 2.037, p = .154; \eta^2 = .002$, **somatização** $F(1, 817) = 0.084, p = .772; \eta^2 = .000$, **depressão** $F(1, 817) = 0.536, p = .464; \eta^2 = .001$ e **ansiedade fóbica** $F(1, 817) = 0.087, p = .768; \eta^2 = .000$. Deste modo, podemos inferir que a qualidade de vinculação à mãe não parece exercer um efeito moderador na predição dos conflitos face à psicopatologia.

Capítulo IV – Discussão

Este será o ponto dedicado à discussão dos resultados obtidos com o nosso estudo. O objetivo primordial é dar lugar a uma reflexão acerca dos resultados observados tendo em conta o estado da arte referido inicialmente, mais do que uma confirmação das hipóteses inicialmente estabelecidas.

De encontro ao objetivo do estudo será dado especial relevo à importância da vinculação aos pais, à percepção de conflitos parentais e à coligação e triangulação como fatores que podem predizer o desenvolvimento de psicopatologia na amostra em estudo.

1. **Associações intraescalares - vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação**

Este ponto inicia com a discussão referente às associações intraescalares. Face à **inibição da exploração e individuação** aos pais quando correlacionada com a **qualidade do laço emocional** aos pais verifica-se uma associação negativa e baixa. O que nos apraz perceber que aquando de uma boa vinculação aos pais, estes são percebidos como fundamentais e únicos no desenvolvimento dos jovens, a quem se aproximam em situações de dificuldade. Quando a vinculação aos pais é percebida como segura o que fortalece a qualidade dos laços afetivos, os jovens podem desenvolver uma menor percepção de restrição à expressão da sua individualidade, sentindo-se apoiados pelas figuras parentais no sentido de explorar o exterior e na certeza de que as figuras parentais continuam disponíveis para responder às suas dificuldades. No entanto, observamos que para as outras correlações intraescalares quer ao pai quer à mãe, nomeadamente a **inibição da exploração e individualidade** com a **ansiedade de separação e dependência**, bem como a **qualidade do laço emocional** com a **ansiedade de separação e dependência**, denotam correlações positivas baixas a moderadas. Deste modo, os jovens que são capazes de manifestar qualidade da ligação afetiva, são aqueles que detêm também a ansiedade de separação necessária, saudável. Todavia quando a ansiedade de separação e dependência excede os limites torna os jovens menos autónomos e disponíveis para realizar um crescimento pessoal saudável ocasionando na inibição da exploração e individualidade. De acordo com Bowlby (1969/1982, 1973, 1980) e Ainsworth (1989) a relação que se estabelece entre o jovem e os pais é essencial para um bom desenvolvimento emocional, sendo que os pais funcionam como figuras de vinculação e transmitem proteção e apoio afetivo permitindo o desenvolvimento do sentimento de segurança pessoal ao jovem.

No que respeita aos **conflitos interparentais**, constataram-se associações moderadas positivas entre todas as dimensões. A existência de conflitos interparentais, não resolvidos, afeta os filhos e debilita a estabilidade e coesão da família. Deste modo, a frequência e

intensidade dos conflitos parecem coadunar-se pelo que, à medida que os conflitos não resolvidos aumentam maior poderá ser a intensidade dos mesmos.

Segundo Unger e colegas (2000) a presença de conflitos interparentais reduz a qualidade do funcionamento familiar, conduz ao estabelecimento de alianças disfuncionais e torna a família um sistema menos coeso e de menor suporte.

No que concerne às dimensões de **sintomatologia psicopatológica**, estas associam-se forte e positivamente entre si, o que era de esperar uma vez que existe comorbilidade entre a sintomatologia. O quadro de sintomas patente em cada uma das perturbações pode sobrepor-se a uma multiplicidade de perturbações. Por exemplo, a somatização pode estar associada com a ansiedade generalizada e com a ansiedade fóbica, estas últimas perturbações podem ter uma multiplicidade de queixas físicas associadas a uma ansiedade generalizada. Ou seja, qualquer um dos quadros psicopatológicos apresenta sintomatologia compatível com outros quadros. Gonçalves, Simões, Almeida e Machado (2006) também verificaram na sua validação do instrumento que as dimensões de sintomas psicopatológicos se correlacionavam positivamente entre si, denotando-se que determinada sintomatologia apresentava comorbilidade de sintomas com outros quadros psicopatológicos.

Por último, as dimensões dos **conflitos de lealdade** correlacionam-se de modo positivo e moderado. Deste modo, esta associação positiva entre as dimensões que constituem conflitos de lealdade é perceptível, uma vez que o sentir-se no meio (triangulação) constitui um domínio que nem sempre é tolerado pelos jovens, que são conduzidos a tomar parte de uma das figuras parentais em detrimento da outra. Esta situação ocasiona processos de coligação que por sua vez acarretam sentimentos de angústia e culpa.

A coligação é então um sentimento de condicionamento por parte dos jovens na sua relação diádica (pais-filho). O sentir-se como apanhados no meio (triangulação) pode conduzir posteriormente a uma coligação no sentido dos jovens manterem o sentido de pertença (Amato & Afifi, 2006; Walper & Schwarz, 2001).

2. Associações interescares - vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação

2.1 Uma associação - vinculação aos pais, conflitos interparentais e coligação e triangulação

No que respeita às correlações das dimensões da **vinculação aos pais** com as **propriedades dos conflitos** (frequência, intensidade e resolução) e a **coligação e triangulação** verificamos que existem associações significativas e positivas com a *inibição da exploração e individualidade*.

A existência de dinâmicas parentais pautadas por conflitos interparentais frequentes e intensos, com a presença de dificuldades na resolução dos problemas, ocasiona numa menor disponibilidade dos pais, podendo estes exercer práticas parentais que insiram os jovens entre os conflitos. Assim, os jovens poderão funcionar como um terceiro elemento que poderá estabelecer o contacto entre o casal ou aliar-se a uma figura parental contra o outro. Esta dinâmica familiar pode conduzir os pais a práticas pautadas por maior austeridade condicionando a expressão e o desenvolvimento autónomo do jovem, permitindo que este tenha uma maior perceção das limitações à expressão da sua individualidade.

Um estudo realizado por Moura e Matos (2008) com 310 jovens entre os 14 e os 18 anos, tinha com objetivo verificar quais as associações entre a qualidade da vinculação dos jovens às figuras parentais, ao género, ao divórcio e ao conflito interparental. Os autores verificaram que as propriedades dos conflitos interparentais estão associadas positivamente com a inibição da exploração e individualidade. Nesta medida julgamos que a dinâmica relacional entre pais e filhos pode ser destabilizada pelo conflito interparental e pelos conflitos de lealdade. Aquando destes pode ocorrer um incremento de interações negativas entre a tríade e, também, um baixo envolvimento emocional das figuras vincutivas para com os jovens, o que conduz a disfuncionalidades *major* no sistema familiar que conseqüentemente acarretam prejuízos na qualidade da vinculação entre os filhos e os pais. Também Franck e Buehler (2007) referiam que estes jovens acabam por se sentir responsabilizados pelos conflitos e sentem-se ameaçados pelo comportamento que os pais exercem. Isto porque, por um lado, os pais tentam que os jovens mediem os conflitos entre os conjugues e por outro tentar aliar-se aos filhos contra o outro. Isto permite que os jovens manifestem sentimentos de culpa não permitindo que estes se expressem livremente, condicionando os seus comportamentos face às dificuldades que os pais sentem em gerir os seus conflitos (Franck & Buehler, 2007).

Relativamente às correlações das dimensões da **vinculação aos pais** com as **propriedades dos conflitos** (frequência, intensidade e resolução) e a **coligação** e **triangulação** verificámos que estas se associam significativa e negativamente com a *qualidade do laço emocional* aos pais.

A perceção de reduzidos conflitos interparentais e a ausência de processos de coligação e triangulação facilitam o estabelecimento de importantes ligações entre o jovem e as figuras parentais, sendo estas fundamentais para o seu desenvolvimento, podendo este recorrer a estas aquando dos obstáculos que enfrenta. Torna-se, então, imprescindível que os jovens possam fazer parte de um ambiente familiar afetivo que permita o estabelecimento de laços de vinculação seguros (Mota & Matos, 2011b).

O estudo referido anteriormente de Moura e Matos (2008), também verificou que as propriedades dos conflitos interparentais se associam negativamente com a qualidade do laço

emocional. Nesta medida, a percepção do conflito interparental não resolvido e os conflitos de lealdade estão associados com a debilidade e a diminuição da qualidade do vínculo, o que pode acarretar implicações negativas no exercício do papel parental. Estas implicações negativas traduzem-se na vivência emocional dos filhos, nomeadamente na diminuição da qualidade da relação que estabelecem com os pais, bem como a indisponibilidade psicológica das figuras parentais pode conduzir a que as necessidades emocionais dos filhos não sejam compreendidas (Cox et al., 2001; Cummings & Davies, 2002; Mota & Matos, 2010; Moura & Matos, 2008). Assim, as implicações advindas dos conflitos interparentais condicionam a segurança emocional dos jovens, pelo que o sentimento de pertença se torna evidente.

Um estudo desenvolvido por Franck e Buehler (2007) com jovens de 416 famílias, teve como objetivo verificar o potencial efeito da qualidade de ligação emocional aos pais tendo em conta a percepção da triangulação aquando da hostilidade conjugal. Neste estudo, os autores, verificaram que a necessidade dos jovens em se manterem próximos das figuras de vinculação pode facilitar o desenvolvimento de processos de coligação e triangulação. Estes processos poderão acarretar conflitos de lealdade que os jovens têm dificuldade em gerir, podendo estes desenvolver sentimentos angústia e culpabilidade o que poderá prejudicar e condicionar a relação dos filhos com as figuras parentais. Esta situação pode ocorrer quando implicitamente os jovens se sentem “apanhados no meio” e têm que fazer uma escolha, bem como quando são levados a coligar-se a um dos pais (Amato & Afifi, 2006; Franck & Buehler, 2007; Mota & Matos, 2010; Walper et al., 2005).

Quanto às correlações das dimensões da **vinculação aos pais** com a **frequência**, **intensidade** e **resolução** e a **coligação** verificámos que estes se associam significativa e negativa com a *ansiedade de separação e dependência* aos pais. No entanto, é importante sublinhar que não se observaram resultados significativos no que respeita à associação entre a frequência e intensidade dos conflitos interparentais face à *ansiedade de separação e dependência* mãe, nem na triangulação a ambos os pais. Entenda-se que a ansiedade de separação e dependência é uma variável que não é necessariamente negativa, pode ser positiva para a vinculação sempre e quando esta ansiedade for salutar, exercendo um valor adaptativo no processo de autodesenvolvimento. Todavia, torna-se negativa sempre que se observem valores extremos, ou seja, altos ou baixos níveis de experiências de ansiedade e medo de separação da figura de vinculação. Dado que os conflitos interparentais e a coligação e a triangulação promovem mal-estar nos jovens com sentimentos de medo, culpa, pelo que está acontecendo, e raiva, muitas vezes percebemos que a qualidade da relação com os pais é debilitada. Assim, os jovens tornam-se mais inseguros nas relações podendo apresentar menos ansiedade de separação, que no seu extremo traduz jovens desligados que aparentemente podem estar mais afastados das figuras parentais, mas continuam a ter necessidade de proximidade.

Ainda fazendo alusão ao estudo de Moura e Matos (2008), os autores observaram que as propriedades dos conflitos interparentais estão associadas negativamente com a ansiedade de separação e dependência. Também um estudo mais antigo, desenvolvido por Lopez, Campbell e Watkins (1989), com 554 jovens do ensino universitário observaram que as dificuldades na interação conjugal às quais estão associados processos de coligação debilitam a segurança dos jovens. Assim, os conflitos interparentais e a coligação podem diminuir o envolvimento e a disponibilidade emocional dos pais para com os seus filhos. Quando a ansiedade e o medo de separação são levados ao seu extremo, a menor ansiedade de separação reverte-se para indivíduos desligados, defensivos e menos seguros das suas relações de vinculação com as figuras parentais. Deste modo, os jovens podem ser conduzidos a estabelecer relações de menor dependência, experienciando menos ansiedade e medo de se separar da figura vinculativa. Estes jovens são levados a encontrar no grupo de pares um sistema de suporte face à possível diminuição de sensibilidade e responsividade das figuras de vinculação, e à menor disponibilidade para auxiliar os filhos a regular as suas emoções. Nesta dinâmica familiar os jovens são compelidos a procurarem mecanismos que lhes permitam reinstaurar a segurança emocional que pode estar esmorecida, fazendo-se notar que o sentimento de pertença é fundamental. Esta necessidade de os jovens se manterem próximos das figuras vinculativas pode levar a processos de coligação e triangulação, permitindo que estes jovens estejam mais próximos de um dos pais e que o sentimento de pertença exista (Amato & Afifi, 2006; Owen & Cox, 1997).

Os resultados do nosso estudo permitem-nos corroborar a nossa hipótese, de que a perceção de conflitos interparentais se associa negativamente com a qualidade da vinculação aos pais.

2.2 Uma associação - vinculação aos pais, coligação e triangulação e psicopatologia

Aquando de correlacionarmos as variáveis da **vinculação aos pais** e a **coligação e triangulação** com a **psicopatologia** verificamos a existência de uma associação positiva com a generalidade das dimensões. No entanto, sublinha-se que a dimensão *qualidade do laço emocional* correlaciona-se negativamente com o desenvolvimento de psicopatologia e a dimensão *inibição da exploração e individualidade* associa-se positivamente com o desenvolvimento de psicopatologia.

Neste sentido, adolescentes e jovens adultos que percecionam os pais enquanto figuras de vinculação, aos quais recorrem aquando de dificuldades, parecem desenvolver menos sintomatologia psicopatológica. Estas associações sugerem que, a qualidade da vinculação caminha no sentido contrário ao desenvolvimento de sintomas psicopatológicos. O que nos leva a pensar, que de facto, os jovens que percecionam os pais como uma base

segura, desenvolvem naturalmente esquemas cognitivos que lhes permitem uma exploração prudente do ambiente afastando-os de vivências pouco salutares.

Deste modo, tal como Bowlby (1969/1982) referia, as relações de vinculação pautadas pela singularidade e exclusividade, permitem ao jovem a procura de conforto e apoio. E estas características consentem que os jovens sejam emocionalmente funcionantes, contribuindo para o bom desenvolvimento e funcionamento psicológico.

Um estudo desenvolvido por Lemos (2007) com 668 jovens entre os 12 e os 19 anos pretendeu identificar fatores de risco psicossocial e fatores protetores na expressividade de perturbações psicológicas e características de comportamentos delinquentes nos adolescentes. Neste estudo a autora verificou que a perceção de amor, de apoio e a presença de uma relação estável e duradoura, percebida com fundamental para o desenvolvimento do jovem, torna-se um fator protetor para o desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente ansiedade, depressão, perturbações do comportamento alimentar e pós-stress traumático.

No entanto, a *ansiedade de separação e dependência das figuras vinculativas* não está associada ao desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente ao *pai*. O que parece traduzir que a relação de dependência face ao pai poderá não estar associada como sendo um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologia, ou não é tão significativa como ocorre no papel da mãe. Do mesmo modo, a experiência de ansiedade e medo de separação da figura vinculativa pode, também, existir num nível baixo pelo que não é percebida com uma variável negativa que conduz ao desenvolvimento de psicopatologia.

No que diz respeito à *mãe*, a *ansiedade de separação e dependência* desta figura vinculativa apenas está associada positivamente com alguma psicopatologia (obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal e ideação paranóide e psicoticismo). Assim, é passível que os resultados destas variáveis possam ser compreendidos à luz de uma organização pessoal que se sucede na adolescência e pode conduzir os jovens a desenvolver cognições, impulsos e comportamentos que são entendidos como persistentes, aos quais os jovens percebem que não conseguem resistir embora não sejam desejados. Do mesmo modo, também, encontram-se vulneráveis na organização de sentimentos de inadequação pessoal, inferioridade, auto-depreciação, desconforto e timidez durante as interações sociais. Estes jovens tem tendência a centrarem-se em si estando mais alienados da realidade e por vezes com a sensação de desrealização dos seus desejos, o que implica uma forma paranóide de perceber o mundo, embora não necessariamente permanente e organizada.

Tendo em conta a nossa amostra, estes jovens encontram-se num período desenvolvimental onde podem confrontar-se com inúmeros desafios que os obrigam a fazer frente de modo adaptativo. Quando os jovens se sentem inseguros uma elevada ansiedade de separação à mãe leva a que não sejam capazes de estabelecer uma consonância entre os

desafios impostos e os seus recursos pessoais e interpessoais o que pode conduzir a manifestações de *stress* (Cleto & Costa, 1996).

Um estudo desenvolvido por Monteiro, Tavares e Pereira (2007) com 316 estudantes universitários tinha como objetivo estudar a relação entre o estabelecimento da vinculação entre pais e filhos e a sintomatologia psicopatologia e o bem-estar. Os autores verificaram que as dificuldades em estabelecer uma relação de vinculação com os pais e a organização de modelos internos dinâmico pouco ajustado, podem estar na base de vinculações inseguras. Por seu turno, estas parecem constituir fatores de risco para o desenvolvimento de psicopatologia, verificando-se uma relação entre a vinculação e os comportamentos internalizantes e externalizantes. A desorganização da vinculação é, então, um fator preponderante para o desenvolvimento de psicopatologia no jovem.

Os jovens parecem, então, demonstrar medo de perda e angústia de separação, bem como insegurança na ameaça à perda da figura de vinculação, podendo esta situação facilitar o desenvolvimento de uma relação de dependência. Segundo Braconnier e Marcelli (2000), os jovens necessitam de se separar dos pais, no entanto esta necessidade está carregada de intensa ansiedade de se perderem. Assim, observa-se uma dualidade de sentimentos, por um lado, os jovens tem a necessidade de se separarem, todavia pesa a ameaça de se perderem. Por outro a autonomia que estes são capazes de conquistar e desenvolver com a separação pesa contra a ameaça do possível desenvolvimento de psicopatologia.

Verificámos, também, que os conflitos de lealdade estão associados positivamente com o desenvolvimento de psicopatologia. Como já havíamos referido, os conflitos de lealdade podem tornar-se difíceis de gerir pelos jovens, uma vez que estes se encontram num período do desenvolvimento pautado por alguma instabilidade e necessitam de manter a qualidade do vínculo aos pais, sem que este vínculo possa ser afetado por processos de coligação e triangulação. Quando os jovens vivem no emaranhado de uma dinâmica familiar disfuncional sentem-se constrangidos, e “obrigados” a tomar partido por um dos pais. Estes comportamentos induzidos nos jovens leva a que manifestem sentimentos de culpa que poderão despoletar implicações na vida emocional, nomeadamente psicopatologia.

Os resultados do nosso estudo vão de encontro a um estudo desenvolvido por Buehler e Welsh (2009) realizado com 426 adolescentes entre os 11 e os 15 anos. Os autores colocaram como hipótese se os conflitos de lealdade, nomeadamente a triangulação, estariam associados com o desenvolvimento de problemas internalizantes nos jovens. Com este estudo, foi possível verificarem que na presença dos conflitos de lealdade, em que um dos pais faz com que os filhos se sintam divididos ou que implicitamente o conduz a gostar mais de uma figura parental em prol de outra, os jovens apresentam maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente ansiedade, depressão e retraimento social. Estes jovens sentem-se compelidos por um dos pais e esta violação das fronteiras pode

despoletar medo, ansiedade, tensão e culpa. Os autores sublinham, também, como fator negativo o desgaste inadequado de energia, que está associado aos conflitos de lealdade. Durante este período do ciclo vital, em que é suposto que o jovem se torne autónomo, este desgaste de energia pode refletir-se em sintomatologia de ordem internalizante.

Corroborarmos, assim, as hipóteses inicialmente levantada de que a qualidade da vinculação aos pais associa-se de modo negativo com o desenvolvimento de psicopatologia, e ainda a coligação e triangulação associam-se de forma positiva como o desenvolvimento de psicopatologia.

2.3 Uma associação - conflitos interparentais e psicopatologia

Verifica-se uma associação positiva entre as **propriedades dos conflitos** e o **desenvolvimento de psicopatologia**. Os jovens encontram-se num período controverso, de descobertas e de obstáculos que por vezes têm dificuldades em ultrapassar. Assim sentem uma maior necessidade de apoio dos pais, e a harmonia e o equilíbrio entre a dinâmica conjugal torna-se um fator protetor. Caso a relação parental seja pautada por conflitos, estes torna-se mais uma fonte de *stress* que se aglomera às outras dificuldades. Deste modo, dinâmicas familiares pautadas por conflitos interparentais levam a que os jovens manifestem oscilações no desenvolvimento afetivo, comportamental e cognitivo. Estes resultados permitem-nos intuir que a perceção do conflito interparental, especialmente a ausência da sua resolução, está associada positivamente com o emergir de psicopatologia.

Cabe ressaltar que em ambas as análises correlacionais realizada (sem e com a discriminação da configuração familiar) esta associação é positiva. Todavia, aquando de uma análise em que se discriminava as famílias intactas e divorciadas, observamos que no caso de famílias em que os pais estão divorciados a ausência de resolução não evidencia resultados significativos para a generalidade das dimensões, excluindo sintomatologia de cariz depressivo e ideação paranóide e psicoticismo.

O nosso resultado corrobora outros estudos. Também Siffert e Schwarz (2011) realizaram um estudo com 192 casais e os seus filhos e verificaram que o modo como os pais resolvem os conflitos conjugais parece estar associado com o ajustamento psicológico dos adolescentes. Deste modo, a incapacidade demonstrada pelos pais para resolverem os conflitos, condiciona o desenvolvimento e regulação emocional dos adolescentes. A não resolução dos conflitos interparentais é, então, percebida como uma ameaça conduzindo a que os adolescentes se sintam culpados pela ocorrência dos mesmos. Comportamento este, que é espelhado em problemas internalizantes, nomeadamente depressão, ansiedade e auto-depreciação.

Do mesmo modo, Garcia, Marín e Currea (2006) num estudo desenvolvido com 256 famílias em que os filhos tinham idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, pretendeu

identificar as características nas relações dos pais que fossem passíveis de predizer o ajustamento psicológico dos filhos. Os resultados obtidos indicaram que os conflitos interparentais parecem estar associados ao desenvolvimento de psicopatologia nos jovens, nomeadamente de cariz depressivo e ansioso.

Por último, um estudo desenvolvido por Musick e Meier (2010) com 1963 jovens, tendo em conta as diferenças entre as suas configuração familiares (intactas e divorciadas), tiveram como intuito verificar a associação entre as dinâmicas familiares na adolescência e o ajustamento psicológico dos jovem na adultícia. Os autores verificaram que independentemente da configuração familiar em que o jovem reside, a perceção de intensos e elevados conflitos interparentais, assim como a incapacidade dos pais em utilizar estratégias adequadas de resolução dos mesmo, parece estar associada à expressão de problemas internalizantes e externalizantes ao longo do desenvolvimento, como o isolamento, queixas somáticas, ansiedade, depressão, baixo rendimento e abandono escolar, comportamentos sexuais de risco, consumo de substâncias e gravidez na adolescência.

Os resultados do nosso estudo permitem-nos corroborar a hipótese inicialmente levantada de que os conflitos interparentais, independentemente da configuração familiar, se associam de forma positiva como o desenvolvimento de psicopatologia.

2.4 Uma associação – coligação e triangulação e conflitos interparentais

Para finalizar, foram também correlacionadas as dimensões da **coligação** e **triangulação** com os **conflitos interparentais**, tal como seria esperado estas mostraram-se associadas positivamente. Estes resultados sugerem que os jovens que convivem num ambiente familiar pautado por conflitos interparentais estão mais propensos a desenvolverem conflitos de lealdade. Aquando de interações conflituosas entre o casal, os jovens vêem-se emaranhados nos conflitos, sendo muitas das vezes o meio de comunicação entre os pais, funcionando muitas das vezes como um cúmplice contra a outra figura parental, afastando-se dela. Assim, o conflito interparental acarreta menos disponibilidade parental, dado que os pais se encontram mais voltados para si e para as suas angústias. Nesta medida, tal como aborda a literatura, a relação com os filhos tende a alterar-se, pelo que mesmo que inadvertidamente por vezes os pais não estejam atentos às necessidades dos filhos, estes encontram-se divididos entre ambos pais, sentindo-se ambivalentes e relutantes. Ou seja, os jovens sentem que de certo modo está patente um processo de triangulação, que acarreta medo de perda. Neste sentido, uma estratégia encontrada pelos jovens pode ser a de se ligarem a uma das figuras parentais em detrimento da outra. Processo este menos saudável e que também acarreta sofrimento aos jovens, no entanto, ajuda-os a criar uma estrutura que os pais não parecem capazes de o fazer, logo desenvolvem processos de coligação que mais tarde lhes pode acarretar prejuízos.

Um estudo desenvolvido por Walper, Kruse, Noack e Schwarz (2005) com 493 jovens de escolas Alemãs verificaram que existe uma associação positiva entre conflitos interparentais não resolvidos e a coligação e triangulação. Repare-se que os conflitos não têm que ser entendidos apenas com um cariz negativo, apenas a continuidade desta não resolução é que pode acarretar mal-estar. Neste estudo, os autores verificaram que o conflito interparental aumenta o risco dos adolescentes se sentirem inseguros, crescendo-se o risco do desenvolvimento de conflitos de lealdade. Assim, os conflitos de lealdade, ou seja, o processo de dinâmica conjugal que conduz os jovens a escolherem entre uma das figuras parentais e que os leva a sentir como que “apanhados no meio” (*caught in the middle*), estão muitas das vezes associados a ambientes familiares pautados por conflitos interparentais. Ambos traduzem-se como acontecimentos de vida negativo com os quais os jovens têm de lidar, acarretando implicações na vida emocional. Estas alterações na dinâmica de relacionamento entre os pais e os filhos, perturba a relação existente entre a tríade e nomeadamente perturba o funcionamento psicológico do jovem, tornando-o mais vulnerável para o desenvolvimento de psicopatologia. Deste modo, pode acontecer que a comunicação entre os pais, aquando dos conflitos interparentais, é feita através dos jovens que passam a intermediar o relacionamento da relação parental. Essa comunicação indireta pode traduzir-se numa estratégia para reduzir o desgaste e as discussões entre os adultos, todavia pode prejudicar os jovens (Martins, 2010).

3. Análises diferenciais - vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função das variáveis sociodemográficas

3.1 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função do género

No contexto das análises dos elementos sociodemográficos, observaram-se algumas diferenças significativas. No que respeita à *inibição da exploração e individualidade* a ambos os pais observam-se diferenças significativas face ao género, denotando-se que o género masculino obteve resultados mais elevados na perceção de limites à expressão da sua individualidade comparativamente com o género feminino.

A adolescência e a jovem adultícia patenteiam, em cada um dos géneros, tarefas desenvolvimentais específicas. Um turbilhão de transformações pessoais vai dar origem a uma autodescoberta individual e a uma reavaliação dos laços vinculativos (Ramalho, 2008). No entanto, os rapazes podem estar mais voltados para o exterior, em que muitas das vezes estão mais afastados de uma necessidade continua das relações afetivas, o que não significa que as

desvalorizem, podendo repercutir-se na forma como estes gerem as relações com os pais e vivenciam as imposições de limites (Allen & Stoltenberg, 2001).

No que respeita à *qualidade do laço emocional e ansiedade de separação e dependência* face ao pai, não se observam diferenças significativas entre os géneros. Facto que poderá dever-se ao cariz da relação que muitas vezes os jovens estabelecem com o pai pautada por uma menor dependência.

Todavia, face à *qualidade do laço emocional e à ansiedade de separação e dependência* à mãe, observam-se diferenças significativas, em que o género feminino apresenta resultados mais elevados comparativamente com o género masculino. Compreendendo-se que as raparigas denotam na figura materna, enquanto figura de vinculação, laços fundamentais e únicos para o seu desenvolvimento. No entanto, verifica-se também que estas são mais dependentes da figura materna comparativamente com os rapazes.

Os mesmos resultados foram observados num estudo desenvolvido por Cordeiro (2012) com o objetivo de estudar a relações entre a vinculação parental e amorosa e o temperamento afetivo numa amostras de 760 jovens adultos. O autor percebeu que na nossa sociedade e com as influências culturais e sociais que vamos assimilando, o género feminino normalmente goza de uma maior permanência e envolvimento com a figura materna, estando mais voltada para a proteção face aos eventuais riscos. Este comportamento permite que se instituem laços mais próximos das figuras parentais, neste caso à mãe, o que por sua vez pode conduzir a uma maior dependência desta.

No que concerne à *psicopatologia* verificamos que o género feminino apresenta em média maior psicopatologia, face ao género masculino. No entanto, é importante subescrever que a nossa amostra é maioritariamente feminina. Todavia, julgamos que o género feminino tendencialmente internaliza mais os eventos, preleccionando-os como stressantes e por isso são mais suscetíveis de desenvolver patologia. Ao invés, o género masculino é mais externalizante, para além de que culturalmente são encarados como sendo mais fortes e são socialmente orientados para resolver as situações percecionadas como stressantes (Rabasquinho & Pereira, 2007). Embora este seja um resultado corroborado pela literatura julgamos que esta leitura não deve ser feita de modo estanque, pelo que hoje em dia cada vez mais encontramos jovens do género masculino mais voltados para a vertente sensitiva e como maior capacidade de envolvimento emocional, o que se reverte também na psicopatologia associada.

Os nossos resultados corroboram alguns estudos anteriores. Andrade, Júnior, Teixeira e Fonseca (2011) desenvolveram um estudo com 116 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, onde pretendiam avaliar a prevalência das perturbações mentais em jovens que beneficiassem de medidas socioeducativas. Os autores concluíram com o seu

estudo que o género feminino denota maior prevalência de perturbações de cariz internalizante, como ansiedade e depressão analogamente ao género masculino, sublinhando o facto de que elas podem ser mais ruminativas face aos eventos stressores. Por sua vez, também Santana e Negreiros (2008) levaram a cabo um estudo com 484 jovens, com uma média de idades de 18.85 anos e tinham como intuito estudar a associação entre o consumo de álcool nos jovens e a depressão. Deste estudo os autores verificaram uma maior percentagem de sintomatologia depressiva no género feminino. Também o estudo de Baptista, Lima, Capovilla e Melo (2006) realizado com 62 jovens entre os 15 e os 24 anos, tinha com o objetivo verificar os efeitos da sintomatologia depressiva no desempenho escolar. De igual modo, foi possível observar neste estudo um maior predomínio de depressão no género feminino. Bem como, no estudo de Siva e Costa (2005) com uma amostra de 511 alunos universitários entre os 17 e os 25 anos, com o objetivo de verificar a influência das diferentes tarefas psicossociais no desenvolvimento de sintomatologia ansiosa nos jovens verificaram que o género feminino comparativamente com o masculino, apresenta um maior número de sintomatologia ansiosa que parece estar relacionada com fobias e medos.

No que concerne à análise das diferenças significativas dos *conflitos interparentais* e na *coligação* e *triangulação* não se observam diferenças significativas. Ou seja, os jovens da amostra, independentemente do género, não diferem significativamente na perceção dos conflitos interparentais e na coligação e triangulação. Jovens dos diferentes géneros não diferem aquando da perceção de conflitos interparentais e de lealdade. Julgamos por isso que ambos detêm competências para perceber as vivências do conflitos que podem ser prejudiciais na qualidade da relação de vinculação, bem como ambos podem ser vulneráveis a processos de coligação e triangulação gerando conflitos de lealdade.

Todavia o nosso resultado não vai de encontro a um estudo longitudinal desenvolvido por Myers (2005) com o objetivo de estudar a relação entre pais e filhos adolescentes aquando de eventos como a migração dos pais, a especificidades da estrutura familiar, dos estilos de parentificação e dos conflitos conjugais. No que respeita aos conflitos interparentais o autor verificou que estes são mais percecionados pelo género feminino, uma vez que estas parecem mais sensíveis, face aos rapazes que parecem mais desligados e voltados para as relações com os pares. Deste modo, esta maior perceção por parte das raparigas conduz a que a relação que estas estabelecem com os pais torne-se débil reduzindo a proximidade com estes.

Por sua vez, uma estudo desenvolvido por Johnston, Waltars e Olesen (2005) com 125 famílias pretendeu estudar de que modo a relação com os pais pode ser afetada pelos níveis elevados de conflito interparental e com o impacto do divórcio. Bem como, pretendeu estudar de que modo os conflitos de lealdade podem perturbar a relação com ambos os progenitores. Assim, os autores verificaram que ambos os sexos não apresentam diferenças no modo como percecionam e vivenciam os processos de coligação e triangulação, pelo que estes processos

que conduzem aos conflitos de lealdade são prejudiciais para o género feminino e masculino face à relação de proximidade que estabelecem com os pais.

3.2 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função da idade

No que diz respeito à vinculação aos pais verificam-se diferenças significativas face à idade. Deste modo, no que refere à *inibição da exploração e individualidade* a ambos os pais, denota-se que os jovens mais novos entre os 13 e os 17 anos apresentam resultados mais elevados comparativamente com os jovens entre os 18 e 22 anos e entre os 23 e os 25 anos. Também, no que respeita à e à *ansiedade de separação e dependência* jovens mais novos, entre os 13 e os 17 anos, apresentam resultados mais elevados comparativamente com os jovens entre os 23 e 25 anos, bem como os jovens entre os 18 e os 22 anos apresentam resultados mais elevados comparativamente com os jovens entre os 23 e 25 anos. Deste modo, são os jovens mais novos que têm uma maior perceção dos limites à expressão da sua individualidade e da ansiedade e medo de separação das figuras vinculativas comparativamente com jovens mais velhos.

Estes resultados podem ser lidos à luz de uma perspetiva desenvolvimentista, observando-se que ao longo do ciclo desenvolvimental ocorre um amadurecimento do ser humano e das próprias relações que este estabelece. Este amadurecimento permite que as relações sejam geridas de outro modo e os laços vinculativos nos mais novos também estão mais presentes. No entanto, sentem-se mais controlados pela ansiedade de conhecer, de sair, pelos que as regras parentais estão mais patentes ou eles percebem-nas como mais limitantes. Por outro lado, esta vontade de arriscar nem sempre é assumida, pelo que a separação é sentida com medo do desconhecido (Ramalho, 2008).

A perceção da *qualidade do laço emocional* aos pais é em média superior nos jovens entre os 18 e os 22 anos comparativamente com os jovens entre os 13 e os 17 anos. Nesta fase, entre os 13 e os 17 anos, os jovens estão mais voltados para o exterior podendo entender-se, aparentemente, que de certo modo existe uma desvinculação face à primazia que é dada ao grupo de pares e às relações que estabelecem com estes. Todavia, entre os 18 e os 22 anos há uma diferença significativa dado que os jovens entram na adultícia e têm que reformular as vivências, alguns vão para a universidade e separam-se e a qualidade do laço emocional com as figuras significativas de afeto está mais evidente (Ramalho, 2008).

No que se refere aos *sintomas psicopatológicos*, os adolescentes e jovens adultos apenas diferem significativamente em alguma psicopatologia face à idade. Verificamos também no nosso estudo que os jovens mais novos (entre os 13 e os 17 anos) apresentam em média maiores níveis de sintomas psicopatológicos, nomeadamente somatização, hostilidade,

ansiedade fóbica e ideação paranóide e psicoticismo, comparativamente com jovens mais velhos (entre os 18 e os 22 anos).

Estes resultados permitem-nos verificar, que tal como esperávamos, são os jovens mais novos que parecem ser mais vulneráveis e apresentam maior suscetibilidade para o desenvolvimento de sintomas psicopatológicos. Os jovens desta idade muitas das vezes traduzem e comunicam o seu mal-estar através, nomeadamente da somatização, hostilidade e ansiedade fóbica, uma vez que estes ainda se encontram muito autocentrados na vivência do corpo e manifestam dificuldades na intolerância à frustração. No entanto, na adolescência o jovens tem que responder a uma série de tarefas desenvolvimentais que não são fáceis de gerir. Sendo, também, uma etapa pautada por uma certa insegurança que se pode traduzir no medo em estabelecer relações com o outro. Esta situação pode permitir o desenvolvimento de níveis significativos de ansiedade, pelo receio da autodescoberta, ou seja, de procura de si mesmos, de uma certa alienação, podendo-se verificar um menor contacto com a realidade, sendo este descontínuo e não estruturado (Beato, 2008; Elkind, 1967).

Um estudo já mencionado desenvolvido por Lemos (2007) tinha com o objetivo de identificar fatores de risco psicossocial e fatores protetores na expressividade de perturbações psicológicas e características de comportamentos delinquentes numa amostra de 668 jovens entre os 12 e os 19 anos pretendeu. A autora sublinha que os jovens entre os 15 e os 19 anos expressão grandes níveis de sintomatologia psicopatológica, uma vez que experienciam inúmeras situações de *stress* associadas às tarefas desenvolvimentais requeridas nesta fase da adolescência.

Face aos *conflitos interparentais* os jovens da nossa amostra não diferem significativamente ao nível da frequência e intensidade dos conflitos, resultado este que vão de encontro a um estudo realizado por Moura e Matos (2008) com 310 elementos entre os 13 e os 18 anos em que tinham como principal objetivo analisar as associações entre a qualidade da vinculação aos pais, o género, o divórcio e o conflito interparental. No entanto, nós observamos que face à dimensão resolução dos conflitos existem diferenças significativas, denotando-se que são os jovens mais velhos (entre os 23 e os 25 anos) comparativamente com os jovens com idades inferiores a 22 anos, que apresentam maior perceção da dificuldade de resolução dos conflitos interparentais. Este facto deve-se à maior maturidade e à capacidade de reflexão no sentido de pensar sobre os acontecimentos. Estes detêm um desenvolvimento cognitivo mais amadurecido que lhes permite uma outra compreensão dos factos, estando estes mais atentos aos conflitos não resolvidos, tornando-se mais perspicazes (Toloi, 2006).

Tendo em conta os *conflitos de lealdade* face à idade observamos diferenças significativas, em que os jovens mais velhos (entre os 23 e os 25 anos) apresentam em média maior perceção dos comportamentos de coligação face aos outros grupos, enquanto os mais

novos (entre os 13 e os 17 anos) apresentam em média maior percepção dos comportamentos de triangulação comparativamente com os jovens entre os 18 e os 22 anos.

Assumindo que os jovens mais novos habitam o mesmo lar diariamente facilmente os pais potenciam através da dinâmica conjugal comportamentos de triangulação em que os jovens se sentem divididos, envolvendo-os nas interações conflituosas, funcionando, estes, como meios de comunicação entre os pais. Por sua vez, os mais velhos embora mais conscientes dos conflitos interparentais também podem assumir um cariz de maior envolvimento no que concerne à figura parental com quem assumem maior proximidade. Este resultado não seria esperado, por um lado porque os jovens mais velhos estariam mais atentos às necessidades de ambos pais e detendo maior maturidade poderiam contornar esta questão. Todavia, por outro lado, muitas vezes identificam-se mais com uma das figuras parentais pelas suas ideologias e proximidade relacional, o que acarreta numa maior ou menor medida o desenvolvimento de comportamentos de coligação. Embora muitas vezes já não habitem na mesma casa julgamos que é possível que tomem partido de uma das partes de forma mais facilitada do que os jovens mais novos que estão ainda dependentes de ambas figuras parentais (Buchanan et al., 1991).

Num estudo desenvolvido por Johnston, Waltars e Olesen (2005), já mencionado, com 125 famílias teve como objetivo estudar de que modo a relação com os pais pode ser colocada em causa face aos níveis elevados de conflito interparental e ao divórcio. Bem como pretendiam estudar de que modo os conflitos de lealdade podem perturbar a relação com ambos os progenitores. Os autores verificaram que os jovens mais velhos encontram-se mais propensos a desenvolver coligação com um dos pais e a distanciar-se do outro, sendo expectável que estes desenvolvam laços mais fortes com uma das figuras parentais.

Por sua vez, um estudo desenvolvido por Grych, Raynor e Fosco (2004) com 388 jovens entre os 14 e os 18 anos tinha como intuito estudar de que forma os conflitos interparentais e os conflitos de lealdade podem condicionar o desenvolvimento de um desajuste nos jovens. Assim, verificou que os adolescentes entre os 14 e os 19 anos são mais vulneráveis a sentir-se triangulados. Estes jovens encontram-se ainda num nível cognitivo que interfere com a sua capacidade de compreender e tomar decisões perante a dinâmica relacional dos pais, pelo que facilmente se sentem “como apanhados no meio” e porque detém igual proximidade emocional por ambas as figuras parentais, não sendo ainda capazes de se distanciar desta dinâmica familiar. Facto este que se deve à crescente necessidade que os jovens sentem nesta fase, pautada por inúmeras transformações, em manter proximidade com as figuras significativas.

3.3 Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função da escolaridade

No contexto das análises dos elementos sociodemográficos, é interessante ressaltar que também se observam diferenças significativas na escolaridade. Nomeadamente a *qualidade do laço emocional* com as figuras de vinculação é em média mais elevado no ensino superior comparativamente com o 3º ciclo e o ensino secundário.

Num estudo desenvolvido por Ramalho (2008) com numa amostra de jovens adultos com uma média de 20.7 anos, observaram-se diferenças das habilitações literárias dos jovens em função das dimensões de vinculação aos pais. Deste modo, o autor observou diferenças significativas na *qualidade do laço emocional* ao pai nos jovens com escolaridades inferiores ao 12º ano, estes apresentavam níveis significativamente mais baixos do que todos os restantes participantes. Numa perspetiva desenvolvimentista e ecológica a maior autonomia e liberdade que os jovens vivenciam durante o ensino superior permite-lhes uma maior maturidade individual e relacional. Esta fase do ciclo de desenvolvimento é caracterizada por enormes mudanças que se iniciam na adolescência, verificando-se uma procura de relacionamentos mais significativos. Estes jovens estão mais centrados na qualidade das relações à medida que as vivencias também são diferentes, estando mais voltados para si e para os outros. Esta fase pode, assim, constituir o mote para que estes sintam maior segurança nas suas relações pessoais e percecionem as dificuldades de interação com as figuras vinculativas como *minor* (Dias & Fontaine, 2001; Faria et al., 2007; Ramalho, 2008).

Na *inibição da exploração e individualidade* aos pais e *ansiedade de separação e dependência* ao pai, observaram-se diferenças significativas ao nível da escolaridade. Verificando-se que aqueles que frequentam o 3º ciclo, assumindo que serão os mais jovens, apresentam em média, resultados superiores face às outras fases de escolaridade (ensino secundário e ensino superior). O que nos permite pensar que estes jovens, tal como discutimos para a questão da idade, que vivenciam uma fase de maior ambivalência, sentem-se mais limitados sob o ponto de vista da expansão para o exterior e ao mesmo tempo têm maior ansiedade na separação pela insegurança que o desconhecido pode acarretar.

É no final da adolescência que os jovens podem vir a reunir condições para vivenciar relações mais independentes e autónomas, embora a fonte de vinculação primordial permaneça, estabelecendo objetivos de vida que estimulem a sua autonomia, a responsabilidade e as capacidades de decisão. A maturação cerebral, a reflexão e a maior responsabilidade nas tomas de decisão iniciam-se na segunda década de vida, que ocorre por volta dos 18 anos (Cauffman & Steinberg, 2000; Dias & Fontaine, 2001). Deste modo, parece fazer sentido que aqueles que frequentam o 3º ciclo possam apresentar maiores níveis de *inibição da exploração e individualidade e ansiedade de separação e dependência*.

O estudo de Rocha (2008) com 627 jovens entre os 13 e os 23 anos, pretendia observar as relações de vinculação na adolescência e a articulação destas representações de vinculação tendo em conta três domínios relacionais, especificamente os pais, os pares e o par amoroso, vai ao encontro destes resultados. Tendo em conta uma abordagem da psicologia desenvolvimental, a inibição da exploração e individualidade pode assumir relevância nas fases iniciais da adolescência e a ansiedade de separação e dependência pode diminuir com o avançar da idade. Facto, este, que pode dever-se à construção da identidade pessoal, na qual os jovens têm que corresponder a tarefas específicas do desenvolvimento. Observando-se, também, um ganho na autonomia, reajustando-se os relacionamentos que se estabelecem com as figuras de vinculação. Deste modo, os jovens estabelecem novas relações de amizade e relações românticas, o que poderá conduzir a uma relação de menor dependência da figura paterna (Meeus, Iedema, Maassen & Engels, 2004).

No entanto, cabe ressaltar que na *ansiedade de separação e dependência* à mãe não se observaram diferenças significativas face à escolaridade, pelo que na relação e a qualidade da vinculação com a mãe, pela sua continuidade, proximidade e reciprocidade, parece ser mais equitativa independentemente da idade ou escolaridade dos jovens.

No que se refere aos *sintomas psicopatológicos*, os adolescentes e jovens adultos, face à escolaridade, apenas diferem significativamente em alguma psicopatologia. Deste modo, verificamos que os jovens que frequentam o 3º ciclo, apresentam em média maiores níveis de sintomas psicopatológicos (hostilidade e ideação paranóide e psicoticismo) comparativamente com jovens de maiores níveis de escolaridade. Tal como foi anteriormente referido, os jovens mais novos estão ainda muito direcionados para a vivência do corpo e para alguma intolerância à frustração. Todavia, os jovens mais velhos que já possuem algumas experiências de vida, também já são capazes de mobilizar mais recursos pessoais e o suporte por parte dos outros. São, assim, capazes de assumir comportamentos e emoções de modo adequado face às exigências desenvolvimentistas e ambientais. Os jovens mais velhos possuem, já, capacidades de abstração e reflexão que lhes permitem experimentar novos desafios intelectuais e interpessoais de modo salutar. Estas capacidades permitem-lhes fazer frente às tarefas desenvolvimentais e aos conflitos com que se deparam (Beato, 2008; Bizarro, 1999; Dias & Fontaine, 2001). Assim, os mais novos parecem apresentar maior suscetibilidade no desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica.

No que respeita aos *conflitos de lealdade* observamos diferenças significativas face à escolaridade. Os jovens que frequentam o ensino secundário apresentam em média maior perceção de coligação com os pais comparativamente com o 3º ciclo e com o ensino superior. Enquanto aqueles que frequentam o 3º ciclo, apresentam em média maior perceção dos comportamentos de triangulação comparativamente com os jovens que frequentam o ensino superior. Estes resultados coadunam-se de determinado modo com resultados anteriores. Por

volta do 15 ou 16 anos os jovens ingressam no ensino secundário, e nestas idades eles já são capazes de reformular as suas vivências, detém um desenvolvimento cognitivo mais amadurecido e maior maturação cerebral que lhes permite uma maior capacidade de pensar nos conflitos interparentais. No entanto, como já havíamos referido, estes jovens podem já apresentar uma maior perceção das dificuldades inerentes na resolução dos conflitos, sendo mais conscientes de todos os fatores envolvidos nos conflitos interparentais. Assim, podem assumir uma postura de maior ligação à uma figura vinculativa com a qual adotam uma maior proximidade. Estes jovens estão cada vez mais autónomos, comparativamente com aqueles que frequentam o 3º ciclo que estão muito dependentes dos pais e que mais dificilmente podem tomar partido por um deles. Por sua vez, os jovens mais novos estão mais dependentes dos pais, por norma ainda coabitam com estes e as suas relações, para além de já se estenderem para o grupo de pares, podem ainda estar muito centrada nas figuras parentais. Assim, como já havíamos referido, a relacionamento diário com os pais pode ocasionar que os jovens, face a dinâmicas conjugais menos homeostáticas, se encontrem envolvidos em comportamentos de triangulação. Deste modo, os jovens são levados a envolverem-se nesta dinâmica conjugal, funcionando como interlocutores e mediadores entre os pais (Buchanan et al., 1991).

No nosso estudo, observamos que os jovens da amostra, independentemente da escolaridade, não diferem significativamente na perceção dos *conflitos interparentais*. Estes resultados vão de encontro ao que observamos relativamente à idade, e que foi anteriormente observado no estudo de Moura e Matos (2008). Assim parece que independentemente da escolaridade a perceção dos conflitos interparentais são percecionados por todos os jovens como eventos negativos.

4. Análises diferenciais da qualidade de vinculação aos pais, psicopatologia, conflitos interparentais e coligação e triangulação em função da configuração familiar

No que concerne à configuração familiar observam-se diferenças significativas no que respeita à *qualidade do laço emocional*, a ambas as figuras parentais, e *ansiedade de separação e dependência*, face ao pai, verificando-se que as famílias divorciadas apresentam menores níveis em ambas variáveis comparativamente com famílias intactas.

Com o início de um processo de divórcio observa-se uma fragilização da estrutura familiar, um desequilíbrio, que pode perturbar a relação entre a tríade pais - filhos (Matos & Costa, 2004; Mota & Matos, 2009), presenciando dificuldades no relacionamento com os pais (Amato, 2000; Buehler et al., 2006). É interessante observar-se que a qualidade do laço emocional em filhos de famílias divorciadas é superior relativamente à mãe. Nesta medida, parece que aquando do processo de divórcio muitas vezes os jovens permanecem com a

figura materna e potencialmente recriam laços afetivos de maior qualidade. Todavia, no que diz respeito à *inibição da exploração e individualidade* apenas se observam diferenças significativas face à mãe, sendo que os jovens provenientes de famílias divorciadas percebem maiores limites de expressão da sua individualidade. Este facto poderá prender-se com o papel desempenhado pela mãe posteriormente ao divórcio, pelo que os filhos que permanecem com a mãe são alvo de maior investimento e proteção.

São também os jovens de famílias divorciadas que percebem maiores níveis *conflitos interparentais* e *coligação e triangulação* relativamente às famílias intactas, bem como auferem maiores níveis de *psicopatologia*.

Estes resultados vão de encontro ao estudo longitudinal desenvolvido por Sobolewski e Amato (2007) com famílias dos Estados Unidos, contando com uma amostra de 604 jovens em que tinham como principal objetivo avaliar as associações entre o conflito interparental, a vinculação entre pais e filhos e o bem-estar dos jovens. Os autores verificaram que o relacionamento com as figuras de vinculação pode ser perturbado pelo processo de divórcio, uma vez que a ausência de uma figura significativa de afeto pode produzir alterações significativas no vínculo, nomeadamente pelos reduzidos contactos que se estabelecem.

O conflito interparental é uma das razões que pode dar origem ao divórcio conjugal, sendo compreensível que os filhos de pais divorciados expressem uma maior percepção da frequência e intensidade conflitos interparentais. Bem como, são também estes que percebem maiores níveis de dificuldade de resolução dos conflitos (Hanson, 1999; Moura & Matos, 2008).

Um estudo desenvolvido por Grych, Raynor e Fosco (2004) com 388 jovens entre os 14 e os 18 anos tinha como intuito estudar de que forma os conflitos interparentais e os conflitos de lealdade podem condicionar o desenvolvimento de um desajuste nos jovens. Os autores do estudo, tendo em conta as configurações familiares, verificaram que os *conflitos de lealdade* são, também, mais percebidos pelos jovens de famílias divorciadas. A rutura conjugal pode exacerbar o facto de os filhos serem conduzidos a escolher um das figuras parentais e a sentirem-se como "*feeling caught in the middle*", uma vez que os pais recorrem-se dos filhos para dissolver o *stress* entre o casal. A rutura conjugal pode assim desenvolver nos jovens uma maior necessidade de se manterem próximos das figuras de vinculação, e esta necessidade pode levar à coligação e à triangulação. Esta possível tomada de decisão por um dos pais pode conduzir a conflitos de lealdade que muitas das vezes condicionam o bem-estar dos jovens, dificultando um desenvolvimento emocional homeostático (Mota & Matos, 2010).

Deste modo, podemos corroborar as nossas hipóteses de que existem diferenças significativas entre o desenvolvimento de psicopatologia, a qualidade da vinculação aos pais e os conflitos interparentais face à configuração familiar.

5. Variância dos protótipos de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas e nas variáveis relacionais

Após termos verificado diferenças significativas na qualidade das relações de vinculação aos pais em função das variáveis sociodemográficas, torna-se pertinente discutir as diferenças dos protótipos de vinculação às figuras parentais face a estas mesmas variáveis.

No que concerne às diferenças dos **protótipos de vinculação ao pai** face ao **género** e à **configuração familiar**, observarmos uma supremacia do género feminino e das famílias intactas no protótipo *seguro*, enquanto no género masculino e nas famílias divorciadas prevalece o protótipo *amedrontado*.

Nesta medida, julgamos que as jovens do nosso estudo e os jovens que residem em famílias intactas, parecem desenvolver protótipos de vinculação seguros nas relações que estabelecem com as figuras cuidadoras, caracterizadas por uma maior procura de envolvimento e de proximidade. Estes tornam-se, assim, jovens mais confiantes e capazes de solicitar ajuda e com maior capacidade para tolerar a frustração, comparativamente com o género masculino e com famílias divorciadas. Por sua vez, os jovens que residem em famílias divorciadas e, nomeadamente o género masculino, parecem desenvolver protótipos de vinculação amedrontados denotando pouca confiança em si próprios e nos outros, embora manifestem algum evitamento, demonstram também alguma dependência.

Estes resultados não parecem replicar-se em outros estudos portugueses, pelo que poderá ser fruto das particularidades da nossa amostra, nomeadamente no que concerne aos jovens de género masculino apresentarem um protótipo predominante amedrontado. No estudo já abordado de Rocha (2008), a autora não encontrou diferenças significativas no que respeita aos protótipos de vinculação ao pai face ao género. Também Mota (2008) no seu estudo que contou num primeiro momento com 403 jovens entre os 14 e os 19 anos e tinha como intuito a análise das dimensões relacionais que permitissem mediar o processo de resiliência e adaptação psicossocial em adolescentes de famílias intactas, divorciadas e em institucionalização, não encontrou diferenças significativas no que respeita aos protótipos de vinculação ao pai face ao género.

No entanto, é interessante referir um nível idêntico em ambos os géneros no que concerne ao protótipo *seguro*, levando-nos a refletir sobre o facto de que os jovens estabelecem ligações seguras idênticas com o pai, permitindo-lhes estabelecer bases seguras, procurando proximidade aquando de dificuldades.

Relativamente às diferenças dos protótipos de vinculação ao pai face à **idade** observarmos diferenças entre o protótipo *preocupado* e *seguro* e o protótipo *amedrontado* e *seguro*. Denotando-se que os jovens seguros são mais velhos em média quando comparados com outros jovens de diferentes protótipos de vinculação. Tendo em consideração a fase e as

tarefas desenvolvimentais ao longo do estágio da adolescência e jovem adultícia, é espectável que os mais novos, encontrando-se no florescer da adolescência, possuam dinâmicas de organização interna dependentes dos outros. Nomeadamente da imagem que os outros lhe demonstram ter enquanto adolescentes beneméritos de atenção e suporte. Deste modo, é passível que denotem menor confiança em si e nos outros quando comparados com jovens mais velhos, que já não parecem sentir tanta dependência dos demais, manifestando baixos níveis de evitamento e baixa ambivalência.

Segundo Rocha (2008), as investigações têm demonstrado que com o avançar da idade os jovens tendem a sentir-se mais seguros, no entanto é esperado que se verifique uma estabilidade no funcionamento dos protótipos de vinculação desde a infância até à idade adulta, isto se o funcionamento e a dinâmica da tríade forem salutarens (Scharfe & Bartholomew, 1994).

No que concerne às diferenças dos **protótipos de vinculação à mãe** face ao **género**, verificamos a preeminência do género feminino no protótipo *amedrontado* face aos demais protótipos, uma vez que é o género de maior percentagem, enquanto no género masculino prevalece o protótipo *preocupado* face aos demais protótipos. Deste modo, na nossa amostra as raparigas, apresentam elevado envolvimento emocional e elevada ansiedade de separação face à mãe. Talvez isto possa dever-se ao facto de que as mães são quem por norma prestam mais cuidados, pela própria organização laborar que o pai exerce e porque poderão estar menos voltados para a proximidade. De igual modo, também, parece estar enraizada na sociedade a ideia de que as mães são as que estão mais próximas dos filhos e são aquelas com quem passam mais tempo, isto pode estar relacionado com características específicas da nossa amostra em estudo. Uma vez que, verificamos que 47.2% das mães possuem uma profissão categorizada num nível baixo, observando-se através dos protocolos de investigação que seriam na sua maioria domésticas pelo que poderiam dedicar-se mais aos filhos comparativamente com o pai. Deste modo, a grande proximidade com a figura materna e a percepção desta maior disponibilidade da mãe pode levar a uma relação de maior dependência. O género feminino detém, também, uma percepção negativa de si e dos outros, tornando-se inseguras e vulneráveis, compreendendo a representação que os outros têm de si como negativa. Por sua vez, os rapazes exprimem representações negativas de si e positivas dos outros. Estes procuram excessivamente a proximidade de uma figura, pedindo elevada atenção por parte do outro, denotando-se sentimentos de falta de valoração pessoal. Assim, os rapazes da presente amostra são caracterizados por serem mais distante na manutenção das relações, no entanto são dependentes na qualidade da ligação à mãe. Isto pode dever-se ao facto de que a experiência de vinculação com a mãe seja pautada por um padrão comportamental de alguma superproteção e elevada exigência conduzindo a uma constante

necessidade de o jovem agradar e corresponder às expectativas da mãe. O que permite que estes tenham uma ideia menos positiva de si.

Os nossos resultados vão de encontro a um estudo realizado por Rocha (2008). A autora verificou na sua amostra, anteriormente supracitada, uma maior proporção de rapazes seguros seguindo-se os preocupados e uma maior prevalência de raparigas amedrontadas. Estes resultados de jovens amedrontadas parecem refletir a fase da adolescência em que as tarefas desenvolvimentais que lhes estão incumbidas, particularmente a construção da autonomia e da identidade, conduzem muitas das vezes os jovens a expressar sentimento de inadequação que lhes permite ter imagens negativas de si e por vezes dos outros.

Por sua vez, os rapazes parecem denotar característica de um protótipo preocupado, este facto poderá prender-se com as vivências aquando da fase de adolescência. Nesta fase a dinâmica de organização interna dos jovens é ainda muito dependente dos outros, bem como, da imagem que estes lhe transmitem enquanto merecedores de atenção e suporte. Deste modo, poderão denotar pouca confiança em si e nos outros, assumindo alguma dependência dos outros, apesar de poderem demonstrar alguns comportamentos de evitamento e retratividade. Parece que de certo modo, os rapazes, face à mãe, poderão estar mais sensíveis às dinâmicas relacionais que mantém com estas e por sua vez encontrarem-se mais dependentes e inseguros na relação afetiva.

No que diz respeito à **configuração familiar** verificamos uma maior prevalência de jovens com protótipo *seguro* aos pais face a configurações familiares intactas. Por sua vez, observamos uma maior incidência de jovens com protótipo *amedrontado* ao pai face a configurações familiares divorciadas e uma maior ocorrência de jovens com protótipo *preocupado* à mãe face a esta mesma configuração familiar.

Os nossos resultados parecem indicar que os jovens que integram famílias intactas podem criar condições para o estabelecimento de relações pautadas por maior estabilidade e continuidade no estabelecimento de laços afetivos. Deste modo, podem revelar representações positiva dos outros e de si e sentem afetividade nos relacionamentos com os outros. Assim, ao estabelecerem bases seguras no seio das famílias intactas podem apresentar menor inibição da exploração e individualidade pelo que se encontram mais disponíveis para a exploração e individuação. Estes denotam, também, uma diminuída perceção das limitações à expressão da sua individualidade (Bartholomew & Horowitz, 1991; Coutinho, 2010).

No que respeita, aos protótipos de vinculação face ao pai em famílias divorciadas, parece-nos que estes jovens podem desenvolver maior insegurança e vulnerabilidade, percebendo que os outros têm uma imagem de si negativa. Tal como verificamos na nossa amostra é o pai quem mais abandona o lar aquando do divórcio (71.8%), pelo que a insegurança e a vulnerabilidade destes jovens face ao pai parece-nos estar interligada com a

ausência emocional desta figura vinculativa. Os jovens podem perceber a saída do pai com um cariz mais agressivo conduzindo a sentimentos de rejeição, que pode levar a que estes evitem posteriormente o desenvolvimento de uma relação mais estreita, pautada pelo receio de uma nova rejeição, apesar de sentirem necessidade de se manterem próximos destes. Deste modo, estes jovens parecem utilizar com estratégias de resolução dos problemas a circularidade dos pensamentos (ruminação) não procurando o apoio dos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991; Beato, 2008).

Por sua vez, no que concerne aos protótipos de vinculação face à mãe em famílias divorciadas, este padrão de vinculação pode estar na origem de alguma superproteção por parte da mãe. Segundo um estudo desenvolvido por Richardson e McCabe (2001) com 167 jovens adultos em que pretendiam estudar o impacto do divórcio, do conflito interparental e a relação entre os pais no ajustamento dos filhos, permitiu verificar que aos jovens desenvolvem uma constante necessidade em agradar. O que conduz a que estes tenham uma ideia negativa si, dependendo da opinião que os outros têm a seu respeito, uma vez que podem sentir-se culpados pelos acontecimentos. Muitas vezes aquando do divórcio a eficácia dos padrões educativos e a responsividade dos pais estão diminuídas, estando estes muito centrados no divórcio. Isto pode permitir que os jovens se sintam inseguros e incapazes de arriscar ou de confiar verdadeiramente nos outros (Bartholomew & Horowitz, 1991; Owen & Cox, 1997).

Do mesmo modo, verificamos diferenças dos protótipos de vinculação à **mãe** face à **idade**, nomeadamente entre os protótipos *amedrontado*, *desinvestido* e *preocupado* face ao protótipo *seguro*. Verificando-se que na presente amostra os jovens seguros são mais velhos em média quando comparados com outros jovens de diferentes protótipos de vinculação.

Como havíamos comentado anteriormente, os jovens vão sentindo-se mais seguros aquando do avançar da idade. Todavia, aguardávamos que fosse mantida uma estabilidade no funcionamento dos protótipos de vinculação. No entanto isto só será possível se o funcionamento e a dinâmica entre pais e filhos forem salutar e se verificarmos uma ausência de acontecimentos de vida negativos, uma vez que é a continuidade da relação e a constância desta que permite a predominância do bom laço emocional e que permite, também, estruturar o modo como percebemos as figuras de vinculação como alguém que nos dá apoio, um *self* merecedor de apoio e cuidados (Rocha, 2008; Scharfe & Bartholomew, 1994). Também Peixoto (2004) refere que com o avançar da idade observa-se um maior desenvolvimento cognitivo, sendo que as concepções que os jovens possuem de si próprios vão-se reformulando e a qualidade do vínculo torna-se mais forte.

Estes resultados permitem-nos corroborar a nossa hipótese inicialmente delineada, verificando-se que existem diferenças significativas entre os protótipos de vinculação ao pai e à mãe, em que os jovens seguros são mais velhos e são provenientes de famílias intactas.

5.1 Diferenças dos protótipos de vinculação aos pais face à psicopatologia

No contexto das análises dos protótipos de vinculação aos pais, é interessante ressaltar que se observam diferenças significativas ao nível da **psicopatologia**.

Deste modo, observamos que face aos **protótipos de vinculação ao pai**, o protótipo *amedrontado* comparativamente com o protótipo preocupado e seguro, bem como o protótipo *desinvestido* comparativamente com o protótipo seguro apresentam maior sintomatologia compatível com a **somatização**, expressando um maior mal-estar consequente do funcionamento somático. Ao que parece estes jovens que apresentam uma representação de si próprios positiva e um modelo negativo dos outros, apresentam maior vulnerabilidade para expor queixas relativas ao seu mal-estar que tem origem num funcionamento somático como resposta a um intenso sofrimento psicopatológico. Estes jovens não valorizam os relacionamentos, não manifestam protesto de separação e a procura de proximidade é também baixa, parecem ser emocionalmente frios e distantes. Apesar de possuírem uma imagem de si próprios de autoconfiança, a representação que têm do outro é de que estes possuem representações negativas acerca de si. Assim os fatores psicológicos e psicossociais são importantes para o equilíbrio emocional, no entanto o sofrimento emocional ou as situações de vida difíceis de gerir são expressados através de sintomatologia de carácter físico. No que respeita aos jovens amedrontados, estes possuem medo da rejeição pelo que evitam intimidade com os demais e tornam-se ambivalentes manifestando o seu sofrimento psicológico através de queixas físicas que não estão relacionadas com um problemática orgânica. Estes são jovens muito vulneráveis, que manifestam falta de confiança e insegurança, não procurando a proximidade e o conforto dos outros. Possuem uma representação de si como de alguém que não possui qualidades e possuem também uma imagem negativa dos outros (Frosch & Mangelsdorf, 2001).

Por sua vez, verificamos que o protótipo *seguro* comparativamente com os demais protótipos apresentam menor vulnerabilidade para o desenvolvimento de sintomatologia compatível com a **obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, ansiedade fóbica e ideação paranóide e psicoticismo**. Enquanto o protótipo *amedrontado* comparativamente com o protótipo preocupado e seguro, bem como o protótipo *desinvestido* comparativamente com o protótipo preocupado e seguro apresentam maior vulnerabilidade para desenvolver sintomas compatíveis com a **hostilidade**. Parece que os jovens que detêm uma imagem positiva de si e dos outros, possuam uma maior capacidade de envolvimento, interação social e procura de apoio em situações de stress, pelo que não manifestam sintomatologia psicopatológica ou então manifestam-na em níveis reduzidos sem significado clínico. Deste modo, uma maior abertura ao mundo exterior e ao outro parecem ser

percebidos como fatores protetores para que o jovem não manifeste sintomatologia psicopatológica.

Este resultado vai de encontro ao estudo de Coutinho (2010) com 78 jovens com uma média 26.3 anos. A autor tinha como objetivo estudar a relação entre marcos de transferência que permitem a passagem para a idade adulta, a sintomatologia depressiva e os estilos de vinculação. Assim, foi possível observar que quanto mais seguros são os jovens, menos vulneráveis se tornam a desenvolverem sintomatologia depressiva.

No que respeita aos **protótipos de vinculação à mãe**, o protótipo *amedrontado* comparativamente com o protótipo preocupado e seguro, bem como o protótipo *desinvestido* comparativamente com o protótipo seguro apresentam mais sintomas característicos da **somatização** como resposta ao sofrimento psicológico e de **sensibilidade interpessoal**, sendo que este último também se verifica com maior frequência no protótipo *preocupado* comparativamente com o protótipo seguro.

Os resultados sugerem-nos que face a modelos de vinculação *amedrontados* os jovens podem experimentar sentimentos de insegurança na dinâmica relacional, que consequentemente pode conduzir a sentimentos de auto-depreciação e desconforto nas interações sociais, orientada por pensamentos e emoções de afeto negativo. Estes jovens evitam a proximidade e a intimidade com os outros, pelo que podem desenvolver comportamentos de isolamento interpessoal, que podem estar ligeiramente associados a um funcionamento esquizóide. Todavia, jovens com modelos de vinculação *desinvestidos*, frequentemente rejeitam o suporte dos pais denotando uma perceção positiva de si e negativa dos outros, pelo que evitam o relacionamento com os outros, como forma de fuga e defensividade, sendo por isso aparentemente muito independentes. A baixa qualidade do laço emocional e o afastamento das figuras de vinculação, resulta de sentimentos de rejeição, que permitem aos jovens reativar imagens negativas desenvolvidas na relação com os pais. Independentemente dos jovens construírem uma vinculação desorganizada, as consequências do evitar a proximidade e o afastamento acarretam uma serie de transformações, nomeadamente problemas internalizantes e externalizantes (Frosch & Mangelsdorf, 2001; Solomon & George, 1999).

Também observamos que o protótipo *seguro* comparativamente com os demais protótipos apresentam menor vulnerabilidade no desenvolvimento de sintomatologia como a **obsessão-compulsão, depressão, ansiedade, ansiedade fóbica e ideação paranóide e psicoticismo**. Tal como já havíamos mencionada no caso do pai. Os jovens que detém uma imagem positiva de si e dos outros encontram-se mais disponíveis para o envolvimento social e para as relações com os outros, pelo que não manifestam sintomatologia psicopatológica (Richardson & McCabe, 2001).

Verificamos, também, que o protótipo *desinvestido* e *amedrontado* comparativamente com o protótipo preocupado e seguro apresentam maior vulnerabilidade para desenvolver sintomas do quadro de **hostilidade**. Neste sentido, os jovens desinvestidos e amedrontados parecem deter pensamentos, emoções e comportamentos específicos de um estado afetivo negativo da cólera, que mostram ser um entrave na resolução dos problemas. Por um lado, alguns destes jovens desenvolvem uma ideia negativa quer de si quer dos outros, justificando assim a especificidade dos pensamentos, emoções e comportamentos. Estes evitam muitas vezes um contacto proximal com receio de rejeição. Por outro, os jovens desinvestidos desenvolvem uma ideia positiva de si e negativa dos outros, rejeitam o suporte dos pais e não evidenciam ansiedade de separação.

Um estudo desenvolvido por Smojver-Azic e Bezinovic (2011) com 1191 jovens entre os 14 e os 19 anos, tinha com o objetivo estudar de que modo as relações vinculares entre os membros da família funcionavam enquanto fatores protetores ou fatores de risco, face ao desenvolvimento de psicopatologia nos jovens. Os autores verificaram que a qualidade das relações estabelecidas com as figuras parentais parecem influenciar o ajustamento psicológico dos jovens. Assim, protótipos de vinculação inseguros, a hostilidade e os conflitos interparentais ressaltaram como preditores do desenvolvimento de psicopatologia nos filhos. No entanto, é importante sublinhar que vulnerabilidade para a psicopatologia não tem unicamente por base as relações de vinculação, mas também todas as adaptações posteriores à construção de um padrão de vinculação que apresentam um desvio adaptativo (Soares & Dias, 2007).

Deste modo, confirmamos a hipótese erigida, de que os jovens com protótipos de vinculação segura mencionam menos psicopatologia.

5.2 Diferenças dos protótipos de vinculação aos pais face à coligação e triangulação

No contexto das análises dos protótipos de vinculação aos pais, observam-se diferenças significativas ao nível dos **conflitos de lealdade**.

Assim, verificamos que face aos **protótipos de vinculação a ambos os pais**, o protótipo *desinvestido* e *amedrontado* comparativamente com os demais protótipos apresentam maior **coligação**. Apesar de observarmos que estes jovens possam evitar o relacionamento com os outros, a proximidade e a intimidade, também, parecem deter a necessidade de se manterem ligados a um dos pais. Deste modo, a coligação, neste jovens surge como uma forma de estes se sentir próximos de uma figura parental, para que as suas necessidades emocionais sejam correspondidas. Por outro lado, face aos **protótipos de vinculação ao pai**, o protótipo *preocupado* e *seguro* comparativamente com o protótipo *desinvestido* e *amedrontado* apresentam menos **triangulação**. Também verificamos que face aos **protótipos de vinculação à mãe**, o protótipo *desinvestido* e *amedrontado*

comparativamente com o protótipo preocupado e seguro apresentam mais **triangulação**. Deste modo, jovens que desenvolvem protótipos que tem por base a pouca proximidade do outro e o evitamento em estabelecer relacionamentos com os outros, são aqueles que mais parecem perceber que se encontram envolvidos em processos de triangulação. Nesta medida, jovens que apresentam protótipos de vinculação aos pais mais pautados pela qualidade do laço emocional e que valorizam esta relação parecem estar menos suscetíveis a sentir-se divididos, ao invés dos jovens mais inseguros, ora pela ausência de confiança na relação, ou pela atitude reactiva na vivência afetiva.

Como já temos vindo a referir a coligação tem por base a ligação entre uma das figuras de vinculação e o jovem, afastando-o da outra figura parental. Por sua vez, a triangulação envolve os jovens nos conflitos interparentais, recorrendo-se dos filhos como um meio de comunicação entre o casal (Amato & Afifi, 2006; Jacobvitz et al., 2004; Sroufe & Ward, 1980). A presença destes processos (coligação e triangulação) pode levar a que o jovem estabeleça um laço emocional forte com uma das figuras vinculativas. No entanto, estes comportamentos geram conflitos de lealdade, condicionando os jovens a interiorizar modelos internos dinâmicos dos outros como não sendo sensíveis às suas necessidades. Estes jovens que de raiz, desenvolvendo um protótipo de vinculação que não é seguro podem desenvolver uma imagem negativa dos demais e positiva de si, bem como uma imagem negativa quer de si quer dos outros. Manifestam, também, ansiedade de separação de níveis médios a baixos, todavia podem facilmente desenvolver relações menos saudáveis e pautadas pela rivalidade e ressentimento. Tendencialmente estes jovens evitam a proximidade e a intimidade com o outro, o que ocasiona na ambivalência da triangulação e em último caso o tomar partido no sentido de salvar o seu bem-estar (Bartholomew & Horowitz, 1991; Buehler & Welsh, 2010).

De um modo geral, podemos comprovar que estes resultados corroboram a nossa hipóteses de que jovens com protótipos seguros percebem menos níveis de coligação e triangulação.

6. Predição da psicopatologia face aos conflitos interparentais, configuração familiar e género – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica

De acordo com os resultados obtidos verificamos na sua generalidade que os **conflitos interparentais** predizem positivamente a diversa sintomatologia psicopatológica em estudo. Nomeadamente a frequência e intensidade dos conflitos predizem a ansiedade, a ideiação paranóide e psicoticismo e a depressão. Por sua vez, apenas a intensidade dos conflitos interparentais prediz a somatização, a sensibilidade interpessoal e a hostilidade, bem como a frequência deste prediz quadros psicopatológicos como a obsessão compulsão. Cabe também referir, que os baixos níveis de resolução predizem negativamente a ansiedade fóbica. Desde

logo estes resultados permitem-nos corroborar a nossa hipótese de que os conflitos interparentais predizem positivamente o desenvolvimento de psicopatologia.

Tal como já havíamos comentado a existência de conflitos interparentais é um aspeto determinante que condiciona a forma como os jovens se adaptam às circunstâncias. Parecendo-nos que de facto a perceção de conflitos interparentais fragiliza os filhos, tornando-se mais vulneráveis a nível emocional. Segundo Mota e Matos (2009) os jovens que presenciam elevados níveis de conflitos interparentais parecem ser mais vulneráveis, patenteando dificuldades de ajustamento.

Os conflitos interparentais, como referido anteriormente, podem constituir um dos principais stressores para o ajustamento dos filhos, sublinhando que a frequência e intensidade dos conflitos podem determinar problemas psicopatológicos (Davies & Cummings, 1994). Os conflitos interparentais absorvem os jovens de modo direto ou indireto, confrontando-os com o “perigo”, medo e insegurança, obrigando-os a adotar estratégias que lhe permitam funcionar de modo adaptativo. No entanto, nem sempre a gestão dos conflitos é bem conseguida por parte dos jovens, especialmente quando existem baixos níveis de resolução, pelo que a disrupção familiar pode ser explicativa dos problemas de ajustamento (Sani, 2003, 2007).

Elkington, Bauermeister e Zimmerman (2011) desenvolveu um estudo com o objetivo de estudar de que modo a qualidade da ligação aos pais e aos pares está associada com o desenvolvimento do risco nos jovens, o estudo contou com a participação de 679 elementos com um média de 14.86 anos de idades. Os autores referem que os conflitos interparentais tornam-se num fator de risco para o processo desenvolvimental dos jovens. Sublinhando que baixos níveis de conflitos interparentais e a boa dinâmica familiar podem constituir fatores protetores no desenvolvimento e no comportamento futuro dos filhos.

Também Garcia, Marín e Currea (2006) num estudo com 256 famílias em que os adolescentes tinham idades compreendidas entre os 12 e os 18, pretendiam identificar características das relações parentais passíveis de predizerem o ajustamento psicológico dos filhos. Os autores verificaram que a existência de conflitos interparentais parece estar associada ao desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente somatização, sintomatologia depressiva, ansiosa e problemas de comportamentos externalizantes. Em suma, os conflitos conjugais podem predizer o desenvolvimento de psicopatologia ameaçando o sentimento de segurança emocional dos filhos (Davies & Cummings, 1998).

Outro resultado obtido que prediz o desenvolvimento de psicopatologia é a **vinculação aos pais**, verificando-se que a *qualidade do laço emocional ao pai* prediz negativamente o desenvolvimento da depressão e da ideação paranóide e psicoticismo, especificamente. Por sua vez a *qualidade do laço emocional à mãe* prediz negativamente o desenvolvimento da hostilidade, depressão e ansiedade fóbica. Tal como havíamos referido, na primeira parte do

nosso trabalho, o estabelecimento de uma boa relação de vinculação torna-se fundamental e única no desenvolvimento dos jovens, tornando-se estas figuras significativas às quais recorrem aquando de dificuldades.

Um estudo desenvolvido por Neves (2008) com 100 jovens entre os 16 e os 19 anos pretendeu avaliar as diferenças entre um grupo de pacientes com perturbações psicológicas, dando ênfase às perturbações de carácter alimentar e um grupo de sujeitos sem patologia relativamente à vinculação, e aos episódios emocionais e compreensão emocional associados. A autor conseguiu evidenciar no seu estudo que a pobre relação estabelecida com as figuras de vinculação pode acarretar prejuízos emocionais. O estabelecimento de relações positivas e estáveis, nas quais predominam o afeto positivo e o ambiente familiar é salutar, a família, nomeadamente as figuras de vinculação, são percecionadas como uma base de apoio e evidenciam-se como fatores protetores para o desenvolvimento dos jovens. Torna-se, então, pertinente e fundamental estabelecer boas relações interpessoais com as figuras vinculativas. A ameaça persistente e a perda de figuras de vinculação constituem entraves para o desenvolvimento psicológico, podendo na sucessividade assumir um papel patogénico significativo para o desenvolvimental dos jovens (Michael & Ben-Zu, 2007).

No que respeita à *ansiedade de separação e dependência ao pai*, esta prediz positivamente a depressão e a ideação paranóide e psicoticismo. Parece que os jovens da nossa amostra experienciam níveis altos de ansiedade e medo de separação do pai, estabelecendo com este uma certa relação de dependência. O que pode traduzir-se em sintomas de afeto e humor disfórico, estes jovens podem não sentir-se capazes e autónomos, praticando estilos de vida de maior isolamento interpessoal. Por sua vez, a *inibição da exploração e individualidade à mãe* prediz positivamente a hostilidade e a sensibilidade interpessoal. A exacerbação da superproteção da mãe pode conduzir a que esta assuma atitudes de grande imposição de limites à expressão da individualidade própria dos filhos.

Um estudo desenvolvido por Carvalho (2007) com 147 jovens entre os 11 e os 15 anos, pretendia avaliar o padrão de vinculação em jovens com e sem perturbações emocionais e comportamentais e estudar a relação entre o temperamento, a vinculação e os problemas emocionais e comportamentais dos jovens e dos progenitores. Assim, uma dinâmica de vida para o jovem que seja pautada por um maior isolamento interpessoal e por atitudes que limitam a sua expressão, pode conduzir a que estes manifestem sentimentos de inadequação pessoal e inferioridade comparativamente aos outros, resultando em comportamentos caracterizados por timidez no decorrer de interações sociais. Este modo de funcionamento, pode também, condicionar os jovens a exteriorizem pensamentos e emoções característicos do estado afetivo negativo da cólera.

Como havíamos referido na primeira parte, a interrupção de laços afetivos ou o desenvolvimento não homeostático destes, podem conduzir ao desenvolvimento de

perturbações psicológicas. Deste modo, as relações de vinculação tornam-se preponderantes e únicas, sendo um fator protetor para o desenvolvimento e funcionamento psicológico dos jovens (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1969/1982).

Também a **configuração familiar** divorciados exerce um poder explicativo no desenvolvimento da psicopatologia, nomeadamente a somatização e a hostilidade. Sendo que se verifica que as famílias divorciadas são as que se associam maioritariamente ao desenvolvimento desta psicopatologia.

Assim, de acordo com os resultados do nosso estudo, verificamos que o desenvolvimento de maiores níveis de sintomatologia psicopatológica acontece nos jovens de agregados familiares divorciados. Parece-nos que apenas o divórcio pode não ser o principal motor para o desenvolvimento de psicopatologia, mas é necessário ter em conta os processos e dificuldades que lhe estão inerentes. O divórcio implica inúmeras transições e transformações familiares, sendo que os jovens que vivenciam este processo podem manifestar sentimentos de perda e medo tornando-se um entrave para o desenvolvimento emocional do jovem. Assim, os jovens podem ser levados a exteriorizar sintomatologia do seu adoecer psicológico e pensamentos, emoções e comportamentos específicos de estados de ira e cólera como condicionantes no seu estado afetivo.

Segundo Buehler, Benson e Gerard (2006) o divórcio conjugal pode ser um dos principais motores para o desajuste emocional e para as alterações de comportamento nos jovens provindos destas configurações familiares. Deste modo, todos os acontecimentos de vida e circunstâncias que os filhos de pais divorciados ultrapassam, quer o processo de divórcio se tenha realizado com mais ou menos impacto, permitem que estes jovens apresentem maior vulnerabilidade para a diminuição da autorregulação. Bem como, coadjuvam no despoletar de problemas de ordem emocional, nomeadamente problemas internalizantes (Buehler, Benson, & Gerard, 2006; Hetherington, 2003).

É interessante sublinhar que o **género** também exerce um poder explicativo no desenvolvimento da psicopatologia. Sendo que de encontro aos demais resultados discutidos até aqui, verifica-se que o género feminino é o que se associa maioritariamente ao desenvolvimento de psicopatologia, relativamente aos jovens do género masculino. Tal como já havíamos comentado o género feminino apresenta maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de psicopatologia, uma vez que parece internalizar mais as dificuldades, tornando-se mais vulneráveis para o desenvolvimento de psicopatologia. Deste modo, são os jovens que com maior frequência internalizam os conflitos internos, podendo estes ser o mote para o desenvolvimento da psicopatologia comparativamente ao género masculino que parece ser mais externalizante.

Os nossos resultados vão de encontro a um estudo desenvolvido Encarnação, Moura, Gomes e Da Silva (2011), que contou com a participação de 1923 indivíduos, com idades

compreendidas entre a infância e a fase final da adolescência. Os autores tinham como intuito avaliar num serviço hospitalar em Lisboa a ocorrência de casos com patologia psiquiátrica. Os resultados do estudo permitiram verificar a preeminência de psicopatologia no género feminino. Também Rabasquinho e Pereira (2007) desenvolveram um estudo com 483 indivíduos, com o objetivo de averiguar diferenças significativas na presente amostra. Os autores verificaram uma maior prevalência de quadros de sintomatologia psicopatológica no género feminino, nomeadamente perturbações do humor, da ansiedade e perturbações da personalidade.

7. Predição da qualidade da vinculação aos pais face à coligação e triangulação, configuração familiar e género – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica

7.1 Predição da qualidade da vinculação aos pais – inibição da exploração e individualidade

Os resultados das regressões múltiplas sugerem que, para a **inibição da exploração e individualidade ao pai**, o *género masculino*, a configuração familiar – *famílias intactas*, a *triangulação* e a *frequência* e a percepção de *não resolução dos conflitos* mostram um contributo significativo. No entanto, no caso da **inibição da exploração e individualidade à mãe**, apenas o *género masculino* e a *triangulação* mostram um efeito significativo.

Deste modo verificamos que a triangulação a ambas as figuras parentais, apresenta o maior contributo, verificando-se que prediz positivamente a inibição da exploração e individualidade. A triangulação que é naturalmente desenvolvida pelos jovens na continuidade dos desacordos dos pais face a si representa uma violação de fronteiras, influenciando as relações entre pais e filhos. Como já referimos o sentir-se “apanhados no meio” pode colocar os jovens numa posição ingrata, atuando em prol de uma figura parental e diminuindo a qualidade da vinculação entre os jovens e ambas as figuras de vinculação. Os jovens que se sentem divididos percebem certo comprometimento na qualidade da ligação a ambas figuras de vinculação podendo prender-se com um funcionamento mais inseguro e uma alteração nos padrões de desenvolvimento da autonomia e exploração das relações externas (Fosco & Grych, 2010).

Segundo a literatura os conflitos interparentais encontram-se associados com uma diminuição significativa do envolvimento dos pais para com os filhos. Nesta medida na presença de conflitos interparentais frequentes e com baixos níveis de resolução, mais os pais se encontram absorvidos pelos problemas conjugais, encontrando-se menos disponíveis para os filhos, tornando-se muitas da vezes mais permissivos e desinteressados na relação da díade. Deste modo, a literatura permite-nos pensar que de facto a frequência e os baixos

níveis de resolução dos conflitos interparentais podem predizer positivamente a inibição da exploração e individualidade, neste caso ao pai. Segundo Cummings, Goeke-Morey e Papp (2004) a percepção da resolução dos conflitos interparentais, pautados por comportamentos construtivos e emoções positivas, prediz negativamente a inibição da exploração e individualidade ao pai. Quando os jovens percebem que os pais são capazes de gerir e resolver os conflitos e utilizam estratégias de resolução eficazes, estes percebem os pais como mais empenhados e disponíveis, passando mais tempo juntos e percebendo-os como mais disponíveis para atividades sociais.

Também as *famílias intactas* exercem um poder explicativo na inibição da exploração e individualidade. Estas podem ser em alguns casos mais controladoras comparativamente com as famílias divorciadas. Isto pode acontecer porque, após o divórcio dos pais os conflitos entre o casal permanecem (podemos observar na nossa amostra que um número considerável de divórcio não é amigável (40.4%)) podendo levar a que os pais estejam menos disponíveis, centrando-se e preocupando-se mais com a disputa afetiva pessoal a favor do bem-estar dos filhos (Booth & Amato, 2001).

Verifica-se, também, que o *género* exerce um poder explicativo na inibição da exploração e individualidade, nomeadamente o género masculino. Como já havíamos mencionado o género masculino pode estar mais voltado para o exterior, para a relação com o grupo de pares e o conhecimento e exploração fora da sua rede de apoio primária. Isto não significa que não valorizem as relações afetivas que estabelecem com os pais, no entanto não mantem esta necessidade de manter a proximidade. Pelo que, esta dinâmica traduz o modo como estes se relacionam com os pais, bem como o modo como os jovens percebem esta imposição de limites (Allen & Stoltenberg, 2001).

7.2 Predição da qualidade da vinculação aos pais – ansiedade de separação e dependência

Ainda na análise dos resultados das regressões múltiplas observamos que para a **ansiedade de separação e dependência ao pai**, a *configuração familiar - famílias intactas*, a *coligação* e *triangulação* e a *não resolução dos conflitos* exerce um efeito significativo. No caso da **ansiedade de separação e dependência à mãe**, o *género feminino*, a *coligação* e a *não resolução dos conflitos interparentais* mostram, também, um efeito significativo.

A *coligação* é a variável que se assume com mais peso para predizer negativamente a ansiedade de separação e dependência a ambas as figuras parentais. Apesar de a coligação poder ser entendida com um aspeto negativo, este comportamento pode diminuir as experiências de ansiedade e medo de separação das figuras vinculativas. Uma vez que, a segurança emocional pode estar assegurada, tornando-se primordial o sentimento de pertença

mesmo que apenas com umas das figuras parentais. Julgamos que este poderá tratar-se de um mecanismo defensivo capaz de assegurar a homeostasia emocional dos jovens.

Face à *triangulação* observa-se que esta prediz positivamente a ansiedade de separação e dependência, nomeadamente ao pai. Deste modo, verificamos no nosso estudo que os jovens que experienciam processos de triangulação predizem uma maior ansiedade e medo de separação do pai, o que conduz o jovem a criar ansiedade de perda e a estabelecer uma relação de dependência com o pai.

Segundo Guerin, Fogarty e Fay (1996; cit. por Santos, 2008) o fato de os pais poderem centrar os conflitos num terceiro elemento permite que estes mantenham a ilusão de que o cerne do problema entre duas pessoas é intercedido pelo terceiro elemento. Para Minuchin (1982) a triangulação é também o resultado de um problema de fronteira entre a dinâmica familiar. Nas famílias disfuncionais em que a sua dinâmica pode ser pautada por conflitos interparentais, as fronteiras entre os subsistemas parental e filial tornam-se difusas. Assim, a fronteira em torno da tríade pais/filhos passa a ser inadequadamente rígida.

Bowen (1979) sublinha o facto de que o papel deste elemento, que serve como meio de comunicação, é pautado pelo medo do abandono. A dinâmica familiar regulada por ciclos de proximidade e distanciamento, das figuras parentais para com os filhos, podem conduzir a estados internos de ansiedade de separação e ao mesmo tempo ao medo em ser envolvido intensamente na rede disfuncional que liga os dois elementos.

Verificamos, também, que a não *resolução* dos conflitos interparentais prediz negativamente a ansiedade de separação e dependência a ambas as figuras parentais. É importante sublinhar que a ansiedade de separação e dependência em casos extremos também pode ser negativa. Segundo Unger e colegas (2000) na presença de uma dinâmica familiar na qual se presenciem conflitos interparentais, particularmente, não resolvidos, inadvertidamente estes comportamentos irão afetar os filhos e conseqüentemente a continuidade do estabelecimento e fortalecimento da relação de vinculação, originando jovens mais desligados. Bem como, segundo os autores, a longo prazo também irão fragilizar a estabilidade e coesão do ambiente familiar. Os conflitos interparentais têm subentendidos mecanismos que diminuem a qualidade do funcionamento familiar, condicionando a aprendizagem dos filhos em resolver e adquirir estratégias de resolução de problemas, facilita a construção de alianças disfuncionais entre a tríade, bem como colocam entraves para que os jovens percebam os pais como um sistema de suporte.

Também o *género* exerce um poder explicativo na ansiedade de separação e dependência à mãe, nomeadamente o género feminino. Verificamos no nosso estudo que são as raparigas que detêm uma maior qualidade do laço emocional à mãe, pelo que percebem a figura materna como única e fundamental para o seu desenvolvimento a quem sabem que podem recorrer aquando das dificuldades. No entanto, pode acontecer que esta ligação à mãe

se traduza numa certa dependência, as jovens receiam o medo de separação do forte laço que possuem com a mãe. Sublinha-se o facto de que caso estejamos perante uma vinculação segura os níveis de ansiedade de separação e dependência são uma variável positiva.

Moura e Matos (2008) corroboram estes resultados num estudo com 310 elementos entre os 14 e os 18 anos, referindo que as jovens patenteiam uma maior ansiedade de separação, nomeadamente à mãe. Este resultado pode revelar que estas exibem uma maior relação de dependência da mãe, bem como a maior proximidade física e emocional da figura vinculativa materna. Matos *et al.* (1999) e Kenny e Donaldson (1991) referem que o género feminino em geral demonstra mais ansiedade e medo de separação, ou seja, tende a estabelecer uma relação de dependência emocional, comparativamente com os rapazes.

Verifica-se, também, que as *famílias intactas* exercem um poder explicativo na ansiedade de separação e dependência ao pai. São os jovens de famílias intactas que possuem uma maior qualidade do laço emocional ao pai, pelo que a proximidade com o pai e a perceção deste como uma figura de apoio pode conduzir a que os jovens se tornem mais dependentes deste. Deste modo, os nossos resultados vão de encontro ao mesmo estudo realizado por Moura e Matos (2008), os autores verificaram que os jovens de famílias intactas apresentam valores mais elevados na ansiedade de separação e dependência face ao pai. Este resultado permite-nos inferir que a configuração familiar – intacta poder tornar-se uma variável preditora da ansiedade de separação e dependência. Os jovens de família intactas ao contrário talvez do que se seria esperado apresentam mais ansiedade de separação ao pai, esta questão poderá prender-se com a maior proximidade com a figura paterna comparativamente aos jovens de famílias divorciadas. Note-se que quando esta relação é segura níveis de ansiedade de separação aos pais constitui uma variável positiva. Tal como alguns autores sugerem (e.g. Dunlop et al., 2001; Ozen, 2003; Sobolewski & Amato, 2007) o relacionamento entre o jovem e a figura vinculativa paterna pode ser mais afetado aquando do divórcio, uma vez que o contacto com este vínculo pode tornar-se menos frequente.

7.3 Predição da qualidade da vinculação aos pais – qualidade do laço emocional

Também utilizamos como variável dependente a **qualidade do laço emocional** e constatamos que face ao **pai**, a *configuração familiar – famílias intactas*, a *coligação* e *triangulação* e a *resolução dos conflitos* exerce um efeito significativo. Contudo para a **qualidade do laço emocional à mãe**, o *género feminino*, a *coligação* e *triangulação* e a *resolução dos conflitos interparentais* são as variáveis que mostram um efeito significativo.

Neste sentido, a *coligação* e a *triangulação* predizerem negativamente a qualidade do laço emocional à mãe, bem como a *coligação* prediz negativamente a qualidade do laço emocional ao pai. A incapacidade dos pais em adotar estratégias construtivas para fazer face

a um relacionamento fraco e antagónico, conduz muitas das vezes os jovens a tomar posições de maior proximidade, posição esta que é marcada por uma intensa angústia. A coligação e a triangulação tornam-se, deste modo, fáceis mecanismos para que os pais resolvam a relação conflituosa. Deste modo, aquando dos conflitos interparentais os pais incluem o jovem neste círculo de forma a reduzir a ansiedade pessoal e a tensão da relação. Estes resultados levam-nos a pensar que se os jovens não se sentirem como mediadores entre os pais e ligados a um destes em prol dos outros, a unidade familiar opera em função desta mesma unidade (como um só) e do papel que cada elemento representa no sistema familiar (Alarcão, 2002; Amato & Afifi, 2006; Maysel & Scharf, 2009).

Mota e Matos (2010) sublinham a ideia de que a qualidade da ligação a ambos os pais pode diminuir o desenvolvimento dos efeitos de dinâmicas relacionais conflituosas entre os pais, nomeadamente a coligação e a triangulação.

Por sua vez a qualidade do laço emocional ao pai é predita positivamente pela *triangulação*. Segundo o estudo desenvolvido por Grych e colegas (2004) com 388 jovens entre os 14 e os 18 anos, estudou de que forma os conflitos interparentais e os conflitos de lealdade podem condicionar o desenvolvimento de um desajuste nos jovens. Aos autores verificaram no seu estudo que os jovens com uma forte aliança a um dos pais demonstram ser menos ameaçado pelos conflitos de lealdade e menos propensos aos sentimentos de culpa aquando dos conflitos. A segurança do vínculo estabelecido com um dos pais permite que os filhos possam fazer a separação dos conflitos conjugais e evita que tenham que assumir a responsabilidade pelos conflitos ou se sintam compelidos a resolver a situação. Deste modo, apesar dos conflitos interparentais tenderem a influenciar a qualidade das relações familiares, os pais que são capazes de dar suporte, atenção e respondem aos pedidos emocionais dos filhos, permitem que estes se sintam protegido.

Verificamos, também, que a *resolução* dos conflitos prediz negativamente a qualidade do laço emocional às figuras parentais, é importante sublinhar que estamos a falar baixos níveis de resolução dos conflitos. Um estudo desenvolvido por Santos (2005) com 401 jovens adultos tinha como objetivo observar que níveis elevados de conflito interparental podem predispor o desenvolvimento de uma vinculação insegura, na qual a qualidade do laço é emocional é diminuída, não percebendo a figura de vinculação como fundamental e única. Isto pode suceder-se porque o conflito interparental pode tornar menos próximas as relações entre a tríade. A autora faz também referência ao facto de que os jovens que vivenciam níveis elevados de conflitos interparentais podem sentir-se ameaçados, verificando-se uma maior sensibilidade à rejeição.

Também as *famílias intactas* exercem um poder explicativo na qualidade do laço emocional ao pai provavelmente pela possibilidade de menor afastamento. Assim como se

verifica que o *gênero* exerce um poder explicativo na qualidade da laço emocional à mãe, nomeadamente o género feminino.

Os nossos resultados vão de encontro ao estudo realizado por Moura e Matos (2008), já referido anteriormente, com 310 elementos entre os 14 e os 18 anos. Os autores verificaram que os jovens de famílias intactas apresentam valores mais elevados na qualidade do laço emocional face ao pai. Também no estudo longitudinal desenvolvido por Sobolewski e Amato (2007) com 604 jovens em que pretendiam avaliar as associações entre o conflito interparental, a vinculação entre pais e filhos e o bem-estar dos jovens, mencionam que as famílias intactas são preditoras da qualidade do laço emocional. Tal como discutido anteriormente, a ligação entre os jovens e o pai pode ser mais afetada aquando do divórcio, isto porque o contacto com o pai pode realizar-se com menos frequência (Ozen, 2003; Dunlop, Burns, & Bermingham, 2001).

No que respeita ao género esta é uma variável preditora da qualidade do laço emocional. Os nossos resultados vão de encontro ao estudo de Cordeiro (2012), este tinha como objetivo compreender a relação entre a vinculação parental e amorosa e o temperamento afetivo numa população jovem adulta. Embora esta amostra com 760 elementos não incluía adolescentes, este verificou que as jovens a partir dos 18 anos apresentam maior qualidade do laço emocional, pelo que podemos entender que o género feminino parece investir mais na relação que estabelece com a mãe. Também porque culturalmente, e apesar de já se observar um maior envolvimento da figura paterna, é a figura materna que presta maiores cuidados e que parece estar mais envolvida na vida emocional dos filhos.

Assim corroboramos de um modo geral a nossa hipótese inicialmente traçada, de que a coligação e a triangulação e as dimensões do conflito interparental, nomeadamente a baixa resolução, predizem negativamente a qualidade do laço emocional, todavia cabe sublinhar que não se verificou uma predição negativa da triangulação face à qualidade do laço emocional ao pai.

8. Papel moderador da qualidade da vinculação aos pais na associação entre os conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia

Foi testado o papel moderador da qualidade da vinculação aos pais, tendo em conta um dos objetivos do estudo, nomeadamente verificar em que medida o papel da qualidade da vinculação aos pais pode ter um efeito moderador na associação entre conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia. A ANOVA realizada permitiu-nos constatar que apenas em quatro dimensões psicopatológicas em estudo a qualidade da vinculação aos pais parece exercer um efeito moderador, nomeadamente a hostilidade, a sensibilidade interpessoal, a ideação paranóide e psicoticismo e a ansiedade.

Assim, observamos que perante uma elevada qualidade da ligação ao pai aquando da presença de menores conflitos, verifica-se menor patologia comparativamente com uma baixa qualidade da ligação ao pai na presença de menores conflitos, em que se observa maior patologia. Verificamos que no caso da **hostilidade, sensibilidade interpessoal, ideação paranóide e psicoticismo e ansiedade**, a qualidade da vinculação ao pai exerce um efeito moderador na predição dos conflitos interparentais face à psicopatologia mencionada.

Os jovens tem uma perceção do pai enquanto alguém que lhes dá apoio, a quem podem recorrer aquando de dificuldades e com quem se sentem seguros, permitindo percebê-lo como uma figura única e importante para o seu desenvolvimento. Deste modo, de conflitos interparentais, quer de nível elevado ou não, podem acarretar prejuízos relevantes na vida dos jovens. Isto porque os conflitos interparentais tornam-se desconfortáveis levando a sentimentos de insegurança que são dinamizado pela própria relação conflituosa e pela diminuição dos cuidados prestados pelos pais na relação com os jovens. Deste modo, os conflitos interparentais permitem que se observe uma redução na proximidade pais-filhos. Sendo que verificamos no presente resultado que o desenvolvimento de relações pautadas pela proximidade e segurança promover um crescimento adaptativo.

Deste modo, corroboramos em parte a nossa hipótese inicialmente elaborada, de que a qualidade da vinculação aos pais exerce um papel moderador entre os conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia, no entanto este resultado só foi evidente no caso do pai.

Sabemos que ao longo do ciclo vital, os jovens vivenciam numerosas mudanças e transformações intrínsecas ao próprio ciclo desenvolvimental às quais se podem acrescer também algumas alterações na dinâmica familiar, como a presença de conflitos interparentais frequentes. Aqui a importância das figuras de vinculação toma um papel preponderante, colmatando as alterações relacionais entre a tríade, as alterações sociais e as alterações no funcionamento dos jovens que podem advir dos conflitos interparentais. Estes resultados permitem-nos constatar, que embora não se tenha observado resultados significativos para a generalidade das dimensões psicopatológicas avaliadas, a qualidade da ligação, nomeadamente ao pai, parece exercer um efeito protetor.

Como referido anteriormente, a psicopatologia tem por base o desvio do desenvolvimento produto de diversas (in)adaptações. Tal como referem alguns autores como Sroufe, Carlson, Levy e Egeland (1999) um padrão de vinculação inseguro pode representar uma das (in)adaptações, no entanto a sintomatologia psicopatológica só acontece se as adaptações que se seguem não se realizarem de modo adaptativo.

Uma série de acontecimentos ocorrem ao longo do desenvolvimento dos jovens, e estes tornam-se fundamentais para o seu crescimento. Assim a experiência de vivenciar novos contextos pessoais e relacionais podem tornar-se fatores de vulnerabilidade face ao risco, uma

vez que os jovens deparam-se com inúmeras dificuldades face às barreiras que lhes fazem frente no seu percurso vivencial. No entanto, os jovens são capazes de ultrapassar algumas das dificuldades que se impõem. Ou seja, estes jovens resilientes utilizam recursos internos que lhes permitem gerir as dificuldades e o risco de modo positivo e adaptativo, atuando de modo a alterar o efeito de alguns acontecimentos de vida (Mota, 2011).

De acordo com Bowlby (1980) a qualidade da ligação aos pais é um fator preponderante que pode ser utilizado ao longo do ciclo vital como um fator de proteção, permitindo ao jovem interpretar e criar novas experiências tendo por base as suas vivências de proximidade emocional. A qualidade da relação entre o casal torna-se um fator protetor para o desenvolvimento do jovem. Quando esta dinâmica é perturbada por conflitos interparentais e o modo como os pais lidam com o conflito, tornam-se um dos principais preditores do ajustamento dos filhos (Grych *et al.* 1990; Santos, 2005). O conflito tem por base uma vertente disfuncional e problemática o que conduz ao desenvolvimento de problemas emocionais. O aumento do *stress* nesta fase do ciclo vital do jovem causado pelo conflito através da auto-culpabilidade pode despoletar sintomatologia psicopatológica como a depressão, ansiedade, problemas comportamentais, condutas desviantes, impulsividade e comportamentos antissociais. A presença dos conflitos, na dinâmica familiares conduzem a práticas parentais que exacerbam o desajuste emocional do jovem, sendo que a comunicação entre os pais fragiliza-se pelo que os jovens são introduzidos nesta dinâmica, passando a intermediar o relacionamento entre os pais. Os jovens sentem que a sua segurança emocional é afetada pelo que sentimentos de culpa e ameaça veem ao decima (Buehler & Welsh, 2009; Grych *et al.* 2004). Deste modo, os jovens procuram restabelecer o sentimento de pertença e de segurança emocional. Esta necessidade de proximidade pode conduzir a processos de coligação e triangulação. Sendo que esta tomada de posição por um dos pais gera conflitos de lealdade que são dificilmente geridos pelos jovens e que conduzem a um desequilíbrio emocional, nomeadamente a sintomatologia ansiosa e depressiva, a problemas do comportamento e a baixa autoestima (Buchanan *et al.* 1991; Gerard *et al.* 2005). Deste modo, aquando de uma estrutura familiar fragilizada, na presença de fatores stressantes, a presença de uma disponibilidade insuficiente dos pais são fatores de risco que debilitam o sentimento de estabilidade emocional dos jovens.

Capítulo V – Conclusão

Este último capítulo, é destinado a uma reflexão de todo o percurso, pretendemos fazer uma retrospectiva das principais ideias emergentes neste estudo, que nos permitiram conhecer um pouco mais o mundo dos nossos jovens.

O nosso objetivo primordial foi perceber em que medida a vinculação aos pais, a perceção de conflitos parentais e a coligação e triangulação poderiam prever o desenvolvimento de psicopatologia em jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas. Para tal, utilizamos uma amostra de jovens provenientes de ambas as configurações familiares, de modo a que fosse possível perceber as diferenças do mundo emocional destes tendo em conta as possíveis vivências. Tornou-se interessante realizar análises comparativas entre os jovens provenientes de ambas as configurações familiares, analogamente à vinculação que estes estabelecem com os pais e ao conflito interparental. Apesar de já observamos alguns estudos em Portugal que utilizam estes dois grupos de participantes, nunca deixa de ser relevante se novos resultados surgirem no estudo das relações familiares, introduzindo variáveis distintas como é a psicopatologia.

Utilizamos como principal referencial teórico a teoria da vinculação, inicialmente desenvolvida por John Bowlby e Mary Ainsworth. Esta demonstra particular importância pelo modo como nos permite compreender a relevância da qualidade da vinculação aos pais.

Os resultados que obtivemos com este estudo permitiram-nos corroborar algumas das nossas hipóteses. De um modo geral, os resultados obtidos parecem sugerir que o género feminino e os jovens mais novos, antes dos 22 anos, procuram uma maior proximidade emocional e encontram-se mais dependentes da figura de vinculação. No entanto, os jovens que percebem uma maior qualidade do laço emocional são aqueles que habitam um agregado familiar intacto e são aqueles que já frequentam o ensino superior, uma vez que já possuem maior maturidade e estão mais centrados na qualidade das relações, sentindo-as como mais seguras.

Por outro lado, observou-se que jovens de famílias divorciadas denotam uma maior perceção dos conflitos interparentais. Facto que pode contribuir para a separação conjugal, sendo por isso perceptível que os filhos de famílias divorciadas evidenciem uma maior perceção da frequência, intensidade e baixa resolução dos conflitos entre os pais. Também verificamos que os jovens de famílias divorciadas denotam maior sintomatologia de cariz psicopatológico, sendo esta mais evidente no género feminino e nos mais jovens, ou seja, aqueles que ainda se encontram no início da adolescência, antes dos 17 anos.

Os nossos resultados também evidenciaram que os jovens que frequentam o ensino secundário apresentam em média maior perceção de coligação com os pais comparativamente com o 3º ciclo e com o ensino superior. No entanto, no que respeita às diferenças face à idade observa-se que são os jovens mais velhos que tem maior perceção de

coligação. Estes jovens vivenciam as suas experiências de forma distinta e possuem um desenvolvimento cognitivo mais amadurecido, comparativamente com aqueles que ainda se encontram na fase inicial da adolescência, estando mais aptos a equacionar a dinâmica relacional e mais seguros nas suas escolhas. Percebe-se, também, que estes jovens estão mais capazes de se enteirar dos conflitos interparentais, mas também sentem-se mais seguros, podendo manifestar um comportamento de maior ligação e proximidade a uma figura vinculativa. Todavia, aqueles que frequentam o 3º ciclo, arrogando que são os mais novos, denotam maior perceção dos comportamentos de triangulação, estando mais dependentes dos pais, contactando com estes mais frequentemente o que os conduz a um maior envolvimento nas interações pouco salutares. Verificamos ainda que estes comportamentos de coligação e triangulação são em média mais percebidos por filhos de famílias divorciadas, julgamos que talvez numa primeira fase do divórcio pela sua maior frequência e intensidade.

Foi também relevante verificar as diferenças significativas existentes ao nível das diferentes organizações dos protótipos de vinculação. Desta feita, observamos que o género feminino denota maioritariamente um protótipo seguro face ao pai e amedrontado no que respeita à mãe. Por sua vez, o género masculino demonstra maioritariamente um protótipo amedrontado face ao pai e preocupado para com a mãe. Também verificamos que jovens que integram famílias intactas manifestam protótipos de vinculação seguros a ambos os pais, no entanto jovens provenientes de famílias divorciadas refletem protótipos de vinculação amedrontados para com o pai e preocupados para com a mãe. São também os jovens mais velhos que espelham um protótipo seguro. Com o avançar da idade os jovens tendem a sentir-se mais seguros, no entanto os protótipos de vinculação desde a infância até à idade adulta devem manter-se caso o funcionamento e a dinâmica da tríade forem salutares.

Como seria de esperar podemos também verificar com o nosso estudo que o protótipo seguro comparativamente com os demais protótipos apresenta de modo geral menor vulnerabilidade para o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológicas. Estes jovens possuem representações internas de si e dos outros como positivas e aquando das dificuldades tendem a utilizar estratégias de *coping* ativo, nomeadamente a procura do apoio dos outros. Também verificamos que face aos protótipos de vinculação ao pai, o protótipo desinvestido e amedrontado apresentam maior coligação e o protótipo preocupado e seguro apresentam menos triangulação. Por sua vez, no que respeita aos protótipos de vinculação à mãe, o protótipo desinvestido e amedrontado apresentam maior coligação. No entanto, o protótipo desinvestido e amedrontado apresentam mais triangulação. Assim percebemos que os jovens que desenvolvem um protótipo de vinculação que não é seguro podem desenvolver relações menos saudáveis e pautadas pela rivalidade e ressentimento, proporcionando a ambivalência da triangulação e conseqüentemente diminuir o bem-estar dos jovens.

Foi possível observar que os conflitos interparentais constituem-se enquanto preditores positivos do desenvolvimento de psicopatologia. Nesta medida, também percebemos que a qualidade do laço emocional aos pais pode compor-se enquanto variável preditora negativa do desenvolvimento de alguma psicopatologia. Também, a ansiedade de separação e dependência surge como uma variável que prediz positivamente alguma sintomatologia psicopatológica como, a depressão e a ideação paranóide e psicoticismo. É importante que se perceba que de facto a presença de conflitos interparentais e a forma como são ou não resolvidos torna-se um fator determinante para a adaptação dos jovens às demais circunstâncias, sendo que este debilita-os, encontrando-se mais vulneráveis a nível emocional. É importante sublinhar o fato de que uma pobre relação instituída com as figuras de vinculação, na sequência de um ambiente pautado por conflitos pode acarretar prejuízos emocionais.

No que respeita a outras análises de predição verificamos que a coligação prediz negativamente a ansiedade de separação e dependência e a qualidade do laço emocional aos pais. Por sua vez, a triangulação prediz positivamente a inibição da exploração e individualidade aos pais, a ansiedade de separação e dependência ao pai e a qualidade do laço emocional ao pai, e prediz negativamente qualidade do laço emocional à mãe. Observamos também que a frequência dos conflitos prediz positivamente a inibição da exploração e individualidade ao pai, sendo que esta variável é também predita negativamente pela baixa resolução dos conflitos interparentais. Também, a baixa resolução dos conflitos entre os pais é uma variável preditora da ansiedade de separação e dependência e da qualidade do laço emocional a ambos pais.

Para finalizar, tornou-se também interessante observar que a qualidade da vinculação ao pai exerce um efeito moderador entre os conflitos interparentais e o desenvolvimento de psicopatologia. Assim, na presença de uma elevada qualidade da ligação ao pai aquando da presença de menores conflitos, verifica-se menor patologia comparativamente com uma baixa qualidade da ligação ao pai na presença de menores conflitos, em que se observa maior patologia. Mais uma vez, podemos observar a relevâncias dos pais, enquanto figuras de vinculação. Estes são capazes de colmatar as dificuldades que surgem na vida dos jovens e as possíveis alterações relacionais entre a tríade que muitas das vezes estão associadas aos conflitos interparentais. No entanto, cabe sublinhar mais uma vez que a psicopatologia compromete e impede o desenvolvimento homeostático do indivíduo que é pautado por diversas desadaptações e adaptações, sendo que a psicopatologia ocorre quando as reorganizações não acontecem de modo adaptativo.

Ao longo deste trabalho foi possível compreendermos a importância da qualidade da vinculação que os jovens estabelecem com os pais. Todos nós temos esta necessidade de ter figuras de vinculação, nomeadamente os jovens que se encontra, numa fase da vida marcada

por incertezas, e o sentimento de pertença a alguém, de sentir que têm uma base segura torna-se o motor para um desenvolvimento emocional homeostático. Como Bowlby havia referido o comportamento de vinculação é fundamental ao longo da vida, “desde o berço até à sepultura” (Bowlby, 1979). Deste modo, torna-se fundamental promover interações positivas entre pais e filhos de forma a manter a qualidade do laço emocional face aos diversos acontecimentos de vida que implica importantes transições como é o caso do divórcio, dos conflitos interparentais e dos processos de coligação e triangulação.

Chegamos ao fim deste trabalho e o sentimento de contentamento está bem presente, estando cientes que por mais breve que seja o nosso contributo podemos mais uma vez pensar na vida emocional dos jovens. Pretendemos como este trabalho sublinhar o facto de que se torna cada vez mais evidente a importância de intervir junto da família para que os pais sejam capazes de gerir os conflitos entre eles, permitindo que o jovem conviva num ambiente família seguro, independentemente da configuração familiar.

No entanto, apesar do contributo que conhecemos dar com este trabalho ao nível da investigação, algumas limitações devem ser tidas em consideração, sendo que possíveis estudos poderão tê-las em atenção.

Uma limitação inicial prende-se como o número reduzido de jovens de famílias divorciadas comparativamente aos de famílias intactas, facto que se deveu à crescente dificuldade em encontrar participantes entre os 13 e os 25 anos com estas características. A homogeneidade da amostra e o uso exclusivo de questionários de autorrelato, nomeadamente por só termos incluindo os jovens na investigação torna-se uma outra limitação. Assim, face à utilização no presente estudo de instrumentos de autorrelato, seria interessante em estudos posteriores complementar estes dados com o recurso a entrevistas. Pelo que seria interessante que estas não se realizassem só com os jovens, mas que incluíssem os pais de modo a integrar a perspectiva destes. Seria, também, interessante se em investigações futuras utilizassem uma metodologia de natureza longitudinal, uma vez que permitia avaliar se a qualidade da vinculação dos jovens com as figuras parentais se mantém no curso do tempo ou se algumas transformações são advindas pelos acontecimentos de vida. Bem como, seria uma mais-valia que futuros estudos incluíssem para além das configurações familiares aqui estudadas, uma amostra com recasamentos e com pais solteiros. Igualmente pertinente seria acompanhar a evolução emocional de jovens de ambas as configurações familiares ao longo do tempo, bem como avaliar o seu ajustamento psicológico face à reconstrução familiar após o divórcio parental. Neste sentido, também seria pertinente estudar o impacto das diferentes estratégias de resolução de conflitos, utilizadas pelo pais e jovens, enquanto experiências positivas para o ajustamento psicológico dos filhos.

Bibliografia

- Afifi, T. (2003). Feeling caught in stepfamilies: managing boundary turbulence through appropriate communication privacy rules. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 729–756.
- Afifi, D., & Schrodt, P. (2004). Adolescents' and young adults' feelings of being caught between their parents in divorced and non-divorced households. *Communication Monographs*, 70, 142–173.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709 - 716.
- Ainsworth, M., & Bell, S. (1970). Attachments, exploration and separation: illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41(1), 49 – 67.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333 – 341.
- Alarcão, M. (2002). *(Des) Equilíbrios familiares*. 2ª Edição. Coimbra: Quarteto Editora.
- Allen, S., & Stoltenberg, C. (2001). Psychological separation of older adolescents and young adults from their parents: an investigation of gender differences. *Journal of Counseling & Development*, 73, 542-546.
- Allen, J., MacElhaney, K., Land, D., Kupermic, G., Moore, C., O'Beirne, H., & Kilmer, S. (2003). A secure base in adolescence: markers of attachment security in the mother – adolescent relationship. *Child Development*, 74(1), 292 – 307.
- Amato, P. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1269 - 1287.
- Amato, P., & Afifi, T. (2006). Feeling caught between parents: adult children's relations with parents and subjective well-being. *Journal of Marriage and Family*, 68, 222 - 235.

- Andrade, R., Junior, F., Teixeira, I., & Fonseca, V. (2011). Prevalência de transtornos psiquiátricos em jovens infratores na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): estudo de gênero e relação com a gravidade de delito. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(4), 2179-2188.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226 – 244.
- Baptista, M., Lima, R., Capovilla, A., & Melo, L. (2006). Sintomatologia depressiva, atenção sustentada e desempenho escolar em estudantes de ensino médio. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 10(1), 99-108.
- Batistoni, S., Néri, A., & Cupertino, A. (2010). Validade e confiabilidade da versão brasileira da Center for Epidemiological Scale – Depression (CES-D) em idosos brasileiros. *Psico-USF*, 15(1), 13-22.
- Beato, A. (2008). “Adolescer” entre relações. *Parentalidade, amizade e amorosidade: que contributos na transição para a idade adulta?* Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Benetti, S. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261 – 268.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162 – 186.
- Booth, A., & Amato, P. (2001). Parental predivorce relations and offspring postdivorce well-being. *Journal of Marriage and Family*, 63, 197-212.
- Bowen, M. (1979). *De la familia al individuo: la diferenciación del si mismo em el sistema familiar*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. Acedido em 15/08/2012 a partir de books.google.pt/books?id=9veOhhhl6h4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false

- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss. Vol.1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol.2: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. M. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Tavistock.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Vol.3: Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Braconnier, A., & Marcelli. D. (2002). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bragado, C., Bersabé, R., & Carrasco, I. (1999). Factores de riesgo para los trastornos conductuales, de ansiedad, depresivos y de eliminación en niños e adolescentes. *Psicothema, 11(4)*, 939-956.
- Brown, L., & Wright, J. (2001). Attachment theory in adolescence and its relevance to developmental psychopathology. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 8*, 15 -32.
- Buchanan, C., Maccoby, E., & Dornbusch, M. (1991). Caught between parents: Adolescents' experience in divorced homes. *Child Development, 62(5)*, 1008 - 1029. Acedido em 31/08/2011 a partir de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1131149?uid=3738880&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21101199446637>
- Buehler, C., & Gerard, J. (2002). Marital conflict, ineffective parenting and children`s and adolescent`s maladjustment. *Journal of Marriage e Family, 64(1)*, 78-92.
- Buehler, C., Benson, M., & Gerard, J. (2006). Interparental hostility and early adolescent problem behavior: the mediating role of specific aspects of parenting. *Journal of Research on Adolescence, 16(2)*, 265 - 292.
- Buehler, C., Franck, K., & Cook, E. (2009). Adolescents triangulation in marital conflict and peer relations. *Journal of Research on Adolescence, 19(4)*, 669 - 689.

- Buehler, C., & Welsh, D. (2009). A process model of adolescents triangulation into parents marital conflict: the role of emotional reactivity. *Journal of Family Psychology, 23*(2), 167 – 180.
- Buist, K., Deković, M., Meeus, W., & van Aken, M. (2004). The reciprocal relationship between early adolescent attachment and internalizing and externalizing problembehaviour. *Journal of Adolescence, 27*, 251- 266.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos – BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol. 2, pp. 95-109). Braga: APPORT/SO.
- Cano, D., Gabarra, L., Moré, C., & Crepaldi, M. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto Brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 22*(2), 214-222.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: implicação nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, manuscrito não publicado.
- Cauffman, E. & Steinberg, L. (2000). (Im)maturity of judgment in adolescence: why adolescents may be less culpable than adults. *Behavioral Sciences & the Law, 18*, 741-760.
- Chase-Lansdale, P., Cherlin, A., & Kiernan, K. (1995). The long-term effects of parental divorce on the mental health of young adults: a developmental perspective. *Child Development, 66*, 1614 - 1634.
- Castillo, M. (2007). Los padres y los hijos: variables de riesgo/parents and children: risk variables. *Educación y Educadores, 10*(1), 27 - 37.
- Cleto, P., & Costa, M. (1996). Estratégias de *coping* no início da adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 93 – 102.
- Coffman, D., & McCullum, R. (2005). Using parcels to convert path analysis models into latent variable models. *Multivariate Behavioral Research, 40*(2), 235-259.

- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Second Edition. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Cohen, J., Cohen, P., West, S., & Alken, L. (2003). *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioural sciences*. Third Edition. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cole-Detke, H., & Kobak, R. (1996). Attachment processes in eating disorder and depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64, 282–290.
- Cordeiro, R. (2012). *Vinculação e temperamento afetivo em jovens adultos*. Dissertação para a obtenção de grau de doutor. Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, manuscrito não publicado.
- Costa, M. (2000). *Qualidade da integração sensorial e organização dos comportamentos de vinculação na criança*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Coutinho, B. (2010). *Base segura: a vinculação no contexto da transição para a idade adulta*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia, manuscrito não publicado.
- Cox, M. J., Paley, B., & Hater, C. (2001). Interparental conflict and parent – child relationship. In In John H. Grych & Frank D. Fincham. *Interparental conflict and child development: Theory, research and application*. Cambridge: Cambridge University Press. Acedido em 20/07/2012 a partir de http://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=6TsYija5D38C&oi=fnd&pg=PR1&dq=Interparental+conflict+and+child+development:+Theory,+research+and+application&ots=664UvKfoVz&sig=n7xPjcL46YxP3SaJK6TSzKMwd40&redir_esc=y#v=onepage&q=Interparental%20conflict%20and%20child%20development%3A%20Theory%2C%20research%20and%20application&f=false.
- Cummings, E., & Davies, P. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatric*, 43, 31 - 63.

- Cummings, E., Goeck-Morey, M., & Papp, L. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia*. Porto Alegre: Artmed.
- Davies, P. & Cummings, E. (1994). Marital conflict and child adjustment: an emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, 116(3), 387-411.
- Davies, P., & Cummings, E. (1998). Exploring children's emotional security as a mediator of the link between marital relations and child adjustment. *Child Development*, 69 (1), 124-139.
- Degoratis, L. (1982). *BSI: brief symptom inventory* (3rd ed.). Mineapolis: National Computers Systems.
- Dias, M., & Fontaine, A. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dias, P. (2007). *Vinculação e regulação autonómica nas perturbações alimentares*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, manuscrito não publicado.
- Doyle, A., & Markiewicz, D. (2005). Parenting, marital conflict and adjustment from early-to mid-adolescence: mediated by an attachment style? *Journal of Youth & Adolescence*, 34(2), 97-110.
- Dunlop, R., Burns, A., & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent self-image following divorce: a 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 117-134.
- Dykas, M., Woodhouse, S., Cassidy, J., & Waters, H. (2006). Narrative assessment of attachment representations: Links between secure base scripts and adolescent attachment. *Attachment & Human Development*, 8(3), 221 – 240.
- Elkind, D. (1967). Egocentrism in adolescence. *Child Development*, 38(4), 1025-1034.

- Elkington, K., Bauermeister, J., & Zimmerman, M. (2011). Do parents and peers matter? A prospective socio-ecological examination of substance use and sexual risk among African American youth. *Journal of Adolescence*, *34*(5), 1035-1047.
- Emery, R. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, *92*, 310 – 330.
- Encarnação, R., Moura, M., Gomes, F., & Da Silva, P. (2011). Caracterização dos casos observados numa equipa de psiquiatria da infância e adolescência: um estudo retrospectivo. *Acta Médica Portuguesa*, *24*, 925-934.
- Eymann, A., Busaniche, J., Llera, J., De Cunto, C., & Wahren, C. (2009). Impacto f divorce on the quality of life in school-age children. *Journal de Pediatria*, *85*(6), 547-552.
- Faria, C., Fonseca, M., Sousa Lima, V., Soares, I., & Klein, J. (2007). In I. Soares (Coord.) *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação* (pp. 121-158). Braga: Psiquilíbrios.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. 2º Edition, London: Sage Publications.
- Fingerman, K. L. (1998). Tight lips? Aging mothers' and adult daughters' responses to interpersonal tensions in their relationships. *Personal Relationships*, *5*, 121–137.
- Fleming, M. (2003). O risco de não correr risco nenhum: impasses do desenvolvimento psicológico adolescente. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, *7*, 1 – 19.
- Fonagy, P., Steele, M., & Steele, H. (1992). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organisation of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, *62*(5), 891-905.
- Fosco, G., & Grych, J. (2010). Adolescent triangulation into parental conflicts: longitudinal implications for appraisals and adolescents-parent relations. *Journal of Marriage and Family*, *72*(2), 254-266.
- Franck, K., & Buehler, C. (2007). A family process model of marital hostility, parental depressive affect, and early adolescent problem behavior: the roles of triangulation and parental warmth. *Journal of Family Psychology*, *21*(4), 614 - 625.

- Frosch, C., & Mangelsdorf, S. (2001). Marital behaviour, parenting behaviour and multiple reports of preschoolers? Behaviour problems: mediation or moderation? *Development Psychology*, 37(4), 502-519.
- García, V., Marín, I., & Currea, F. (2006). Relaciones maritales, relaciones paternas y su influencia en el ajuste psicológico de los hijos. *Acta Colombiana de Psicología*, 9(2), 115-126.
- Gerard, J., Buehler, C., Franck, K., & Owen, A. (2005). In the eyes of the beholder: cognitive appraisals as mediators of the association between interparental conflict and youth maladjustment. *Journal of Family Psychology*, 19(3), 376-384.
- Gilbert, C. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: the role of the attachment and social rank systems. *Journal of Adolescence*, 28, 325 – 341.
- Gonçalves, M., Simões, M., Almeida, L., & Machado, C. (2006). *Avaliação psicológica: instrumentos validados para a população portuguesa, volume I, II, III*. Coimbra: Quarteto.
- Gouveia, T., & Matos, P. (2011). Manual QVPM – questionário de vinculação ao pai e à mãe. Acedido em 5/09/2011 a partir de <http://sites.google.com/site/manualqvpm/>.
- Grossman, K., & Grossman, K. (2004). Universality of human social attachment as an adaptive process. In C. S. Porges & N. Sachser (Eds.). *Attachment and bonding: a new synthesis*. Dahlem workshop Report 92 (pp. 199 - 229). Cambridge, MA: The MIT Press.
- Guedeney, N. (2004). Conceitos – Chave da teoria da vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney, *Vinculação, conceitos e aplicações* (pp. 33 - 43). Lisboa: Climepsi Editores.
- Guedes, S. (2005). *Expectativas conjugais de jovens e das suas figuras de vinculação*. Portal dos psicólogos. Acedido em 15/07/2012 a partir de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0380.pdf>
- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and the other: fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 430-445.

- Grych, J., & Fincham, F. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108(2), 267-290.
- Grych, J., Seid, M., & Fincham, F. (1992). Assessing marital conflict for the child's perspective: the children's perception of interparental conflict scale. *Child Development*, 63, 558-572.
- Grych, J., Raynor, S., & Fosco, G. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development & Psychopathology*, 16(3), 649-665.
- Hair, J., Anderson, E., Tatham, R., & Black, W. (1998). *Multivariate data analysis*. New Jersey: Prentice Hall.
- Hanson, T. (1999). Does parental conflict explain why divorce is negatively associated with child welfare? *Social Forces*, 77(4), 1283-1316.
- Harold, G., Fincham, F., Osborne, L., & Conger, R. (1997). Mom and dad are at it again: adolescent perceptions of marital conflict and adolescent psychological distress. *Developmental Psychology*, 33(2), 333 – 350.
- Harwood, R., Miller, J., & Irizany, N. (1995). *Culture and attachment*. New York: The Guilford Press.
- Hetherington, M. (2003). Social Support and the Adjustment of Children in Divorced and Remarried Families. *Childhood*, 10(2), 217-236.
- Holmes, J. (1993). *John Bowlby & Attachment Theory*. London and New York: Routledge.
- Houseknecht, S., & Hango, D. (2006). The impact of marital conflict and disruption on children's health. *Youth Society*, 38(1), 58-89.
- Instituto Nacional de Estatística. (2010). Estatísticas demográficas 2009. Lisboa, Portugal.
- Jacobvitz, D., & Bush, N. (1996). Reconstructions of family relationships: parent-child alliances, personal distress and self-esteem. *Developmental Psychology*, 32, 732 - 743.

- Jacobvitz, D., Hazen, N., Curran, M., & Hitchens, K. (2004). Observations of early triadic family interactions: boundary disturbances in the family predict symptoms of depression, anxiety, and attention-deficit/hyperactivity disorder in middle childhood. *Development and Psychopathology, 16*, 577 - 592.
- Johnston, J., Kline, M., & Tschann, J., (1989). Ongoing post-divorce conflict in families contesting custody: effects on children of joint custody and frequent access. *American Journal of Orthopsychiatry, 59*, 576–592.
- Johnston, J., Walters, M., & Olesen, N. (2005). Is it alienative parenting, role reversal, or child abuse? A study of children`s rejection os parent in child custody disputes. *Journal of Emotional Abuse, 5(4)*, 191-218.
- Kapinus, C. (2004). The effect of parents` attitudes toward divorce on offspring`s attitudes: gender and parental divorce as mediating factors. *Journal of Family Issues, 25(1)*,112-135
- Kemp, F. (2003). Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioural sciences. *Journal of the Royal Statistical Society: Series D (The Statistician), 52(4)*, 691.
- Kenny, M., & Donaldson, G., (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal of Counselling Psychology, 38*, 479-486.
- Lemos, I. (2007). *Família, psicopatologia e resiliência na adolescência: do risco psicossocial ao percurso delinquente*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, manuscrito não publicado.
- Lemos, I. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente. *Análise Psicológica, 1(XXVIII)*, 117-132.
- Lopez, F., Campbell, V., & Watkins, C. (1989). Effects of marital conflict and family coalition patterns on college student adjustment. *Journal of College Student Development, 30*, 46-52.

- Maia, J. (1996). Um discurso metodológico em torno da validade de constructo: Posição de um lisrelita. In L.S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado & Simões (Eds). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. IV (pp. 43-59). Braga. APPORT.
- McDonald, R., & Grych, J. (2006). Young children's appraisals of interparental conflict: measurement and links with adjustment problems. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 88-99.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS*. 3ª Edição. Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, A. (2010). *Impacto do divórcio parental no comportamento dos filhos. Factores que contribuem para uma melhor adaptação. Implicações médico-legais*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre em medicina legal. Universidade do Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, manuscrito não publicado.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Matos, P. M., & Costa, M. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45-54.
- Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida., & Costa, M. (1999). Parental attachment and identity in portuguese late adolescents. *Journal of Adolescence*, 22, 805-818.
- Matos, P. M., & Costa, M. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. (2004). Significações da perda e processo de luto no divórcio. *Psychologica*, 35, 11 – 24.
- Mayseless, O., & Scharf, M. (2009). Too close for comfort: Inadequate boundaries with parents and individuation in late adolescent girls. *American Journal of Orthopsychiatry*, 79(2), 191 – 202. DOI: 10.1037/a0015623.

- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Engels, R. (2004). Separation – individuation revisited: on the interplay of parent – adolescence relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89 – 106.
- Michael, K., & Ben-Zur, H. (2007). Risk-taking among adolescents: association with social and affective factors. *Journal of Adolescence*, 30, 17-31.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias – funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Missio, F., & Jacobi, L. (2007). Variáveis dummy: especificações de modelos com parâmetros variáveis. *Ciência e Natura*, 29(1), 111-135.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2007). Relação entre vinculação, sintomatologia psicopatológica e bem-estar em estudantes do primeiro ano do ensino superior. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 83-93.
- Mota, C. P. (2008). *Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Mota, C. P. (2011). Uma abordagem sobre a teoria da vinculação: desenvolvimento da vinculação na adolescência. *Série Didáctica de Ciências Sociais e Humanas*, 78. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. ISBN: 978-989-704-027-6.
- Mota, C. P., & Matos, P.M. (2009). Apego, conflito e auto-estima em adolescentes de famílias intactas e divorciadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 344-352.
- Mota, C. P., & Matos, P.M. (2010). *Interparental conflict and individuation in portuguese emerging adults: the role of loyalty conflict*. Comunicação apresentada no 5th Congress of the European Society on Family Relations, 29 September – 2 October, Milão, Itália.
- Mota, C.P., & Matos, P. M. (2011a). *Relación parental, autoestima e depresión en jóvenes portugueses: implicaciones de los conflictos interparentales, coligación y triangulación*. Poster apresentado no XI Jornadas de Apego Y Saúde Mental – 25 e 26 de Março, Reus, Espanha.

- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2011b). Adolescência e conflitos parentais: Uma perspectiva de resiliência. In P.M. Matos, C. Duarte, & M.E. Costa (Coords.). *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção* (p.125-251). Porto: LivPsic.
- Moura, O., Santos, R., & Matos, P.M. (2006). *Children`s Perception of Interparental Conflict Scale: análise factorial confirmatória com adolescents e jovens adultos*. XI Conferência Internacional – Avaliação psicológica: formas e contextos – 5, 6 e 7 de Outubro, Universidade do Minho.
- Moura, O., & Matos, P.M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, vol. XXII, (1), 127 - 152.
- Moura, O., & Matos, P.M. (2010). *The Father/Mother Attachment Questionnaire (FMAQ): Factor structure invariance across Portuguese and German adolescents*. 5th Congress of the European Society on Family Relations. Milão, Itália.
- Musick, K., & Meier, A. (2010). Are both parents always better than one? Parental conflict and young adult well-being. *Social Science Research*, 39, 814-830.
- Myers, S. (2005). Childhood and adolescent mobility and adult relations with parents. *Journal of family issues*, 26(3), 350-379.
- Neves, L. (2008). *Vinculação, episódios emocionais e compreensão emocional nas perturbações alimentares*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, manuscrito não publicado.
- Nickerson, A., & Nagle, R. (2005). Parent and peer attachment in late childhood and early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 25, 223 – 249.
- O'Donnell, E., Moreau, M., Cademil, E., & Pollastei, A. (2010). Interparental conflict, parenting, and childhood depression in a diverse urban population: The role of general cognitive style. *Journal of Youth adolescence*, 39, 12-22.
- Orellana, R., Vallejo, F., & Vallejo, P. (2004). Separación o divórcio: transtornos psicológicos en los padres y los hijos. *Revista Asociación Española Neuropsicología*, (92), 91-110.

- Owen, M., & Cox, M. (1997). Marital conflict and the development of infant-parent attachment relationships. *Journal of Family Psychology, 11*, 152 - 164.
- Ozen, D. (2003). The impact of interparental divorce on adult attachment styles and perceived parenting styles of adolescents: study in Turkey. *Journal of Divorce & Remarriage, 40* (1-2), 129-149.
- Pallant, L. (2001). *SPSS-Survival manual*. London: St. Edmundsbury Press.
- Parken, J., & Benson, M. (2004). Parent-adolescent relations and adolescent functioning: self-esteem, substance abuse, and delinquency. *Adolescence, 39*(155), 519-530.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, auto-estima, auto-conceito e rendimento académico. *Análise Psicológica, 1*, 235-244.
- Penny, K. (1996). Appropriate critical values when testing for a single multivariate outlier by using the Mahalanobis distance. *Journal of the Royal Statistical Society, 45*(1), 73-81.
- Pereira, A. (2006). *Guia prático de utilização: análise de dados para ciências sociais e psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Rabasquinho, C., & Pereira, H. (2007). Género e saúde mental: uma abordagem epidemiológica. *Análises Psicológica, 3*(XXV), 439-454.
- Ramalho, C. (2008). *(Os) nós e os laços: vinculação, suporte social e bem-estar em jovens adultos*. Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Richardson, S., & McCabe, M. (2001). Parental divorce during adolescence and adjustment in early adulthood. *Adolescence, 36*(143), 467 – 489.
- Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, manuscrito não publicado.

- Sani, A. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: as construções de crianças expostas à violência interparental*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia, manuscrito não publicado.
- Sani, A. (2007). As crenças das crianças sobre a violência e as perceções sobre os conflitos interparentais. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa*, 4, 198-208.
- Santana, S., & Negreiros, J. (2008). Consumo de álcool e depressão em jovens portugueses. *Revista Toxicodependências*, 14(1), 17-24.
- Santos, M. (2005). *Conflito interparental e sensibilidade à rejeição: implicações na vinculação romântica*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre. Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, manuscrito não publicado.
- Santos, N. (2008). *A triangulação e seus múltiplos aspectos no contexto familiar: um olhar relacional-sistêmico*. Dissertação apresentada para obtenção da especialização em terapia relacional sistêmica. Florianópolis, manuscrito não publicado.
- Scharfe, E., & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal Relationships*, 1, 23-43.
- Siffert, A., & Schwarz, B. (2011). Parental conflict resolution styles and children's adjustment: Children's appraisals and emotion regulation as mediators. *The Journal of Genetic Psychology*, 172(1), 21-39.
- Silva, M., & Costa, M. (2005). Desenvolvimento psicossocial e ansiedades nos jovens. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 111-127.
- Simões, M., Machado, C., Gonçalves, M., & Almeida, C. (2007). *Avaliação Psicológica. Vol. III: Instrumentos validados para a população portuguesa*. Quarteto Editora.
- Smojver-Azic, S., & Bezinovic, P. (2011). Sex differences in patterns of relations between family interactions and depressive symptoms in adolescents. *Croatian Medical Journal*, 52, 469-477.

- Soares, I. (1996). *Representações da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe – filho(a)*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Soares, I., & Dias, P. (2007). Apego y psicopatología en jóvenes y adultos: contribuciones recientes de la investigación. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(1), 177-195.
- Sobolewski, J., & Amato, P. (2007). Parent's discord and divorce, parent-child relationships and subjective well-being in early adulthood: is feeling close to two parents always better than feeling close to one? *Social Forces*, 85 (3), 1105-1124.
- Solomon, J., & George, C. (1999). The effect on attachment of overnight visitation in divorced and separated families. In J. Solomon, & C. George. *Attachment disorganization*. New York: The guildford press.
- Sroufe, A., Carlson, E., Levy, A., & Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11, 1 – 13.
- Sroufe, L. A., & Ward, M. J. (1980). Seductive behavior of mothers of toddlers: occurrence, correlates, and family origins. *Child Development*, 51, 1222 - 1229.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1 - 19.
- Steele, H., & Steele, M. (2005). The construct of coherence as an indicator of attachment security in middle childhood: the friends and family interview. In K. Kerns & R. Richardson (Eds.). *Attachment in middle childhood* (pp. 137-160). New York: Guilford Press.
- Suits, D. (1975). Use of dummy variables in regression equations. *Journal of the American Statistical Association*, 52(280), 548 – 551.
- Summers, P., Forehand, R., Armistead, L., & Tannenbaum, L. (1998). Parental divorce in caucasian families: the role of family process variables in predicting the long-term consequences for early adult psychosocial adjustment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 6(2), 327-336.

- Toloi, M. (2006). *Filhos do divórcio: como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação*. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de doutor. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, manuscrito não publicado.
- Unger, D., Brown, M., Tressell, P., & McLeod, L. (2000). Interparental conflict and adolescent depressed mood: the role of family functioning. *Child Psychiatry and Human Development, 31(1)*, 23 - 41.
- Waters, E., & Cummings, E. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 1* - 13.
- Wang, L., & Crane, D. (2001). The relationship between marital satisfaction, marital stability, nuclear family triangulation and childhood depression. *American Journal of Family Therapy, 29*, 337 - 347.
- Wendt, V., Kroll, S., Beckh, K., Gerhard, K., & Walper, S. (2002). Dokumentation der Erhebungsinstrumente der 4. Hauptbefragung. Berichte aus der Arbeitsgruppe, "Familien-Entwicklung nach der Trennung" 42/2002 [Reports from the working group, "Family Development after separation" 42/2002]. Ludwig-Maximilians-Universität München und Friedrich-Schiller-Universität Jena.
- Walper, S., & Schwarz, B. (2001). Adolescent's individuation in east and west Germany: effects of family structure, financial hardship, and family process. *American Behavioral Scientist, 44(11)*, 1937-1954.
- Walper, S., Kruse, J., Noack, P., & Schwarz, B. (2005). Parental separation and adolescents' felt insecurity with mothers: effects of financial hardship, interparental conflict, and maternal parenting in east and west germany. *Marriage & Family Review, 36(3)*, 115 - 145.

Anexos

Anexo 1

Protocolo:

- Questionário Socio Demográfico
- Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)
- Childrens` Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC)
- Loyalty Conflict Scale (LCSCT)
- Brief Symptom Inventory (BSI)



Vila Real, 2011

Caro(a) Jovem,

Somos alunas do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendemos realizar os nossos projetos de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

A base de investigação destes projetos tem como objetivo estudar as diferenças entre jovens de famílias intactas e divorciadas, particularmente no que diz respeito às variáveis conflitos interparentais, bem-estar psicológico, relações românticas, psicopatologia, suporte social, processos de individuação, vinculação, coligação e triangulação.

Esta escola foi selecionada para fazer parte da amostra, por isso pedimos-lhe cooperação no preenchimento dos questionários. Desde já garantimos a máxima confidencialidade dos dados. Os dados referentes à identificação pessoal, assim como, da sua família e da sua relação romântica servem apenas para descrever a amostra de adolescentes e jovens adultos em geral, permitindo-nos ao mesmo tempo relacionar os vários questionários à mesma pessoa.

Pedimos-lhe que leia os questionários com atenção e responda de forma sincera dando a sua opinião face às questões apresentadas. Recorde-se que o objetivo não é verificar se as respostas estão corretas ou erradas, apenas importa verificar o que pensa ou sente.

Sempre que lhe surgir alguma dúvida solicite ajuda das investigadoras.

Devemos ainda referir que a participação é voluntária e agradecemos desde já a sua colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

A equipa de investigação,

(Olga Melo)

(Marta Ferreira)

(Ana Raquel Silva)

(Dália Carriço)

QVPM

Paula Mena Matos & Maria Emília Costa, 2001
Versão revista para Investigação – IV

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) as respostas que melhor exprimem o modo como se sente com **cada um** dos seus pais. Responda em colunas separadas para o **pai** e para a **mãe**, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

	Discordo Totalmente		Discordo Moderadamente		Concordo Moderadamente		Concordo Totalmente					
	1	2	3	4	5	6						
	MÃE						PAI					
Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais conhecem-me bem.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Discordo Moderadamente 3	Concordo Moderadamente 4	Concordo 5	Concordo Totalmente 6
---------------------------------	----------------------	------------------------------------	------------------------------------	----------------------	---------------------------------

	MÃE						PAI					
Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Faço tudo para agradar aos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

CPIC

(Grych, Seid, & Fincham, 1992)

Octávio Moura, Rute Andrade dos Santos & Paula Mena Matos, 2006

Versão portuguesa

Neste questionário é descrito um conjunto de situações que se referem às relações familiares, **especialmente às alturas em que os pais discutem. Se os seus pais estão separados, recorde o que sentiu, nos tempos em que viviam juntos.** Tendo em consideração as alternativas que se seguem, responda a cada afirmação assinalando, com uma cruz (X), a resposta que melhor exprime o modo como se sente ou se sentiu nessas situações.

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo Moderadamente	Concordo Moderadamente	Concordo	Concordo Totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

1.	Eu nunca vi os meus pais discutirem ou zangarem-se.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2.	Quando os meus pais têm uma discussão geralmente tentam resolve-la.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3.	Os meus pais discutem frequentemente sobre as coisas que eu faço na escola.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4.	Os meus pais ficam realmente zangados quando discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5.	Quando os meus pais discutem, eu sei que posso fazer algo para me sentir melhor.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6.	Eu fico assustado(a) quando os meus pais discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7.	Eu sinto que estou no centro das discussões dos meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8.	Eu não me sinto culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9.	Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
10.	Mesmo quando terminam uma discussão, os meus pais continuam zangados.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
11.	Os meus pais têm conflitos porque não são felizes juntos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
12.	Quando têm desentendimentos os meus pais discutem calmamente.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
13.	Eu não sei o que fazer quando os meus pais têm discussões.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
14.	Os meus pais insultam-se, mesmo na minha presença.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
15.	Quando os meus pais discutem, eu preocupo-me com o que me possa acontecer.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
16.	Os meus pais geralmente discutem por minha causa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
17.	Eu vejo frequentemente os meus pais a discutir.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
18.	Os meus pais geralmente chegam a um acordo quando discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
19.	As discussões dos meus pais são frequentemente por minha causa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
20.	As razões pelas quais os meus pais discutem são sempre as mesmas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
21.	Quando os meus pais têm uma discussão dizem coisas desagradáveis um ao outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
22.	Quando os meus pais discutem eu sei que posso fazer algo para ajudar a melhorar a situação.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

23.	Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
24.	A minha mãe quer que eu esteja do seu lado quando ela e o meu pai discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
25.	Eu sinto-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o digam.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
26.	Os meus pais quase nunca discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
27.	Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
28.	Os meus pais geralmente discutem por coisas que eu fiz.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
29.	Os meus pais discutem porque realmente não gostam um do outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
30.	Quando os meus pais têm uma discussão, gritam muito um com o outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
31.	Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para os impedir.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
32.	Quando os meus pais discutem fico preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
33.	Eu sinto que tenho de tomar partido quando os meus pais discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
34.	Os meus pais fazem críticas e queixas um do outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
35.	Os meus pais raramente falam alto quando estão a discutir.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
36.	Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
37.	Os meus pais atiram e partem objectos durante as discussões.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
38.	Após os meus pais terminarem de discutir, geralmente são carinhosos um com o outro.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
39.	Quando os meus pais discutem tenho receio que eles também possam gritar comigo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
40.	Os meus pais culpam-me pelas suas discussões	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
41.	O meu pai quer que eu esteja do seu lado quando ele e a minha mãe discutem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
42.	Os meus pais agredem-se durante uma discussão.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
43.	Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para me sentir melhor.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
44.	Quando os meus pais discutem eu preocupo-me com a possibilidade de eles poderem divorciar-se.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
45.	Os meus pais continuam zangados, mesmo depois de terminarem uma discussão.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
46.	Os meus pais têm discussões porque não querem continuar juntos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
47.	As discussões dos meus pais não são, geralmente, por minha causa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
48.	Quando os meus pais discutem não ouvem nada do que eu digo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Loyalty Conflict Scale

(Wendt, Kroll, Beckh, Gerhard, & Walper, 2002)

Leia atentamente cada uma das frases e tendo em consideração as alternativas que se seguem, responda a cada afirmação assinalando, com uma cruz (X), a resposta que melhor exprime o modo como se sente ou se sentiu nessas situações.

Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
1	2	3	4	5

Com que frequência ocorrem as seguintes situações entre os seus pais?

1	A minha mãe fala bem do meu pai.	1	2	3	4	5
2	O meu pai tenta pôr-me do lado dele contra a minha mãe.	1	2	3	4	5
3	A minha mãe gostaria que eu gostasse mais dela do que do meu pai.	1	2	3	4	5
4	A minha mãe tenta pôr-me do lado dela contra ao meu pai.	1	2	3	4	5
5	O meu pai gostaria que eu gostasse mais dele do que a minha mãe.	1	2	3	4	5
6	O meu pai fala bem da minha mãe.	1	2	3	4	5

Tendo em consideração as alternativas que se seguem, responda a cada afirmação assinalando, com uma cruz (X).

Nada de acordo	Pouco de acordo	Bastante de acordo	Totalmente de acordo
1	2	3	4

Como se sente com os seus pais?

1	Sinto-me divertido entre os meus pais.	1	2	3	4
2	Quando me entendo bem com um dos meus pais, fico sempre com a sensação de que irritado ou magoo o outro.	1	2	3	4
3	Sinto que sou obrigado a tomar partido por um dos meus pais.	1	2	3	4
4	Sinto-me preso entre os meus pais.	1	2	3	4
5	A maneira como os meus pais lidam um com o outro não me permite fazer o que desejaria.	1	2	3	4
6	Às vezes tenho a sensação de ter de carregar os conflitos dos meus pais dentro de mim.	1	2	3	4

BSI

(L.R. Derogatis, 1993)
Versão: M.C. Canavarro, 1995

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o **GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA**. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

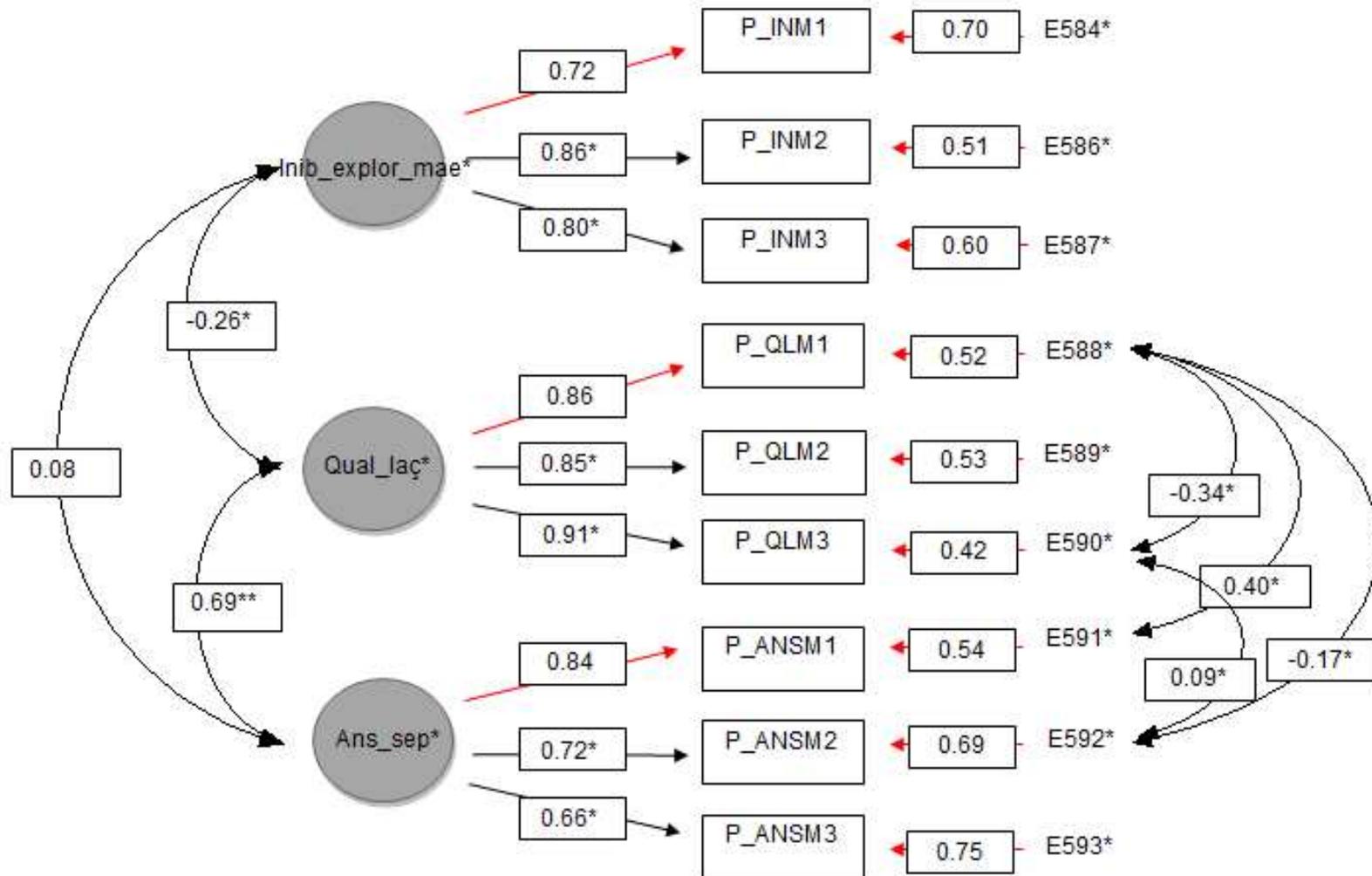
<i>Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:</i>	<i>Nunca</i>	<i>Poucas vezes</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Muitíssimas vezes</i>
1. Nervosismo ou tensão interior.	<input type="checkbox"/>				
2. Desmaios ou tonturas.	<input type="checkbox"/>				
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos.	<input type="checkbox"/>				
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas.	<input type="checkbox"/>				
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes.	<input type="checkbox"/>				
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	<input type="checkbox"/>				
7. Dores sobre o coração ou no peito.	<input type="checkbox"/>				
8. Medo na rua ou praças públicas.	<input type="checkbox"/>				
9. Pensamentos de acabar com a vida.	<input type="checkbox"/>				
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>				
11. Perder o apetite.	<input type="checkbox"/>				
12. Ter um medo súbito sem razão para isso.	<input type="checkbox"/>				
13. Ter impulsos que não se podem controlar.	<input type="checkbox"/>				
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas.	<input type="checkbox"/>				
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.	<input type="checkbox"/>				
16. Sentir-se sozinho.	<input type="checkbox"/>				
17. Sentir-se triste.	<input type="checkbox"/>				
18. Não ter interesse por nada.	<input type="checkbox"/>				
19. Sentir-se atemorizado.	<input type="checkbox"/>				
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos.	<input type="checkbox"/>				
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si.	<input type="checkbox"/>				
22. Sentir-se inferior aos outros.	<input type="checkbox"/>				
23. Vontade de vomitar ou mal-estar do estômago.	<input type="checkbox"/>				
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si.	<input type="checkbox"/>				
25. Dificuldade em adormecer.	<input type="checkbox"/>				

	<i>Nunca</i>	<i>Poucas vezes</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Muitíssimas vezes</i>
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz.	<input type="checkbox"/>				
27. Dificuldade em tomar decisões.	<input type="checkbox"/>				
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro.	<input type="checkbox"/>				
29. Sensação de que lhe falta o ar.	<input type="checkbox"/>				
30. Calafrios ou afrontamentos.	<input type="checkbox"/>				
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou atividades por lhe causarem medo.	<input type="checkbox"/>				
32. Sensação de vazio na cabeça.	<input type="checkbox"/>				
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo.	<input type="checkbox"/>				
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados.	<input type="checkbox"/>				
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro.	<input type="checkbox"/>				
36. Ter dificuldade em se concentrar.	<input type="checkbox"/>				
37. Falta de forças em partes do corpo.	<input type="checkbox"/>				
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.	<input type="checkbox"/>				
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer.	<input type="checkbox"/>				
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.	<input type="checkbox"/>				
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas.	<input type="checkbox"/>				
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas.	<input type="checkbox"/>				
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias.	<input type="checkbox"/>				
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>				
45. Ter ataques de terror ou pânico.	<input type="checkbox"/>				
46. Entrar facilmente em discussão.	<input type="checkbox"/>				
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho.	<input type="checkbox"/>				
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades.	<input type="checkbox"/>				
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.	<input type="checkbox"/>				
50. Sentir que não tem valor.	<input type="checkbox"/>				
51. Impressão de que se deixasse as outras pessoas se aproveitariam de si.	<input type="checkbox"/>				
52. Ter sentimentos de culpa.	<input type="checkbox"/>				
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça.	<input type="checkbox"/>				

Anexo 2

- Modelo fatorial do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

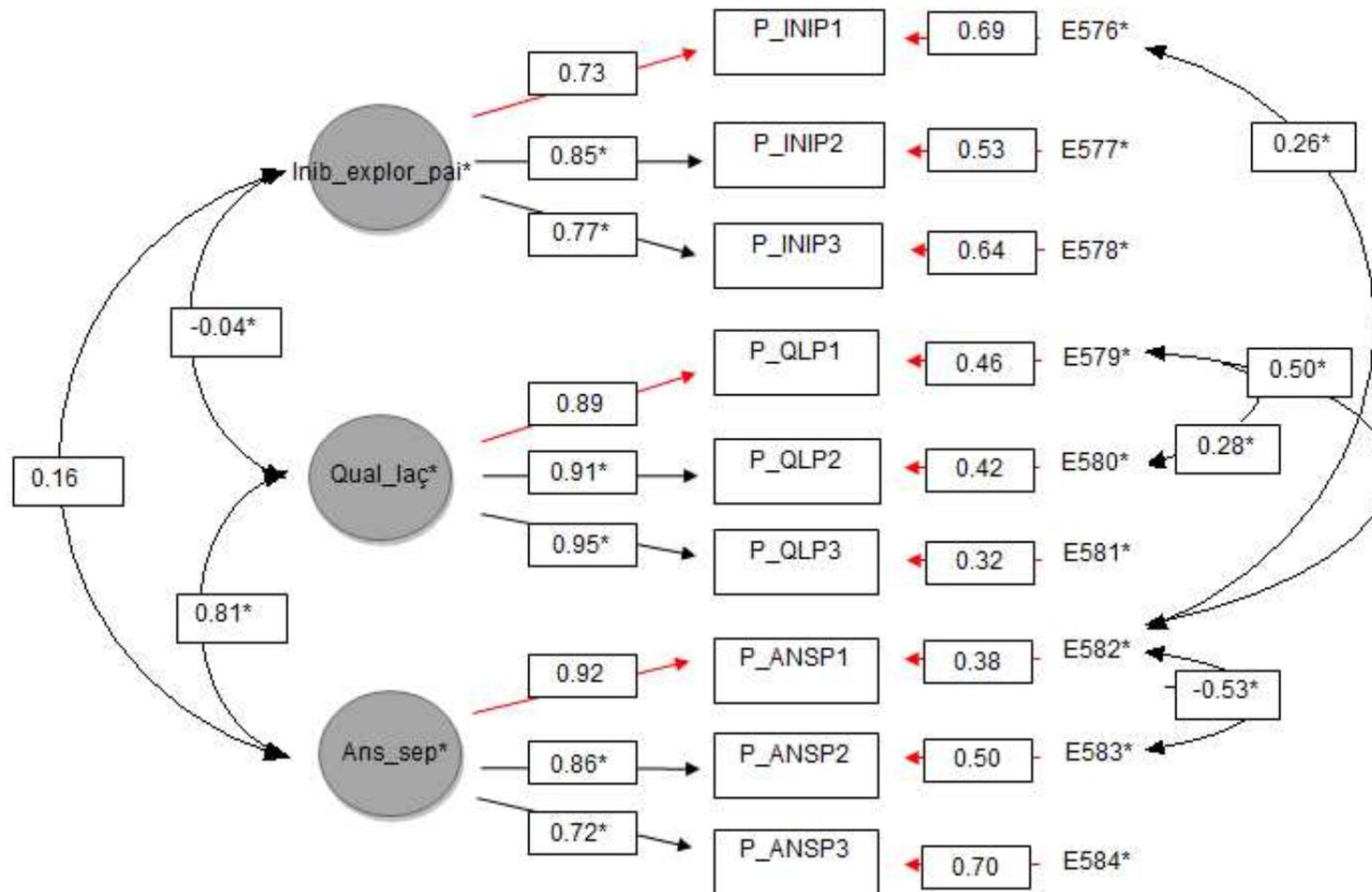
Modelo fatorial do Questionário de Vinculação à Mãe



$\chi^2 (20) = 117.732, p = .000$

Inib_explor_mãe – inibição da exploração à mãe; **Qual_laç** – qualidade do laço emocional; **Ans_Sep** – ansiedade de separação e dependência

Modelo fatorial do Questionário de Vinculação ao Pai

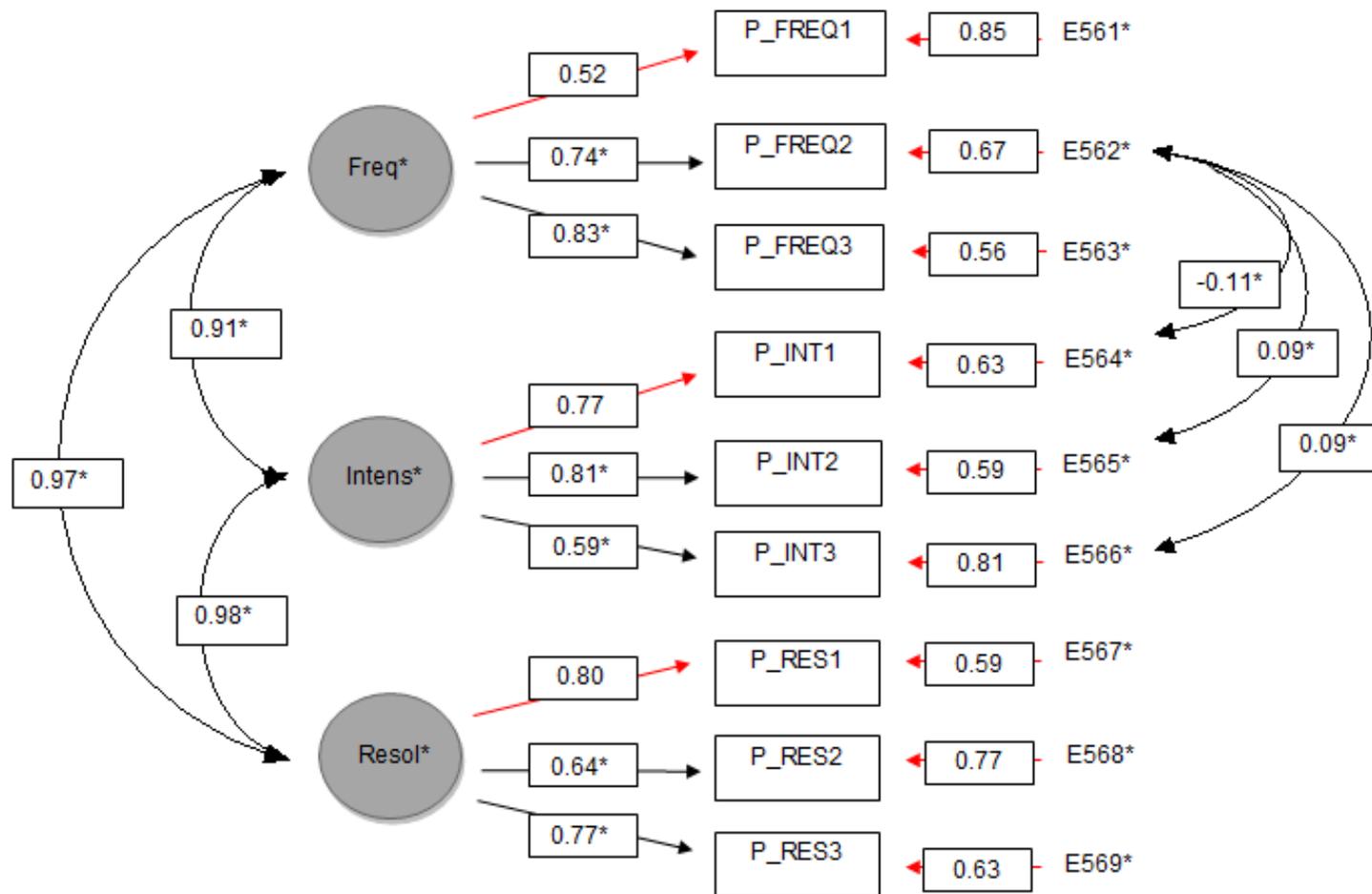


$\chi^2(20) = 132.661, p = .000$

Inib_explor_pai – inibição da exploração ao pai; **Qual_laç** – qualidade do laço emocional; **Ans_Sep** – ansiedade de separação e dependência

Anexo 3

- Modelo fatorial da *Childrens`Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC)

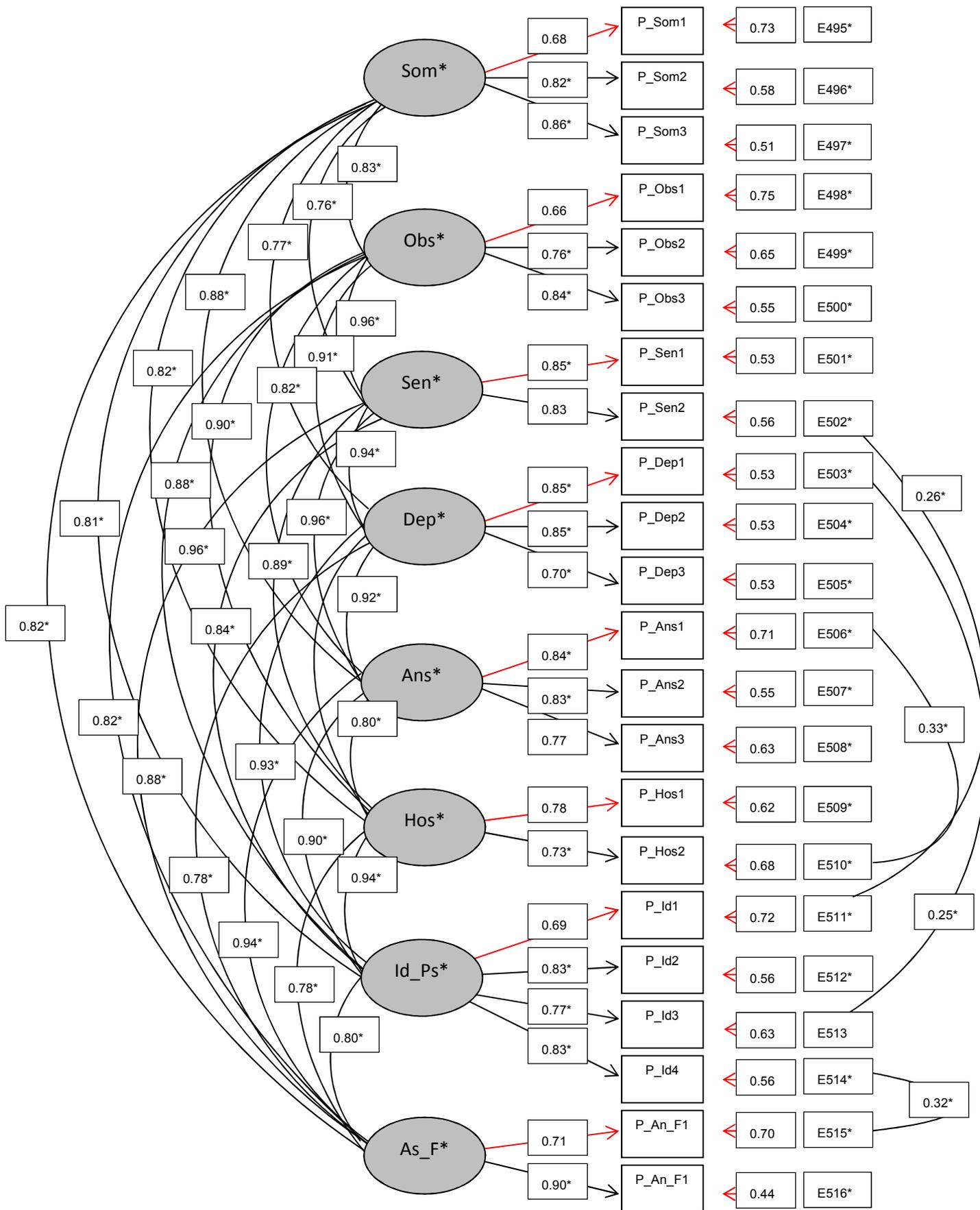


$\chi^2 (21) = 121.88, p = .000$

Freq – frequência; **Intens** – intensidade; **Resol** - resolução

Anexo 4

- Modelo fatorial do *Brief Symptom Inventory* (BSI)

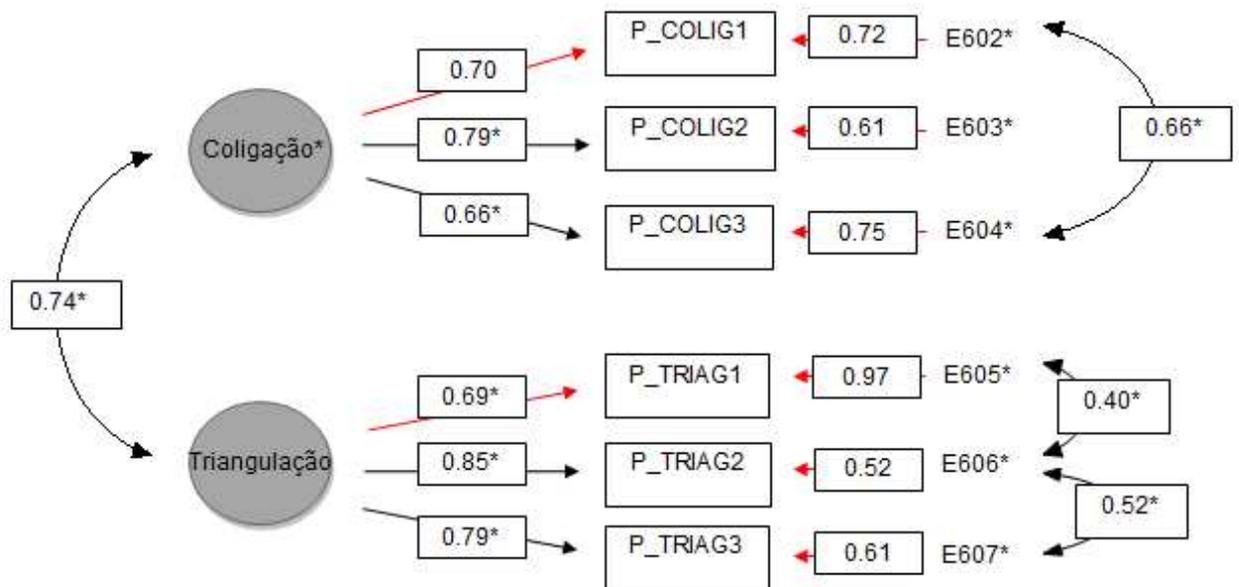


$\chi^2 (166) = 771.922, p = .000$

Som – somatização; **Obs** - obsessões-compulsões; **Sen** - sensibilidade interpessoal; **Dep** – depressão; **Ans** – ansiedade; **Hos** – hostilidade; **An_F** - ansiedade fóbica; **Id_Ps** - ideação paranóide e psicoticismo.

Anexo 5

- Modelo fatorial da *Loyalty Conflict Scale* (LCSCT)



Anexo 6

- Exemplo de uma carta de pedido de autorização aos autores da utilização dos instrumentos

Cara Prof. Doutora Paula Mena Matos,

Sou aluna do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e venho por este meio comunicar que estou interessada em utilizar um instrumento validado por si para a realização do meu projeto de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Ana Catarina Mota.

O projeto de investigação intitula-se “Papel da vinculação aos pais no efeito dos conflitos interparentais, coligação e triangulação face à psicopatologia em jovens de famílias intactas e divorciadas”. A base de investigação destes projetos tem como objetivo estudar as diferenças entre jovens de famílias intactas e divorciadas, particularmente no que diz respeito às variáveis conflitos interparentais, psicopatologia, vinculação aos pais e coligação e triangulação.

Venho por isso pedir a devida autorização para a utilização do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), bem como o envio dos artigos de validação e respetiva escala.

Mais acrescento que me comprometo a:

Respeitar os direitos de autor;

Respeitar as normas de utilização da escala expressas nos artigos e no manual;

Transmitir os principais resultados obtidos com a mesma.

Sem mais, despeço-me com os mais respeitosos cumprimentos,

Anexo 7

- Exemplo da carta entregue nas instituições de ensino

Vila Real, XX, XXXX de 2011

Ex.mo. Sr. Presidente do Conselho Executivo da
Escola Secundária XXXXXXXXX

Ex.mo. Sr. Presidente do Conselho Executivo

Somos alunas do Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e pretendemos realizar os nossos projetos de investigação, com vista à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

A base de investigação destes projetos tem como objetivo estudar as diferenças entre jovens de famílias intactas e divorciadas, particularmente no que diz respeito às variáveis conflitos interparentais, bem-estar psicológico, relações românticas, psicopatologia, suporte social, processos de individuação, vinculação, coligação e triangulação. Nesta medida, vimos colocar à consideração de V.^a Ex.cia a possibilidade de serem administrados alguns questionários de recolha de dados na Escola Secundária XXXXXXXX. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, não sendo assim necessário proceder à identificação dos participantes. A recolha e o tratamento dos dados ficarão a cargo das alunas Olga Melo, Marta Ferreira, Ana Raquel Silva e Dália Carriço, que efetuarão os contactos com a instituição, necessários a uma boa administração dos mesmos.

Esperando de V.^a Excia a melhor compreensão e colaboração, ficamos a aguardar autorização, dispendo-nos naturalmente para qualquer esclarecimento adicional.

Com os melhores cumprimentos

(Prof.^a Doutora Catarina Pinheiro Mota)
Responsável pela orientação do mestrado